

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



## **FORTIFICAR O NILO**

**A OCUPAÇÃO MILITAR EGÍPCIA DA NÚBIA NA XII DINASTIA**

**(1980-1790 a. C.)**

**EDUARDO FILIPE RODRIGUES MIGUEL FERREIRA**

Tese orientada pelo Prof. Doutor Luís Manuel de Araújo e Prof. Doutor José Varandas, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em HISTÓRIA MILITAR.

2015

*DOCUMENTO PROVISÓRIO*

«The fortresses in Nubia  
represent a commitment of resources  
that trade cannot explain».

WILLIAMS, Bruce,  
«Serra East and the mission of Middle Kingdom fortresses in Nubia»,  
*Gold of Praise: Studies on Ancient Egypt in honor of Edward F. Wente*,  
Chicago: Oriental Institute, 1999, pp. 435-453.

# ÍNDICE

<b>RESUMO/ABSTRACT</b>	5
<b>PALAVRAS-CHAVE/KEYWORDS</b>	7
<b>AGRADECIMENTOS</b>	8
<b>ABREVIATURAS</b>	10
<b>INTRODUÇÃO</b>	11
<b>CAPÍTULO I</b>	
OS FARAÓS CONSTRUTORES DA XII DINASTIA E OS PROBLEMAS COM A NÚBIA	17
1. A XII dinastia	17
2. Os inimigos	25
<b>CAPÍTULO II</b>	
AS FORTIFICAÇÕES NA GUERRA E NA PAZ	35
1. Fortificar para defender	35
2. Fortificar para atacar	46
3. As fortificações no âmbito económico, social e espacial	52
<b>CAPÍTULO III</b>	
FORTIFICAR O NILO: ELEMENTOS ARQUITECTÓNICOS	70
1. Arquitectura e engenharia militar	70
2. A cidadela	76
3. As muralhas	79
4. Torres e bastiões	84
5. As portas fortificadas e outros acessos	87
6. Outras tipologias defensivas	92
7. Quartel-general	94
8. As casernas	96
9. O arsenal	99

10. O tesouro	100
11. O templo	101
12. O celeiro	102
13. Estruturas sanitárias	104
14. Materiais de construção	105
 <b>CAPÍTULO IV</b>	
<b>GUARNIÇÕES E ARMAMENTO</b>	108
1. Oficiais e soldados	108
2. Recrutamento e treino	120
3. Patrulhamento	124
4. O armamento	126
5. Escudos	128
6. Lanças	129
7. Arco e flecha	131
8. Maça de armas	132
9. Machados	133
10. Punhais e espadas	134
 <b>CONCLUSÃO</b>	136
 <b>BIBLIOGRAFIA</b>	142

## RESUMO

A maioria das escavações arqueológicas e dos trabalhos em egiptologia focam-se principalmente nas dimensões culturais, sociais e religiosas do Antigo Egipto, deixando o estudo de outros aspectos, como a guerra, para um segundo plano. O país do Nilo, certamente, entre as civilizações do Mundo Antigo aquela que mais ênfase colocou no acto de guerrear contra outras populações. Mas, se observarmos com atenção, verificamos que desde o Império Médio a guerra esteve sempre presente na política externa e interna dos faraós e dos seus oficiais. Um desses exemplos foi o da construção de uma malha de estruturas defensivas ao longo do rio Nilo, nas regiões da segunda catarata e de Batn el-Hagar.

As fortalezas construídas na Baixa Núbia pelos faraós da XII dinastia do Império Médio permitiram ao Antigo Egipto controlar a fronteira entre este e o Kuch. Estes fortes, apesar de terem sido edificados em períodos cronológicos bastante próximos, apresentam entre si uma considerável diversificação em termos de tamanho, defesas, funções, bem como a própria importância no contexto em que se inserem.

Em suma, os objectivos desta dissertação são trazer para a área da egiptologia, em Portugal, um tema ainda pouco explorado e analisado. A dinâmica dada pelos Egípcios aos movimentos bélicos na Núbia ajuda a compreender a forma como este povo interagiu com os seus vizinhos, com os quais mantinham intensas relações.

# ABSTRACT

Most archaeological excavations and Egyptology studies focus mainly the cultural, social and religious aspects of Ancient Egypt, leaving the study of other areas, such as warfare, into the background. The country of the Nile, will certainly not be among the civilizations of the Ancient World, the one that put the emphasis on the act of war against other nations, but if we look carefully, we find that especially from the Middle Kingdom period to the following times, the warfare is always present in foreign and internal policy of the pharaohs and of their officers. One of these external policies was to build a network of defensive structures along the river Nile, in the regions of the second cataract and of the Batn el-Hagar.

The forts built in Lower Nubia by the pharaohs of the XII dynasty of the Middle Kingdom, allowed the ancient Egyptian control, in various aspects, the boundary with the Kuch. These strongholds, although they were built in very close chronological periods, present a considerable diversification in terms of size, defense, functions, and in the context in which they operate.

In short, the objectives of this thesis is bring to the area of Egyptology in Portugal a topic still poorly explored and analyzed, both nationally and internationally – warfare and fortification. For the dynamics given by the Egyptians to war movements in Nubia, we intend to understand the way of how Egyptians interacted with their neighbors.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Egipto; Fortaleza; História Militar; Nilo; Núbia

## **KEYWORDS**

Egypt; Fortress; Military History; Nile; Nubia

## AGRADECIMENTOS

Antes de mais, quero exprimir a minha felicidade pela conclusão desta tese de mestrado que tanto prazer me deu realizar, pelo conhecimento adquirido, que em muitos casos me levou para caminhos de análise que inicialmente não esperava. Este sentimento foi acrescentado pela possibilidade de relacionar duas áreas do estudo histórico que mais interesse me despertam, como é o caso da Egiptologia e da História Militar.

Em primeiro lugar quero agradecer aos meus pais, pois eles sempre serão os meus modelos de força, trabalho e coragem, bem como pelo incondicional apoio que por eles foi facultado em tudo o que eu precisava.

Aos meus avós quero transmitir a minha satisfação por poder estar com todos eles sempre que quero, pois na companhia deles sinto um enorme sentimento de conforto e força dada pelos exemplos de vida que os quatro são para mim.

Para a minha namorada, Elise Cardoso, um obrigado por estar sempre presente nos bons e maus momentos, ajudando-me com a sua gentileza, incentivos e sorrisos sempre presentes que me deram mais força para continuar esta caminhada. Não esquecendo as preciosas traduções da bibliografia escrita em francês.

Também quero retribuir com um obrigado à mestre em História Antiga, Daniela Martins, que me apoiou com muitas sugestões e correcções. Queria dar também um obrigado à Filipa Almeida que gentilmente corrigiu as minhas redações.

Por fim, as duas pessoas que tornaram esta dissertação possível, pois sem elas seria impossível apresentar o trabalho que aqui hoje figura. Aos meus orientadores, o professor Luís Manuel de Araújo, um extraordinário historiador e egiptólogo, sempre cordial, gentil e paciente com os textos que ao longo deste período lhe fui facultando, um flagrante exemplo da *maet* que tanto aprecia, uma inspiração. Ao professor José Varandas, igualmente paciente e sempre pronto a ajudar, pois todas as segundas-feiras de manhã estava disponível para me receber, quero agradecer por tudo, mas principalmente pela criação do mestrado que tanto prazer me deu frequentar, pois foi com o conhecimento da existência deste que encontrei a área da História onde quero realmente trabalhar. Por ambos sinto uma enorme admiração, pois são um exemplo de trabalho, determinação e sucesso. Quero assim deixar aqui um



obrigado do tamanho da fortaleza de Buhen para estes dois professores e investigadores que representam a excelência do estudo académico pela ajuda, incentivo, paciência, e a boa disposição e simpatia que sempre me deram.

Ver esta dissertação terminada representa um sonho que sempre me acompanhou, com os intervalos de querer ser futebolista ou astronauta entre outros desejos de qualquer criança. Felizmente não me tornei num astronauta e continuei com os pés nesta Terra, conseguindo realizar este estudo que, mais uma vez sublinho, tanto prazer me deu concluir.

# ABREVIATURAS

BMFA – *Bulletin of the Museum of Fine Arts*

CCE – *Cahiers Caribéens d’Égyptologie*

CSSH – *Comparative Studies in Society and History*

GM – *Göttinger Miszellen*

JARCE – *Journal of the American Research Center in Egypt*

JEA – *Journal of Egyptian Archaeology*

JEH – *Journal of Egyptian History*

JWSR – *Journal of World-Systems Research*

# INTRODUÇÃO

Do amplo espectro de civilizações que compõem o que chamamos de Mundo Antigo a egípcia é das mais famosas. Os estudos desenvolvidos até ao momento não incidem de uma forma homogênea em todos os campos historiográficos. Os temas que aqui, ao longo desta dissertação, se abordam, são um bom exemplo dessa mesma realidade, onde as matérias relacionadas com a guerra, e com tudo o que ela representa, o exército, o armamento, as estruturas, a tática, a logística, entre outros, não recebem muitas das vezes o tratamento devido. Com a realização desta dissertação espero contribuir com novas perspectivas e problemáticas. Esta foi uma das motivações que me levaram a optar por este tema, pois tanto a nível nacional como internacional os estudos de egiptologia centrados em questões militares escasseiam, preferindo geralmente focar-se nos contextos culturais, políticos, religiosos e sociais. Uma outra razão que pesou no momento da escolha desta problemática foi o natural gosto pelo assunto, no caso concreto o Antigo Egito.

Esta dissertação intitula-se ***Fortificar o Nilo. A ocupação militar egípcia da Núbia na XII dinastia (1980-1790 a. C.)***, prendendo-se essencialmente nas balizas cronológicas do Império Médio (c. 2040-1780 a. C.), fase onde a edificação das fortificações nilóticas tiveram lugar, bem como a afirmação no contexto regional da Baixa Núbia (Uauat, em egípcio). Assim, esta tese de mestrado centra-se, principalmente, nestas imponentes estruturas, abordando a forma como eram utilizadas, tanto numa perspectiva militar como civil, e a influência que adquiriram ao nível local, bem como o modo como foram construídas e que tipo de guarnições as defendiam.

No que concerne à organização da dissertação, esta está dividida em quatro capítulos com abordagens distintas. No primeiro capítulo, **Os faraós construtores da XII dinastia e os problemas com a Núbia**, propõe-se uma observação dos três intervenientes na questão da ocupação egípcia da Baixa Núbia: o Egito, Uauat (Baixa Núbia) e Kuch (Alta Núbia), procurando, assim, expor as movimentações bélicas levadas a cabo pelos faraós. Em primeiro lugar contra a Baixa Núbia, que culminou na sua conquista, e depois as campanhas feitas na Alta Núbia contra a chefatura de Kerma, levantando ao mesmo tempo questões sobre diversas ideias pré-concebidas acerca do inimigo que estava a sul do Egito.

No segundo capítulo, **As fortificações na guerra e na paz**, é procurada uma abordagem funcional da fortaleza, ou seja, a exploração e a explicação sobre as razões que levaram à construção daquelas estruturas e de como elas eram utilizadas tanto em tempos de guerra como de paz. Busca-se a sua integração e importância no movimento expansionista egípcio em tempos do Império Médio. Esta perspectiva dualista e dicotómica da guerra e da paz é aqui suportada por evidências militares, sociais, económicas e espaciais.

É no terceiro capítulo, **Fortificar o Nilo: elementos arquitetónicos**, que as fontes de origem arqueológica adquirem especial preponderância, utilizando-as para descrever os processos de construção e de racionalização do espaço, as suas características arquitetónicas, bem como as tipologias das estruturas utilizadas com uma função activa (tanto defensiva como ofensiva) na defesa do forte e, consequentemente, também os interesses egípcios na região.

Por fim, o quarto capítulo pretende introduzir outras questões, abrangendo as guarnições e os seus oficiais, com o título **Guarnições e armamento**. Este último segmento da dissertação apresenta, para além de problemas relacionados com a hierarquia militar, e as actividades das tropas a partir destas estruturas como bases de operações. Também uma descrição breve do armamento individual utilizado pelas guarnições destacadas para estas fortificações.

É de referir ainda que por razões de leitura e de compreensão da dissertação se optou por incluir todas as imagens, mapas, esquemas e tabelas ao longo do texto.

As interpretações disponíveis sobre as estruturas militares construídas na Núbia pelos egípcios levam à colocação de perguntas, tais como: Porque foram edificadas estas fortificações? Quais eram as suas funções? Qual a relação que tinham com a geografia envolvente? Com que materiais eram construídas e que tipologias tinham? Que inimigos obrigaram à necessidade de construção destas estruturas defensivas? Que tipo de soldado guarnecia essas fortalezas? E de que forma estas eram mantidas e abastecidas?

Estas perguntas, levantadas em várias obras adrede consultadas, foram criando um importante questionário que, em alguns casos, foi sendo respondido ao longo do tempo. É comumente aceite pela comunidade científica que estas fortalezas foram construídas devido à necessidade de manter o controlo territorial, tanto fluvial como terrestre, sendo o controlo do Nilo de maior importância devido ao papel que este tinha na vida do Antigo Egipto.

Dentro desta visão comum, existem outras ramificações que vêem estes fortes como bases de apoio para campanhas militares a efectuar no futuro, como será o caso da fortaleza de Buhen, bem como estruturas protectoras de explorações comerciais, tendo com exemplo Askut e a sua proximidade com a exploração mineira de ouro, havendo inclusive no seu interior vestígios do trabalho deste precioso metal<sup>1</sup>.

Faltam estudos mais aprofundados sobre a dimensão estratégica das fortificações do Nilo que permitam um trabalho mais específico que não se restrinja apenas a uma descrição física e política dos fortes egípcios. É importante que estas fortalezas sejam vistas numa perspectiva geoestratégica de controlo territorial, militar, económico e social, feito pelas guarnições aí destacadas. Será crucial perceber o impacto que estas estruturas, muitas de grandes dimensões, tinham no meio envolvente como a sua capacidade para resistir às forças que as tentassem conquistar.

Outro ponto importante de observação sobre as fortificações é a relação delas com o percurso do rio Nilo, sendo aí relevante tentar perceber por que razões foram construídas naquele local e não noutro ponto geográfico. Outro aspecto a desenvolver é sobre os inimigos do Egipto, onde outras problemáticas nas observações destes exércitos serão apresentadas. Tradicionalmente os soldados núbios são vistos como uma tropa assimétrica<sup>2</sup>, mal organizada, sem máquinas de assalto e com armamento de fraca qualidade, sendo o arco e flecha a excepção. Trata-se de uma arma muito desenvolvida por estes soldados, derivando deste facto um dos nomes egípcios para a Núbia, Ta-seti, que significa «Terra do Arco»<sup>3</sup>.

É, também, importante, a partir dos dados recolhidos, chegar a uma estimativa sobre a demografia militar, ou seja, perceber qual era a dimensão das guarnições e populações adjacentes nestas fortalezas egípcias do Nilo, tendo em consideração que o número não seria o mesmo para todas elas. Para estes números, é necessário ter em conta alguns factores, como o tamanho da estrutura, a sua importância no contexto, a capacidade de armazenagem e as suas funções na rede de controlo regional.

---

<sup>1</sup> SMITH, «Askut and the role of the Second Cataract forts», *JARCE*, pp. 109-111.

<sup>2</sup> Um exército ou hoste assimétrica consiste num grupo armado que não apresenta nas suas linhas uma homogeneidade de tipologias que coloca os soldados todos ao mesmo nível. Ou seja, um exército assimétrico, para além de cada elemento ter armamento defensivo e ofensivo diferente e em alguns casos até de aquisição pessoal, é também pouco organizado, a hierarquia de comando não é clara e de uma forma geral é pouco consistente em termos estratégico-táticos.

<sup>3</sup> SALES, «Arco», in *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 88.

Será, assim, a partir destes pressupostos e das problemáticas aqui apresentadas, que se desenvolve esta dissertação, tentando dar novos contributos para o estudo das fortalezas que ajudaram o Egipto faraónico a manter, a partir do controlo de um rio, os vastos territórios da Núbia.

\*\*\*

Os diversos problemas pendentes referidos no início desta introdução dificultaram consideravelmente a recolha bibliográfica. A variedade da bibliografia sobre estruturas defensivas construídas durante o Império Médio, na Núbia, é bastante reduzida, e está circunscrita a um número muito limitado de autores, levando à necessidade da recolha de obras que não incidissem directamente na temática, mas que a referissem, mesmo sendo ao de leve. O primeiro passo foi a pesquisa de obras gerais que fornecessem uma visão de amplo espectro, com informações úteis que contribuíssem para uma contextualização das fortalezas egípcias da Baixa Núbia no tempo e no espaço.

Entre os muitos autores incluídos nesta bibliografia geral, destaquemos Luís Manuel de Araújo, director do dicionário do antigo Egipto<sup>4</sup>, entre inúmeras obras e artigos dedicados a esta civilização, que nos apresentam cruciais descrições dos acontecimentos que ocorreram durante a XII dinastia<sup>5</sup>. Tanto Barry Kemp<sup>6</sup> como Ian Shaw<sup>7</sup>, foram autores importantes no recolher da bibliografia geral, devido a obras de carácter mais amplo, onde os autores abrangem todas as épocas do Antigo Egipto, inserido aí o Império Médio. Uma outra proveitosa fonte de material de trabalho são os colóquios sobre a «Guerra na Antiguidade»<sup>8</sup> organizados por António Ramos dos Santos e José Varandas, realizados desde 2005 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa sob a égide do Centro de História, e com as primeiras três sessões já publicadas.

---

<sup>4</sup> ARAÚJO, *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

<sup>5</sup> Idem, *Os Grandes Faraós do Antigo Egipto*, Lisboa: A Esfera dos Livros, 2011.

<sup>6</sup> KEMP, *Ancient Egypt, Anatomy of a civilization*, London: Routledge, 1989. Veja-se também, Idem, «Old Kingdom, Middle Kingdom and Second Intermediate Period c. 2686-1552 BC», in Bruce Trigger, Barry Kemp, David O'Connor, Alan B. Lloyd (eds.), *Ancient Egypt, A Social History*, Cambridge: Cambridge University Press, 1983, pp.71-174.

<sup>7</sup> SHAW, *The Oxford History of the Ancient Egypt*, Oxford: Oxford University Press, 2000.

<sup>8</sup> Dentro destes colóquios da «Guerra na Antiguidade» há a destacar as intervenções do investigador José das Candeias Sales com uma apresentação sobre «A Fortaleza de Buhen: Um ponto estratégico no Egipto do Império Médio», inserida na «Guerra na Antiguidade IV» e na «Guerra na Antiguidade VI», e a apresentação de Luís Manuel de Araújo intitulada «Campanhas militares do Império Médio na Núbia», entre outras.

No que diz respeito à recolha bibliográfica de obras específicas no contexto das fortificações, Carola Vogel<sup>9</sup>, Franck Monnier<sup>10</sup> e Stuart Tyson Smith<sup>11</sup> são, entre todos, os investigadores que mais informação fornecem. Este último foi igualmente importante devido ao seu contributo para a compreensão de como as fortalezas se organizavam no contexto regional, dando especial realce à fortificação de Askut<sup>12</sup>. Javier Martinez Babón<sup>13</sup> e Ian Shaw<sup>14</sup>, mostram em alguns dos seus trabalhos uma preocupação com as questões e as problemáticas relacionadas com as fortificações, bem como as hierarquias do exército egípcio, guarnições ou as missões que eram realizadas a partir daquelas estruturas. As diversas entradas do *Dicionário do Antigo Egipto*, da autoria de José das Candeias Sales, relacionadas com as matérias militares, tornam este autor importante no decorrer desta recolha bibliográfica. Os trabalhos de Bruce Trigger<sup>15</sup> e William Y. Adams<sup>16</sup>, autores que usaram a Núbia como objecto dos seus estudos, também foram importantes tanto num aspecto mais específico, bem como num âmbito geral de contextualização e compreensão de como a Núbia, primeiro a Baixa Núbia (Uauat) e mais tarde a Alta Núbia (Kuch), foram sendo inseridas no contexto egípcio, usando as fortalezas como um dos meios para atingir esse fim. Obras dedicadas a outras áreas, onde a arte e a arquitectura são os temas principais, devido à sua componente física, estética e visual, proporcionaram igualmente material de trabalho importante para o desenvolvimento desta tese<sup>17</sup>. As fontes documentais de origem egípcia

---

<sup>9</sup> VOGEL, *Fortifications of Ancient Egypt 3000-1780 BC*, Oxford: Osprey Publishing, 2010. Veja-se também os resultados nas actas do colóquio «Power of the Walls» onde outros investigadores sob a sua supervisão publicaram trabalhos muito interessantes para o tema.

<sup>10</sup> MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes. Du Prédynastique au Nouvel Empire*, Bruxelles: Éditions Safran, 2010. Veja-se também, Idem, «Éléments raisonnés pour la reconstitution d'une forteresse à redans du Moyen Empire», in Heike Sternberg El-Hatobi (eds.), *Göttinger Miszellen*, vol. 239, Göttinger: Kulturwissenschaftliches Zentrum Heinrich-Düker-Weg, 2013.

<sup>11</sup> SMITH, *Administration at the Egyptian Middle Kingdom frontier: sealings from Uronarti and Askut*, Liège: Université de Liège, 1990. Veja-se também, do mesmo autor, Askut and the Role of the Second Cataract Forts, *JARCE*, vol. 28, 1991, pp. 107-132.

<sup>12</sup> A pequena fortaleza de Askut está situada numa ilha em Batn el-Hagar, a sul da segunda catarata e próxima de uma mina de ouro que foi explorada durante o Império Médio. Askut está situada numa zona relativamente equidistante entre o grupo de fortalezas que lhe ficam a sul (Semna Oeste, Semna Sul, Uronarti, Kumma e Chalfak) e das que lhe ficam a norte (Buhen, Mirguissa, Kor e Dabenarti) tendo estas últimas o seu foco na segunda catarata e as primeiras, devido a proximidade com a fronteira, uma função de estancar possíveis investidas do inimigo núbio. Esta equidistância torna-a uma estrutura sozinha, não tendo nos arredores outras fortalezas, pois Askut fica a 18,9 km de Semna Oeste e a 22 km de Mirguissa, sendo Chalfak a fortaleza que lhe está mais próxima, cerca de 9 km; cf. Idem, *ibidem*, pp. 107-109; ver ainda BAINES; MÁLEK, *Atlas of Ancient Egypt*, 2ª ed., Oxford: Phaidon Press, 1996, p. 186.

<sup>13</sup> MARTINEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto durante la Dinastía XVIII*, Barcelona: Museu Egípcio de Barcelona, Fundació Arqueològica Clos, 2003.

<sup>14</sup> SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, Buckinghamshire: Shire Publications, 1991.

<sup>15</sup> TRIGGER, *Nubia under the Pharaohs*, Londres: Thames and Hudson, 1976.

<sup>16</sup> ADAMS, *Nubia: Corridor to Africa*, Princeton: Princeton University Press, 1977.

<sup>17</sup> ARNOLD, *The Encyclopedia of Ancient Egyptian Architecture*, Londres: I. B. Tauris, 2003; também SMITH, *The Art and Architecture of Ancient Egypt*, New Haven: Yale University Press, 1998.

relevantes para esta temática foram fornecidas principalmente por Telo Ferreira Canhão<sup>18</sup>, James Henry Breasted<sup>19</sup> e por Paul Smither<sup>20</sup>.

Grande parte das informações arqueológicas referentes às fortificações egípcias da segunda catarata são provenientes dos programas de salvamento do património que antecederam a construção das duas barragens em Assuão (a primeira edificada em 1902 e a segunda em 1970). A antiguidade destas escavações pode tornar-se também num problema, já que em alguns casos estas poderão não ter tido a melhor abordagem arqueológica, realidade agravada por estas escavações terem sido feitas de emergência, devido à subida do nível do Nilo. Apesar de haver alguma bibliografia arqueológica sobre o tema, foi escassa aquela a que foi possível ter acesso, limitando desta forma o uso deste material científico ao longo da tese. A regra é confirmada pelo relatório de escavação de David Randall-MacIver e Leonard Woolley<sup>21</sup> sobre a fortaleza de Buhen (que trataram, em apenas um capítulo, as estruturas defensivas de Buhen), além dos estudos de George Reisner<sup>22</sup> e Carola Vogel<sup>23</sup>.

---

<sup>18</sup> CANHÃO, *Textos da literatura egípcia do Império Médio. Textos hieroglíficos, transliterações e traduções comentadas*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

<sup>19</sup> BREASTED, James Henry, *Ancient Records of Egypt, I, The First through the Seventeenth Dynasties*, Chicago: University of Chicago Press, 2001.

<sup>20</sup> SMITHER, «The Semna Dispatches», in *Journal of Egyptian Archaeology*, London: The Egyptian Exploration Society, 1945, pp. 3-10.

<sup>21</sup> MACIVER; WOOLLEY, *Buhen*, vol. 1, Filadélfia: The University Museum, 1923.

<sup>22</sup> REISNER, George A., «Ancient Egyptian Forts at Semna and Uronarti», in *Bulletin of the Museum of Fine Arts*, Boston: Museum of Fine Arts, 1929, pp. 64-75.

<sup>23</sup> VOGEL, «Master Architects of Ancient Nubia: Space-saving solutions in the Middle Kingdom Fortresses», in Włodzimierz Godlewski, Adam Lajtar (eds.), *Between Cataracts, Proceedings of the 11<sup>th</sup> International Conference for Nubian Studies*, Warsaw: Warsaw University, 2006, pp. 421-430.



# CAPÍTULO I

## OS FARAÓS CONSTRUTORES DA XII DINASTIA

### E OS PROBLEMAS COM A NÚBIA

#### 1. A XII DINASTIA

Desde a Época Arcaica (c. 3000-2660 a. C.<sup>24</sup>) que o Antigo Egito manteve contactos com as populações a sul da sua fronteira<sup>25</sup>. Estas relações foram numa primeira fase, apenas de interesse comercial, não havendo, aparentemente, qualquer intenção expansionista<sup>26</sup>, algo que viria a mudar com a reunificação do Egito, depois da fase conturbada do Primeiro Período Intermediário (c. 2180-2040 a. C.). Mentuhotep II uniu as Duas Terras e deu origem a uma nova época da história do Egito, o Império Médio<sup>27</sup> (c. 2040-1780 a. C.). Este faraó trouxe consigo a base para o novo paradigma militar e comercial da XII dinastia<sup>28</sup>, o que alterou inevitavelmente a forma como o Egito passou a olhar para o seu vizinho sulista. O que motivou estas alterações? Por que razão o Egito não manteve as políticas do Império Antigo? O enfraquecimento do Egito verificado durante o Primeiro Período Intermediário terá permitido aos núbios<sup>29</sup> adquirirem alguma prosperidade, levando assim à emergência do Grupo C<sup>30</sup>, que aproveitou o momento e tornou-se uma ameaça maior para o Egito

---

<sup>24</sup> No que diz respeito às datações, foi seguido Luís Manuel de Araújo em o *Dicionário do Antigo Egito*, e *Os Grandes Faraós do Antigo Egito*, p. 15.

<sup>25</sup> Tradicionalmente, a fronteira do Antigo Egito está fixada na ilha fortificada de Elefantina. Esta teve no seu tempo uma grande importância estratégica e comercial, devido à protecção que a primeira catarata lhe fornecia; cf. TREMOCEIRO, «Elefantina», in *Dicionário do Antigo Egito*, p. 316.

<sup>26</sup> CORREIA, «Núbia», in *Dicionário do Antigo Egito*, p. 629.

<sup>27</sup> ARAÚJO, *Grandes Faraós*, pp. 101-102.

<sup>28</sup> A cronologia da XII dinastia é uma das mais completas, sabendo-se com relativo pormenor a duração dos reinados e das corregências. O *Papiro Real de Turim* diz-nos que a XII dinastia teve 213 anos, um mês e 17 dias, sendo extraordinário o nível de detalhe que apresenta; cf. BREASTED, *Ancient Records of Egypt*, pp. 221-222. A cronologia dada por este documento é no entanto contestada e as balizas temporais dos faraós da XII dinastia têm sido alteradas, tornando os seus reinados mais curtos; cf. SHAW, *History of Ancient Egypt*, p. 138.

<sup>29</sup> O termo «núbio» só começou a ser usado na Idade Média, até lá as habitantes da Núbia eram chamados etíopes, muito devido ao facto de este nome ter sido utilizado por alguns autores clássicos como Heródoto ou Estrabão. No que diz respeito aos Egípcios, esses povos eram referidos como Pretos (*Nehesiu*); cf. ADAMS, «The First Colonial Empire», *CSSH*, pp. 39-40. Contrastando com a genérica designação de Pretos dada aos Núbios, os Egípcios chamavam-se a si próprios Negros (*Kemiu*); cf. CORREIA, «Núbios», in *Dicionário do Antigo Egito*, p. 631.

<sup>30</sup> A emergência da cultura do Grupo C dá-se no final do Império Antigo, durante a VI dinastia. Este horizonte cultural irá manter-se na Baixa e Alta Núbia até ao Império Novo, sobrevivendo assim à intensa ocupação egípcia do Império Médio. O Grupo C apresenta algumas diferenças em relação ao seu horizonte anterior, o Grupo A. Por exemplo, em geral as necrópoles do Grupo C são consideravelmente maiores que as do Grupo A, apesar de a população do Grupo C no início aparentar ser reduzida. Esta foi a cultura que os faraós egípcios nas suas conquistas encontraram na Baixa Núbia; cf. TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, p. 51.

faraónico, algo que está eternizado em algumas inscrições como por exemplo a frase: «os estrangeiros tornaram-se por todo o lado em pessoas»<sup>31</sup>. Esta ameaça poderá ter sido uma das razões que levaram os faraós do Império Médio a investir de uma forma mais intensa nas campanhas militares na Núbia<sup>32</sup> e, posteriormente, nas fortalezas da segunda catarata, as quais, devido à sua imponente, terão acabado por ter algum efeito na contenção do ímpeto núbio. Uma outra explicação para esta mudança de paradigma, suportado num processo expansionista, é à imagem do que aconteceu no Império Novo<sup>33</sup>: a necessidade do Egipto em adquirir de uma forma mais directa os bens necessários para o seu desenvolvimento.

Esta nova forma que os faraós da XII dinastia utilizaram para dominar os territórios envolventes não ficou compreendida apenas ao Sul. Por exemplo, o faraó Amenemhat I (c. 1985-1950 a. C.) foi o primeiro monarca egípcio a realizar uma campanha de cariz militar na Ásia, bem como o seu sucessor e descendente, Senuseret I (c. 1950-1910 a. C.), que estava no momento do assassinato do seu pai a comandar uma campanha punitiva na Líbia<sup>34</sup>.

Estas campanhas terão tido as mesmas motivações das realizadas nos territórios núbios? Apesar destas duas frentes terem as suas especificidades, no geral as razões terão sido as mesmas, já que no Delta Oriental Amenemhat I, à imagem do que os seus sucessores irão fazer na Baixa Núbia, construiu uma linha de fortificações para conter os avanços de povos de origem asiática, à qual deu o nome de «Muros do Rei»<sup>35</sup>. Também as intenções comerciais estavam igualmente presentes nas aspirações faraónicas na Ásia, algo que é provado pela campanha de Senuseret I no Sul de Canaã, tentando expandir a área de influência egípcia e ter acesso às riquezas do Crescente Fértil.

A XII dinastia foi fundada por Amenemhat I, em condições ainda não muito bem conhecidas. Julga-se que este faraó foi vizir de Mentuhotep IV, o último monarca da XI dinastia, o que pode explicar um pouco a forte tradição bélica que desde cedo a XII dinastia

---

<sup>31</sup> ADAMS, *Nubia, Corridor to Africa*, p. 175.

<sup>32</sup> *Ibidem*.

<sup>33</sup> MARTINS, *Até aos Pilares do Céu*, p. 15.

<sup>34</sup> SHAW, *History of Ancient Egypt*, pp. 146-148.

<sup>35</sup> As «Muralhas do Príncipe», ou os «Muros do Rei», estão presentes em dois textos literários: *As Profecias de Neferti* e a *Aventura de Sinuhe*. O primeiro diz-nos que Amenemhat I tencionava construir este grupo de fortificações para proteger o Egipto dos invasores do Médio Oriente. Por outro lado, a *Aventura de Sinuhe* leva o investigador Claude Obsomer a defender que as chamadas «Muralhas do Príncipe» eram na realidade apenas uma fortaleza devido à forma como esta é descrita no relato: «Levei o meu caminho a pé indo em direcção a Norte, e atingi os «Muros do Rei», (fortaleza) construída para afastar os Setetiu e para esmagar aqueles que atravessam as areias. Escondi-me num arbusto, com medo que o soldado que estava no muro durante o dia me visse». No entanto, as evidências arqueológicas contradizem a literatura egípcia, já que as datações remetem todas para uma ocupação apenas do Império Novo; cf. CANHÃO, *Doze Textos Egípcios*, pp. 74-75; MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, pp. 77-78; ARAÚJO, *Grandes Faraós*, p. 107.

mostrou. Amenemhat I está também associado a um texto literário propagandístico<sup>36</sup> que terá tido origem no reinado do seu sucessor e que é o seguinte:

[...] Deixará de existir o «domínio da prosperidade» na terra, lugar de nascimento de cada deus. Um rei virá do Sul, Ameni, justo de voz, é o seu nome. Será filho de uma mulher de Ta-Seti, e nascerá no interior de Nekhen. Ele receberá a coroa branca, ele erguerá a coroa vermelha, ele unirá as duas coroas, ele satisfará os dois senhores, Hórus e Set, com o que eles desejarem, com «aquele-que-anda-à-volta-no-campo» em punho e o «remo» em movimento. Os homens do seu tempo ficarão contentes. O filho de um homem gerará o seu nome para todo o sempre. Aqueles que percorrerem o caminho do mal e planearem rebelar-se, voltaram a sua própria boca para si por temor a ele. Os Asiáticos cairão chacinados por ele, os Líbios tombarão por causa da sua chama; os rebeldes tomarão o seu conselho e as pessoas descontentes a seu respeito. A *iaret* que está na (sua) cabeça é para pacificar as pessoas descontentes. Construir-se-ão os Muros do Rei, vida, prosperidade e saúde, não permitindo que os Asiáticos desçam ao Egito. [...]<sup>37</sup>

Este texto fornece-nos algumas informações importantes para melhor entender a origem de Amenemhat I e consequentemente de toda a dinastia que se segue. Em primeiro lugar, o texto diz-nos que este suposto rei virá do Sul e que a sua mãe é oriunda de Ta-seti, nome egípcio para a Núbia, que significa «Terra do Arco». Ou seja, Amenemhat I, de origem núbia pela parte materna<sup>38</sup>, seria proveniente de uma família de governadores da cidade de Elefantina (Abu)<sup>39</sup>.

Na segunda parte do texto é feita uma enumeração dos inimigos do Egito, mas não há qualquer referência aos núbios, o que é de certa forma estranho. Por que razão a Núbia não é mencionada? Terão os séculos de exploração comercial egípcia naquele território criando uma ideia de que os territórios a Sul eram já parte integrante do império egípcio? E assim a referência à Núbia estaria implícita na menção aos rebeldes? Apesar de ter sido no reinado seguinte que as investidas contra esta região começaram de uma forma mais intensa, no ano 29 de Amenemhat I foi realizada uma campanha que culminou na derrota de uma força

---

<sup>36</sup> Conhecido pela designação de *As Profecias de Neferti*. Este texto poderá ter sido criado a partir de uma necessidade de legitimar o fundador da dinastia, que chegou ao poder de uma forma algo obscura e que claramente não tinha qualquer ligação familiar ao anterior monarca. Esta necessidade deverá ter continuado no reinado de Senuseret I, explicando assim a existência desta «profecia»; CANHÃO, *Doze Textos Egípcios*, pp. 159-166.

<sup>37</sup> SHAW, *History of Ancient Egypt*, p. 146; cf. CANHÃO, *Doze Textos Egípcios*, p. 165.

<sup>38</sup> O facto de, provavelmente, alguns soldados não levarem as famílias, atraiu para as fortalezas pessoas do sexo feminino de origem núbia para o redor da zona fortificada. Este fenómeno deu origem a «casamentos» entre egípcios e núbias, mais de origem kuchita do que do Grupo C; cf. SMITH, «Pharaohs, feasts, and foreigners», in *The Archaeology and Politics of Food*, p. 56.

<sup>39</sup> ARAÚJO, *Grandes Faraós*, p. 107.

militar núbia. Este florescer de campanhas militares por todas as fronteiras do Egito indicia a presença de um exército profissional? Talvez tenha sido Amenemhat I o primeiro a ter a preocupação de dar às duas coroas um exército próprio<sup>40</sup>, em egípcio *mechá*, e assim criar o primeiro embrião de um corpo militar profissional egípcio. Por fim, há também vestígios de torres de vigia em Semna e Kuban que protegiam as explorações mineiras em Uauat (Baixa Núbia). O reinado de Amenemhat I termina de uma forma abrupta com o seu assassinato<sup>41</sup>, tendo como seu sucessor o filho Senuseret I<sup>42</sup>.

Senuseret I aquando do assassinato do seu pai, estava a realizar uma campanha na Líbia, como o seguinte excerto retirado da *Aventura de Sinuhe*<sup>43</sup> comprova:

[...] No ano 30, no terceiro mês de Akhet, dia 7, o deus subiu para o horizonte, o rei do Alto e do Baixo Egito Sehetepibré subiu para o céu e juntou-se ao disco solar, o corpo divino fundiu-se com aquele que o tinha criado. [...] Ora, sua majestade tinha enviado um exército ao país dos Líbios e o seu filho mais velho era quem o comandava, o bom deus Senuseret, que tinha sido enviado para atacar os países estrangeiros e para abater os que estavam entre os Líbios. [...]»<sup>44</sup>

Neste pequeno excerto, retirado da longa *Aventura de Sinuhe*, podemos ver que o legítimo herdeiro tinha sido enviado para a Líbia para «abater» os «fugitivos» que estavam a receber refúgio entre os líbios. Seriam estes refugiados opositores contra Amenemhat I? A única justificação dada pelo texto para a realização desta campanha é a supracitada, logo estes

---

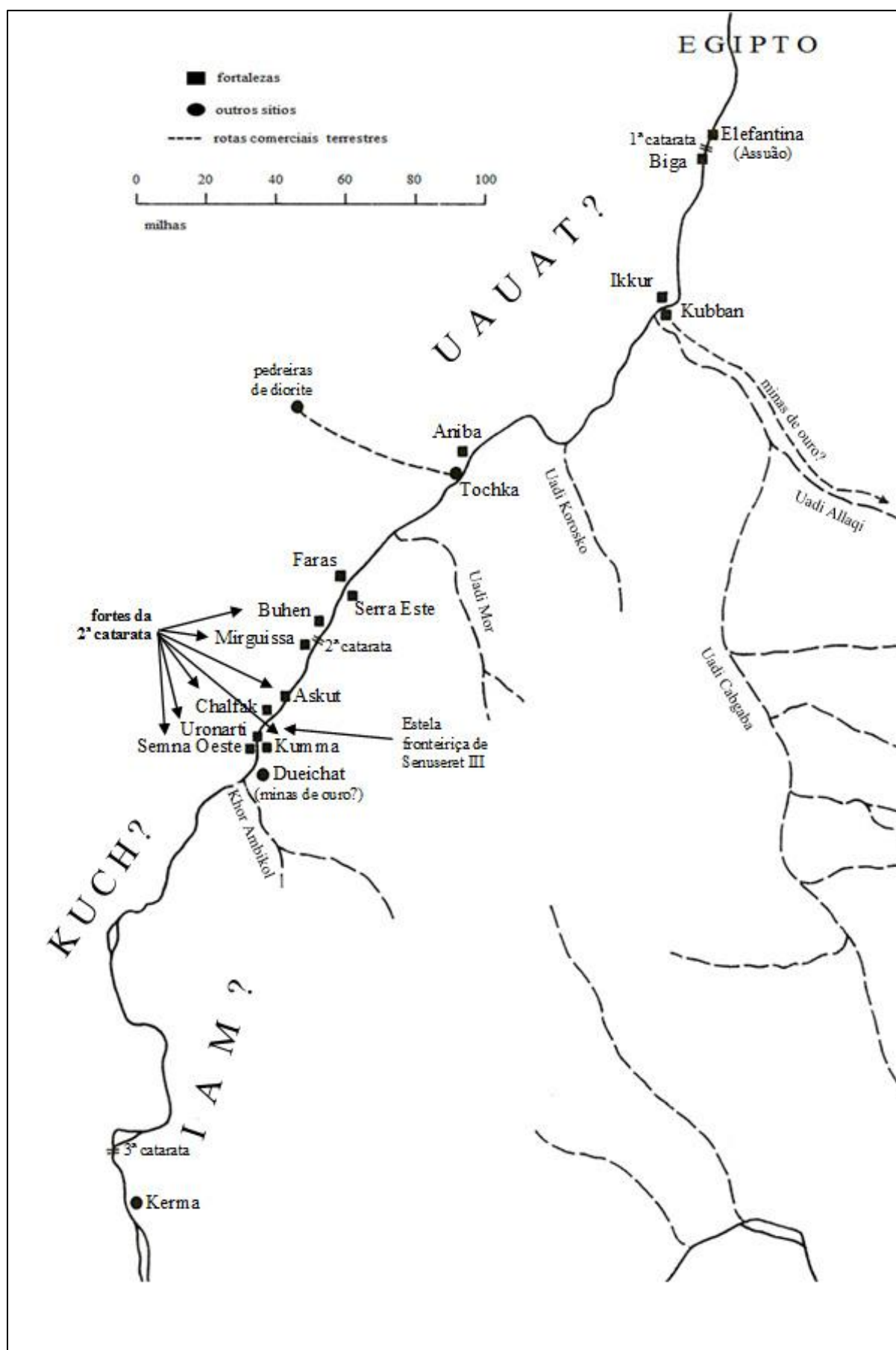
<sup>40</sup> José das Candeias Sales afirma que no final do Primeiro Período Intermediário e em todo o Império Médio os exércitos apresentam alguma disciplina e organização, dispondo-se da seguinte forma: duas secções de arqueiros e lanceiros com quarenta homens cada, divididos em quatro filas; cf. SALES, «Exército», in *Dicionário do Antigo Egito*, p. 351; ARAÚJO, *Grandes Faraós*, p. 107.

<sup>41</sup> Provavelmente a subida de Amenemhat I ao trono do Egito, tendo em conta que este não era um herdeiro, deve ter levantado muita contestação no seio das elites locais (especialmente em Tebas). Depois de Mentuhotep IV ser deposto, Amenemhat não deverá ter sido o único pretendente ao lugar de faraó, o que deverá ter tornado a cidade de Tebas um local muito hostil para o recém-tornado monarca do Egito. Situação que pode explicar a transição da capital para a cidade de Iti-taui (local ainda não descoberto pela arqueologia), próxima do lago Faium, no Norte. Esta oposição, que certamente continuou a existir a Sul, poderá ter sido a origem do plano que levou ao assassinato de Amenemhat I.

<sup>42</sup> O assassinato de Amenemhat I vem referido no texto *Instrução de Amenemhat I ao seu filho Senuseret*. Ver CANHÃO, *Doze Textos Egípcios*, pp. 175-178; SHAW, *History of Ancient Egypt*, pp. 148-149.

<sup>43</sup> A *Aventura de Sinuhe* chega-nos por via de seis manuscritos em papiro, onde os quais se destacam o *Papiro de Berlim 3022* e o *Papiro de Ramesseum A*. Esta história trata de um funcionário chamado Sinuhe, que possui um estatuto elevado dentro da sociedade egípcia do Império Médio. A narrativa diz-nos que este, no momento da morte de Amenemhat I, estava junto de Senuseret a realizar uma campanha punitiva, e ao ouvir a notícia do assassinato do rei opta por fugir. Esta atitude leva-o até à cidade de Biblos, no Norte do Corredor sírio-palestiniano, onde fica a viver e adquire uma certa posição na hierarquia social da região. Mais tarde volta para o Egito onde é bastante bem recebido na corte e onde acaba por morrer; cf. CANHÃO, *Textos da Literatura Egípcia*, pp. 171-178.

<sup>44</sup> Idem, pp. 182-184.



**Mapa 1** – A expansão do Egíptio na Baixa Núbia durante o Império Médio. [Adaptado de ADAMS, *Corridor to Africa*, p. 177].

indivíduos a «abater» seriam bastante importantes e a sua vivência poderia pôr em causa a soberania do Egito, com um líder único. Uma das explicações para a subida ao poder de Amenemhat I teria sido a falta de força demonstrada pelo último faraó da XI dinastia, Mentuhotep IV, que devido à sua fragilidade o Antigo Egito estava na eminência de entrar numa nova fase conturbada, à imagem do que aconteceu no Primeiro Período Intermediário, onde não havia um poder central eficaz.

Senuseret I foi o primeiro faraó a expandir realmente a fronteira do Egito desde Elefantina até ao norte da segunda catarata (mapa 1). Fizeram-se duas campanhas militares no seu reinado, uma realizada no ano 10 e a segunda oito anos mais tarde, tendo sido nesta última atingida a segunda catarata. Aqui foi erigida uma estela em honra das suas vitórias e também uma fortaleza, em Buhen<sup>45</sup>, que viria a ter um papel importante em toda a futura dinâmica bélica do Egito na Núbia<sup>46</sup>. Com a construção desta fortaleza e a consequente fixação da fronteira nesse ponto, Uauat passou a ser uma região sob domínio egípcio, enquanto Kuch<sup>47</sup> (Alta Núbia) continuou a ser explorado nos mesmos moldes dos períodos anteriores (Época Arcaica e Império Antigo)<sup>48</sup>. Existem ainda informações de uma expedição militar naval ao Punt, que se pensa ser a zona oriental da Núbia, junto ao mar Vermelho<sup>49</sup>.

Em relação a Amenemhat II (c. 1910-1875 a. C.) e Senuseret II (c. 1875-1870 a. C.), pouco há a dizer no âmbito da guerra com a Núbia, já que os seus reinados foram mais pacíficos, havendo apenas o relato de uma campanha militar contra Kuch no ano 28 do reinado de Amenemhat II. No caso de Senuseret II<sup>50</sup>, pensa-se que a imponente fortaleza de Mirguissa foi construída durante o seu reinado<sup>51</sup>.

Senuseret III (c. 1870-1831 a. C.) é normalmente considerado o faraó mais influente e com reinado mais notável do Império Médio (figura 1). As campanhas militares marcaram fortemente o seu reinado, realizando um total de cinco intervenções bélicas na Núbia, nos

---

<sup>45</sup> HABACHI, «Buhen», in *Lexikon der Ägyptologie*, cols. 880-882.

<sup>46</sup> Ver capítulo II, pp. 35-52.

<sup>47</sup> Durante o Império Médio o termo Kuch, que designa uma região que foi alvo de muitas campanhas militares, era apenas de cariz geográfico, ou seja, era referente ao território situado depois da zona de Batn el-Hagar. Já em períodos posteriores o termo Kuch referia o poderoso reino com o mesmo nome; cf. KEMP, «Old Kingdom, Middle Kingdom and Second Intermediate Period, c. 2686-1552 BC», in *Ancient Egypt, A Social History*, p. 134.

<sup>48</sup> SHAW, *History of Ancient Egypt*, p. 150.

<sup>49</sup> Terá sido usado o rio Nilo, ou o mar Vermelho? Para alcançar Punt pelo Nilo é necessário atravessar todo o Kuch e as cataratas nilóticas, o que tornaria essa travessia perigosa. Assim o mais plausível é que a viagem tenha sido feita pelo mar Vermelho. ARAÚJO, *Grandes Faraós*, p. 110.

<sup>50</sup> SHAW, *History of Ancient Egypt*, pp. 151-152.

<sup>51</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt*, p. 11.

anos 6, 8, 10, 16 e 19. Estas campanhas permitiram ao Egito alcançar os territórios a sul mais próximos da segunda catarata, ficando fixada a fronteira na fortaleza de Semna Sul. Um pouco mais a norte, em Semna Oeste, foi erigida uma estela de cariz comercial<sup>52</sup>, que impunha algumas condicionantes à prática do comércio<sup>53</sup>. Não se sabe ao certo qual foi o limite atingido por Senuseret III a sul na sua primeira campanha, apesar de ser provável que o máximo alcançado tenha sido a zona de Batn el-Hagar. Aqui mandou construir uma estela em honra da sua vitoriosa campanha, ficando aí marcado o que viria a ser o *limes* do domínio egípcio durante todo o Império Médio.

Estas expedições militares tiveram várias razões possíveis, desde o acesso e controlo das minas de ouro da Baixa Núbia, bem como do comércio da Alta Núbia, ou a tentar submeter as tribos nómadas do Grupo C e a chefatura kuchita ao domínio egípcio. Esta última intenção, segundo Bruce Trigger, é pouco provável, já que apesar de não se saber até onde foi Senuseret III na sua primeira campanha, não há nenhuma operação militar conhecida que tivesse chegado às terras a sul de Semna<sup>54</sup>. Mais adiante serão analisadas mais detalhadamente as razões que levaram os faraós da XII dinastia a edificar uma rede de fortalezas na segunda catarata. O reinado de Senuseret III teve um impacto tão forte na Baixa Núbia que anos mais tarde, depois da sua morte, este faraó continuou a ser venerado na região. Com a excepção de Buhen, Mirguissa e outras fortalezas mais a norte, todas as outras estruturas defensivas existentes na Núbia foram edificadas durante o seu reinado. Assim foram construídas: Askut, Chalfak, Uronarti, Semna Oeste, Semna Sul e Kumma. Para além de mandar construir a maior parte da rede fortificada da Núbia, este faraó



**Figura 1** – Cabeça de Senuseret III. Museu Calouste Gulbenkian.

<sup>52</sup> Ver subcapítulo 2.3, pp. 52-70.

<sup>53</sup> Era pela Núbia que passava grande parte do comércio subsaariano. Entre os produtos que chegavam ao Egito à que destacar: animais selvagens vivos ou mortos (peles, marfim, plumas), madeiras, resinas odoríferas, incenso, pedras preciosas, cobre e ouro. Para além do comércio, muitos destes produtos eram adquiridos nos despojos de guerra, bem como no pagamento de tributos; cf. GRATIEN, «L'Égypte à la conquête de la Nubie», *Dossiers d'Archéologie*, pp. 26-27.

<sup>54</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, pp. 67-68.

também promoveu melhoramentos em Buhen, em Mirguissa e reforçou as respectivas guarnições<sup>55</sup>.

Ainda sobre o reinado de Senuseret III há que referir a abertura de um canal, que recebeu o nome de «Belos são os caminhos de Khakauré»<sup>56</sup>, próximo da ilha de Sehel, na primeira catarata. Tinha 80 quilómetros de comprimento e foi construído principalmente para ser usado como via para as embarcações militares e civis passarem mais facilmente pela primeira catarata<sup>57</sup>. Esta obra prova claramente a importância do rio Nilo na movimentação dos exércitos egípcios nas zonas a sul de Elefantina-Assuão.

É patente a importância das fortalezas construídas ao longo de toda a XII dinastia para a manutenção da fronteira egípcia com a Núbia, como bem atestam algumas inscrições existentes na região. Numa inscrição mandada gravar por Senuseret III em Semna essa relevância é evidente:

[...] Fiz a minha fronteira ao navegar mais para sul do que os meus pais. Aumentei o que me foi legado. Qualquer filho meu nascido na minha majestade [...]. Mas quem a abandonar e quem não lutar por ela, não é meu filho. [...]<sup>58</sup>

Este é um pequeno excerto da inscrição que mais adiante será analisada. Aqui podemos ver a vontade do monarca, para além da natural propaganda e exaltação do seu poder e esplendor, em manter nos reinados seguintes a fronteira pelo menos no local onde tinha ficado durante o seu legado. A arqueologia dá-nos as evidências de que estas fortalezas continuaram a ser utilizadas durante pelo menos mais 150 anos, tornando o desejo de Senuseret III realidade<sup>59</sup>.

Pouco há a dizer em relação ao reinado de Amenemhat III (c. 1831-1786 a. C.). Foi uma governação longa e frutuosa, que tirou partido das medidas de pacificação e de desenvolvimento interno do reinado anterior. No plano militar há apenas a referir os melhoramentos das fortalezas da segunda catarata<sup>60</sup>. Tanto no reinado de Senuseret III como no do seu filho, as fortalezas foram reforçadas e as guarnições aumentadas. Qual foi a razão desta necessidade? Teriam as forças núbias, com o tempo, passado a ser uma ameaça maior à

---

<sup>55</sup> SHAW, *History of Ancient Egypt*, pp. 154-155.

<sup>56</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, p. 67. Khakauré é o quarto nome de Senuseret III, que tem uma bela cabeça de obsidiana no Museu Calouste Gulbenkian; cf. ARAÚJO, *Arte Egípcia*, p. 67.

<sup>57</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, p. 67.

<sup>58</sup> KEEGAN, *Uma História da Guerra*, pp. 196-197.

<sup>59</sup> SMITH, *Frontiers in Ancient Egypt*, p. 212.

<sup>60</sup> SHAW, *History of Ancient Egypt*, p. 156.



presença efectiva do Egipto na região? Ou esse reforço será fruto de uma natural necessidade de reconstruir, devido à normal erosão causada pelo tempo?

Por fim, os dois últimos monarcas da dinastia, Amenemhat IV e Sebekneferuré, tiveram reinados pouco relevantes e curtos<sup>61</sup>, não havendo nada de pertinente a dizer sobre acções militares na Núbia.

## 2. OS INIMIGOS

No momento em que os Europeus começaram a ter um contacto mais directo e intenso com as populações africanas, a expressão «África Negra» começou a aparecer na literatura ocidental. Esta locução traduzia aquilo que a «civilização» achava do continente africano, ou seja, muito atrasado em relação ao continente europeu. É curioso ver que milénios antes já os Egípcios tinham a mesma atitude para com as populações de etnia mais escura que viviam a sul da primeira catarata, mostrando assim a superioridade que os Egípcios achavam que tinham e que acabou por traduzir-se numa ocupação que durou cerca de dois mil anos. Essa ocupação teve três estádios de evolução: o primeiro consistiu numa exploração simples e pouco intensiva dos recursos da Núbia; o segundo estágio foi um conjunto de trocas comerciais com as tribos da região; e o terceiro estágio resume-se a um controlo efectivo do território<sup>62</sup>. No caso concreto do Império Médio, este tem um pouco dos dois últimos estádios, ou seja, promoveu uma acção de trocas comerciais intensivas com Kuch (Alta Núbia) e controlou efectivamente o território de Uauat (Baixa Núbia).

Ainda não é certo que tipo de ameaças os núbios representavam para as ambições egípcias. William Adams<sup>63</sup> defende que as populações do Grupo C não constituíam uma ameaça tão grande que obrigasse o Egipto a construir as fortalezas da segunda catarata. Mas se estas populações da Baixa Núbia não eram uma ameaça, uma potência regional emergia a sul na Alta Núbia, a chefatura de Kerma<sup>64</sup>. Pensa-se que o potencial demográfico de Uauat era

---

<sup>61</sup> SHAW, *History of Ancient Egypt*, p. 158.

<sup>62</sup> ADAMS, «The First Colonial Empire», *CSSH*, pp. 36-37.

<sup>63</sup> Idem, *Nubia, Corridor to Africa*, pp. 163-165.

<sup>64</sup> Kerma era o sítio onde estava sediado a chefatura que mais ameaçava a ocupação egípcia. A cidade fica a 2 km a este do Nilo, na bacia de Kerma. As escavações de George Reisner mostraram uma estrutura com 19 m de altura e 52 de comprimento. Seria este corpo uma muralha? cf. TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, p. 85. A cultura de Kerma e os grupos da Baixa Núbia pertencentes ao Grupo C foram contemporâneos e partilham entre si algumas características em comum. Por exemplo os seus recipientes cerâmicos são bastante semelhantes, com decorações idênticas, como é o caso da cerâmica negra incisa com pasta branca. Nos rituais funerários existe igualmente uma homogeneidade entre as duas culturas, ambas apresentam túmulos rectangulares com os cantos

de mais ou menos 20 000 indivíduos, enquanto Kerma por sua vez tinha 200 000 habitantes, números bastante diferentes, que naturalmente tornavam esta chefatura um maior desafio para as aspirações expansionistas do Egito. Já a proximidade e a pouca demografia colocavam as populações de Uauat numa realidade oposta<sup>65</sup>. Esta situação terá sido uma das razões que levaram os Egípcios a construir uma rede de fortes na fronteira de Uauat com Kuch<sup>66</sup>, uma zona perigosa, perigo que veio a confirmar-se séculos mais tarde quando o poder alcançado por Kerma contribuiu para o declínio do Império Médio. Aparentemente o clímax desta cultura foi o período em que o Egito esteve ocupado pelos hicsos<sup>67</sup>, mas tudo indica que já durante o tempo correspondente à XII dinastia Kerma tinha uma considerável influência, o que é comprovado pela construção dos fortes e pela escassa progressão da fronteira egípcia para a Alta Núbia. E se as populações da Baixa Núbia não representavam um perigo, os grupos de nómadas<sup>68</sup> que circulavam pelo deserto já eram uma ameaça considerável, em particular no que diz respeito à segurança das caravanas comerciais que usavam aquelas rotas para chegar ao Egito<sup>69</sup>. Aqui as patrulhas egípcias tiveram um papel essencial ao garantir que estes caminhos fossem seguros. Entre estes nómadas estão os Medjaiu, que acabaram por ser integrados na máquina militar e administrativa egípcia, sendo também motivo de preocupação os Setiu, exímios arqueiros núbios (aliás Setiu significa «Os do arco») que habitavam em Ta-seti («A Terra do Arco»).

O conhecimento existente sobre os Medjaiu<sup>70</sup> é-nos fornecido por evidências textuais e iconográficas egípcias. É preciso referir a diferença que há entre a designação da palavra para o grupo nómada que está fixado no Deserto Oriental, e outra expressão idêntica, mas agora utilizado como uma cultura<sup>71</sup>. Enquanto grupo, este povo estava relacionado com a cultura de «Pan-Grave», vivendo no deserto oriental entre as margens do Nilo e o mar

---

curvos. O morto é colocado em posição fetal para o lado direito e orientado para norte; cf. ADAMS, *Nubia, Corridor to Africa*, pp. 196-197. Inicialmente pensava-se que Kerma era uma chefatura pouco poderosa e com fraca capacidade, mas escavações recentes vieram alterar essa ideia, pondo a descoberto uma capital muito desenvolvida; cf. SMITH, «Pharaohs, feasts, and foreigners», in *The Archaeology and Politics of food*, p. 43.

<sup>65</sup> Idem, *Wretched Kush*, p. 75.

<sup>66</sup> ADAMS, «The First Colonial Empire», *CSSH*, p. 46.

<sup>67</sup> Idem, *Nubia, Corridor to Africa*, p. 196.

<sup>68</sup> Emery diz-nos que a descoberta do complexo de fortalezas da segunda catarata mostra que os faraós da XII dinastia depararam-se com um exército adversário bem organizado, e que só construindo os fortes era possível manter os territórios conquistados. De resto, alguns nomes presentes na onomástica das fortalezas, indiciam a presença de tribos hostis à ocupação egípcia, como é o caso dos Setiu dos Inu e dos Medjaiu; cf. Idem, p. 183.

<sup>69</sup> Idem, «The First Colonial Empire», *CSSH*, p. 47.

<sup>70</sup> Segundo Alan Gardiner, a palavra Medjai em egípcio tinha três significados distintos: no Império Antigo a expressão era referente à zona que ficava a norte da segunda catarata, depois no Império Médio a palavra referia os grupos núbios que viviam no lado este do rio, na zona compreendida entre a primeira e segunda catarata, por fim, já no Império Novo, a palavra passou a designar os «polícias» das cidades e fortalezas; cf. LISZKA, «We have come from the well of Ibhet», *JEH*, p. 150.

<sup>71</sup> Idem, pp. 149-154.

Vermelho. Ao longo da sua história, tiveram muitos momentos de colaboração com os conquistadores egípcios, compondo as fileiras dos exércitos faraônicos, e, como iremos ver mais adiante, eram parte integrante das patrulhas feitas no deserto<sup>72</sup>. Os Medjaiu são ainda abundantemente referidos nos «Despachos de Semna»<sup>73</sup>, existindo três momentos onde o termo é usado em vários contextos:

- Patrulhas:

[...] É uma comunicação para ti. Com efeito os dois guerreiros e setenta indivíduos medjai que partiram e seguiram aquele caminho no quarto mês da segunda estação, dia 4, retornaram para informar-me no mesmo dia à tarde, trazendo três homens medjai e quatro rapazes e raparigas(?), dizendo: «Encontrámos-los a sul das margens do deserto junto da inscrição da campanha de Verão, e também três mulheres(?)», eles disseram. Então eu questionei estes indivíduos medjai, perguntando: «De onde vieram?» Então eles responderam: «Foi da região do poço de Ibhayet que nós viemos.» [...] (80 P. BM 10752, rt. 2-3).

- No nome da fortaleza de Serra Este:

Outro despacho trouxe para ele a partir do funcionário Ameni, que está na fortaleza «A que repele os Medjaiu» tal como uma fortaleza envia informações para outra [...] a fortaleza «A que repele os Medjaiu» no ano 3, terceiro mês da segunda estação [...] (81. P. BM 10752, rt. 3-4)<sup>74</sup>.

- Migração:

[...] Uma mensagem para ti, por favor, aconteceu que dois homens medjai, três mulheres medjai, duas crianças, vieram das colinas do deserto no ano 3, terceiro mês da segunda estação, dia 27. Eles disseram: «Nós viemos para servir no palácio». Foram questionados sobre o estado da vida do deserto, então eles responderam: «Nós não ouvimos falar de nada com a excepção de que a população do deserto está a morrer de fome», assim eles disseram. [...] Uma dessas mulheres medjai disse: «Se ao menos eu apenas pudesse dar meu homem medjai ...» Então o homem medjai disse: «Só aquele que se apresenta é que pode negociar» [...] (82. P. BM 10752, rt. 4).

As primeiras referências estão inseridas num contexto de patrulha, a qual é feita por indivíduos medjai e dois guerreiros egípcios, que estiveram no encalce de três homens e

---

<sup>72</sup> SMITH, *Wretched Kush*, p. 75.

<sup>73</sup> SMITHER, «The Semna Dispatches», *JEA*, pp. 3-10. Os «Despachos de Semna» são um conjunto de cartas e relatórios que foram enviados de Semna Oeste até à capital, no reinado de Amenemhat III; cf. VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 53.

<sup>74</sup> Idem, p. 71. O autor não esclarece o local exacto desta fortificação, mas sugere que possa ser o forte de Faras.

quatro crianças oriundas, segundo a descrição, de Ibhayet (sudeste da segunda catarata)<sup>75</sup>. O segundo momento em que a palavra medjai é referida, ocorre na onomástica de uma fortaleza, Serra Este, que tinha a expressiva designação de «A que repele os Medjai». Este nome mostra claramente que se tratava de um grupo que criava problemas aos egípcios e que algumas fortalezas tinham a função de os conter. Por fim, o termo aparece num contexto de deslocação de indivíduos, e aqui são dois homens, duas mulheres e duas crianças daquela etnia medjai que viajaram para um local do Egito para trabalhar no palácio, provavelmente devido às más condições em que se vivia no deserto, tal como eles próprios admitiram. Parece evidente que estas menções ao grupo se referem a uma etnia nómada que vem do deserto, num dos casos especificamente da zona a sudeste da segunda catarata.

A Núbia (mapa 2) divide-se em duas regiões: a Baixa Núbia, desde a primeira até à segunda catarata, e a Alta Núbia, que corresponde aos territórios que se situavam entre a segunda e quarta catarata<sup>76</sup>. A área mais rica de toda a Baixa Núbia é formada pelas planícies de Dakka, realidade que se perde na zona da segunda catarata onde os relevos montanhosos de Batn el-Hagar tornavam o rio não navegável durante a estação seca por mais de 100 quilómetros<sup>77</sup>. Ainda nesta zona, as margens férteis do Nilo tornam-se cada vez menos frequentes, apesar de existirem alguns povoados ao longo destas porções de terra fértil. Mais a sul de Batn el-Hagar, as margens do Nilo voltam a ser mais férteis. Perto de Dongola, entre a terceira e quarta catarata, o rio Nilo corre por um estreito canal, abaixo de Debba, onde os terraços úberes são contínuos mas algo estreitos. Na zona de Kerma há grandes regiões de aluvião que asseguram uma agricultura considerável<sup>78</sup>.

A Núbia possui uma longa história, que nos levaria até aos inícios das sociedades complexas que tiveram o seu prelúdio na Pré-história, mas como aqui apenas interessa a Núbia no contexto do Primeiro Período Intermediário e especialmente no Império Médio, apenas se aludirá a essas épocas históricas<sup>79</sup>. Actualmente pensa-se que o «Horizonte do Grupo C» teve a sua origem ainda no Império Antigo (c. 2660-2180 a. C.)<sup>80</sup>. Quando o Império Antigo entrou em declínio, a Baixa Núbia logrou atingir um período de prosperidade

---

<sup>75</sup> Ver subcapítulo 4.4, pp. 132-135.

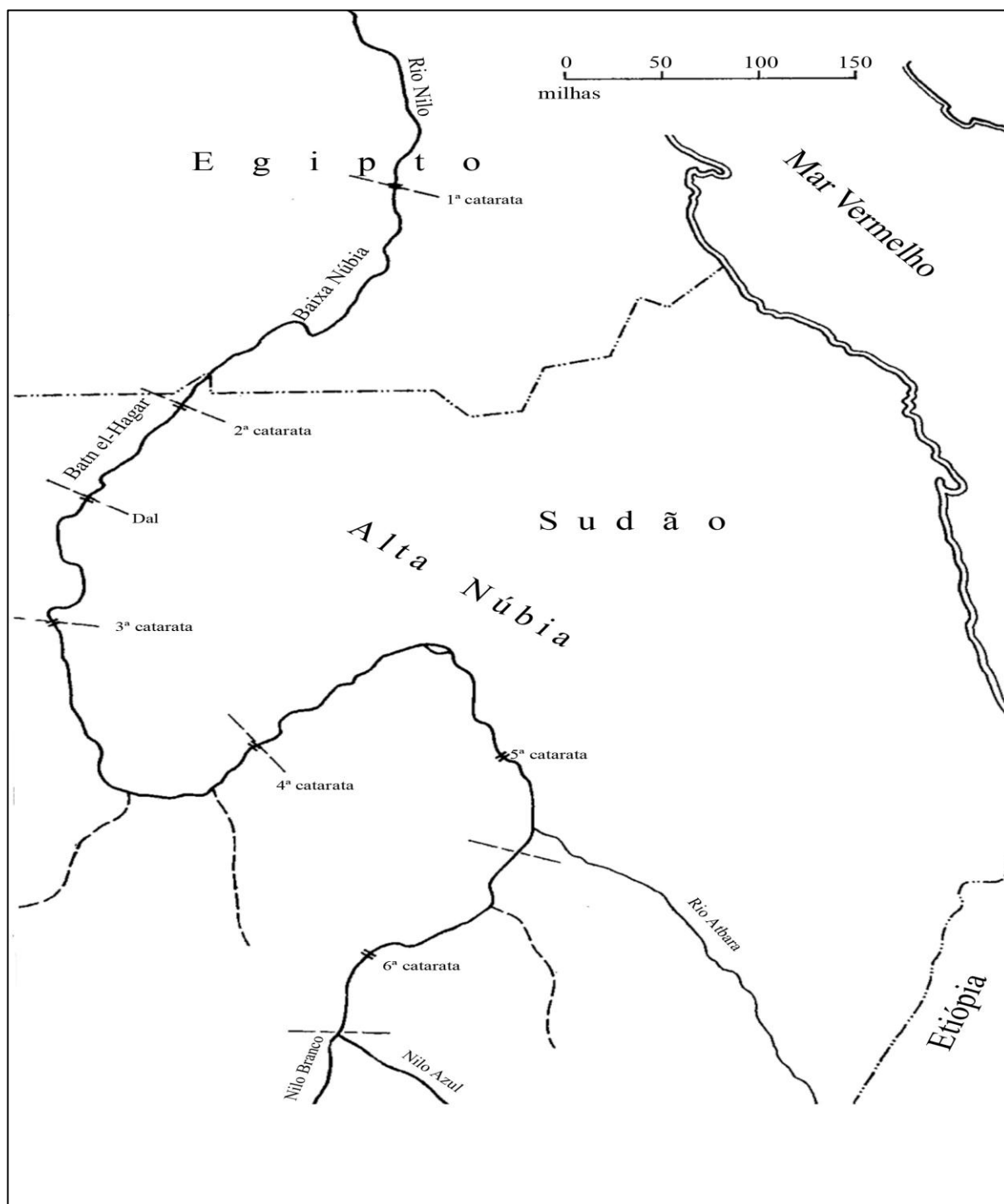
<sup>76</sup> ADAMS, *Nubia, Corridor to Africa*, p. 21.

<sup>77</sup> BRISSAUD, *A Civilização Núbia*, p. 66.

<sup>78</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, pp. 12-15.

<sup>79</sup> Para mais detalhes sobre a história da Núbia antes do Primeiro Período Intermediário ver ADAMS, *Corridor to Africa*, pp. 101-141.

<sup>80</sup> As escavações em sítios de cronologia idêntica ao do Grupo C forneceram materiais, como foi o caso de selos datáveis da VI dinastia, o que prova a coexistência da cultura do Grupo C com o Império Antigo; cf. Idem, pp. 143-144; ver também ARAÚJO, *Dicionário do Antigo Egito*, p. 15.



**Mapa 2** – Geografia da Alta e Baixa Núbia. [Adaptado de ADAMS, *Corridor to Africa*, p. 25].

e de aumento demográfico, permitindo às populações do Grupo C emergir e tornarem-se relevantes no contexto do Nilo. Esta realidade viu-se reforçada pelo aumento da importância do governador de Elefantina, com o título de «guardião da Porta do Sul», que tinha a missão de proteger a fronteira sul do Egito, a qual, devido à prosperidade da nova cultura núbia, começou a ficar mais ameaçada. As escavações feitas nas diversas necrópoles forneceram informações curiosas sobre as origens destas populações. Ao contrário do que se podia

esperar, os resultados arqueológicos deram-nos evidências de humanos com características biológicas pouco africanas e com traços caucasianos. Que grupos humanos eram estes? Qual a sua origem? Segundo William Adams, estas populações são descendentes do Grupo A<sup>81</sup>, que devido à menor pressão egípcia, sofreram vagas de imigração das regiões em torno do Egito e da Núbia, sendo uma delas oriunda da Líbia<sup>82</sup>

Para além das evidências arqueológicas, no plano literário há relatos de uma viagem à Núbia feita por dois funcionários egípcios do Império Antigo, Uni e Harkhuf, que fizeram uma descrição daquela cultura como sendo próspera e muito populosa, o que se liga mais com as características do Grupo C do que com as do Grupo A<sup>83</sup>. A sua estrutura económica era suportada principalmente por uma agricultura de cereais produzida nas margens férteis do rio Nilo. Como complemento tinham a pastorícia, a caça e a pesca<sup>84</sup>.

Apesar das campanhas militares e do esforço para construir uma rede de fortificações na Baixa Núbia durante o Império Médio, esta evidente ocupação foi «mais pacífica» do que a verificada no Império Antigo, já que as políticas postas em prática pelos faraós da XII dinastia revelaram uma tentativa de impor a autoridade egípcia na Núbia para que esta fosse mais duradoura. Ou seja, os monarcas egípcios não enveredaram por políticas de extermínio e deportação maciça de nativos. É claro que a ocupação egípcia não foi desprovida de acções bélicas constantes contra as insurgências que certamente terão sido feitas por parte das populações do Grupo C<sup>85</sup>. Qual era o papel das fortalezas nesta manutenção da paz perante a reacção das populações ocupadas? Como mais adiante se verá<sup>86</sup>, a função principal terá sido a de construir uma base para o lançamento de patrulhas e para a preparação de futuras campanhas militares, já que estas estruturas estavam consideravelmente longe dos centros populacionais do Grupo C.

---

<sup>81</sup> No IV milénio, a diáspora civilizacional que se ia verificando no Médio Oriente chegou finalmente ao continente que viu nascer a humanidade. Por todo o Baixo Nilo começou-se a desenvolver uma sociedade muito evoluída, que mais tarde iria dar ao Egito faraónico. Esta nova civilização desde cedo virou as suas atenções para as populações e matérias-primas que existiam a sul. Nesta altura estavam fixadas na Núbia populações com um horizonte cultural comum, o Horizonte do Grupo A. Foi George Reisner quem pela primeira vez usou este nome para catalogar as evidências que provinham dos povos do Grupo A. De uma forma geral, existem quatro características que distinguem o Grupo A dos seus antepassados neolíticos: o cultivo de cereais, existência de uma arquitectura doméstica, cerâmica negra e vermelha e a colocação de espólios votivos nas inumações. O Grupo A tem a maior parte dos seus povoados na Baixa Núbia, entre a primeira e segunda catarata; cf. ADAMS, *Corridor to Africa*, pp. 118-120.

<sup>82</sup> Idem, pp. 142-143.

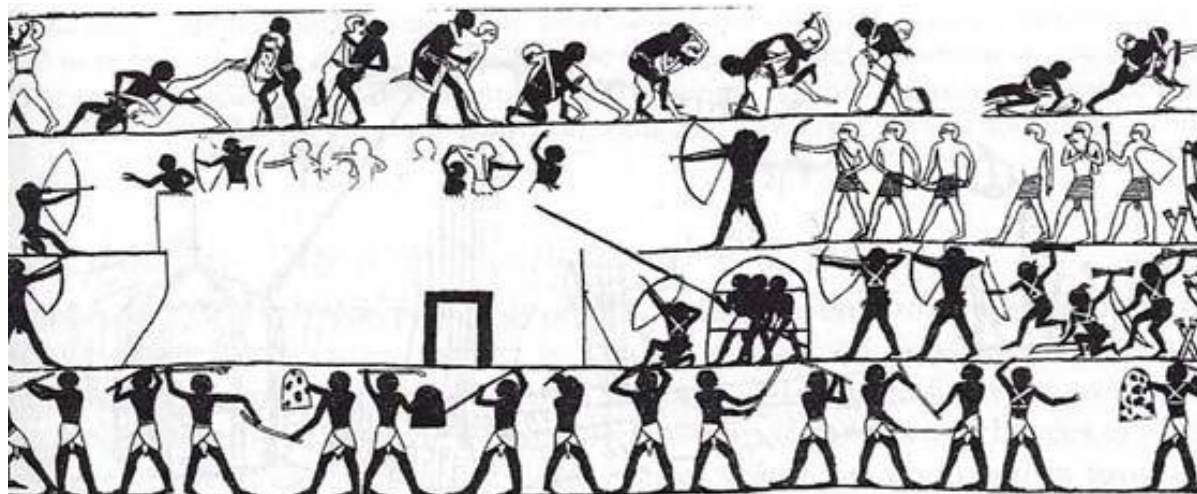
<sup>83</sup> Idem, p. 144.

<sup>84</sup> Idem, pp. 152-154.

<sup>85</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, p. 77.

<sup>86</sup> Ver subcapítulo 2.3, pp. 52-70.

Ta-seti, ou «Terra do Arco», como referido anteriormente, era o nome dado pelos egípcios à Núbia<sup>87</sup>. Esta nomenclatura torna evidente qual era a arma principal dos soldados núbios. O arco e flecha era de facto a arma mais utilizada. Tradicionalmente, as forças militares núbias são catalogadas como assimétricas<sup>88</sup>, forças militares características de sistemas culturais tribais, onde um chefe eleito por ser o mais respeitado e dotado militarmente, comanda o exército, como é o exemplo da mencionada chefatura de Kerma. Não existem muitas referências à forma como os guerreiros pertencentes a estas culturas



**Figura 2** – Representação de um cerco num mural do túmulo de Baket III em Beni Hassan. [Extraído de MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto durante la Dinastía XVIII*, p. 115].

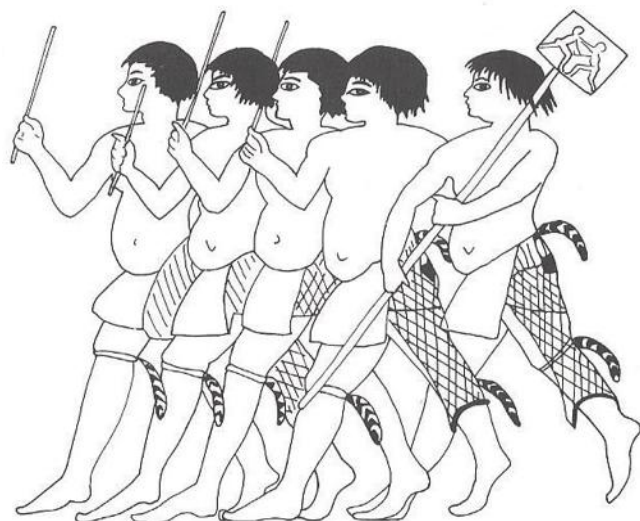
núbias se movimentavam no campo de batalha, nem como eram compostas as suas fileiras. A maior parte das informações que nos chegam vêm do que nos foi deixado pelo Antigo Egipto, como é o caso de um mural em Beni Hassan (figura 2). Hayes defende que os arqueiros ali representados a atacar e a defender a fortaleza são de origem núbia, já que estes normalmente também faziam parte das guarnições e exércitos egípcios. Outro exemplo onde surgem representados soldados núbios são os modelos de soldados de Mesekhti em Assiut, onde dos 160 modelos, 40 são de arqueiros núbios<sup>89</sup>. Assim um quarto dos efectivos representados é originário do Alto Nilo. Mas como eram estes soldados integrados no exército egípcio? Seriam mercenários ou eram parte integrante do exército faraónico?

<sup>87</sup> MARTINEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 132

<sup>88</sup> Um «exército» assimétrico no contexto do Mundo Antigo apresenta características que o distinguem daquilo a que podemos chamar de «civilizado», ou seja, as hostes com essas características pertenciam aos chamados de «bárbaros». Um exército assimétrico tem o seguinte perfil: não há qualquer regra em termos de uso de armamento ofensivo e defensivo, e estes costumam pertencer a quem os usa (apesar de este factor acontecer em outros contextos de guerra simétrica), ou seja, não há a homogeneidade que torna os soldados todos iguais. A organização e hierarquia de comando é fraca ou inexistente e em termos de táctica militar esta é muito focada no combate individual. Nem todas as forças armadas assimétricas apresentam todas estas características.

<sup>89</sup> WILLIAMS, «Serra East and the mission of Middle Kingdom», in *Gold of Praise: Studies of Ancient Egypt*, pp. 436-437.

O abandono forçado pelos egípcios das suas possessões em Uauat, durante a VI dinastia (c. 2300-2180 a. C.), a última do Império Antigo<sup>90</sup>, reduziu inevitavelmente a presença egípcia na região. Mas isso não representou uma perda do interesse pela Baixa Núbia. Continuou a haver trocas comerciais pelo rio, e existem relatos de oficiais egípcios que viajaram até à Núbia para recrutar soldados núbios para integrarem o exército egípcio, sendo esses funcionários conhecidos por «superintendentes dos estrangeiros»<sup>91</sup>. O recrutamento



**Figura 3** – Representação de cinco mercenários núbios do túmulo de Tjanuni em Lucsor Ocidental. Note-se a alentada robustez dos soldados e a insígnia militar com dois lutadores. [Extraído de SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 28].

realizado por estes militares torna evidente que os soldados recrutados eram mais mercenários (figura 3) do que componentes normais do exército faraónico, como o uso de núbios nas campanhas do Império Médio e nas guerras e reconquista do Delta contra os hicsos faz evidenciar. A utilização de mercenários núbios nas campanhas da XII dinastia mostra que algumas das populações de Uauat já durante o Império Antigo sofreram um processo de aculturação e assim estavam mais receptíveis e aptos a viver sob o

domínio egípcio<sup>92</sup>. Partindo do princípio de que as tropas núbias presentes nos exércitos do faraó eram mercenárias, o pagamento dos serviços prestados seria o suficiente para colocar estes soldados contra a sua própria origem, tal como aconteceu em outros momentos da história. Esta ideia retira importância ao aspecto da aculturação no contexto do uso dos soldados núbios nas campanhas militares contra a Núbia. Apesar de se saber dos superintendentes, acima citados, não se conhecem os moldes em que era feito o recrutamento. Seria igual ao que era feito no Egito? Se sim, isso poderia tornar estes soldados equivalentes aos de origem egípcia. A resposta não é definitiva, mas sabemos que durante a fase

<sup>90</sup> O reportório iconográfico no que diz respeito às fortalezas egípcias é mais abundante no Império Antigo do que no Império Médio, apesar de ser este último a «idade de ouro» da construção destas estruturas defensivas; cf. MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 40.

<sup>91</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, pp. 54-56.

<sup>92</sup> SMITH, *Askut in Nubia*, pp. 80-81.



conturbada do Primeiro Período Intermediário houve efectivos núbios nas duas facções que lutavam pela hegemonia no Egípto<sup>93</sup>.

É natural que ao longo do tempo tivessem havido algumas diferenças na forma como os estrangeiros eram integrados no exército. Por exemplo, no Império Novo os corpos de soldados estrangeiros eram liderados por chefes militares oriundos do mesmo grupo étnico, como é o exemplo dos Medjaiu que eram liderados pelo «príncipe dos Medjaiu». Para além deste aspecto, os soldados não egípcios eram colocados em acampamentos à parte onde pudessem manter as suas tradições<sup>94</sup>. Infelizmente, temos poucas informações sobre a forma como os núbios eram organizados no interior da máquina militar egípcia durante o Império Médio. Estariam sob as ordens de um chefe local ou eram liderados por militares egípcios de patente mais elevada?

Algumas evidências, tanto arqueológicas como literárias e até iconográficas, mostram que as forças núbias dispunham de uma tecnologia mais evoluída do que se pensava anteriormente. Assim, parece importante fazer uma nova análise sobre os exércitos originários da Núbia. É claro para Bruce Williams que a estela de Semna demonstra que Senuseret III esperava que os núbios atacassem por meio fluvial. Nos «Despachos de Semna», acima referidos, existem inúmeros relatos de núbios a viajarem até Semna Oeste em embarcações, algo que é reforçado por murais funerários kuchitas em Kerma, que representam núbios a viajar no rio em embarcações que poderiam ser usadas em frotas de guerra<sup>95</sup>. A própria construção das fortalezas é um indício do nível de ameaça que os exércitos de Kerma representavam para os Egípcios, e a aparente necessidade de construir boas protecções e imponentes muralhas mostra que o inimigo tinha a capacidade de fazer ofensivas poderosas<sup>96</sup>. Por exemplo, a fortaleza de Buhen, que ficava já longe da fronteira, apresenta no pano de muralha que está orientado para norte vestígios de destruição feitos por máquinas de cerco<sup>97</sup>. Que ameaça as forças núbias representavam para os interesses egípcios? Qual era o seu nível tecnológico? Seria possível o uso de máquinas de guerra no lado núbio, como aríetes? A presença dos níveis de destruição e de alguns obstáculos criados aquando da edificação das

---

<sup>93</sup> SMITH, *Askut in Nubia*, pp. 80-81.

<sup>94</sup> SALES, «Exército», in *Dicionário do Antigo Egípto*, p. 353.

<sup>95</sup> WILLIAMS, «Serra East and the mission of Middle Kingdom», in *Gold of Praise: Studies of Ancient Egypt*, p. 444.

<sup>96</sup> Idem, p. 447.

<sup>97</sup> As máquinas de cerco dividem-se em várias categorias: máquinas de aproximação, máquinas para facilitar o acesso, máquinas de demolição, máquinas de tiro (de acção vertical ou acção parabólica) e máquinas de assalto; cf. VARANDAS, «O punho dos deuses», in *Guerra na Antiguidade*, pp. 130-157. Ver RANDALL-MACIVER e WOOLLEY, *Buhen*, pp. 119-120.

fortificações, como é o caso dos fossos, mostram a existência de ameaças directas contra as muralhas das fortalezas da segunda catarata.

Ainda há muitas perguntas por responder sobre a questão dos exércitos núbios, porque normalmente é o relato do vitorioso que sobrevive ao longo do tempo, e neste caso concreto foi a versão egípcia. A verdade é que os escribas egípcios não tiveram a preocupação de fazer uma descrição mais aprofundada dos seus inimigos do Sul. Parece que o pouco que se sabe sobre estas forças militares terá levado muitos investigadores a subestimarem as forças kuchitas, e a colocarem-nas num patamar de tecnologia e organização militar pré-histórica, que poucos problemas colocariam ao Egito. No entanto, as fortalezas da segunda catarata, e principalmente as que ficam a sul de Askut, contradizem essa ideia. Estas estruturas foram edificadas por muitas razões, e com dimensões distintas, mas uma dessas razões era para defender uma fronteira ameaçada por uma potência emergente, Kerma, bem como para servir de base logística para as campanhas militares contra esse mesmo inimigo. Bruce Williams refere que as fortalezas do tempo de Senuseret I talvez não tivessem sido suficientes para defender o território recém-anexado, pelo que já no reinado de Senuseret III houve a necessidade de reformular a fronteira e construir novas fortificações<sup>98</sup>.

---

<sup>98</sup> WILLIAMS, «Serra East and the mission of Middle Kingdom», in *Gold of Praise: Studies of Ancient Egypt*, p. 444.

# CAPÍTULO II

## AS FORTIFICAÇÕES NA GUERRA E NA PAZ

### 1. FORTIFICAR PARA DEFENDER

A função principal de uma fortaleza é, na sua mais básica natureza, a defesa de um território<sup>99</sup>, de uma população, de bens materiais. O Antigo Egito está próximo de uma região onde a presença de estruturas defensivas é muito precoce. Escavações arqueológicas mostram que desde o Neolítico do Médio Oriente<sup>100</sup>, há presença de muralhas a protegerem povoados, que sentiram a necessidade de criar um obstáculo a qualquer grupo armado que aspirasse saquear a riqueza do centro populacional<sup>101</sup>.

No caso concreto do Egito, as primeiras evidências de estruturas defensivas datam da Época Pré-dinástica (c. 4500-3000 a. C.). A primeira é um pequeno objecto de barro (figura 4) com 10 cm, originário de um túmulo em Abadiyeh, que representa as cabeças de dois indivíduos a observarem sobre um muro<sup>102</sup>; uma outra evidência vem de esquematizações de cidadelas com plantas circulares ou rectangulares, com muralhas de pouca envergadura<sup>103</sup>. A construção de uma muralha está estreitamente relacionada com o conceito de *polis*<sup>104</sup> e com a emergência de grandes centros urbanos, que no caso egípcio acontece precisamente durante o período referido<sup>105</sup>, dando origem a sítios como Nagada, Abido, Hieracômpolis no Alto Egito, onde na primeira, por exemplo, foram escavadas 3000 sepulturas correspondentes à

---

<sup>99</sup> Para os antigos Egípcios, o território compreendido entre o mar Mediterrâneo, o deserto ocidental, o mar Vermelho e Elefantina era chamado de Kemet, «A Negra», aludindo à terra fértil das margens do rio Nilo e à sua coloração escura; cf. FLAMMINI, «Ancient core-periphery interactions: Lower Nubia during Middle Kingdom Egypt (CA 2050-1640 B.C.)», *JWSR*, p. 52.

<sup>100</sup> O povoado pré-histórico de Jericó está rodeado por uma muralha com 640 m de comprimento, 3 m de grossura na base e 4 m de altura. Junto a esta muralha foi escavado um fosso com 9 m de profundidade e uma torre com 4,5 m de altura; cf. KEEGAN, *Uma História da Guerra*, pp. 173-174.

<sup>101</sup> MCDERMOTT, *Warfare in Ancient Egypt*, p. 43. Quando um grupo armado tenta tomar uma cidade tem claras ambições sobre as riquezas que estão guardadas no interior. É o caso do ouro, dos alimentos e das armas.

<sup>102</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 5.

<sup>103</sup> Idem, pp. 6-7.

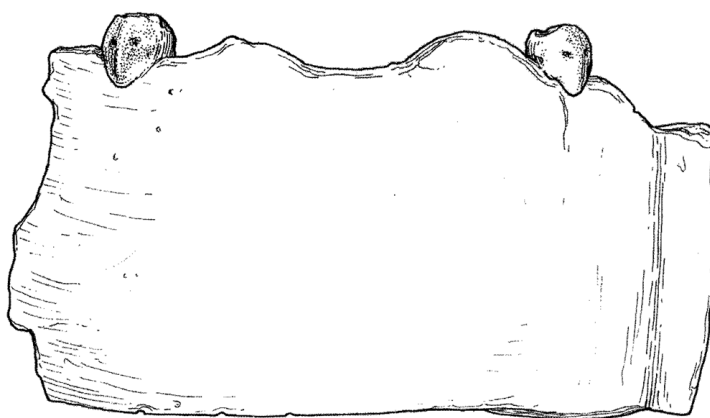
<sup>104</sup> Em termos gregos, *polis* é o nome dado a uma cidade-estado, que possuía autonomia em termos militares, políticos e económicos. Aristóteles diz-nos que o homem é «por natureza um animal da *polis*» e que as cidades-estado se formaram com a união de várias vilas que juntas adquiriram autossuficiência para se tornarem em certo momento um povoado com considerável poder na região; cf. FIELDS, *Ancient Greek Fortifications*, p. 4.

<sup>105</sup> A fase III do período de Nagada (c. 3200-3000 a. C.) apresenta vestígios de grandes aglomerados populacionais muralhados; cf. SHAW, *History of Ancient Egypt*, pp. 57-58; ver também SIMÕES, «Pré-história», in *Dicionário do Antigo Egito*, p. 709.

fase I, o que mostra a dimensão que este sítio atingiu<sup>106</sup>. Estes centros, por sua vez, estão relacionados com a produção de excedentes que permitiram às populações aumentar a sua demografia e desenvolver novos paradigmas que irão dar origem a evoluções culturais e tecnológicas como a escrita, as cidades (*polis*), bem como a uma guerra organizada entre exércitos das mais variadas tipologias<sup>107</sup>.

O rio Nilo desde cedo permitiu ao Egipto possuir uma considerável demografia<sup>108</sup>, devido ao potencial agrícola das suas margens úberes. Esta realidade, naturalmente, deu origem a aglomerados populacionais que, com o tempo, deram a origem a cidades, à qual também podemos chamar de *polis*<sup>109</sup>.

As fortalezas construídas pelo Egipto em Uauat durante o Império Médio, não se destinavam a proteger apenas uma cidade, mas sim um império. Um império que observava os outros com superioridade, reflectindo essas características na forma como foram construídas as fortalezas, estruturas de dimensões esmagadoras para os contextos em



**Figura 4** – Modelo em barro pré-dinástico proveniente de Abadiyeh. [Extraído de VOGEL, *The Fortifications of Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 5].

que inseriam, podendo mesmo ser possível fazer a pergunta: por que razão foram construídas fortalezas tão imponentes? Uma primeira razão é, como iremos ver no capítulo IV, o reduzido número de guarnições que cada uma possuía, obrigando assim a uma maior robustez da estrutura em si. Tal como uma raposa do deserto tem os orifícios auditivos consideravelmente maiores que um animal da mesma espécie com habitat no Ártico, aqui também os arquitectos egípcios sentiram a necessidade de desenhar fortes com suficiente amplitude, permitindo em

<sup>106</sup> SHAW, *History of Ancient Egypt*, pp. 41-59.

<sup>107</sup> Exércitos simétricos e assimétricos, para além da natural diferenciação no que diz respeito aos armamentos e estratégias entre os exércitos.

<sup>108</sup> Pensa-se que o Egipto teria cerca de 2,5 milhões de pessoas durante a XII dinastia; cf. WILLIAMS, «Serra East and the mission of Middle Kingdom», in *Gold of Praise: Studies of Ancient Egypt*, p. 438.

<sup>109</sup> Ao chamar às cidades egípcias de *polis*, é necessário ter em atenção que estas são cidades muito diferentes do modelo tradicional grego, sendo a mais evidente o facto de estas estarem sob a égide de um poder centralizado liderado por um rei-deus. Mas as especificidades que as cidades egípcias apresentam entre si, como a adoração de deuses diferentes e até as tentativas de independência de algumas delas, ao fundar novas dinastias, como aconteceu no Primeiro Período Intermediário, tornam-nas num modelo próximo ao da *polis* grega.

primeiro lugar intimidar o inimigo e em segundo resistir a um possível ataque de maior dimensão, que podia vir da ameaça em crescimento como era a chefatura de Kerma<sup>110</sup>. Usando novamente a comparação da raposa, que utiliza as suas orelhas para melhor libertar o calor, no caso das fortalezas egípcias, devido à sobrepopulação que estas estruturas teriam, estas tinham de ser de grandes dimensões para melhor «libertar o calor»<sup>111</sup>. Sabe-se relativamente pouco sobre quem vivia e a forma como o fazia nestas fortalezas, mas certamente teriam funções diferenciadas, tal como as próprias fortalezas em si o mostravam, como era o caso de Buhen, Kubban e Mirguissa, que tinham uma forte tradição no trabalho do cobre<sup>112</sup>.

Estas estruturas criaram uma fronteira com a Núbia na região da segunda catarata, que devido aos relevos montanhosos de Batn el-Hagar, já atrás referidos, tornam o rio inavegável durante a estação seca<sup>113</sup>. Estas condições geográficas tornaram toda esta área ideal para a edificação das estruturas defensivas que tinham como principais objectivos controlar e fixar a fronteira, servir de apoio e base de operações a campanhas militares, base de patrulhas e missões, protecção e controlo de rotas comerciais, tanto fluviais como terrestres<sup>114</sup> e sedes de centros administrativos e grandes armazéns para guardar mantimentos<sup>115</sup>. Observemos para já as funções que são de cariz defensivo, como é o caso do controlo e fixação do *limes* egípcio na Núbia.

O Antigo Egipto apresentava, nos quatro pontos cardeais, fronteiras com algumas diferenças entre si. A norte, e tal como registou o autor clássico Estrabão na sua obra *Geographica*<sup>116</sup>, o Egipto é delimitado pelo mar Mediterrâneo, a este e oeste as montanhas desérticas da Líbia e da Arábia, enquanto que a sul a fronteira não apresenta nenhuma

---

<sup>110</sup> SMITH, *Askut in Nubia*, p. 80.

<sup>111</sup> Sabe-se que os soldados egípcios levavam as suas famílias para os fortes e, para além desse factor, estas fortalezas também serviam de bases de apoio para campanhas militares, podendo assim receber um enorme número de soldados em pouco tempo. Este tema irá ser mais desenvolvido no capítulo IV, pp. 107-135.

<sup>112</sup> KEMP, «Old Kingdom, Middle Kingdom and Second Intermediate Period c. 2686-1552 BC», in *Ancient Egypt, A Social History*, p. 131.

<sup>113</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, pp. 68-69.

<sup>114</sup> ARNOLD, *Ancient Egyptian Architecture*, p. 91.

<sup>115</sup> WILLIAMS, «Serra East and the mission of Middle Kingdom», in *Gold of Praise: Studies of Ancient Egypt*, p. 447.

<sup>116</sup> Estrabão nasceu em 64 a. C. na zona do Ponto, no mar Negro. Chegou a Roma em 44 a. C. onde completa a sua educação. Com 39 anos de idade, faz uma viagem ao Egipto, com o governador da época, Élio Galo, e realiza uma subida do rio Nilo, alcançando a fronteira com Méroe. Esta viagem permitiu-lhe ter um profundo conhecimento, em termos culturais, geográficos, militares e sociais, que tornam a sua narrativa das mais valiosas no estudo da história das sociedades desta época que se situavam naquela região; cf. RODRIGUES, «Estrabão», in *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 347-348.

fronteira natural, sendo assim a cidade de Elefantina<sup>117</sup> a delimitar o Egito dos outros povos. Estes são descritos da forma seguinte pelo mesmo autor clássico: «Trogloeditas», «Núbios», «Megabarros» e «Blémies»<sup>118</sup>. Sendo a fronteira sul o ponto aparentemente mais frágil de todo o território, é normal que ocorressem na Núbia os maiores empreendimentos de cariz militar que os reis até ao Império Médio realizaram<sup>119</sup>. O rio Nilo é o principal factor para esta fragilidade, apesar de ter pontos onde em momentos é intransitável, como é o caso da zona da segunda catarata. O rio permitia uma deslocação de bens, pessoas e exércitos, tanto para norte em direcção ao Egito, como para sul. Estas movimentações, quando feitas em embarcações rápidas, poderiam apenas levar duas semanas a chegar ao destino<sup>120</sup>, tornando difícil prever e prevenir caso houvesse um ataque inimigo, quase uma *blitzkrieg*. Esta vulnerabilidade defensiva e ofensiva explica uma das razões para a construção das fortalezas egípcias na Núbia, na zona da segunda catarata. Em termos defensivos estes fortes permitiram estancar possíveis ataques de origem núbia e, ao mesmo tempo, facultar aos exércitos egípcios ultrapassar a dificuldade existente em Batn el-Hagar, tornando assim estas fortalezas um factor importante na manutenção da fronteira, já que a posição geográfica destas permitia-lhes ter um controlo sobre todo o fluxo humano que viajava pelo Nilo.

A fronteira criada pelo Egito durante a XII dinastia não marcava de forma alguma uma diferença cultural entre os povos núbios de Uauat e de Kuch, tendo ambos em comum características pertencentes ao horizonte cultural do Grupo C. Esta delimitação foi criada pela força das armas e foi este mesmo poder que manteve o controlo egípcio sobre Uauat, com o faraó a ameaçar punir e neutralizar quem não respeitasse a soberania do Egito<sup>121</sup>. Esta teoria vai contra a tese defendida por Bruce Williams que assegura que a construção das fortalezas era mais para satisfazer os egípcios que estavam estabelecidos na Baixa Núbia, do que para impedir a infiltração de forças armadas núbias. Mas as duas situações não estão relacionadas? A necessidade de satisfazer a população egípcia na zona com as fortalezas é uma prova

---

<sup>117</sup> Elefantina fica na zona de Assuão, cujo nome era originário da palavra *sur* (*swr*), que em egípcio significa «muralha defensiva», provando assim a preocupação precoce em defender a fronteira sul do Egito; cf. MCDERMOTT, *Warfare in Ancient Egypt*, p. 45. Escavações arqueológicas feitas pelo Instituto Arqueológico Alemão em Elefantina e Assuão puseram a descoberto o posto fronteiro de Elefantina, mostrando que este era rodeado por uma muralha datável da I dinastia. Esta estrutura apresentava uma arquitectura idêntica às muralhas presentes a norte, ou seja, eram de formato oval e com torres ao longo dela; cf. WILLIAMS, «New light on the relations between Early Egypt and Sudan», *CCE*, p. 7.

<sup>118</sup> STRABO, *The Geography*, pp. 135-137.

<sup>119</sup> Durante o Império Novo, é clara a convergência da maior parte do esforço militar para a região da Síria-Palestina, mas durante o Império Antigo, e principalmente durante o Império Médio, foi a Núbia a região que mais campanhas conheceu. A mudança de alvo durante a terceira grande época do Egito deve-se muito à maior pacificação da Baixa Núbia e de grande parte da Alta Núbia.

<sup>120</sup> SMITH, *Frontiers in Ancient Egypt*, p. 209.

<sup>121</sup> Idem, pp. 215-216.

evidente que estas pessoas precisavam de protecção contra alguma ameaça, que seria, certamente, a força militar núbia às ordens do chefe de Kerma. As fortificações não forneceram certamente refúgio apenas às populações egípcias fixadas em Uauat, que de resto não eram abundantes. As populações locais, egípcias ou não, teriam dentro das muralhas uma protecção que não haveria no exterior em caso de ataque de um inimigo vindo do Sul, tanto por meio marítimo como terrestre<sup>122</sup>.

Esta, como muitas outras fronteiras do Egipto faraónico, não era um organismo completamente impermeável. As escavações de Alexander Badawy em Askut, em 1962-64, durante o programa de salvamento, iniciado devido à construção da barragem de Assuão, mostraram que esta fortaleza tinha no seu espólio arqueológico vestígios de cerâmicas, jóias e outros tipos de artefactos de origem kuchita, provando assim que a fronteira que era defendida pelas imponentes fortalezas egípcias também permitia afinal a passagem de bens e pessoas, tornando assim a fronteira sul egípcia muito mais permeável ao nível étnico, político e comercial, algo que está atestado pela estela de Senuseret III que adiante será tratada com mais profundidade<sup>123</sup>.

A egiptologia, em alguns casos, tem a tendência a atribuir uma explicação simbólica a qualquer temática relacionada com o Antigo Egipto, e no caso das fortalezas nilóticas essa associação deve ser evitada e não pode ser confundida com outros complexos protegidos por muralhas<sup>124</sup>. Stuart Tyson Smith, a partir de outros investigadores<sup>125</sup> defende que a expansão territorial e a formação da fronteira egípcia na Baixa Núbia têm um suporte ideológico e simbólico<sup>126</sup>. Apesar de na teoria não haver uma referência clara às fortalezas egípcias, a

---

<sup>122</sup> WILLIAMS, «Serra East and the mission of Middle Kingdom», in *Gold of Praise: Studies of Ancient Egypt*, p. 443.

<sup>123</sup> Ver subcapítulo 2.3, pp. 52-70; SMITH, *Frontiers in Ancient Egypt*, p. 218.

<sup>124</sup> No Antigo Egipto é relativamente comum complexos funerários serem rodeados por muralhas, como é o caso de Medinet Habu em Tebas. Este templo funerário em honra de Ramsés III tinha muralhas que circundavam toda a estrutura e neste já teriam uma forte componente simbólica. Mas até neste caso as muralhas aparentam ter outras funções como evitar que o exterior tenha contacto com o complexo religioso que está no interior; cf. SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 15.

<sup>125</sup> Enquanto Barry Kemp chama à ideologia expansionista egípcia de «theology of conquest», Erik Hornung dá-lhe o nome de «extend the existing». Estes dois termos criados por estes investigadores traduzem a ideia de uma esfera de influência egípcia de cariz quase religioso e de uma fronteira mítica; cf. SMITH, *Frontiers in Ancient Egypt*, p. 227. Existe realmente em alguma literatura a referência a aspectos simbólicos relacionados com a prática da guerra e controlo fronteiriço, mas apenas no Império Novo, como é exemplo o faraó Amen-hotep III, que controla os seus subordinados «to the support of heaven»; cf. Idem, pp. 213-215. Note-se ainda que Tutmés III estendeu os seus domínios até aos «quatro pilares do céu» (Anais de Karnak); cf. MARTINS, *Até aos Pilares do Céu*, p. 92.

<sup>126</sup> Neste caso concreto, aquilo que estes investigadores acham que é ideologia, será propaganda, que como se sabe era uma realidade muito presente no Antigo Egipto. Um exemplo é a já estereotipada representação da porta oeste da fortaleza de Buhen, em que o artista que a desenhou colocou o faraó com uma maça piriforme a submeter um inimigo núbio. Como forma de aviso a quem pretendesse atacar a fortaleza. Esta representação é

importância que estas tinham na manutenção da fronteira inevitavelmente colocava-as no mesmo plano simbólico da ideia de aumento do domínio egípcio, até porque estas, como se verá mais adiante, eram a base da expansão egípcia no Sul. Neste caso concreto parece que a haver uma intenção simbólica na edificação destas fortalezas esta é residual e apenas se restringe à natural propaganda em que o faraó as apresenta com uma dimensão descomunal, mostrando o poder de todo o Egito. Stuart Tyson Smith defende mesmo que estas estruturas foram construídas massivamente em parte para transmitir o poder do monarca como forma de delimitar a fronteira e intimidar os inimigos a Sul<sup>127</sup>. Uma outra possível interpretação para a dimensão e edificação das fortalezas naquele contexto é o seu tamanho ser um indício do «medo» e consciência do faraó da fragilidade da fronteira sul egípcia para com a chefatura de Kerma, por exemplo. Receio ainda mais marcado pela constante necessidade de mostrar a sua superioridade na arte e na arquitectura, em que este é representado superlativo em relação aos seus inimigos. Este «medo» foi-se transformando em realismo<sup>128</sup> no momento em que as fortalezas da segunda catarata foram construídas e, consequentemente, o Egito e a sua fronteira a sul ficaram mais protegidos.

As fortalezas são uma estrutura completamente funcional, que condicionaram a região e as populações (principalmente ao nível do comércio e da guerra) ao controlo egípcio. Ainda assim, é evidente que estas fortalezas tinham outras funções, fazendo destas estruturas imóveis dinâmicos, pois para além de controlarem o comércio, também mantinham a fronteira sul do Egito em segurança, como se poderá provar por uma estela de fronteira encontrada em Semna Oeste:

[...] O senhor das Duas Terras: Senuseret, o que dá vida, estabilidade e poder para toda a eternidade! Ano 16, terceiro mês de Peret: sua majestade fez a sua fronteira em Semna. Eu fiz a minha fronteira, indo mais para sul que os meus antepassados. Eu excedi o que herdei. [...] aquele que é agressivo para capturar, atinge o sucesso, [...] aquele que é cruel para com os inimigos que o atacam; o que ataca quando é atacado, e está calmo quando o precisa de estar; aquele que responde quando é necessário. [...] Aquele que é expulso da sua fronteira é um verdadeiro retornado, responder-lhe faz com que ele se retire [...] Agora, seja qual for o meu filho, deverá manter o limite que minha majestade fez, ele é um dos meus filhos que nasceu de minha majestade, o filho que vê no seu pai um modelo a seguir, [...] Mas quem a abandonar e não lutar por ela, não é meu filho, e não nasceu de mim! A minha majestade teve

---

idêntica à que está normalmente gravado nos murais de templos; cf. VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 29.

<sup>127</sup> SMITH, *Frontiers in Ancient Egypt*, p. 211.

<sup>128</sup> Com a consciência dos problemas que poderiam vir do Sul e tomada a opção de defender com fortalezas essa fronteira, o «medo» dos egípcios tornou-se real na forma das estruturas defensivas construídas na Baixa Núbia.



uma estátua nesta fronteira para que os meus filhos fossem inspirados por ela, e lutar em nome dela. [...]<sup>129</sup>

Antes de mais, estes excertos retirados da estela de Semna (figura 5) são a descrição da *maet*<sup>130</sup>, pois o faraó com o seu poder garante a segurança e a ordem no agora território egípcio da Baixa Núbia. É evidente que este documento é um caso óbvio de propaganda e não pode ser levado à letra, mas mostra-nos a importância de manter a fronteira com Kerma e que esta trazia problemas de origem militar, sendo atacada com frequência. As fortalezas inserem-se neste contexto, onde a necessidade de defesa e de criar uma zona de contenção é imperiosa, até para a própria defesa da antiga fronteira do



Egipto<sup>131</sup>. Por que razão a estela de fronteira foi

**Figura 5** – Estela fronteira de Semna do ano 16 do reinado de Senuseret III (Berlim 1157). [Extraído de MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 25].

encontrada em Semna Oeste e não em Semna Sul? Qual era o papel desta última na rede de fortificações? Terá sido erigida uma outra em Semna Sul e perdeu-se? Esta última fortificação é consideravelmente menor que a sua homónima a norte e ambas estavam ligadas por uma longa muralha. Apesar de serem duas estruturas separadas, será que eram consideradas pelos egípcios a mesma? Pelo menos na época de Senuseret III, momento da criação da estela. Sendo a estrutura defensiva de Semna Sul a fortaleza mais a sul de todo o complexo de fortificações, era lógico ser esta a fortaleza mais referida no âmbito da fronteira com Kuch, mas as evidências literárias contradizem este raciocínio e aparentemente é Semna Oeste a estrutura mais importante nessa esfera.

<sup>129</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, pp. 12-15.

<sup>130</sup> Conceito usado pelos antigos Egípcios para descrever a ordem no universo, que repele o caos. Para além deste sentido, a palavra *maet* quer também dizer justiça, harmonia, verdade e tolerância; cf. ARAÚJO, «Maet», in *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 524-525.

<sup>131</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 12.

Esta necessidade de fortificar o Nilo e defender a fronteira é originada por uma mudança dos paradigmas militar e comercial, que está directamente relacionada com os acontecimentos bélicos que o Antigo Egipto viveu no Primeiro Período Intermediário, onde as fortificações e os cercos surgem como uma constante durante a guerra da unificação entre as coroas do Norte e do Sul, aparecendo um elevado número de cenas de assédios a fortalezas em túmulos provenientes de várias zonas do Egipto, como Tebas e Beni Hassan. Mas não só na arte votiva aparecem relatos de cercos durante a guerra civil, na campanha de Ankhtifi de Mo'alla contra Tebas este começa por ir pedir apoio ao governador de Ermant, que estava a sofrer constantes ataques tebanos nas suas fortalezas. Após a sua vitória, Ankhtifi destrói as estruturas defensivas e volta para a origem<sup>132</sup>. Por que razão Ankhtifi de Mo'alla destruiu as fortalezas em vez de as ocupar? Seria, porventura, mais prático e económico a ocupação e por consequência controlar a região. A transição do Primeiro Período Intermediário para o Império Médio trouxe consigo, para além da estabilidade necessária para o desenvolvimento de uma civilização como a egípcia, o imperialismo<sup>133</sup>, já antes referido, e que de seguida irá ser abordado numa perspectiva de defesa do território.

Dentro da comunidade científica egiptológica há várias correntes no que diz respeito ao imperialismo egípcio<sup>134</sup>: Bruce Trigger defende que a forma como a XII dinastia se formou levou à criação de uma tradição expansionista que levou posteriormente ao imperialismo, enquanto John Wilson faz uma distinção entre a conjuntura do Império Médio e do Império Novo, dizendo que as condições do primeiro levaram o Egipto a ser essencialmente pacífico e isolado do exterior. Quanto ao Império Novo, as invasões hicsas mostraram aos faraós que as suas fronteiras eram mais permeáveis do que inicialmente pensavam, logo optaram por uma atitude ofensiva que levou às expedições da XVIII e XIX dinastias<sup>135</sup>. Criou-se assim na ideologia egípcia um ímpeto expansionista que levou à conquista de zonas periféricas<sup>136</sup>. Parece pouco correcto pensar que o Egipto do Império Médio tinha as características

---

<sup>132</sup> WILLIAMS, «Serra East and the mission of Middle Kingdom», in *Gold of Praise: Studies of Ancient Egypt*, p. 439.

<sup>133</sup> Grande parte dos estudos sobre o imperialismo egípcio foi feita por antropólogos, logo os ensaios eram sobretudo apenas sobre aspectos específicos, não havendo uma ligação com o contexto ou história em geral. Atualmente começa a haver uma maior preocupação para com uma abordagem de maior espectro; cf. SMITH, *Askut in Nubia*, pp. 78-79.

<sup>134</sup> O investigador Zibelius-Chen defende que não deve ser utilizado o termo imperialismo nos mesmos moldes do que foi feito durante o século XIX; ou seja, segundo este, uma sociedade do Mundo Antigo como a egípcia não teria as mesmas características, nem a capacidade tecnológica para dominar num sistema imperialista outra região; cf. Idem, «State and Empire in the Middle and New Kingdoms», in *Anthropology and Egyptology*, p. 66.

<sup>135</sup> Idem, *Askut in Nubia*, p. 79.

<sup>136</sup> Idem, «State and Empire in the Middle and New Kingdoms», in *Anthropology and Egyptology*, p. 68. Em todo o caso, as regiões submetidas na periferia do Egipto nunca foram formalmente anexadas ao país das Duas Terras.

defendidas por John Wilson. Em primeiro lugar, o elevado número de campanhas militares, tanto no Norte como no Sul, realizadas ao longo da XII dinastia, mostram que o Egipto desta época era bastante militarizado<sup>137</sup>, algo ainda reforçado pela construção e manutenção das fortalezas da segunda catarata. Em segundo lugar, a própria edificação das fortificações mostra o receio que os faraós tinham contra a ameaça crescente que vinha do Sul. William Adams, outro autor que analisa o imperialismo na Núbia, fala-nos mesmo num processo que durou dois milénios, desde os inícios do Egipto faraónico até ao seu declínio, o qual assentava essencialmente num monopólio comercial armado e mantido pelas constantes campanhas militares, mas sobretudo pelas fortalezas que foram construídas na região da segunda catarata<sup>138</sup>.

Para uma eficaz defesa do território era essencial haver um sistema operativo de comunicações. A distância que algumas fortalezas tinham entre si por vezes não permitia que houvesse contacto directo entre elas<sup>139</sup>, e para superar tal dificuldade os egípcios construíram entre as fortalezas e para o interior uma série de torres de vigia<sup>140</sup> (figura 6) que faziam ligar a «teia» entre as várias estruturas. As fortificações que ficavam a norte de Chalfak (Askut, Mirguissa, Buhen), eram ligadas por torres de vigia como Murchid e Gemai<sup>141</sup>, mas também por postos sinaleiros<sup>142</sup>. Todas estas pequenas estruturas estavam colocadas na margem oeste do Nilo<sup>143</sup>, tal como as fortalezas, com a excepção de Kumma. A opção por edificar nesta margem é relativamente fácil de perceber, já que era necessário que as torres e postos tivessem um contacto próximo com as fortificações, tanto por razões de natureza visual, já que era imperioso uma visão clara entre si, mas também porque estas estruturas eram

---

<sup>137</sup> Ver capítulo I, pp. 17-35.

<sup>138</sup> ADAMS, *Nubia, Corridor to Africa*, pp. 191-192.

<sup>139</sup> A fortaleza de Askut está a 22 km de Mirguissa e a 9 km de Chalfak, a fortificação que lhe está mais próxima; cf. SMITH, «Askut and the Role of the Second Cataract Forts», *JARCE*, p. 109.

<sup>140</sup> Para além da figura 6, há também uma pequena peça, talvez de um jogo de tabuleiro oriunda de um cemitério real em Abido. É precisamente a partir destas imagens que é possível fazer uma reconstituição do que seria uma torre de vigia egípcia na Núbia. A torre de vigia apresenta um formato em cone ou rectangular com uma construção em tijolos de barro com suportes em madeira. A entrada, por razões de segurança, era no andar superior e o acesso feito por uma escada; cf. VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, pp. 20-21.

<sup>141</sup> SMITH, «Askut and the Role of the Second Cataract Forts», *JARCE*, p. 117.

<sup>142</sup> No contexto da presença egípcia na Núbia, não é clara a diferença entre torres de vigia e postos sinaleiros. Teriam as torres mais presença militar? Seriam estas mesmas capazes de se defenderem em caso de um ataque? Os postos sinaleiros eram exclusivamente usados para servirem de interfaces de comunicações entre fortalezas? Teriam um papel de complementaridade? Ou seja, tinham funções diferentes, embora funcionassem como um conjunto, implicando a necessidade de estarem sempre próximas? Haveria torres de vigia que também eram postos sinaleiros? Estas são perguntas ainda com poucas respostas, até porque o natural isolamento deste tipo de estruturas torna mais difícil à arqueologia descobrir e consequentemente escavar tais contextos.

<sup>143</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, p. 74.

mantidas por militares oriundos das fortalezas<sup>144</sup>, que, segundo Carola Vogel, seria uma média de oito soldados por torre<sup>145</sup>. Esta presença de soldados dos fortes vizinhos torna estas torres e postos defensivos extensões da capacidade de controlo e de supervisão do território por parte de cada fortificação. A comunicação era feita naturalmente a partir de sinais de fumo, que permitiam às guarnições egípcias saber se uma caravana ou embarcação comercial se aproximava, ou, num âmbito mais militar, se uma frota fluvial núbia estava a aproximar-se, ou se um grupo armado estava a atravessar o deserto e a contornar as fortificações.

Uma das torres de vigia mais importantes no contexto da segunda catarata ficava sobre o relevo de Abusir na Núbia, que tinha uma posição privilegiada sobre a mesma e os seus sinais de fumo seriam vistos em Buhen e Mirguissa<sup>146</sup>. A figura 6 permite-nos perceber como era organizada uma torre de vigia egípcia. Em primeiro lugar esta era dividida em três andares, sendo o primeiro usado para armazenar os mantimentos, já que é possível ver recipientes cerâmicos (ânforas) onde eram colocado os alimentos, no canto inferior direito é também possível ver aquilo que aparenta ser a entrada da torre, apresentando assim uma característica diferente de outras representações, onde a entrada é feita no último piso. No segundo andar da torre está o dormitório e o local de preparação dos soldados, no último o arsenal, onde surgem representados arcos e flechas, escudos e machados.



**Figura 6** - Representação de uma torre de vigia com três andares. Cena encontrada no túmulo de Mahu, o chefe da polícia em Amarna. [Extraído de VOGEL, *The Fortifications of Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 39].

<sup>144</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, p. 74.

<sup>145</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 21.

<sup>146</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, p. 74.

Como já foi dito, há referências em inscrições ao receio dos faraós e oficiais egípcios à chegada de uma possível frota kuchita<sup>147</sup>. Esta terá sido a principal razão para a construção das fortalezas na área da segunda catarata. A ameaça que Kerma representava para os interesses egípcios na Baixa Núbia, e até mesmo para o território tradicionalmente atribuído ao Egito, levou os reis a construírem estas fortificações para bloquearem possíveis ataques contra as possessões egípcias. A dimensão das estruturas, as patrulhas, as torres de vigia e o local de construção dos fortes, evidenciam a preocupação que o Egito tinha com o perigo que estava fixado a montante de Semna Sul.

Antes de continuar a desenvolver a temática das fortificações e da forma como o Antigo Egito se fixou na Baixa Núbia, há que analisar um pouco mais o domínio de timbre imperialista feito sobre a região. Como se pode ver na tabela fornecida<sup>148</sup> (tabela 1), a presença egípcia em Uauat é claramente de cariz imperial e não colonial. Em primeiro lugar, e como vai ser desenvolvido no subcapítulo 2.3, não houve de todo um desaparecimento dos povoados indígenas, e as autoridades egípcias naquela região permitiram inclusive que o Grupo C mantivesse muita da sua cultura original<sup>149</sup>, deixando nas mãos de alguns nativos a produção de certos bens materiais, embora tendo sempre como base a economia da potência conquistadora. A contrapor ao modelo imperial do Egito do Império Médio, há o forte colonialismo do Império Novo, que transportou Uauat e mais tarde Kuch para a matriz social, económica, administrativa e religiosa egípcia<sup>150</sup>, como será provado pela XXV dinastia de origem núbia com forte tradição, que tentou impor no Egito os velhos cânones do Império Antigo<sup>151</sup>. A presença do Egito na Baixa Núbia durante a época aqui tratada nunca foi muito ampla, ou seja, não houve, na maioria dos casos, uma deslocação de massas populacionais do Norte para o Sul de forma a alterar à sua imagem a região recentemente conquistada. Assim, a presença egípcia foi sim mais intensa no sentido militar, com as campanhas e construção de fortalezas, no aspecto económico e numa dimensão administrativa<sup>152</sup>. Por outro lado, não se deve subestimar a construção de templos na Núbia, uma outra forma de impor a presença faraónica na região, sendo venerados nesses templos deuses egípcios e mesmos núbios, sobretudo no Império Novo.

---

<sup>147</sup> WILLIAMS, «Serra East and the mission of Middle Kingdom», in *Gold of Praise: Studies of Ancient Egypt*, p. 444

<sup>148</sup> SMITH, «State and Empire in the Middle and New Kingdoms», in *Anthropology and Egyptology*, p. 67.

<sup>149</sup> *Ibidem*.

<sup>150</sup> *Idem*, p. 68.

<sup>151</sup> ARAÚJO, *Os Grandes Faraós*, pp. 209-210.

<sup>152</sup> SMITH, «State and Empire in the Middle and New Kingdoms», in *Anthropology and Egyptology*, p. 68.

	COLONIALISMO	IMPERIALISMO
<b>Erradicação</b>	Desaparecimento de todo o habitat local.	População indígena reposta pela cultura colonial.
<b>Aculturação</b>	Cultura indígena muda para a cultura do colonizador.	Mudança do modelo económico indígena para o modelo imperial.
<b>Equilíbrio</b>	Povoações separadas entre as duas culturas.	Manutenção da cultura indígena com uma pequena presença imperial.

**Tabela 1** – Matriz de Horvath/Bartel sobre a forma de como a cultura dominante actua sobre outra. [Extraído de SMITH, «State and Empire in the Middle and New Kingdoms», in *Anthropology and Egyptology*, p. 67].

## 2. FORTIFICAR PARA ATACAR

As fortificações egípcias da segunda catarata são estruturas dinâmicas que, para além de terem as características e funções defensivas, já mencionadas, também apresentam uma outra face, uma vertente agressiva para com os inimigos do faraó. O imperialismo<sup>153</sup> egípcio que foi inaugurado no Império Médio veio em muitos dos casos colidir contra as políticas em voga durante os períodos anteriores. Em primeiro lugar, logo devido à diferente tipologia comercial feita no Império Antigo, que na maior parte dos casos era pacífica. No Império Médio, as necessidades da época obrigaram os egípcios a optar por outras políticas militares e económicas<sup>154</sup>, que levaram, entre outros factores, à construção das fortificações egípcias da Baixa Núbia. Estas estruturas, para além das próprias defesas, como as torres, muralhas e fosso<sup>155</sup>, que de certo modo também podiam ser ofensivas, tinham ainda um papel muito importante no apoio de campanhas militares<sup>156</sup>. As numerosas campanhas militares dos faraós

<sup>153</sup> S. Eisenstadt, no seu trabalho sobre o imperialismo, divide os sistemas imperiais em dois campos: o «patrimonial», que apresenta alguma diferenciação entre o centro do poder e a periferia, e uma considerável conexão entre as zonas, e os «imperiais», em que há uma grande diferença dentro das várias regiões do império e a ligação entre elas é muito reduzida. Segundo Stuart Tyson Smith, o autor foi levado em erro quando aplicou estes modelos ao Antigo Egipto, porque ele não teve em conta as regiões que tinham sido controladas pelos egípcios como a Núbia ou a Síria-Palestina. Assim, Eisenstadt vê o Egipto como um império «patrimonial» com alguma homogeneidade entre si; cf. SMITH, *Askut in Nubia*, pp. 84-85. Tendo em conta o modelo de Eisenstadt, e sabendo o quão diferentes são as regiões anexadas pelos egípcios durante os Império Médio e Novo, o império egípcio era mais compatível com o modelo «imperial» do que o «patrimonial».

<sup>154</sup> Ver subcapítulo 2.3, pp. 53-70.

<sup>155</sup> Ver capítulo III, pp. 70-94.

<sup>156</sup> WILLIAMS, «Serra East and the mission of Middle Kingdom», in *Gold of Praise: Studies of Ancient Egypt*, p. 439.

da XII dinastia foram numa primeira fase para conquistar Uauat como a seguinte inscrição de Korosko indica:

Ano 29 de sua majestade, rei do Alto e Baixo Egipto, Sehetepibré, que viva eternamente. Nós viemos para derrubar Uauat<sup>157</sup>.

Para além desta inscrição, datável do reinado de Amenemhat I, outros faraós revelaram as suas intenções de expandir a sua fronteira, como Senuseret I e Senuseret III<sup>158</sup>. Estas intenções, pelo menos no âmbito do Império Médio, foram de cariz maioritariamente económico, ou seja, os faraós da XII dinastia realizaram estes empreendimentos militares com vista a ter acesso às várias matérias-primas de que necessitavam, usando as fortalezas como infraestruturas de manutenção dessa aquisição<sup>159</sup>. Numa segunda fase, depois de conquistada a Baixa Núbia, os reis egípcios centraram-se na chefatura de Kerma em Kuch. Foi principalmente Senuseret III o que mais campanhas militares dirigiu contra este inimigo, que como vimos anteriormente era a real ameaça às pretensões egípcias e não as populações nómadas e seminómadas de Uauat. Na forte expressão «para derrubar o derrotado Kuch», atribuída à primeira campanha de Senuseret III na Núbia, fica evidente o seu objectivo aquando da realização da expedição militar<sup>160</sup>. Uma outra inscrição mais tardia, oriunda da fortaleza de Kumma, datável do reinado de Amenemhat III, e pertencente a um alto funcionário egípcio, relata uma operação naval levada a cabo por este oficial contra os rebeldes núbios:

[...] Eu naveguei pelo rio com os meus soldados sem ter qualquer baixa nas terras da Núbia. Eu não enviei ninguém para a cadeia mas destruí e matei os rebeldes para louvor do rei.<sup>161</sup>

O último monarca da XII dinastia a tentar conquistar a chefatura de Kerma terá sido Senuseret III, já que a partir deste os seus sucessores limitaram-se a manter o que já tinha sido alcançado no seu reinado. Por fim há que referir também a importância do rio Nilo no planeamento das campanhas militares, pois este é a principal via de deslocação das tropas,

---

<sup>157</sup> BREASTED, *Ancient Records of Egypt*, p. 228.

<sup>158</sup> SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 16.

<sup>159</sup> MCDERMOTT, *Warfare in Ancient Egypt*, p. 45.

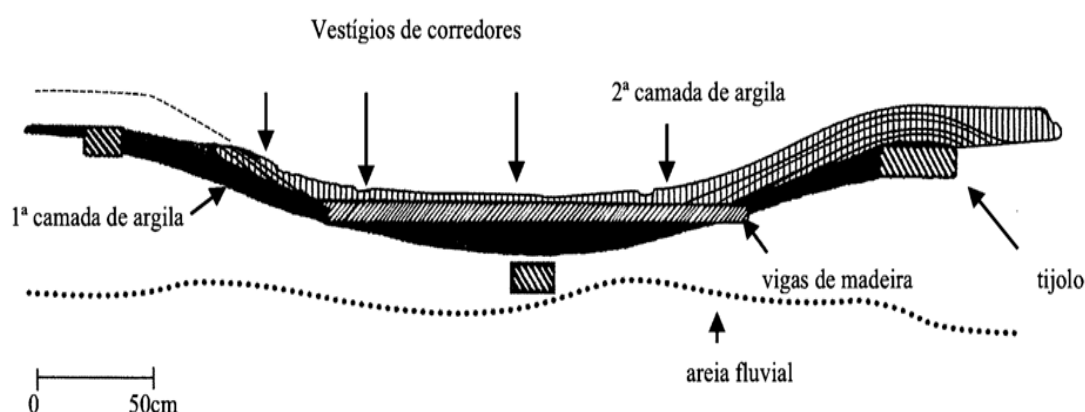
<sup>160</sup> Pensa-se que na época de Senuseret III a população egípcia tivesse a capacidade de fornecer cerca de 25 000 soldados para o faraó utilizar nas suas campanhas, mas se tivermos em conta as guarnições dos fortes, tanto na Baixa Núbia, como no Norte do Egipto, segundo Bruce Williams, o exército propriamente dito fica reduzido a cerca de 15 000 a 17 500 efectivos; cf. WILLIAMS, «Serra East and the mission of Middle Kingdom», in *Gold of Praise: Studies of Ancient Egypt*, p. 438. Este autor não refere o uso dos soldados núbios nos exércitos, ficando-se assim sem saber se este conta com eles para a estimativa realizada. Se não, então o número de soldados do exército faraónico pode subir consideravelmente; TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, pp. 67-68.

<sup>161</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 53.

como é provado pela construção do canal, já citado, na zona da primeira catarata, com o nome de «Belos são os Caminhos de Khakauré»<sup>162</sup> (figura 7). Tal é possível verificar numa expressiva inscrição:

Ano 8 de sua majestade, o rei do Alto e Baixo Egipto: Khakauré, que viva eternamente. Sua majestade ordenou que o canal fosse renovado, com o nome de «Belos são os Caminhos de Khakauré que viva para sempre», quando sua majestade ia pelo rio acima para derrotar Kuch, o miserável [...]<sup>163</sup>.

Aqui podemos ver o faraó Senuseret III a mandar reconstruir o canal, que tinha ficado danificado por razões não explícitas, para fazer uma investida contra Kuch por via fluvial. É compreensível a utilização do rio como principal meio de transporte, porque a deslocação por via terrestre, sendo feita em pleno deserto, seria muito difícil e sujeita a emboscadas feitas por



**Figura 7** – Rampa de Lançamento para embarcações nilóticas. [Adaptado de VOGEL, *The Fortifications of Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 177].

hostes melhor conhecedoras do terreno. Esta referência ao Nilo, leva-nos directamente à questão das fortalezas e da sua importância como apoio às campanhas militares, que vai ser tratada de seguida. Afinal de que forma as fortalezas egípcias colaboravam com as acções militares na Núbia?

<sup>162</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, p. 67. Na inscrição redigida para evocar o acontecimento está a referência à construção do referido canal: «Ele fez o monumento para Anuket como se fosse seu, senhora da Núbia, [...], fazendo para ela o canal, com o nome de «Belos são os caminhos Khakauré», que ele possa viver para a eternidade; cf. BREASTED, *Ancient Records of Egypt*, p. 291. Anuket era uma deusa local, venerada na área da primeira catarata como filha de Khnum e Satet; cf. SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 301-302.

<sup>163</sup> BREASTED, *Ancient Records of Egypt*, p. 292.



As fortalezas na área da segunda catarata tiveram um papel preponderante no apoio às campanhas referidas anteriormente, como muito bem se detecta pelos nomes destas: «Para conquistar os países estrangeiros» (Chalfak), «Expulsar os Iuntiu» (Uronarti) e «Conquistador da Núbia» (Semna Sul)<sup>164</sup>. Esta última fortaleza está situada exactamente no limite do território controlado pelo Egipto, mas, como vimos anteriormente, esta não é considerada a fortaleza que marca a fronteira com Kuch, é sim Semna Oeste, que fica um quilómetro para norte<sup>165</sup>. Qual era o papel desta fortaleza na rede de fortificações? Bruce Williams diz-nos que as estruturas construídas na segunda catarata não tinham apenas na sua natureza o conceito de defesa, referindo que algumas delas especializaram-se em outras funções como apoio para campanhas militares, onde está incluída a fortaleza de Semna Sul, mas também Buhen e Mirguissa, outras como depósito para mantimentos, tal como Askut, e por fim outras com um cariz mais administrativo, como é o caso de Uronarti<sup>166</sup>.

Quanto à primeira dimensão ofensiva das fortalezas acima descrita, esta mostra que as campanhas egípcias em Kuch eram longas e necessitavam de um firme apoio logístico próximo<sup>167</sup>, que seria fornecido principalmente por Semna Sul, enquanto Buhen e Mirguissa teriam funções mais focadas na preparação e na organização do exército. Buhen é o paradigma da fortificação egípcia, pois para além de ter sido a primeira a ser erigida na segunda catarata, foi durante o Império Médio o quartel-general dos egípcios destacados para conquistar a Núbia, tornando-se assim um elemento importante na demanda expansionista egípcia<sup>168</sup>, permitindo a realização de investidas em direcção à Alta Núbia<sup>169</sup>. A própria capacidade de aquartelamento leva a crer que muitos efectivos eram mantidos nesta fortaleza e principalmente em Mirguissa<sup>170</sup>. No caso desta destacou-se a presença de uma rampa que facilitava a travessia dos difíceis rápidos de Kabuka para as embarcações militares e civis, e as evidências arqueológicas que colocaram a descoberto arsenais tanto nesta fortaleza como

---

<sup>164</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 16. Os Iuntiu referidos na designação egípcia de Uronarti são um grupo populacional núbio aparentado aos Medjaiu; cf. CORREIA, «Núbios», in *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 631.

<sup>165</sup> Provado tanto pelos «Despachos de Semna» como pelas estelas fronteiriças que foram encontradas em Semna Oeste.

<sup>166</sup> WILLIAMS, «Serra East and the mission of Middle Kingdom», in *Gold of Praise: Studies of Ancient Egypt*, p. 447.

<sup>167</sup> *Ibidem*.

<sup>168</sup> MCDERMOTT, *Warfare in Ancient Egypt*, p. 47.

<sup>169</sup> KEMP, «Old Kingdom, Middle Kingdom and Second Intermediate Period c. 2686-1552 BC», in *Ancient Egypt, A Social History*, p. 125.

<sup>170</sup> VOGEL, «Master Architects of Ancient Nubia» in *Between Cataracts*, p. 421.

em Buhen<sup>171</sup>. Seriam estas armas produzidas no local? Uma das razões que levaram o Egípto a conquistar a Baixa Núbia foi sem dúvida a riqueza mineral que esta possuía, logo, e tendo em conta a normal e intensa organização egípcia, é de supor que a produção de armas fosse local com a actividade de metalurgistas egípcios mas aproveitando certamente alguns especialistas locais. Para além deste aspecto, já durante o Império Antigo Buhen era um povoado fortificado egípcio com claras funções de fundição de metais, neste caso o cobre<sup>172</sup>.

A edificação de Semna Sul é uma evidência clara que os faraós ou os seus oficiais sentiram a necessidade de ter o mais próximo possível a norte um forte que lhes fornecesse para além de mantimentos e apoio humano, também abrigo em caso de retirada. A própria tipologia de construção desta fortificação<sup>173</sup>, mostra que a principal função era auxiliar no ataque e não ajudar na defesa. A distância que ficava entre os exércitos e os grandes centros de apoio criou na estratégia egípcia sérios problemas, e assim, como forma de os resolver, principalmente Senuseret III mandou construir as fortalezas que foram referidas<sup>174</sup>, neste caso concreto, Semna Sul. Estas evidências tornam clara a importância destas fortalezas na logística das campanhas militares da XII dinastia, como é referido por Bruce Williams quando este diz: «Within the continuous historical record available as precedent to the early Middle Kingdom, fortresses had not only been important, they had often been essential to the outcome of a campaign»<sup>175</sup>.

Um dos factores mais sensíveis de um exército em campanha é o apoio que este precisa de receber. Se esse auxílio não chegar, todo o empreendimento pode ser posto em causa, tal como aconteceu, por exemplo, na invasão napoleónica e na invasão nazi da Rússia. Há cerca de três milénios atrás, os faraós do Império Médio depararam-se com o mesmo problema de apoio logístico, não tanto pela distância mas mais devido à dificuldade em transitar em algumas zonas do rio Nilo.

Para além do tipo de apoio acima referido, outras fortalezas foram construídas para facultar um auxílio diferente. A segunda dimensão de apoio aos exércitos consiste no fornecer de mantimentos aos efectivos egípcios em campanha. A relativamente pequena fortaleza de

---

<sup>171</sup> No arsenal de Mirguissa foram encontrados escudos, pontas de dardo em pedra e pontas de seta em forma de crescente; cf. TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, p. 71.

<sup>172</sup> ADAMS, *Nubia, Corridor to Africa*, pp. 172-173. Parte do tributo devido pelos Núbios ao Egípto era entregue em metais; cf. CORREIA, «Núbios», in *Dicionário do Antigo Egípto*, p. 631.

<sup>173</sup> Ver subcapítulo 2.3, pp. 52-70.

<sup>174</sup> WILLIAMS, «Serra East and the mission of Middle Kingdom», in *Gold of Praise: Studies of Ancient Egypt*, pp. 445-446.

<sup>175</sup> Idem, p. 439. Note-se que estas características irão de novo ser úteis nas campanhas levadas a cabo pelos reis da XVIII dinastia para reocupação da Núbia.

Askut foi o principal centro armazenador destes produtos, devido aos grandes armazéns que as escavações arqueológicas revelaram<sup>176</sup>. A estimativa feita à capacidade destes espaços mostrou que Askut sozinha podia alimentar durante um ano 5 628 pessoas<sup>177</sup>, levando assim autores como Barry Kemp, a atribuírem a esta fortificação o título de «celeiro fortificado». Segundo este autor, o total de capacidade de armazenamento, quer em Askut, quer noutros sítios, excede em muito o que seria necessário para alimentar as guarnições das fortalezas<sup>178</sup>, chegando assim à conclusão que todas elas tinham a função de apoiar com mantimentos as campanhas militares<sup>179</sup>.

Se tivermos em conta simplesmente os soldados destacados nas fortificações, sim, claramente havia demasiado alimento para poucos efectivos. Mas estariam sempre cheios estes celeiros? A possibilidade de maus anos agrícolas poderia implicar a redução de mantimentos e os oficiais egípcios teriam de estar preparados para tal situação. Assim seria necessário dar alguma margem de manobra e ter em conta factores como este. Qual era a origem dos alimentos? Regional? Egípcia? As fortalezas da segunda catarata foram edificadas numa das zonas mais pobres em termos agrícolas de toda a Baixa Núbia<sup>180</sup>, tornando assim aparentemente impossível a primeira hipótese. Por outro lado, convém sublinhar a existência do comércio oriundo do Sul da chefatura de Kerma, muito bem referenciado nos «Despachos de Semna»<sup>181</sup>. Aparentemente, Barry Kemp não teve em conta para as suas estimativas a realidade de as famílias acompanharem os soldados para as fortalezas<sup>182</sup>, fenómeno que altera drasticamente a demografia de uma fortificação<sup>183</sup>, elevando a taxa pelo menos para mais um indivíduo. Que tipo de família era levado? Só mulher e filhos ou outros graus de parentesco? Não há resposta a estas perguntas, mas sem dúvida que a presença das famílias no contexto militar das fortificações iria obrigar as fortalezas a terem mais capacidade de armazenagem.

Askut é realmente a única que excede em muito a sua capacidade em relação à sua necessidade demográfica, o que a torna a principal fornecedora de apoio logístico às

---

<sup>176</sup> VOGEL, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 425.

<sup>177</sup> MCDERMOTT, *Warfare in Ancient Egypt*, p. 48.

<sup>178</sup> Barry Kemp, ao calcular o máximo de volume de uma fortaleza com a estimativa de mantimentos necessários por ano, pela mesma estrutura, chega aos seguintes números: o celeiro de Askut teria capacidade para alimentar 3264 a 5628 pessoas por ano, enquanto Uronarti tinha a possibilidade de apoiar 889 a 1532 pessoas, a grande fortaleza de Mirguissa por sua vez tinha capacidade para prover 2127 a 3668; cf. SMITH, «Askut and the Role of the Second Cataract Forts», *JARCE*, p. 117.

<sup>179</sup> *Ibidem*.

<sup>180</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, pp. 14-15.

<sup>181</sup> Ver subcapítulo 2.3, pp. 52-70.

<sup>182</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, p. 71.

<sup>183</sup> Toda esta temática da problemática do acompanhamento das famílias irá ser analisada mais profundamente no capítulo IV.

campanhas militares. Outro possível destino para o excedente dos celeiros de Askut são as fortalezas que ficavam a sul desta: Chalfak, Uronarti, Semna Oeste e Semna Sul. A zona da segunda catarata é um troço do Nilo onde é difícil navegar e, como vimos, o potencial agrícola da região é relativamente inexistente, situação que se prolonga por Batn el-Hagar, tornando imperioso que estas fortalezas tivessem acesso a fontes de abastecimento externas. Seriam os celeiros de Askut fornecidos por Mirguissa que, por sua vez, recebia os alimentos do poder central egípcio? Esta última era um ponto de passagem, provado pela anteriormente citada rampa de lançamento construída para superar as dificuldades naturais<sup>184</sup>, e ainda pela estela de Senuseret III.

As patrulhas egípcias na Baixa Núbia tinham como base de operações as fortalezas<sup>185</sup>. Estas são a última dimensão que podemos considerar ofensiva das fortalezas. Estas patrulhas tinham como função principal o policiamento e o controlo da circulação de pessoas e mercadorias, como é possível ver em algumas inscrições pertencentes aos «Despachos de Semna», anteriormente citados<sup>186</sup>. Estas estavam também provavelmente interligadas com as torres de vigia dispersas pelo interior. Qual era a importância destas torres para a realização das patrulhas? Seriam pontos de abastecimento? Dormitórios? Todas estas questões irão ter desenvolvimento mais adiante no último capítulo.

Por fim, registre-se que eram também utilizados auxiliares núbios juntamente com os soldados egípcios no momento do patrulhamento. A inclusão de nativos neste tipo de atividades deve-se principalmente ao conhecimento e à familiaridade com a geografia local, o que permitia uma melhor manutenção do poder faraónico no deserto e nas pistas que conduziam às pedreiras ou às minas de ouro da região<sup>187</sup>, zonas consideravelmente mais difíceis de controlar.

### **3. FORTIFICAÇÕES NO ÂMBITO ECONÓMICO, SOCIAL E ESPACIAL**

Embora uma fortaleza faça parte de uma estrutura militar, liderada e mantida por militares, esta apresenta outras funções que não apenas as de cariz bélico. O imperialismo egípcio na Núbia durante o Império Médio exerceu sobre esta região uma enorme pressão,

---

<sup>184</sup> VOGEL, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 421.

<sup>185</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, pp. 113-114.

<sup>186</sup> Ver capítulo I, pp. 17-35.

<sup>187</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 113.

impedindo as populações do grupo C de se revoltarem e terminarem com o domínio faraónico na zona<sup>188</sup>. Esta imposição era feita não só pela dimensão militar, que como já vimos tinha a sua essência na fortaleza, mas também por uma perspectiva comercial e social. Assim, a primeira dimensão destas estruturas era o controlo aduaneiro do comércio feito com o Sul. A segunda dimensão era o impacto e a influência que as fortalezas tinham nas populações núbias de Uauat e na própria vida social do Egipto, como era o caso da aplicação dos sistemas tributários. Por fim, a dimensão que está ligada a todas as outras, a relação da fortificação com a geografia, tanto com a curva de nível onde está edificada e que lhe confere melhores condições defensivas, bem como com o Nilo, que permite que estas funcionem nas suas mais variadas funções.

Neste subcapítulo analisa-se a forma como as fortalezas se enquadravam no contexto comercial, social e espacial, criando algum questionário, ao qual se tentará dar resposta.

Uma das dimensões mais evidentes que a rede de fortalezas construída na segunda catarata tinha era o controlo alfandegário das rotas comerciais que desciam e subiam o rio Nilo, como é possível ver a partir desta estela encontrada em Semna Oeste:

Fronteira sul, feita no ano 8, sobre sua majestade o rei do Alto e Baixo Egipto, Khakauré [Senuseret III] a quem é dada a vida eternamente; para prevenir que nenhum preto passe a fronteira, por água ou por terra, com barco, ou com rebanhos; excepto os pretos que venham fazer comércio com Iken [Mirguissa] ou com uma comissão. Eles devem ser bem tratados, mas não permitindo que um barco dos pretos passe por Heh [Semna?], indo a jusante<sup>189</sup>.

Neste excerto, traduzido da obra de Ian Shaw, é possível observar que um dos objectivos destas fortalezas era o controlo administrativo e económico das rotas que vinham da Núbia para o Egipto. Este autor diz mesmo que esta é a principal razão para a existência destas estruturas, sendo pouco provável que houvesse uma intenção de controlar e expandir a fronteira tendo como base de operações estes fortes<sup>190</sup>. Certamente que o controlo das rotas era uma das funções mais constantes e importantes que uma fortaleza naquela região tinha, mas parece-me que essa não era a única característica que as tornava tão importantes no contexto do controlo egípcio na Baixa Núbia. Como já foi exposto anteriormente, o controlo comercial não terá sido a principal razão da edificação destas imponentes estruturas defensivas, já que para ser possível controlar as rotas seria necessário controlar o espaço e

---

<sup>188</sup> ADAMS, *Nubia, Corridor to Africa*, p. 165.

<sup>189</sup> SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 18.

<sup>190</sup> Idem, pp. 18-19.

isso só era possível usando as fortificações como fixador de fronteira. Mas mesmo que a fronteira egípcia não estivesse tão fortificada, continuaria a haver trocas comerciais com o Sul, já que até nos períodos de maior instabilidade continuou a haver comércio com a Núbia, como é defendido por Bruce Williams: «The fortresses in Nubia represent a commitment of resources that trade cannot explain»<sup>191</sup>.

As fortalezas da segunda catarata são uma das dimensões do imperialismo egípcio na Núbia, já referido anteriormente. O sistema de interação entre as necessidades do poder imperial e a estrutura indígena criado por Susan Alcock<sup>192</sup> dá-nos uma boa ideia da essência do imperialismo egípcio naquela região. Se for aplicado este modelo ao Egito, a primeira hipótese é que as novas necessidades que os egípcios do Império Médio sentiram obrigaram estes a aumentar os níveis de exploração dos recursos em regiões estrangeiras, implicando assim uma reestruturação inevitável nos sistemas indígenas vigentes. Devido à clara falta de condições que as infraestruturas núbias apresentavam e que não eram suficientes para as necessidades do Egito, da XII dinastia viraram-se também para os recursos existentes na Síria-Palestina.

Mas são diferentes as modalidades de actuação nestas duas áreas. Na Núbia os Egípcios encontraram melhores condições para explorar a região e suprir as suas necessidades. Um exemplo destas necessidades é a maior exploração (mapa 3) dos recursos minerais na Baixa Núbia, usando a mão-de-obra nativa e alguma da pouca migração egípcia que se vinha verificando. Assim, embora a cultura do Grupo C tenha mantido uma fronteira cultural, rejeitando a egípcia, em termos físicos (fronteiras) e económicos, o controlo faraónico da região foi aparentemente total<sup>193</sup>. Este domínio económico foi em certa medida possível devido à criação de pacotes de financiamento pré-definidos que permitiram à administração egípcia local, e até a chefes tribais<sup>194</sup>, investir nos territórios da Baixa Núbia. A aplicação deste método trouxe muitos benefícios ao poder egípcio, visto que o sistema

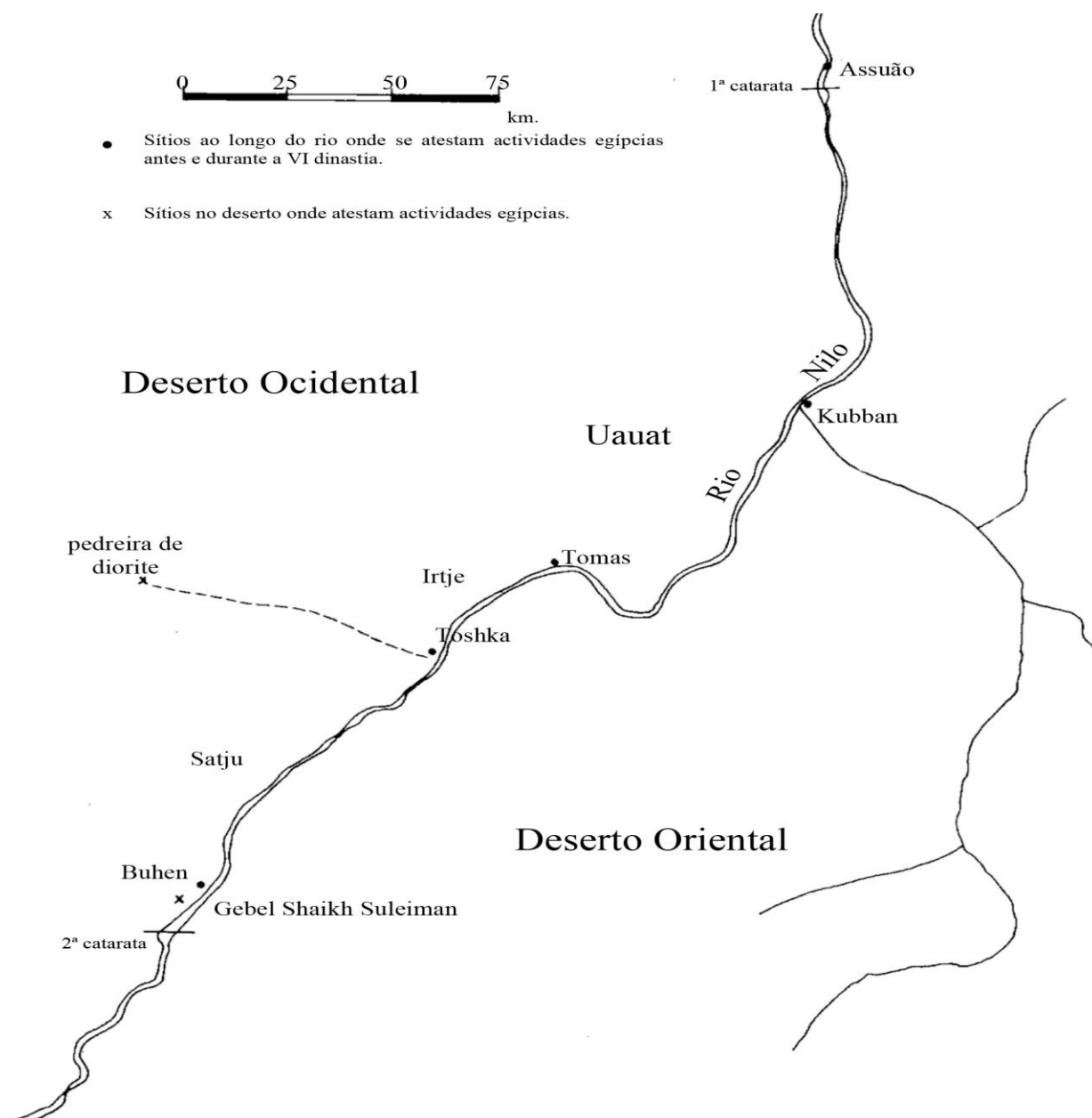
---

<sup>191</sup> WILLIAMS, «Serra East and the mission of Middle Kingdom», in *Gold of Praise: Studies of Ancient Egypt*, p. 436.

<sup>192</sup> A visão de Susan Alcock é essencialmente de cariz comercial e baseia-se numa relação de custo minimizado como estratégia principal da potência imperial. Segundo a sua teoria, o maior poder do império irá sobrepor-se ao indígena, e assim, a partir do momento em que um submete-se à superioridade do invasor, os outros seguem. Em termos concretos de exploração económica, quando as infraestruturas não são suficientes para suportar as necessidades imperiais, constroem-se novas; cf. SMITH, *Askut in Nubia*, p. 90.

<sup>193</sup> SMITH, *Askut in Nubia*, pp. 90-91.

<sup>194</sup> Este modelo deve ter contribuído para uma aculturação dos povos nativos, apesar de esta ter sido reduzida durante o Império Médio, já que o sucesso desta aplicação foi elevado e permitiu a intensificação de várias atividades como a agricultura e a pastorícia; cf. Idem, p. 93.



**Mapa 3** – Explorações egípcias durante o Império Antigo. [Adaptado de TRIGGER, *Nubia Under the Pharaohs*, p. 55].

económico inter-regional com estes pacotes tornou a exploração dos recursos locais mais eficaz, trazendo assim mais vantagens para o Egipto<sup>195</sup>.

Eram inúmeros os bens comercializados e transportados pelo Nilo, desde os recursos minerais, como o ouro e cobre, aos recursos animais e humanos. Era sobre estas três dimensões que o padrão comercial imperial egípcio estava apoiado, ficando de uma forma geral os dois últimos nas mãos de núbios, com a exploração dos minerais a cargo de um funcionário egípcio enviado pelo faraó. Existe uma clara diferença entre o modelo comercial

<sup>195</sup> SMITH, *Askut in Nubia*, p 93.

verificado durante o Império Antigo e o que entrou mais tarde em uso no Império Médio<sup>196</sup>. No Império Antigo, o comércio era, tirando algumas exceções com alguns chefes tribais próximos da fronteira egípcia em Elefantina, pacífico, enquanto no Império Médio foi instaurado um período de monopólio comercial armado, controlado pelas fortalezas nilóticas e por entrepostos edificadas no interior<sup>197</sup>.

A emergência do Grupo C e da chefatura de Kerma terão tido um papel central na mudança deste paradigma de um período para o outro. As dificuldades que o Egito sentiu com estas novas populações, as quais tinham prosperado durante o Primeiro Período Intermediário, devem ter sido uma das razões que levaram à necessidade de fortificar a fronteira, bem como o Nilo que banhava as margens da Baixa Núbia. Para além destes problemas, as próprias características da região não facilitavam as trocas comerciais pelo rio. Como veremos posteriormente, na região de Batn el-Hagar a navegação era difícil, e em certas alturas do ano era mesmo impossível, o que obrigava os comerciantes a deslocarem-se por terra e assim estarem expostos a salteadores<sup>198</sup>. Terá sido uma das razões que levou os egípcios a construírem um grande número de fortalezas nesta região? Como se sabe, partiam das fortalezas constantes missões de patrulha que tinham o objectivo de garantir a segurança da região, algo que englobaria certamente as rotas comerciais.

Os «Despachos de Semna», são uma fonte muito importante para o estudo da forma como estas fortalezas funcionavam durante a XII dinastia, dado que estas cartas descrevem, em alguns excertos, acontecimentos onde as fortalezas estiveram envolvidas. Dos cinco despachos que se conhecem, dois fazem uma referência explícita à prática do comércio, dizendo:

[...] Núbios [chegaram no ano] 3, quarto mês da segunda estação, dia 7, ao [final da tarde] para fazer algum comércio. O que [eles] trouxeram foi trocado [...] a troca dos mesmos. [...] Seis outros núbios chegaram à fortaleza «Poderoso é Khakauré, justificado» para fazer comércio com a mesma [...] no quarto mês da segunda estação, dia 8. O que eles trouxeram foi trocado. Eles navegaram para sul no mesmo dia para o sítio de onde vieram. (79. P. BM 10752, rt. 1.)

---

<sup>196</sup> Segundo William Adams, o objectivo final das expedições militares no Império Antigo e das campanhas no Império Médio era idêntico. Ambas tinham a intenção de alcançar as terras inférteis do Iam e não as zonas férteis das margens nilóticas, incluindo aí a construção das fortalezas, como meio para atingir esse fim. À altura da publicação do livro em questão ainda não havia conhecimento acerca do sítio exacto onde ficava esta região, julgando-se que se situava a sul da segunda catarata. Qual a razão que levou os faraós a ter interesse nesta zona? Poderia ser para ter acesso a recursos minerais; cf. ADAMS, *Nubia, Corridor to Africa*, p. 186.

<sup>197</sup> ADAMS, *Nubia, Corridor to Africa*, pp. 165-166.

<sup>198</sup> Idem, p. 27.



[...] A resposta a esta expedição foi feita no despacho enviado a ele sobre os núbios que chegaram à fortaleza «Poderoso é Khakauré, justificado» no quarto mês da segunda estação, dia 7, ao final da tarde foram enviados para o lugar de onde vieram no quarto mês da segunda estação, dia 8, pela manhã. (83. P. BM 10652, rt. 5<sup>199</sup>.)

A análise destes dois excertos revela um factor interessante: o comércio feito com a Núbia foi sempre descrito para a mesma altura do ano, no quarto mês da segunda estação<sup>200</sup>. Por que razão apenas há referência de trocas nesta fase do ano? Seria o rio Nilo inavegável naquela zona durante as outras fases do ano? Ou é neste período que é feito o relatório? Se assim for isso implicava ser feito apenas uma vez por ano, o que poderia tornar difícil administrar a partir destes relatórios. Qual era a frequência de envio destas cartas? Estas são perguntas algo difíceis de responder mas, por exemplo, se o rio fosse intransitável durante todo o resto do ano isso ia tornar as fortalezas da zona mais focadas no deserto ocidental e menos no próprio rio, o que aparentemente não parece acontecer.

Estes despachos foram redigidos em Semna Oeste, ou seja, é aqui que chegam os comerciantes para vender o seu produto. Sabe-se que mais a montante há ainda a fortaleza de Semna Sul. Por que razão não era aí feito o entrecâmbio de produtos? Provavelmente as características da fortaleza não estavam vocacionadas para tal tarefa, provando assim que nem todas as fortalezas tinham uma dimensão comercial.

Um dos excertos dá-nos informações importantes acerca de quais eram as condições para os estrangeiros, neste caso concreto os núbios, poderem fazer comércio com a fortaleza de Semna Oeste, e, conseqüentemente, com todo o Egipto. Aparentemente os comerciantes tinham de ter uma «licença» que desse acesso à economia da estrutura, tornando assim aqueles conhecidos e mais fáceis de controlar pelas autoridades egípcias. Esta é uma das primeiras alterações que as fortalezas egípcias impuseram às populações da Baixa Núbia.

A cultura egípcia sempre teve uma enorme influência nas populações núbias, que eram por vezes consideradas como «bárbaras», mas com o tempo elas foram gradualmente reorganizadas de acordo com a cultura egípcia. A aculturação sempre foi uma constante em todas as fases de contacto entre os dois países, por vezes imposta de uma forma pacífica, noutras alturas de uma forma agressiva. No caso concreto do Império Médio, Torgny Säv-Söderbergh considera que a pouca aculturação verificada durante este período deve-se

---

<sup>199</sup> SMITHER, «The Semna Dispatches», *JEA*, pp. 3-10. Há ainda um despacho, já referido no capítulo I, onde o comércio é mencionado.

<sup>200</sup> A segunda estação do ano era a de Peret (ou «Saída das Águas»).

principalmente à ocupação militarizada da Baixa Núbia e à forma como as populações autóctones a aceitaram<sup>201</sup>. William Adams compara, inclusive, o «colonialismo» egípcio do Império Médio com o que foi feito pelos países europeus em outros continentes, como foi o caso de Portugal e dos Países Baixos<sup>202</sup>. Esta aculturação é verificada nas origens de alguns monarcas egípcios como é o caso do já referido Amenemhat I e da dinastia egípcia de origem núbia, a XXV dinastia (c. 715-664 a. C.)<sup>203</sup>. A chegada do exército de Senuseret I a Uauat alterou inevitavelmente a situação da região e quem lá estava estabelecido, mas as fortalezas em si não terão tido uma relevância considerável nas populações do Grupo C, pelo menos os fortes da segunda catarata. As situadas a norte de Buhen, como Aniba e Serra Este, terão sido construídas numa perspectiva de controlo populacional<sup>204</sup>, o que se entende devido à maior proximidade que estes povoados tinham em relação à cidade de Elefantina. Estas fortalezas terão sido construídas no Império Antigo<sup>205</sup>.

Obviamente a sua imponente terá ajudado à subjugação do povo núbio, mas talvez num processo posterior<sup>206</sup>, já que estas estruturas foram construídas em zonas bastante distanciadas dos grandes centros populacionais do Grupo C<sup>207</sup>, condicionando realmente a vida dos núbios, mas apenas ao nível militar e comercial. Até porque, segundo William Adams, se a subjugação da região fosse feita exclusivamente pelas forças militares estacionadas nas fortalezas, a ocupação egípcia tinha sido mais curta, porque um domínio assim apresentava-se mais como um sinal de fraqueza do que força.

O objectivo dos faraós ao construírem as fortalezas na segunda catarata não era condicionar totalmente as populações núbias. Até porque, como já vimos, a arqueologia e os dados da literatura mostram que a coexistência entre egípcios e núbios era, em algumas dimensões, pacífica. O envio de «colonos», defendido por Stuart Tyson Smith, a partir das evidências arqueológicas, mostra uma tentativa do Egipto em moldar a região à sua imagem e, assim, controlar as tribos nativas<sup>208</sup>. Estas migrações foram numa primeira fase reduzidas e só mais tarde, no final do período, é que a presença de populações egípcias passou a ser mais intensa. No final do Império Médio, os egípcios fixados na Baixa Núbia começaram a ser

---

<sup>201</sup> SMITH, *Askut in Nubia*, p. 80.

<sup>202</sup> ADAMS, *Nubia, Corridor to Africa*, p. 166.

<sup>203</sup> ARAÚJO, *Grandes Faraós*, p. 32.

<sup>204</sup> ADAMS, *Nubia, Corridor to Africa*, p. 187.

<sup>205</sup> WILLIAMS, «Serra East and the mission of Middle Kingdom», in *Gold of Praise: Studies of Ancient Egypt*, p. 443.

<sup>206</sup> Por relação posterior, entenda-se como uma consequência que *a priori* não tinha sido contemplada, ou pelo menos não foi a principal razão para a construção das fortalezas.

<sup>207</sup> ADAMS, *Nubia, Corridor to Africa*, p. 183.

<sup>208</sup> SMITH, *Frontiers in Ancient Egypt*, pp. 215-216.

sepultados em grande quantidade na região, incluído militares e oficiais juntamente com as suas famílias<sup>209</sup>. Esta nova realidade mostra uma maior presença humana de origem egípcia na zona, o que poderia alterar a forma de como algumas fortalezas eram utilizadas. Seriam as guarnições agora de origem local? A maior evidência de indivíduos oriundos das Duas Terras em Uauat terá facilitado o recrutamento, já que a matéria humana estava muito mais próxima do que antes. Terá este aspecto permitido um aumento do número de soldados a guarnecer as fortificações?

Como mais adiante se verá, ainda não é claro que estatuto os soldados egípcios que defendiam os fortes tinham dentro da hierarquia militar e se o seu destacamento para tal função era uma promoção ou uma despromoção. Sabe-se que as famílias acompanhavam os soldados que ficavam destacados nas fortalezas<sup>210</sup>. Seria a esse nível o «colonialismo» egípcio? Aceitando esta última hipótese, então por que razão esse procedimento não aconteceu? Talvez por falta de incentivo ou necessidade<sup>211</sup>, já que apesar de o Antigo Egipto ter uma demografia bastante elevada para os parâmetros da época, cerca de 2,5 milhões de pessoas no tempo de Senuseret III, como antes foi referido, de uma forma geral o rio Nilo sempre teve a capacidade de alimentar toda a população<sup>212</sup>. As problemáticas das famílias irão ser desenvolvidas posteriormente no capítulo IV.

Smith baseia-se nas cerâmicas de origem egípcia que foram encontradas em diversos sítios na Baixa Núbia. Mas até que ponto estes materiais não são vestígios de comércio, ou até mesmo de uma difusão material a partir das fortalezas? Como já foi assinalado, a fronteira egípcia com a Alta Núbia nunca foi completamente impermeável, ao contrário do que algumas estelas reais evidenciavam. A arqueologia deu-nos vestígios de cerâmicas, jóias e outros artefactos em Askut (tabela 2), em vários períodos da Egipto faraónico, inclusive o Império Médio. Curiosamente, para esta época a presença de materiais núbios é mínima quando comparada com os números do Império Novo<sup>213</sup>. Numa análise mais atenta do quadro em baixo, podemos ver que não existe uma grande disparidade em termos de quantificação de cerâmica núbia entre Império Médio e o Império Novo, existe sim uma enorme diferença no nível de ocupação entre estes dois períodos. Esta realidade permite igualmente deduzir que a

---

<sup>209</sup> SMITH, *Wretched Kush*, p. 76.

<sup>210</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, p. 71.

<sup>211</sup> As populações egípcias em toda a sua história foram sempre muito relutantes em deixar o seu país natal; cf. ADAMS, «The First Colonial Empire», *CSSH*, p. 39.

<sup>212</sup> WILLIAMS, «Serra East and the mission of Middle Kingdom», in *Gold of Praise: Studies of Ancient Egypt*, p. 438.

<sup>213</sup> SMITH, «Pharaohs, Feasts, and Foreigners», in *The Archaeology and Politics of food*, p. 50.

fortaleza de Askut teve uma ocupação muito mais intensa no Império Médio, atestando assim a própria importância destas fortalezas no contexto das duas épocas.

PERÍODO	CERÂMICA (TOTAL)	EGÍPCIA	NÚBIA	NÚBIA (%)
Império Médio	7473	7251	222	3%
2º Período Intermediário	616	542	74	12%
Império Novo	3947	3571	376	9,5%
Época Baixa	2402	2092	310	12,9%
<b>Total</b>	<b>14438</b>	<b>13456</b>	<b>982</b>	<b>6,8%</b>

**Tabela 2** – Quantificação das cerâmicas egípcias e núbias em Askut. [Extraído de SMITH, «Pharaohs, Feasts, and Foreigners», in *The Archaeology and Politics of food*, p. 51].

Num excerto da biografia de Sarenput I, um governador de Assuão durante o reinado de Senuseret I, é referida uma outra possível função das fortalezas no contexto com as tribos núbias. Neste excerto há uma alusão a pagamentos de tributos feitos por parte de tribos, a que podemos chamar de Medjaiu, às autoridades egípcias<sup>214</sup>. Estariam estas autoridades sediadas nas fortalezas? É uma forte possibilidade. A arqueologia<sup>215</sup> deu-nos evidências de que a fortaleza de Uronarti, por exemplo, possuía infraestruturas preparadas para atividades de cariz administrativo<sup>216</sup>. A partir das escavações feitas nas fortalezas da segunda catarata, foi possível identificar relativamente bem os padrões administrativos levados a cabo pelos oficiais egípcios do Império Médio na Baixa Núbia. Estas informações foram dadas principalmente pela descoberta de selos, usados por instituições que controlavam as várias infraestruturas intra e extra muros. Estes objectos, tanto de origem privada como pública, foram encontrados em grande número na fortaleza de Uronarti, e quando esta é comparada com a fortaleza de maior dimensão de Mirguissa, com 1274 selos, os 4543 selos da primeira mostram a relevância de Uronarti na administração da fronteira sul do Egito<sup>217</sup>. Que características apresentava esta fortaleza para ter tido tal importância administrativa na rede

<sup>214</sup> LISZKA, «We have come from the well of Ibhet», *JEH*, p. 156.

<sup>215</sup> A maior parte dos centros administrativos egípcios na Baixa Núbia foram escavados por Reisner e Wheeler, ou nas campanhas de salvamento promovidas pela UNESCO devido à construção da barragem de Assuão; cf. SMITH, «Administration at the Egyptian Middle Kingdom Frontier», in *Aegean Seals*, p. 198.

<sup>216</sup> BADAWY, «Festunganlage», in *Lexikon der Ägyptologie*, II, col. 198.

<sup>217</sup> SMITH, «Administration at the Egyptian Middle Kingdom frontier», in *Aegean Seals*, pp. 198-199.

de fortificações? Uronarti está estrategicamente situada nas proximidades da fronteira sul, protegida por Semna Oeste, Kumma e Semna Sul, não está directamente em contacto com o inimigo, o que lhe confere condições para produzir atividades de cariz administrativo, muito importantes para a organização das fortificações e das infraestruturas de exploração de recursos<sup>218</sup>, tornando assim estes mais eficientes e funcionais. Para além da mencionada distância, Uronarti está situada numa ilha, dando assim a esta fortaleza boas condições de defesa, já que apesar de o maior perigo poder vir pelo rio Nilo, em termos terrestres era impossível dominar a fortaleza.

Actualmente não se sabe em que consistia o sistema tributário egípcio na Baixa Núbia, nem em que condições este foi imposto. Senuseret I, durante o seu longo reinado, fez algumas tentativas para conquistar a chefatura kuchita (Alta Núbia) para que esta lhe pagasse um pesado tributo e assim ter acesso à principal fonte de obtenção dos produtos africanos tão importantes para o Egipto<sup>219</sup>. Eis uma tentativa de impor o pagamento do tributo pela via das armas através de campanhas militares. A imposição do pagamento destas taxas na Baixa Núbia deverá ter sido feita certamente pelos chefes núbios submetidos ao poder dos exércitos faraónicos. Se as estruturas defensivas egípcias na Núbia tinham alguma função desta natureza poderiam ser mais como sede do corpo administrativo que recolhia os tributos e não como uma estrutura activa, militar, até porque as fortalezas foram todas construídas, com a excepção de Kumma, na margem oposta do Nilo onde estavam fixadas as tribos do Grupo C, ou seja, as fortalezas foram edificadas na margem oeste do rio<sup>220</sup>. Para além deste factor, parece pouco provável que as guarnições permanentes que ali estavam fixadas tivessem a função de «obrigar» os núbios a seguirem o sistema tributário imposto, sendo isso possível apenas no momento das patrulhas. Apesar de essa não ser a principal função, parece ser este o corpo mais indicado para tal tarefa se necessário<sup>221</sup>.

Apesar de as fortalezas estarem consideravelmente longe dos grandes centros do Grupo C, esse factor não impediu que algumas populações nativas se aglomerassem junto às estruturas defensivas<sup>222</sup>. Tal viria a acontecer séculos mais tarde com as legiões romanas e os seus acampamentos permanentes, onde as populações das zonas circundantes se fixavam

---

<sup>218</sup> A administração dos vários postos de exploração egípcia na Baixa Núbia era complexa, e a partir da presença de selos comuns a várias fortificações evidencia-se uma regularização dos modelos de exploração económica; cf. SMITH, «Administration at the Egyptian Middle Kingdom frontier», in *Aegean Seals*, p. 202.

<sup>219</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, pp. 65-66.

<sup>220</sup> Idem, p. 74.

<sup>221</sup> Ver subcapítulo 4.4, pp. 132-135.

<sup>222</sup> Como é o caso de Buhen, onde foram construídas muralhas menores para proteger as populações e as suas habitações; cf. BADAWY, «Festunganlage», in *Lexikon der Ägyptologie*, II, cols. 197-198.

junto às muralhas, por duas razões: para receberem a protecção do acampamento e para estarem próximos da fonte principal de receitas da região. Seriam as mesmas razões que levaram estes núbios a aproximarem-se do inimigo? Em relação à primeira razão, há registo de ataques feitos contra as populações da Baixa Núbia, por parte de grupos armados vindos do Sul (Kuch)<sup>223</sup>. No que diz respeito à segunda razão, tendo em conta que as fortalezas eram um ponto de encontro entre comerciantes, é normal que fosse ali que se encontrasse a maior riqueza da região, atraindo assim naturalmente deslocamentos de indivíduos, que ali procurariam a sua oportunidade, como este pequeno excerto dos «Despachos de Semna» prova:

[...] Eles disseram: «Nós viemos para servir no palácio». Foram questionados sobre o estado da vida do deserto, então eles responderam, «Nós não ouvimos falar de nada com a excepção de que a população do deserto está a morrer de fome», assim eles disseram. [...] (82. P. BM 10752, rt. 4.)<sup>224</sup>.

Os núbios são incorporados nas fileiras dos exércitos faraónicos desde o Império Antigo, com uma acentuada intensificação nas épocas consequentes<sup>225</sup>. Qual era o papel dos fortes egípcios no recrutamento destes soldados? Tal como no caso dos sistemas tributários, o processo de recrutamento e a sua relação com a fortaleza deverá ser apenas ao nível da sede dos responsáveis por tal atividade?

No Império Novo, o recrutamento dos soldados núbios era feito a partir dos grupos tribais que estavam submetidos ao poder egípcio<sup>226</sup>. Tudo leva a crer que no Império Médio o modelo de recrutamento fosse o mesmo, até porque muito do modelo militar que é utilizado no Império Novo tem a sua origem em fases anteriores.

Por outro lado, não se deve esquecer a importância das patrulhas que palmilhavam o território ocupado e que saíam das diversas fortalezas da segunda catarata e interagiam directamente com as populações da Baixa Núbia, protegendo, condicionando e recrutando militares nas tribos do Grupo C. Estas patrulhas são muito referidas nos «Despachos de Semna», nesses documentos é possível observar que eram utilizados núbios como auxiliares nas rondas pelo deserto<sup>227</sup>, provavelmente devido ao seu profundo conhecimento do terreno em questão. Desconhecemos o critério de recrutamento de auxiliares núbios, com o fim de integrarem os corpos de patrulhas fronteiriças, não havendo referências a como isso era

<sup>223</sup> ADAMS, *Corridor to Africa*, pp. 163-165.

<sup>224</sup> SMITHER, «The Semna Dispatches», *JEA*, pp. 3-10.

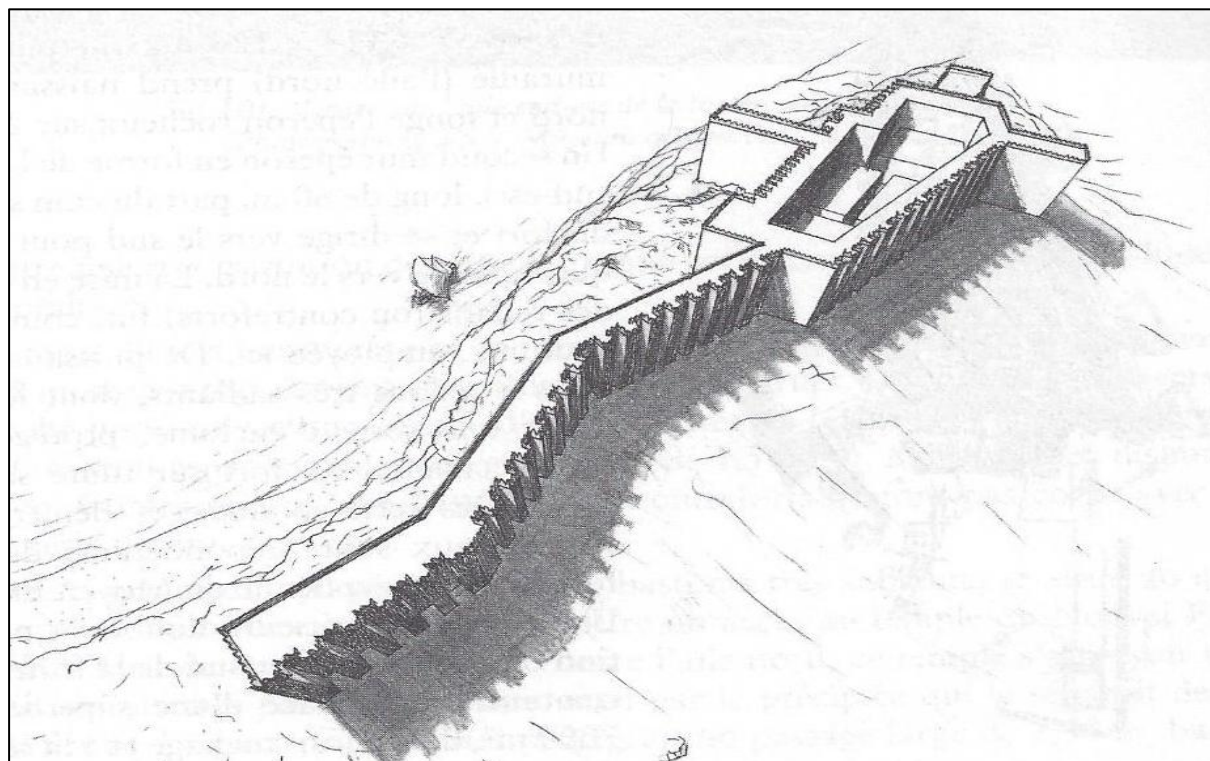
<sup>225</sup> CORREIA, «Núbios», in *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 631.

<sup>226</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 146.

<sup>227</sup> Idem, p. 113.

feito<sup>228</sup>. Abre-se, assim, espaço para algumas questões que procuram explicar como era feito o recrutamento destes auxiliares. As autoridades que estavam encarregues de fazer estas tarefas eram de cariz civil ou militar? Javier Martínez Babón refere-se a estes como polícias, mas também diz-nos que estes auxiliares núbios integravam um corpo maior composto por soldados egípcios. Estes soldados egípcios faziam parte da guarnição da fortaleza? Estas são perguntas que terão de ficar em aberto, não havendo nenhuma resposta, para já, para qualquer uma delas.

Parece um pouco ambígua a intervenção egípcia na Núbia no que diz respeito ao impacto sobre as populações locais. Terão estas ficado completamente subjugadas? Se sim, terá sido devido às fortalezas e à pressão que inevitavelmente elas exerciam sobre a região, ou essas populações poderão não ter ficado completamente sob o controlo egípcio, o que explicaria a necessidade de haver patrulhas regulares, assumindo aqui às fortalezas egípcias em Uauat um papel mais importante no controlo das populações estrangeiras.



**Figura 8** – Reconstituição da fortaleza de Chalfak. [Extraído de MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 151].

Desde o Mundo Antigo até à Idade Média, a geografia é a primeira e mais básica defesa de uma fortaleza. É evidente a importância da construção em altura em fortificações como as egípcias ou nos futuros castelos do medievalismo europeu. A curva de nível dá à

<sup>228</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 113.

estrutura o primeiro obstáculo com que os potenciais atacantes se vão deparar. Quanto maior for a cota, mais fácil de defender será a fortaleza. Esta realidade é verificável nas fortificações egípcias erigidas na Núbia, na diferença que há entre os fortes a norte da segunda catarata e os que estão a sul, estes consideravelmente mais propensos a ter contactos de cariz bélico com o inimigo. Com o avançar da fronteira para sul, os arquitectos egípcios beneficiando da experiência adquirida com a planificação das anteriores fortalezas, mostram uma maior adaptabilidade ao terreno. Nesta zona a margem do rio fornece pontos elevados e com grande potencial estratégico que permite um maior controlo sobre os fluxos humanos no Nilo<sup>229</sup>. É neste contexto que se insere a fortaleza de Chalfak (figura 8), por exemplo, onde os arquitectos egípcios, devido à posição onde foi construída a fortaleza, não sentiram a necessidade de adicionar obstáculos artificiais que dificultassem um possível assédio à fortificação, ao contrário do que acontece em Buhen, por exemplo, que tem junto às suas muralhas uma enorme panóplia de defesas como é o caso dos fossos, bastiões e também rampas. Assim, esta falta de defesas em Chalfak deve-se à curva de nível em que o forte foi construído.

A edificação de uma estrutura defensiva em altura normalmente implica que esta se adapte à topografia, ou seja, esta fortaleza vai ter uma planta muito mais irregular que as construídas em zonas planas. Muitas vezes insulares, as fortificações a sul de Askut foram concebidas segundo novas convenções que permitiram uma boa união entre as irregularidades topográficas e os muros da estrutura, quase sempre no topo da colina, onde a sensação de domínio seria



**Figura 9** – Vista de satélite da fortaleza de Chalfak. [Extraído de Google Earth].

muito maior<sup>230</sup>. No caso específico das fortalezas da segunda catarata, os casos mais evidentes de construção em altura, e de como isso influenciou as características da fortaleza, são a já referida Chalfak (figura 9), e também Uronarti<sup>231</sup>, que curiosamente são as únicas que sobreviveram até aos nossos dias, mantendo-se acima do nível da subida das águas do lago

<sup>229</sup> MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, pp. 45-46.

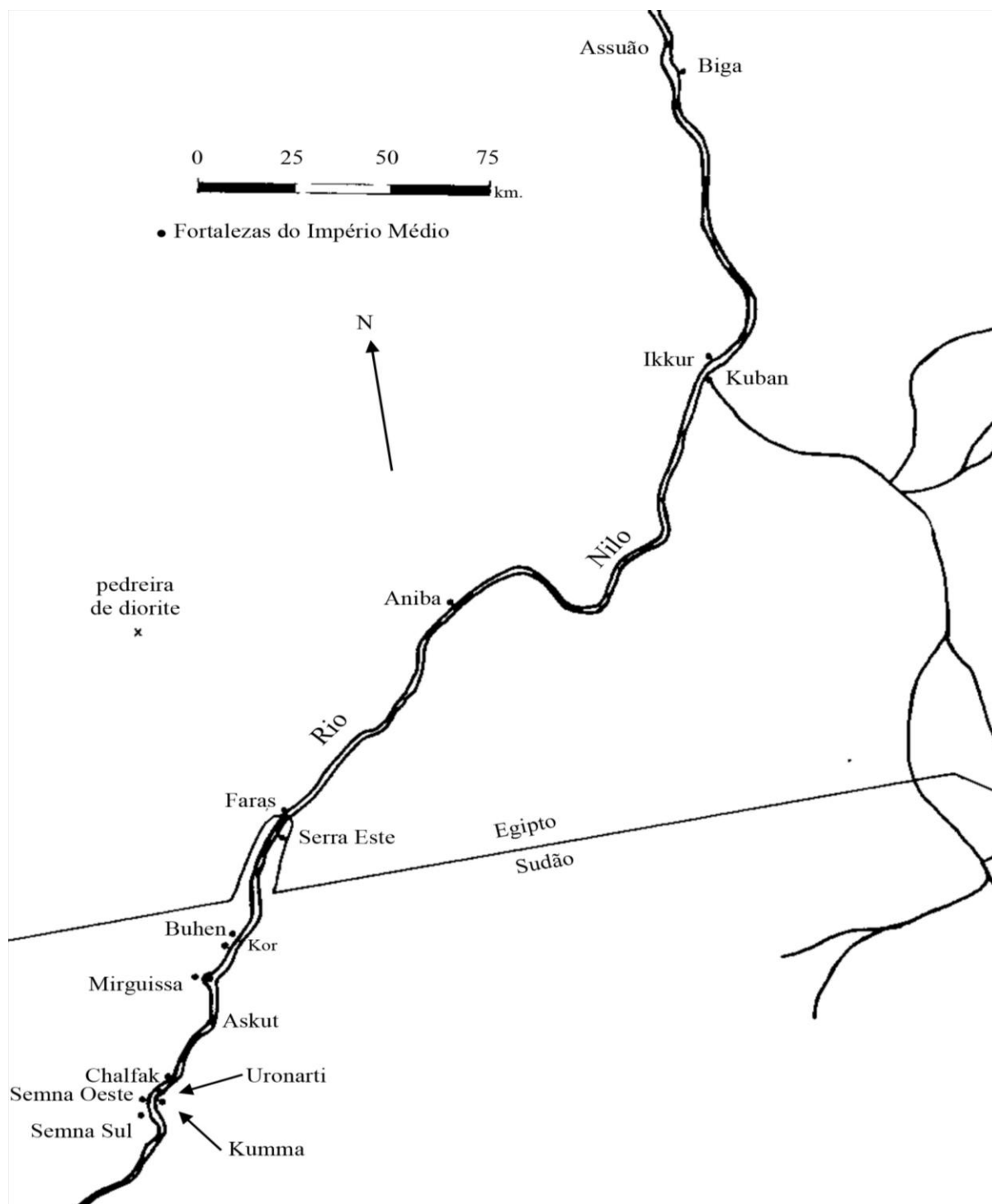
<sup>230</sup> Idem, p. 46.

<sup>231</sup> Idem, pp. 151-152.



Nasser formado a partir da grande barragem de Assuão, o que mostra a elevação a que estas foram edificadas.

Uma observação atenta mostra que, para o número de fortes existentes, estes estavam consideravelmente próximos (mapa 4) uns dos outros e que comunicavam entre si



**Mapa 4** – Localização das fortalezas egípcias na Baixa Núbia. [Adaptado de TRIGGER, *Nubia Under the Pharaohs*, p. 69].

com regularidade<sup>232</sup>. Mas por outro lado, a presença dos supracitados postos de sinalização evidencia as dificuldades de comunicação que existiam na época. Desde a fortaleza mais a norte, Buhen, até à que fica junto à fronteira com a chefatura de Kerma, Semna Sul, há cerca de 65 quilómetros em linha recta, sendo que a maior distância relativa fica entre Mirguissa e Askut<sup>233</sup>. As fortalezas da segunda catarata começam nesta e estendem-se pela região de Batn el-Hagar, a qual, como já foi sublinhado, é uma das zonas mais inóspitas e difíceis de navegar de toda a Baixa Núbia, acentuando-se ainda mais as dificuldades por um certo isolamento das estruturas defensivas entre si, especialmente entre o grupo que ficava a norte e o que se situava a sul, tornando assim as dificuldades de comunicação ainda maiores.

Por que razão a administração egípcia decidiu construir as fortalezas nesta região? De seguida tentar-se-á responder a esta questão, focando apenas os aspectos geográficos, e sabendo *a priori* que a construção da barragem de Assuão<sup>234</sup> alterou irremediavelmente as características topográficas da zona entre a segunda catarata e Batn el-Hagar. Assim, esta vai ser uma análise feita exclusivamente sobre mapas que representam as fortalezas egípcias e bibliografia descritiva da região.

Antes da análise da geografia da região, há que fazer um ponto sobre o uso da expressão «Fortalezas da segunda catarata». Em termos geográficos, as fortalezas como Chalfak, Uronarti, Kumma e as Semna Oeste e Semna Sul, devido à sua distância da catarata, já pouca relação têm com o acidente geográfico e topográfico, não devendo portanto ser-lhes atribuído este nome. Talvez fosse mais correcto dar a estas o nome de «Fortalezas de Batn el-Hagar»<sup>235</sup>, por exemplo, devido a estarem situadas na região com o mesmo nome<sup>236</sup>, e manter

---

<sup>232</sup> As regulares comunicações entre as fortalezas são confirmadas pelos «Despachos de Semna». Estes mostram que um dos principais objectivos destas constantes comunicações e das fortalezas em si são o controlo e o conhecimento dos grupos nativos. A partir das cartas que circulavam entre as estruturas, é possível saber, por exemplo, que Uronarti recebia correspondência de Semna Oeste, Chalfak, Mirguissa e Buhen; cf. SMITH, «Administration at the Egyptian Middle Kingdom Frontier», in *Aegean Seals*, p. 204.

<sup>233</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 13. A distância apresentada não tem em conta as fortalezas mais antigas que ficavam a norte de Buhen, como é o caso de Serra-Este, Faras ou Aniba, já que estas não fazem parte do chamado grupo das fortalezas da segunda catarata.

<sup>234</sup> A barragem construída em Assuão no ano de 1971, com o auxílio da União Soviética, regularizou o curso do Nilo e colocou um fim às cheias que durante milénios deram vida às populações que sobreviveram nas suas margens. Ao estabilizar as águas do rio, este passou a ser mais navegável e a área de cultivo aumentou consideravelmente. Infelizmente, e apesar de todo o bem que fez ao Egipto, a subida do caudal o rio por causa desta barragem levou a que algum património ficasse perdido; cf. TREMOCEIRO, «Assuão», in *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 118.

<sup>235</sup> Roxanna Flammini diz que existem dois estádios diferentes de expansão na Baixa Núbia, o primeiro consiste no avanço feito sobre o controlo dos primeiros faraós da XII dinastia e a segunda fase começa no reinado de Senuseret III, tendo este chegado à fronteira com o Kuch; cf. FLAMMINI, «Ancient core-periphery interactions: Lower Nubia during Middle Kingdom Egypt (CA 2050-1640 B.C.)», *JWSR*, p. 54.

<sup>236</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 13; ADAMS, *Nubia, Corridor to Africa*, p. 25.

a referência de «Fortalezas da segunda catarata» para os fortes de Buhen e de Mirguissa. A única fortaleza que aparenta estar, em termos geográficos, fora de ambos os grupos, é a fortificação de Askut, devido à sua equidistância entre Mirguissa e Chalfak<sup>237</sup>. Em primeiro lugar há que olhar para o mapa, que aqui se apresenta, e por ele se verá que o grupo que fica a norte junto à segunda catarata é composto por Buhen e Mirguissa e entre esta fortificação e Chalfak, distam cerca de 31 km<sup>238</sup>. Trata-se de uma distância considerável que torna difícil a comunicação entre as duas, acabando esta apenas por ser possível devido à navegação no rio Nilo (quando ela é possível), por sinais de fumo ou devido à existência da fortaleza de Askut, onde os extraordinários armazéns desta estrutura a tornam um factor nevrálgico para a sobrevivência de, pelo menos, o grupo das fortalezas de Batn el-Hagar<sup>239</sup>. Suponhamos que Askut era o ponto base para a distribuição da maior parte dos mantimentos que iam abastecer as guarnições destacadas nas fortalezas que ficavam a sul desta, enquanto Buhen e Mirguissa eram suportadas directamente pelo Egipto, já que a capacidade agrícola dos terrenos na zona da segunda catarata, não seria capaz de alimentar as populações egípcias e nativas da região<sup>240</sup>. Estes alimentos iriam assim ser armazenados em celeiros, como é o caso do bloco D em Buhen, possibilitando o abastecimento das populações da região<sup>241</sup>. Esta diferença torna mais evidente a necessidade de dividir estas estruturas em dois grupos, algo ainda reforçado por algumas valências de fortalezas como Uronarti ou Semna Oeste, as quais apresentam um forte aparelho administrativo que reforça a autonomia destas fortalezas em relação às grandes estruturas do Norte<sup>242</sup>. Por fim, a fortaleza de Askut, tendo em conta a maior proximidade que esta tem em relação a Chalfak (9 km<sup>243</sup>) e a questão já referida do possível suporte que dava às fortificações que estavam a sul, deve fazer parte do grupo das fortalezas de Batn el-Hagar. Esta divisão do conjunto das fortalezas em dois grupos deve-se à constatação de que apesar de os fortes egípcios terem muito em comum, desde logo a tarefa de suportar as campanhas e explorar a região, têm entre si também muitas diferenças, o que fundamenta a teoria de proceder à divisão entre as fortalezas da segunda catarata e as fortalezas de Batn el-Hagar.

Os locais onde estas estruturas foram construídas evidenciam uma clara diferença em termos geográficos de região para região, e fortalecem a separação em dois grupos das

---

<sup>237</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 13.

<sup>238</sup> SMITH, «Askut and the Role of the Second Cataract Forts», *JARCE*, pp. 107-109.

<sup>239</sup> Ver subcapítulo 4.1, pp. 107-118.

<sup>240</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, pp. 14-15.

<sup>241</sup> VOGEL, «Master architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 425.

<sup>242</sup> BADAWY, «Festunganlage», in *Lexikon der Ägyptologie*, II, col. 198.

<sup>243</sup> SMITH, «Askut and the Role of the Second Cataract Forts», *JARCE*, pp. 107-109.

fortalezas, já que as fortificações a norte são consideravelmente maiores que as do sul<sup>244</sup>, algo que já Barry Kemp tinha defendido ao dividir as fortalezas em dois grupos, usando como suportes os aspectos geográficos e arquitectónicos. A sua teoria irá ser descrita no início do próximo capítulo. Enquanto as fortalezas construídas junto à segunda catarata estão situadas numa região com alguma prosperidade e já relativamente pacificada, o que permitiu a fortalezas como Buhen e Mirguissa desenvolverem outras valências, em Batn el-Hagar as condições eram diferentes, para além da maior ameaça militar que Kerma representava. Por outro lado, as próprias condições geográficas da região eram muito mais hostis. Em Batn el-Hagar o rio Nilo era mais perigoso que na primeira catarata, e ao longo de 19 quilómetros o curso era bloqueado por centenas de pequenas ilhas, que por sua vez geravam rápidos e passagens estreitas que tornavam a navegação à vela praticamente impossível. Só era possível transpor estes obstáculos içando os barcos com ganchos e durante as cheias do Nilo que ocorriam a partir de meados de Julho<sup>245</sup>.

Mas não é apenas no rio que esta zona é complicada, em terra o deserto chega praticamente junto ao Nilo, retirando assim quaisquer hipóteses de haver uma atividade agrícola<sup>246</sup>. Qual terá sido o nível de importância que estas características tiveram na construção das fortalezas? Certamente que estas condições eram um obstáculo para a circulação de pessoas e mercadorias, dificuldades estas que as fortalezas podiam ajudar a superar, dando apoio logístico que iria permitir a exércitos subirem e descerem o rio, e a comerciantes trocarem e chegarem ao Egipto, como a estela de Semna Oeste, anteriormente apresentada neste subcapítulo, mostra, ao dizer que os comerciantes núbios para chegarem a Iken (Mirguissa) tinham de passar pela alfândega de Semna Oeste.

Não é surpresa que as próprias condições geográficas de Batn el-Hagar, que se estende por 160 km, desde a segunda catarata até à catarata de Dal<sup>247</sup>, tenham sido uma razão para a edificação das fortalezas naquela região. Estas davam, além da altura necessária, já antes descrita, para uma melhor defesa da estrutura, e também seriam uma dificuldade extra para qualquer frota inimiga atingir as fortificações. Por outro lado, estes fortes facilitavam quaisquer tentativas dos faraós egípcios em chegar a Kuch por via fluvial, (o que ocorrerá

---

<sup>244</sup> ARNOLD, *Ancient Egyptian Architecture*, p. 92.

<sup>245</sup> Na região de Semna e em outras zonas de Batn el-Hagar, durante a estação seca o percurso do rio Nilo ficava comprimido e tornava-se muito estreito, sendo aí impossível a navegação de longa distância, algo que obrigava os comerciantes a fazerem as suas rotas por terra; cf. ADAMS, *Corridor to Africa*, p. 27.

<sup>246</sup> Os cumes de granito tornam o terreno muito acidentado, não permitindo aos aluviões atingirem terras que poderiam ser cultivadas. Mas mesmo nos poucos sítios onde o rio conseguia chegar, mesmo aí a prática da agricultura e pastorícia é difícil devido às discrepâncias das margens deste; cf. Idem, p. 26. Veja-se *ibidem*.

<sup>247</sup> Idem, p. 27.

com mais evidência no Império Novo), que de resto era o mais usual, permitindo ainda a reparação de navios, abastecimento dos soldados e um provável reforço do contingente a ser levado para a campanha.

# CAPÍTULO III

## FORTIFICAR O NILO: ELEMENTOS ARQUITECTÓNICOS

### 1. ARQUITECTURA E ENGENHARIA MILITAR

Em termos arquitectónicos, as fortalezas egípcias do Império Médio apresentam algumas diferenças entre si. Estas dividem-se em dois grupos, diferenciados por aspectos geográficos e por processos de construção: o primeiro é chamado de «tipo planície», são edificações em zonas planas a norte

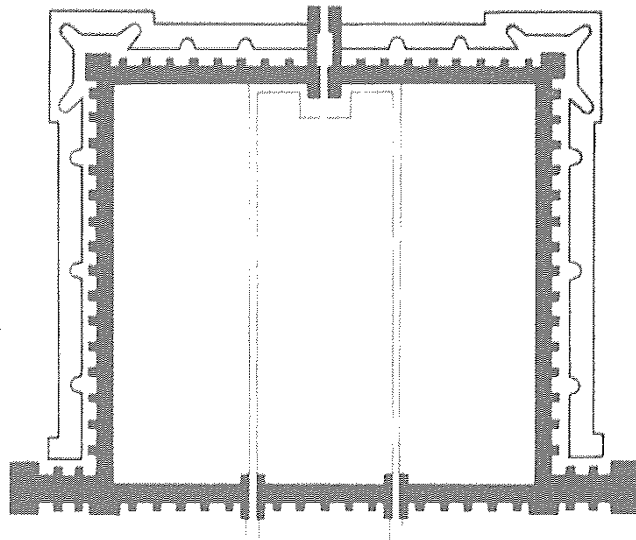
da segunda catarata, que tornam a planta da estrutura regular e rectangular<sup>248</sup>. O caso mais evidente

deste tipo são as fortalezas de Buhen (planta 1) e Mirguissa, mas também outros fortes como Aniba (fase II) e Kuban (fase II)<sup>249</sup>. A

grande maioria destas fortificações foi iniciada durante o reinado de Senuseret I, tendo depois sido

desenvolvida nos reinados posteriores, destacando-se a época de

Senuseret III<sup>250</sup>. Estes fortes eram defendidos por grandes muralhas em tijolo de barro e com torres externas em todos os lados do pano de muralha. No lado em contacto com o rio foram edificadas cais. Na face orientada para o deserto foram construídos fossos e muralhas secundárias reforçadas com taludes e bastiões semicirculares. No caso das fortificações deste



**Planta 1** – Muralhas interiores da fortaleza de Buhen (cidadela).  
[Extraído de MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 46].

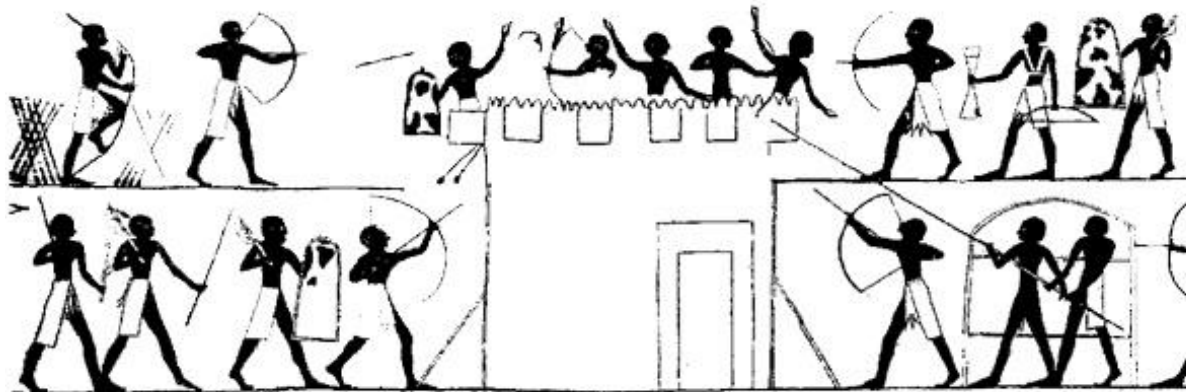
<sup>248</sup> Com a excepção de Kor e a muralha norte de Mirguissa, todas as fortalezas dos inícios da XII dinastia apresentam uma planta rectangular; cf. MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 46.

<sup>249</sup> As fases iniciais destas duas fortalezas têm uma datação anterior ao reinado de Senuseret I devido principalmente a razões arquitectónicas; cf. KEMP, «Old Kingdom, Middle Kingdom and Second Intermediate Period c. 2686-1552 BC», in *Ancient Egypt, A Social History*, pp. 130-131.

<sup>250</sup> Os desenvolvimentos consistem em aumentos e melhoramentos, muito provavelmente iniciados e pedidos pelas comunidades locais activas; cf. Idem, *Ancient Egypt, Anatomy of a Civilization*, p. 168.

grupo foi frequente a transformação da estrutura original numa cidadela, agora defendida por uma muralha com muito maior área<sup>251</sup>.

Um segundo grupo data precisamente do longo reinado de Senuseret III, e resulta da anexação total dos territórios da segunda catarata e de Batn el-Hagar, área muito acidentada que tornou as plantas destas fortificações muito mais irregulares, por vezes de formato triangular<sup>252</sup> como é o caso de Uronarti, Askut ou Chalfak<sup>253</sup>. Estas novas características topográficas obrigaram os engenheiros militares egípcios a adoptarem outras formas de construção. Nas zonas mais angulosas, as fortalezas tinham muralhas excisas e na maioria dos casos os fossos eram dispensáveis, devido à posição alta onde a estrutura estava construída<sup>254</sup>. O abastecimento de água era fornecido através de uma escadaria que ligava a fortaleza ao rio Nilo<sup>255</sup>. Esta escada de acesso era essencial para a sobrevivência da fortaleza e estava naturalmente escondida<sup>256</sup>. Seria esta escada usada no quotidiano civil? Ou apenas em caso de cerco à fortificação? De qualquer forma este era um ponto frágil do conjunto fortificado, que em caso de conhecimento por parte do inimigo, constituía um alvo estratégico potencial. O acesso ao rio é determinante em caso de ataque inimigo e por isso «escondido» e bem defendido. Sem água a fortificação irá soçobrar, pois não existem aquíferos no interior das muralhas.



**Figura 10** – Representação de um cerco a um forte do Primeiro Período Intermediário. Túmulo de Amenemhat em Beni Hassan. [Extraído de MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 43].

<sup>251</sup> KEMP, «Old Kingdom, Middle Kingdom and Second Intermediate Period c. 2686-1552 BC», in *Ancient Egypt, A Social History*, pp. 130-131.

<sup>252</sup> Idem, pp. 131-132.

<sup>253</sup> BADAWY, «Festunganlage», in *Lexikon der Ägyptologie*, II, col. 197.

<sup>254</sup> A cota em que estas fortalezas eram construídas permitia aos engenheiros egípcios abdicar na maioria dos casos dos fossos, o próprio declive tornava-se uma grande obstáculo para quem tentasse conquistar a estrutura.

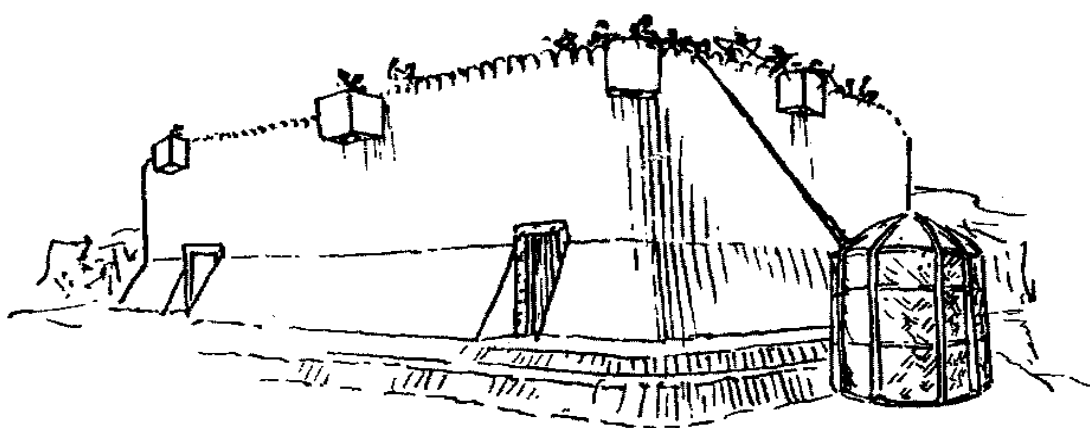
<sup>255</sup> KEMP, «Old Kingdom, Middle Kingdom and Second Intermediate Period c. 2686-1552 BC», in *Ancient Egypt, A Social History*, p. 132.

<sup>256</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 25.

As fortalezas apresentam diferenças entre si, em particular no modelo arquitectónico optado, processo que já vem de cronologias anteriores, como se pode observar nas representações nos túmulos de Kheti, Baket III e Amenemhat em Beni Hassan (figura 11).

Estas fontes de informação iconográfica mostram fortes tipicamente egípcios de períodos anteriores ao Império Médio e ao grande apogeu da arquitectura militar egípcia da XII dinastia. Estas estruturas fortificadas apresentavam muros com ameias e merlões, e também com hurdícios, que segundo Raymond Weill estavam instalados a distâncias equivalentes e albergavam apenas um soldado de cada vez. As portas aparentam não ter qualquer tipo de reforço<sup>257</sup>. Na imagem referente ao túmulo de Amenemhat (figura 10), é clara a presença de pequenos hurdícios, onde se pode ver cada soldado dentro de um, ao mesmo tempo que os agressores tentam destruí-los com um aríete. É possível ver na primeira imagem dois militares em queda depois do hurdício onde estavam ter sido derrubado, mostrando assim que este tipo de estrutura, para além de estar excisa, é frágil. Por fim, um outro elemento de arquitectura militar presente nestas representações iconográficas é a rampa, que Alexander Badawy interpretou como sendo um elemento que circundava por completo toda a estrutura<sup>258</sup>.

A arquitectura defensiva das fortificações egípcias, tal como em todas as fortalezas do mundo, naquele e noutros períodos, tem como base uma muralha que pode variar de altura, espessura e comprimento. No caso das estruturas da segunda catarata, por exemplo a cintura de muralhas de Buhen, durante o Império Médio, era de 4 m de espessura com 700 m de



**Figura 11** – Interpretação de Alexander Badawy sobre como seria um forte egípcio do Império Médio. Inspirado nos murais de Beni Hassan. [Extraído de MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 43].

<sup>257</sup> MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 41.

<sup>258</sup> Idem, pp. 41-42.



comprimento, com 32 bastiões distribuídos num intervalo de 22 m entre si<sup>259</sup> e uma altura de cerca de 9 m. O intervalo de distância dos bastiões na fortificação de Serra Este era também de 2 m, já em Mirguissa era de 5 m. No que diz respeito aos bastiões, estes eram mais ou menos largos dependendo da topografia da região<sup>260</sup>. Numa latitude mais a sul, a fortaleza de Uronarti é um exemplo de uma planta de formato triangular com 297 m de comprimento e uma espessura de 8 m com uma altura estimada de 14 m<sup>261</sup>. As fortalezas situadas a norte da segunda catarata são consideravelmente maiores que as suas correspondentes a sul. Quando a fortaleza de Buhen (215x460 m) e a de Mirguissa (190x295 m) são comparadas com os fortes de Askut (77x87 m), Chalfak (47x95 m), Uronarti (57x114x126 m), Semna Oeste (42,1x89,5 m no polo orientado a oeste e 37x110,5 m na ala virada a norte<sup>262</sup>), Kumma (70x117 m) e Semna Sul (135x135 m)<sup>263</sup>, as dimensões apuradas mostram claramente que as fortalezas do Sul eram de menores dimensões, muito devido às condições do terreno que não facilitava uma construção de maior amplitude, enquanto que a norte a regularidade do solo permitia uma maior liberdade de escolha no momento de desenhar o forte. Para além deste aspecto de ordem topográfica, as fortificações a sul da segunda catarata, devido às suas funções, eram mais propícias a uma construção em altura, em zonas de difícil acesso e de maior irregularidade, tornando-as assim mais pequenas.

O nosso conhecimento sobre os padrões arquitecturais e as estratégias de uso do espaço<sup>264</sup> dos edifícios presentes nas fortificações egípcias da Baixa Núbia provém principalmente das escavações arqueológicas realizadas aquando do programa de salvamento do património da Baixa Núbia. Apesar de haver uma considerável quantidade de informações sobre as estruturas em si<sup>265</sup>, pouco se sabe da forma como eram utilizadas e de como estas influenciavam o dia-a-dia e as próprias condições de sobrevivência, tanto dos soldados, como dos próprios civis. Em épocas anteriores ao Império Médio, e restringindo apenas ao Sul do Egipto, os governadores de Elefantina por vezes conduziam expedições militares ao país núbio, de onde nem sempre voltavam com vida, juntamente com os seus soldados egípcios<sup>266</sup>. Em plena XII dinastia, os perigos e dificuldades não devem ter reduzido com a presença da já referida chefatura de Kerma, situação que ajuda a explicar a construção das fortalezas. Estas

<sup>259</sup> MCDERMOTT, *Warfare in Ancient Egypt*, p. 45.

<sup>260</sup> MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, pp. 46-47.

<sup>261</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 32.

<sup>262</sup> Idem, p. 38.

<sup>263</sup> ARNOLD, *Ancient Egyptian Architecture*, p. 92.

<sup>264</sup> A reduzida dimensão de algumas fortificações deverá ter obrigado os arquitectos egípcios a optarem por algumas estratégias de racionalização do espaço disponível.

<sup>265</sup> VOGEL, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 421.

<sup>266</sup> VALBELLE, *A Vida no Antigo Egipto*, p. 89.

estruturas de grande envergadura necessitavam de outras mais pequenas no seu interior para suportar a comunidade civil e militar aí destacada. Qual era a rotina diária dos soldados egípcios? Em que condições viviam? Que panóplia de profissões existia agregada à fortificação? Eram apenas egípcios a habitar no interior da fortaleza<sup>267</sup>? Todo este questionário mostra as problemáticas, às quais se tentará responder, que estão inerentes a este aspecto da vida diária de um soldado ou civil numa fortificação egípcia na Núbia.

Os edifícios existentes no interior das muralhas de uma fortificação egípcia apresentam, como seria de esperar, funções, usos e fins diferentes. Enquanto o quartel-general, o arsenal e as casernas são principalmente para uso militar, havendo uma dimensão administrativa no primeiro, já que era aí que estava sediado o poder local egípcio, no âmbito económico, os já referidos arsenais, mas também o tesouro e os celeiros, preenchem este sector da sociedade. Para além da dimensão económica dos celeiros, estes também possuem um papel de cariz social, juntamente com as estruturas sanitárias. Por fim, os templos, como o nome indica, são essencialmente espaços de âmbito religioso. Para além destes edifícios aqui referenciados é preciso ter em conta as casas de habitação das famílias e as próprias ruas<sup>268</sup> que existiam no interior da fortificação. Na planta apresentada da fortaleza de Uronarti é possível ver a forma como as estruturas estão compactadas e toda a área interna é utilizada para edificar os complexos supra citados. Esta realidade tem muito a ver com a reduzida dimensão de algumas fortificações, que por vezes leva a que algumas estruturas tenham de ficar fora das muralhas, como é o caso do templo em Uronarti<sup>269</sup>.

No que diz respeito à organização espacial das fortalezas egípcias, esta não aparenta ser padronizada. Ou seja, cada fortificação apresenta uma organização específica, não sendo assim homogénea. A título de exemplo, e para melhor mostrar o oposto verificado no caso egípcio, os fortes permanentes ou de marcha romanos estão sempre organizados a partir de duas «avenidas», o *cardo* e o *decumano*, não importando qual o tipo de geografia onde estavam implantados. No caso das fortalezas egípcias, a morfologia do terreno impediu que a organização espacial fosse mais linear<sup>270</sup> (planta 2). Essa linearidade seria porventura

---

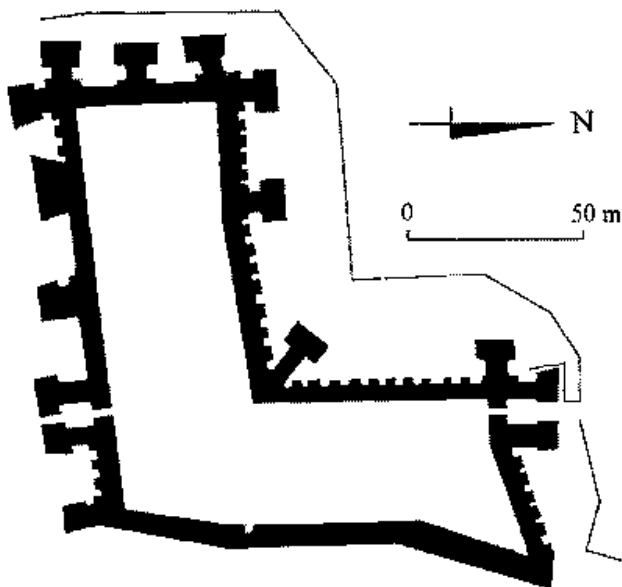
<sup>267</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 39.

<sup>268</sup> A rua principal e as suas perpendiculares ligavam todos os edifícios dentro da fortaleza, com especial relevo para o quartel-general: cf. Idem, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 427.

<sup>269</sup> A presença de um templo fora da cintura de muralhas pode indiciar falta de espaço, mas também uma construção posterior. Segundo Carola Vogel, durante o Império Novo muitos templos dedicados a deuses egípcios e locais foram construídos nas fortalezas egípcias na Baixa Núbia: cf. *Ibidem*.

<sup>270</sup> Numa observação na planta de Buhen é bem visível uma organização espacial muito mais rectilínea e aparentemente menos «caótica». Este factor deve-se principalmente ao terreno onde esta fortaleza foi construída, uma zona plana.

impossível de atingir em estruturas com formatos tão surpreendentes. Uma característica interessante da forma como foram direccionadas as ruas, é que estas muito raramente partem em linha recta a partir da porta principal (esta situação apenas está presente na fortaleza de Semna Oeste, onde a rua atravessa o forte e atinge a outra porta orientada a Sul), em todos os outros casos a rua que nasce depois da porta deriva em duas, que por sua vez irão desenvolver-se ao longo da muralha, partindo daí todas as outras perpendiculares. Será a partir de uma destas ruas que irá ser originada a «avenida» principal, normalmente desenvolvida num eixo longitudinal<sup>271</sup>. No caso concreto de Buhen, depois da fase da derivação, as duas ruas orientam-se bruscamente para sudeste dando assim acesso directo ao rio Nilo. Este fenómeno de derivação em duas ruas, a partir da porta principal, pode ter duas explicações: a primeira prende-se com a criação de um cotovelo (nenhuma porta de uma fortaleza egípcia está defendida por um cotovelo). A segunda hipótese poderá ser a necessidade de chegar às muralhas o mais rápido possível, explicando assim a razão de Buhen não possuir a mesma organização que as suas vizinhas a sul, já que esta com o passar do tempo perdeu a sua importância como fronteira e consequentemente foi reduzido o



**Planta 2** – Vista superior da fortificação de Semna Oeste. [Extraído de MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 154].

neste subcapítulo, também a distribuição dos edifícios não aparenta ser padronizada, possivelmente apenas com a excepção do quartel-general.

Em suma, as fortalezas egípcias na Núbia não aparentam ter qualquer padrão organizacional como é verificável em outras áreas e outras cronologias, como o exemplo anteriormente dado confirma. A baliza cronológica que separa as civilizações egípcia e romana é de tal forma grande que seria até perigoso utilizar os fortes romanos como ponto de observação para os egípcios. Logo, as estruturas defensivas construídas na Baixa Núbia

<sup>271</sup> BADAUWY, «Festunganlage», in *Lexikon der Ägyptologie*, II, col. 198.

aparentam ter uma «organização desorganizada» claramente devido às condições em que foram edificadas, em terrenos muito acidentados que não permitiram aplicar os mesmos paradigmas de Buhen ou Mirguissa. Certamente que para os egípcios, sabendo *a priori* o seu método, e a sua propensão para a organização e a disciplina, estas fortalezas estavam organizadas de uma forma perfeitamente elucidativa e não dificultaria em nada a defesa da estrutura.

## 2. A CIDADELA

A cidadela não é uma estrutura que esteja sempre presente nas fortificações egípcias do Império Médio. A fortaleza de Buhen apresenta, de forma clara, uma cidadela, mas em Mirguissa a presença deste tipo de estrutura é mais discutível. Já nas restantes fortalezas da Baixa Núbia, edificadas na zona de Batn el-Hagar, nenhuma delas parece ter cidadela.

A cidadela é uma estrutura fortificada, normalmente separada da muralha principal, servindo como último reduto em caso de cerco e após a queda das muralhas exteriores, sendo concebida de forma a apresentar pontos de fuga, caso fosse tomada pelo inimigo. Apesar de não estar fisicamente ligada à muralha que circunda a maior parte da área defendida, inclui-se no sistema defensivo, garantindo a sua viabilidade defensiva na proximidade em relação à muralha e na sua exclusividade defensiva.

As cidadelas apresentam dois tipos de função: a político-administrativa e a militar. A primeira consiste no controlo das regiões mais próximas, função desempenhada pelas altas patentes militares e administrativas que nela residem, e de todo o processo de manutenção e protecção dos diversos sistemas: segurança, abastecimento, patrulhamento e cobrança fiscal. Cabe à cidadela a gestão do arsenal, das casernas, da água e dos celeiros, infraestruturas essenciais para a sobrevivência da fortaleza. A vertente militar da cidadela é nevrálgica. Sem as guarnições destacadas para uma determinada fortificação, não era possível controlar o território e retirar deste os bens materiais e demográficos que mais tarde irão ser alojados dentro e fora das muralhas da fortificação<sup>272</sup>. No caso concreto do Antigo Egipto e das fortalezas construídas em Uauat, as guarnições das fortificações eram também usadas como patrulhas, auxiliadas por nativos, que melhor conheciam o terreno controlado pela fortaleza.

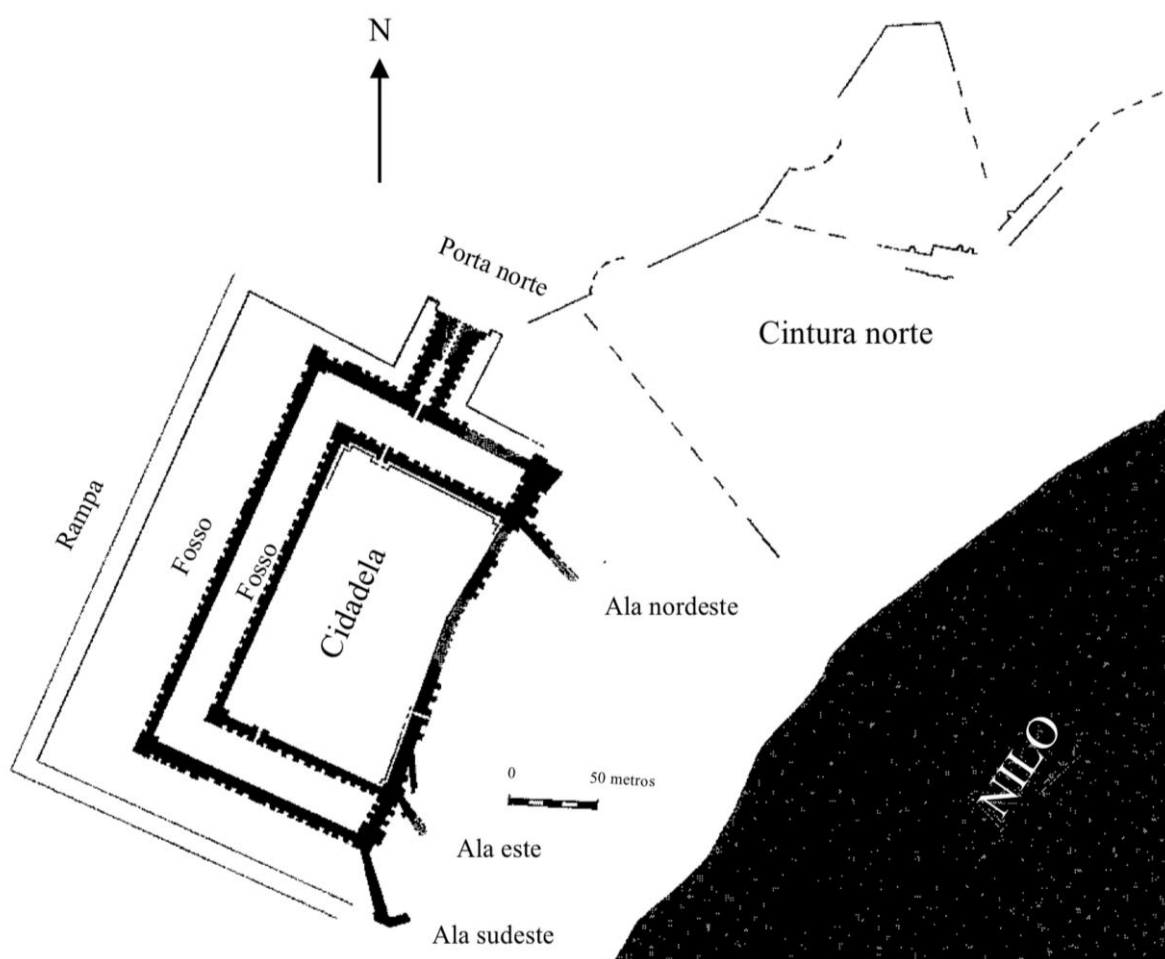
---

<sup>272</sup> GOENAGA, CHILDS, «Citadels», in *A Dictionary of Military History*, pp. 140-141.

Estas patrulhas faziam a ligação entre postos de vigia distribuídos pela região controlada, em estreita comunicação com a fortaleza principal.

Geralmente, uma cidadela é construída no ponto mais alto da fortaleza<sup>273</sup>, apresentando, a maior parte das vezes, um formato quadrangular ou pentagonal. Esta regularidade arquitectónica dava à estrutura uma maior estabilidade e permitia às guarnições uma melhor defesa da cidadela<sup>274</sup>. Nas duas únicas fortificações egípcias que apresentam uma cidadela, nenhum dos formatos supracitados se detecta. Tanto em Buhen como em Mirguissa, o formato presente é o rectangular.

A cidadela de Buhen consiste na primeira fortaleza construída no ano 5 do reinado de Senuseret I, e é protegida por um muro exterior. Os elementos arquitectónicos e os materiais



**Planta 3** – Plano das fortificações de Mirguissa, incluindo a cidadela («forteresse haute»). [Adaptado de MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 144].

<sup>273</sup> Em alguns casos, é inclusive edificada sobre a zona mais densamente povoada da estrutura total, ou na parte mais antiga do sítio; cf. GOENAGA, CHILDS, «Citadels», in *A Dictionary of Military History*, p. 141.

<sup>274</sup> *Ibidem*.

de construção mostram que as duas estruturas foram planeadas e construídas na mesma altura. O muro da cidadela tinha 150 m por 138 m, com uma altura de 11 m e uma espessura de 4,85 m. A muralha tinha torres com ameias e merlões regularmente espaçadas, defendidas por um fosso com uma largura de 8,4 m e uma profundidade de 6,5 m, sucedido por uma rampa. A cidadela tinha uma porta fortificada direccionada para oeste e a face virada para o rio possuía duas portas com acesso para o Nilo<sup>275</sup>.

Em Mirguissa, a cidadela (planta 3) tinha uma superfície total de 40000 m<sup>2</sup>, situada na margem oeste do rio Nilo. As suas muralhas tinham uma altura estimada de 10 m e era defendida por bastiões espaçados entre si por 2 m a 4 m e ainda por um fosso. Na vertente direccionada para norte, sul e oeste, os egípcios edificaram uma rampa e as portas de acesso ao interior estavam situadas nas faces norte e sul da cidadela<sup>276</sup>.

Por que razão apenas estas duas fortalezas possuem uma cidadela? Buhen e Mirguissa foram edificadas nos reinados de Senuseret I e Senuseret II, enquanto as fortificações de Batn el-Hagar foram todas construídas sobre o controlo de Senuseret III. Logo, em primeiro lugar estas fazem parte de paradigmas diferentes de construção<sup>277</sup>, em que as primeiras estruturas defensivas (Buhen e Mirguissa), edificadas em zonas planas, são consideravelmente maiores que as fortificações a sul (Askut, Chalfak, Uronarti, Semna Oeste, Kumma e Semna Sul), construídas em zonas acidentadas onde o arquitecto tinha menos liberdade para planificar a fortaleza. Assim, o tamanho, condições do terreno e antiguidade, poderão ter sido factores que ajudam a explicar a presença de cidadelas em Buhen e Mirguissa. Ao contrário das fortalezas de Batn el-Hagar, as fortalezas da segunda catarata, devido à sua distância do teatro de guerra e à passagem do tempo acabaram por substituir as suas funções exclusivamente menos militares por outras de cariz administrativo e político, que trouxeram para estas fortificações um sistema de poder que necessitava de níveis de protecção só encontrados na cidadela. Mirguissa, por exemplo, tal como é descrita na estela de Semna, datável do reinado de Senuseret III, era um importante entreposto comercial. Nas fortalezas a sul da segunda catarata, este tipo de funções estava certamente presente, pelo menos em algumas, mas as condições do terreno, o tamanho e a conjuntura em que estavam, não tornava necessária a edificação de cidadelas.

---

<sup>275</sup> MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, pp. 137-139.

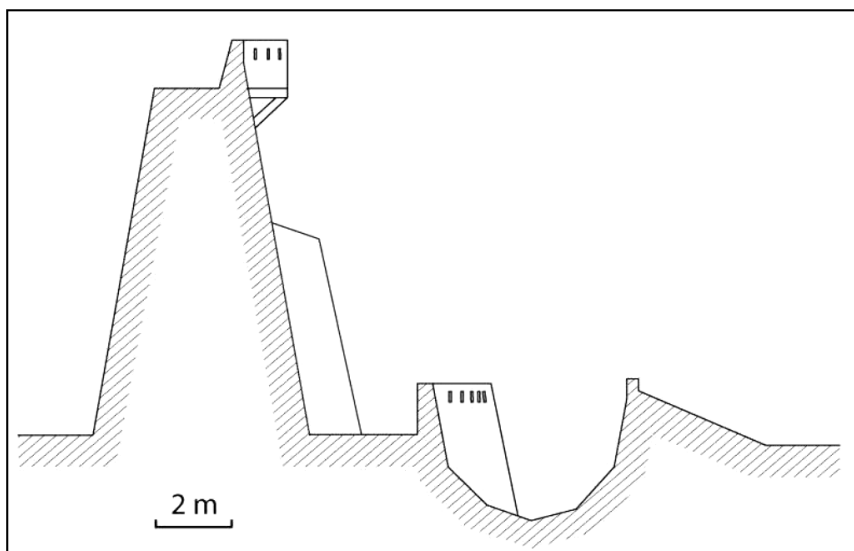
<sup>276</sup> Idem, pp. 144-145.

<sup>277</sup> Ver subcapítulo 2.3, pp. 52-70.

Em suma, a presença de uma cidadela em Buhen e em Mirguissa é explicada pela importância que estas adquiriram na firme manutenção, tanto da região que lhes competia coordenar, como das zonas a sul, incluindo aqui o importante auxílio que era dado aos exércitos faraônicos em campanha. Uma falha nestas duas fortalezas podia pôr em risco toda a rede de fortificações situada em Batn el-Hagar e consequentemente todo o controlo militar e administrativo egípcio na região.

### 3. A MURALHA

No que diz respeito às muralhas, estas variavam, dependendo das características topográficas do terreno e do próprio período em que foram construídas. Nas fortalezas que datam dos inícios da XII dinastia (é o caso de Ikken, Kuban, Aniba, Buhen e Mirguissa), os muros apresentam duas fases de evolução. Na primeira fase, as muralhas das fortificações têm uma espessura de 2m, com ameias e merlões



semicirculares no topo, rodeadas por fossos e defendidas por bastiões

**Figura 12** - Vista de perfil segundo o modelo de Carola Vogel. [Extraído de MONNIER, «Éléments raisonnés pour la reconstitution d'une forteresse», *GM*, p. 67].

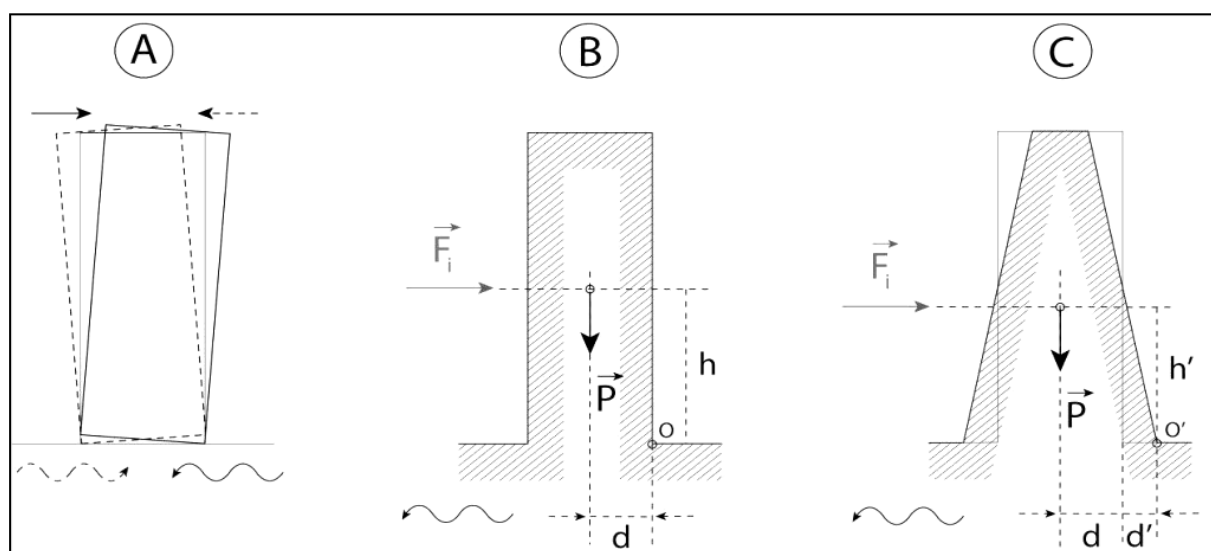
ou por defesas avançadas (Ikken e Kuban)<sup>278</sup>. Na segunda fase, a estrutura original é rodeada por uma muralha externa tornando os muros originais em algo muito próximo a uma cidadela (Aniba, Buhen e Mirguissa)<sup>279</sup>. Numa fase mais tardia, do reinado de Senuseret III, as fortificações que tinham sido edificadas durante os reinados anteriores foram remodeladas e

<sup>278</sup> Devido ao nível de destruição e de reconstrução que algumas destas fortalezas revelam, é difícil identificar a presença de aberturas para tiro com arco e flecha, muito frequentes durante a segunda fase; cf. MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 46.

<sup>279</sup> Idem, p. 46-49.

melhoradas<sup>280</sup>. Os muros passaram a ter 5 m de espessura na base e uma inclinação bastante acentuada de 80° na face externa<sup>281</sup>, e por vezes nas duas faces (Kuban). Assim, a muralha era construída em forma de trapézio, tornando-a aparentemente mais estável e permitindo uma maior economia de materiais<sup>282</sup>. Como forma de reforçar essa estabilidade, os arquitectos egípcios desenvolveram um sistema de contrafortes, adossados às muralhas, para prevenir possíveis derrocadas<sup>283</sup>.

Como vimos a própria inclinação dos muros em sistema de gaivel dava-lhes uma boa estabilidade, não necessitando aparentemente de quaisquer outras estruturas para equilibrá-los. Então por que razão os egípcios construíram estes contrafortes? Carola Vogel defende que os contrafortes eram colocados junto às muralhas como estabilizadores sendo até relativamente mais baixos que a muralha em si (figura 12), distanciando-se assim de A. W. Lawrence, que dá a estes contrafortes um uso militar, dizendo que estes serviam de suporte a hurdícios<sup>284</sup>. Franck Monnier discorda de ambos, referindo que a pouca distância existente



**Esquema 1** - Esquema da forma como a força provocada por um impacto sísmico age numa muralha. [Extraído de MONNIER, «Éléments raisonnés pour la reconstitution d'une forteresse», *GM*, p. 68].

entre estes contrafortes era inclusive prejudicial na defesa da muralha, já que criava zonas mortas<sup>285</sup> onde os defensores não podiam atingir os agressores, e que as muralhas ao serem autossustentáveis, não necessitavam de nenhum estabilizador. Monnier tenta explicar a

<sup>280</sup> MONNIER, p. 46.

<sup>281</sup> Idem, «Éléments raisonnés pour la reconstitution d'une forteresse», *GM*, p. 66.

<sup>282</sup> Idem, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 47.

<sup>283</sup> Idem, «Éléments raisonnés pour la reconstitution d'une forteresse», *GM*, p. 66.

<sup>284</sup> As evidências iconográficas datáveis do Primeiro Período Intermediário mostram hurdícios suspensos no ar, refutando assim a ideia defendida por A. W. Lawrence; cf. *Ibidem*.

<sup>285</sup> Zonas que devido à existência de obstáculos não permitem aos defensores ter ângulos de tiro.



presença destes contrafortes, relacionando-os com a protecção das muralhas contra os fenómenos naturais (terramotos e ventos fortes) susceptíveis de lhes causar o colapso<sup>286</sup> (esquema 1). Por que razão as máquinas de cerco não foram tidas em conta? Em particular o aríete? A presença deste tipo de máquinas de assédio está comprovada, tanto pela iconografia como pela arqueologia. No primeiro caso, pelas já mencionadas gravuras em túmulos na zona de Beni Hassan, onde é possível ver fortalezas a serem atacadas por máquinas de cerco, neste caso usadas por egípcios. Memória que ainda estaria presente no momento da edificação das primeiras fortificações do Império Médio, levando assim a engenharia militar egípcia a conceber estas estruturas providas de contrafortes. Infelizmente, não é possível confirmar a existência deste tipo de tecnologia de assalto nas forças núbias. Não há qualquer vestígio evidente que prove a utilização de máquinas de cerco por parte dos núbios, mas as escavações levadas a cabo em Buhen por Randall-MacIver e Woolley, mostraram que a muralha norte desta estrutura apresentava alguns vestígios de ataques pesados, com um grande nível de destruição<sup>287</sup>.

Para Franck Monnier, a única acção estabilizadora que uma muralha egípcia do Império Médio apresenta, susceptível de sofrer impactos laterais, é o seu próprio peso. Na possibilidade de acontecer um terramoto na região onde está a fortificação, a força de inércia criada pela intensidade das oscilações é igual à massa da muralha, como é possível ver nos esquemas apresentados (esquema 1). Ali, vê-se a forma como um muro de ângulo recto e outro de ângulo obtuso reagem sob a acção de um sismo. Cada uma das forças aplicadas a cada caso tem a sua intensidade aumentada ou reduzida, dependendo da distância ortogonal que as separa da muralha em questão. Conforme é possível ver nas figuras, quanto maior for a largura da muralha, maior é a distância ortogonal, logo uma muralha de ângulo recto é mais eficaz que uma de ângulo obtuso<sup>288</sup>. As muralhas das fortificações egípcias na Baixa Núbia são de perfil vertical, logo ao observar-se os resultados apresentados na figura, podemos crer que os muros eram frágeis quando perturbados por uma força osciladora. Esta situação podia explicar a presença dos contrafortes como estabilizadores, evidência que vai de encontro à tese defendida por Carola Vogel, retirando assim alguma força à teoria de Monnier, que se contradiz, de que estes eram apenas de cariz simbólico e representavam o poder e soberania

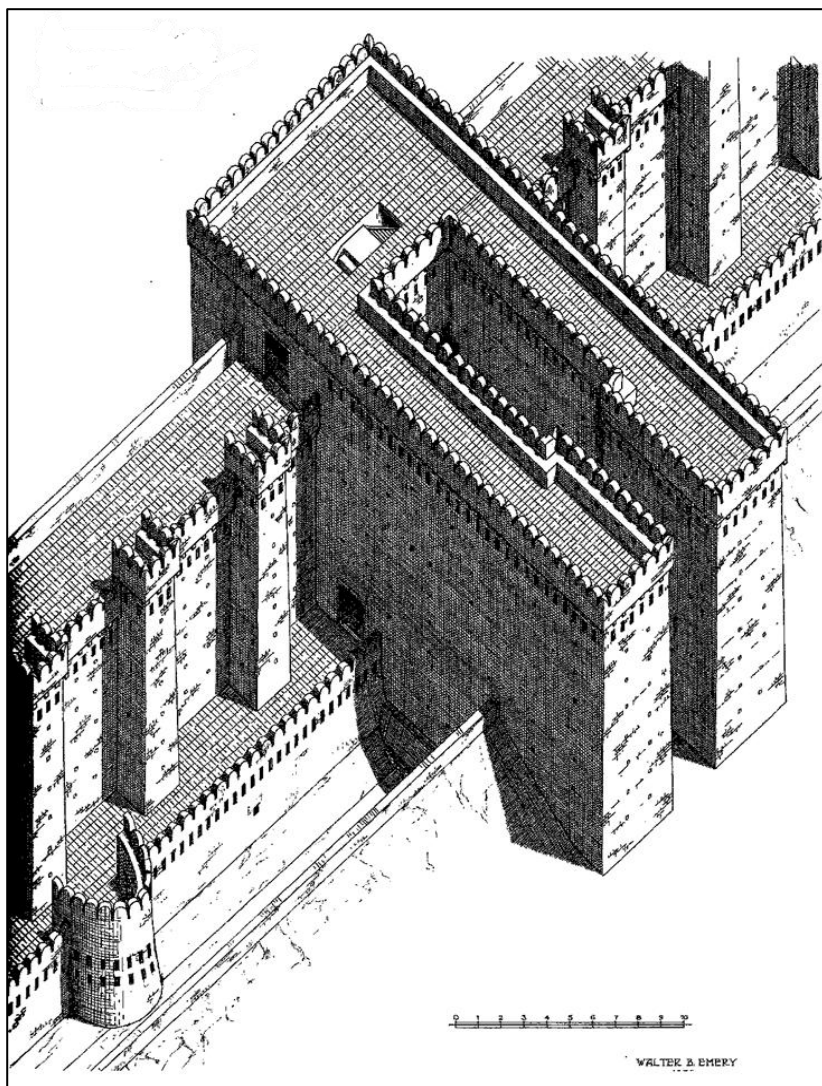
---

<sup>286</sup> MONNIER, «Éléments raisonnés pour la reconstitution d'une forteresse», *GM*, pp. 66-67.

<sup>287</sup> RANDALL-MACIVER e WOOLLEY, *Buhen*, p. 119.

<sup>288</sup> Por que razão um muro rectilíneo é mais estável que um vertical? A construção de uma muralha de perfil vertical exigia dos engenheiros egípcios uma maior complexidade no momento de colocar em prática a construção da muralha. Esta não pode ser construída com blocos de pedra de consideráveis dimensões e necessita de sofrer contracções e cortes, que podiam levar a uma menor consistência da muralha; cf. MONNIER, «Éléments raisonnés pour la reconstitution d'une forteresse», *GM*, p. 68.

do faraó, hipótese aparentemente algo forçada. Se estes contrafortes foram construídos com esse fim, não foram a única solução encontrada pelos egípcios na tentativa de dar mais segurança às muralhas. Os engenheiros egípcios desenvolveram uma técnica que permitia a colocação de um «esqueleto» em madeira que reforçava e estabilizava a estrutura<sup>289</sup>. Esta armação era composta por troncos inteiros dispostos lateralmente e transversalmente<sup>290</sup>. Este tipo de estrutura está directamente relacionado com a presença atestada de células, ou caixas, que eram preenchidas por areia, lixo e outros detritos, que permitiam, para além de tornar a muralha mais económica<sup>291</sup>, dar também uma maior resistência caso a fortaleza fosse atacada. Estas células absorviam a força do impacto que uma máquina pesada, por exemplo, podia exercer sobre a muralha, tornando-a assim mais resistente. Para além da utilidade que esta forma de construir tem em termos militares e económicos, também em caso de certas catástrofes naturais, a presença destas caixas podia ser a diferença entre uma muralha manter-se de pé ou cair. Este tipo de técnica está presente em muitos locais por todo o Mundo Antigo, como é o caso da muralha que defendia a capital hitita



**Figura 13** – Reconstituição de Walter Emery da porta fortificada de Buhen orientada a oeste e da muralha menor que estava adjacente ao muro principal. [Extraído de MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 51].

<sup>289</sup> MONNIER, «Éléments raisonnés pour la reconstitution d'une forteresse», *GM*, pp. 68-69.

<sup>290</sup> Idem, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 48.

<sup>291</sup> RANDALL-MACIVER e WOOLLEY, *Buhen*, p. 119.

de Hattucha<sup>292</sup>.

Noel Wheeler, no decorrer das suas escavações na fortaleza de Mirguissa, identificou a presença de um sistema de ventilação distribuído por todo o muro, em diferentes alturas, e que o perfuravam de uma face à outra. Interpretou então estes «tubos» como sendo uma forma expedita de secar mais rapidamente o muro, de forma a otimizar a construção da fortificação<sup>293</sup>. Edificar estas estruturas mais rapidamente deveria ter sido um aspecto muito tido em conta pela engenharia militar egípcia, pois a região era hostil e precisava de ser controlada e pacificada rapidamente. Se for esta a finalidade deste sistema de ventilação, este deveria estar presente em todas as fortificações da segunda catarata e da zona de Batn el-Hagar, próximas da maior ameaça às possessões egípcias em Uauat, que era a chefatura kuchita de Kerma. Não havendo informações sobre a presença deste singular sistema em outras fortificações, a hipótese terá de ficar em aberto.

Aparentemente um caso único da fortaleza de Buhen é a presença de uma segunda muralha (figura 13), que circundava todo o perímetro original da fortificação, estando assim adjacente à muralha principal, tendo um caminho de ronda a separá-las. Este caminho era protegido pela própria muralha, de dimensões menores, mas possuidora de ameias e merlões, seteiras, bem como bastiões arredondados que penetravam no fosso, estando a própria muralha edificada na escarpa do mesmo<sup>294</sup>. Tendo em conta as características deste muro, este certamente não deverá ter sido construído simplesmente para servir de obstáculo ao invasor, como uma dificuldade extra a quem tentasse subir o fosso. A presença de seteiras, bastiões, bem como as ameias e merlões, indiciam que havia destacamentos de soldados para esta primeira defesa. Para além disso, a presença de um caminho que permitia a circulação por toda a muralha dá força a esta ideia. Por outro lado, eram estas guarnições que tinham o primeiro contacto com o inimigo, tendo apenas como saídas, em caso de retirada, as faces laterais das portas fortificadas principais o que não assegurava a segurança destes soldados por completo, já que depois da fuga para o complexo fortificado da porta, ainda tinha de ser aberto o portão principal, algo perigoso no caso de um cerco. Para além da possibilidade de servir como defesa, esta primeira plataforma também poderá ter tido a função de oferecer

---

<sup>292</sup> NOSSOV, *The Hittite Fortifications*, pp. 10-15.

<sup>293</sup> MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 49.

<sup>294</sup> *Ibidem*.

refúgio a habitantes que procuravam segurança na fortaleza, podendo inclusive ajudar a combater os sitiadores com o que encontrassem<sup>295</sup>.

Na região compreendida entre Uronarti e Semna Sul, a arqueologia revelou a existência de duas muralhas que ligavam as fortificações entre si: a primeira ligava Uronarti a Semna Oeste e a segunda Semna Oeste a Semna Sul. A primeira localizada na margem oeste do Nilo, tinha cerca de 4,5 km de comprimento e 2,5 m de largura na base, sendo a sua altura aproximadamente de 5 m, sendo de notar que nos pontos geograficamente mais altos foram erigidas torres de vigia. A segunda muralha tinha a sua origem a oeste de Semna Sul e percorria 1 km até às proximidades de Semna Oeste, e estava provida de fundações profundas em pedra com cerca de 2 m<sup>296</sup>. Qual era a função destes dois muros? À partida parece pouco provável que fosse para proteger possíveis aglomerados populacionais núbios, já que em primeiro lugar estes estão fixados maioritariamente na margem este do rio<sup>297</sup>, e em segundo lugar a construção de uma muralha, certamente bastante dispendiosa, para proteger um possível inimigo, parece pouco provável. Assim, a edificação destes dois muros pode dever-se a duas razões: a primeira, de origem militar, seria a necessidade egípcia de estender o campo de visão das guarnições da região, ou seja, os soldados destacados para estes muros tinham uma posição mais avançada, permitindo assim avisar com alguma antecedência uma possível incursão inimiga na zona a fortaleza respectiva. A outra razão prende-se com uma possível necessidade de defender um ou mais povoados egípcios fixados entre estas fortalezas, bem como as produções que pudessem existir adjacentes a estes.

#### 4. TORRES E BASTIÕES

Partes importantes de um pano de muralha são as suas torres e bastiões. Robustecem os muros da fortaleza, fornecem mais segurança a quem defende a muralha e criam múltiplos ângulos de tiro. A torre é uma estrutura agregada à muralha, que excede a altura desta e avança sobre o inimigo. Sem esta altura e sem este «avanço», não conseguiria criar os tais ângulos de tiro. A torre garante a integridade da muralha, sendo o bastião projectado a partir

---

<sup>295</sup> MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, pp. 49-50.

<sup>296</sup> Idem, p. 124.

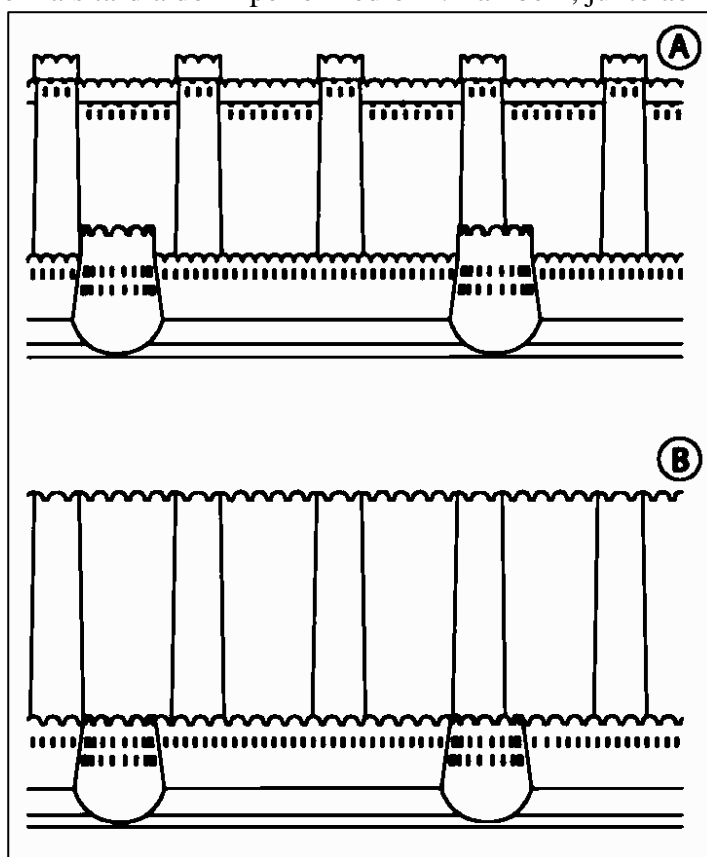
<sup>297</sup> Segundo David O'Connor, as necrópoles referentes às populações do Grupo A evidenciam com alguma segurança a presença dos próprios povoados do horizonte cultural, e como a maioria destas necrópoles estão compreendidas essencialmente nas zonas férteis do Nilo na Baixa Núbia, zonas situadas principalmente na margem este do rio; cf. O'CONNOR, *Ancient Nubia*, pp. 14-15.

da muralha ou de uma rampa<sup>298</sup>. Ele maximiza o «avanço» sobre o inimigo, aumentando com isso a capacidade de tiro em múltiplos ângulos. A muralha torna-se, com as suas torres e com os seus bastiões, agressiva, adquirindo uma posição mais avançada, permitindo uma defesa mais eficaz e multiposicional.

Nas fortificações construídas na Núbia durante o Império Médio, e usando mais uma vez a fortaleza de Buhen como exemplo, esta apresenta uma linha avançada de bastiões semicirculares que a protegem em três lados, com a excepção da face virada para o Nilo, onde as defesas só seriam edificadas numa fase mais tardia do Império Médio<sup>299</sup>. Também, junto ao fosso, a fortaleza de Buhen possuía cerca de 16 bastiões arredondados, projectados para o interior do mesmo<sup>300</sup>. Assim, uma primeira fase de construção das fortalezas egípcias na Baixa Núbia consiste em muralhas com bastiões arredondados (Ikken e Buhen) e com defesas avançadas com a mesma tipologia de estrutura, mas de dimensões mais reduzidas (Kuban e Buhen)<sup>301</sup>. Não há evidências de que estes bastiões seriam mais altos do que a muralha secundária à qual estavam agregados. Teriam uma altura e espessura equivalentes, protegendo, também, os caminhos que rodeavam toda a cidadela de Buhen<sup>302</sup>.

Passado esse primeiro e forte

obstáculo, o inimigo deparava-se com a cidadela de Buhen e com uma muralha composta por cerca de 57 torres, que W. B. Emery e G. Steindorff interpretaram como sendo mais altas que a muralha, hipótese que A. Lawrence refuta ao dizer que estas eram da mesma altura que a



**Figura 14** – Vista frontal das estruturas defensivas de Buhen. Em A: modelo de Walter Emery. Em B: modelo de Franck Monnier. [Extraído de MONNIER, «Éléments raisonnés pour la reconstitution d’une forteresse», *GM*, p. 71].

<sup>298</sup> MORKOT, «Bastion», in *The A to Z of Ancient Egyptian Warfare*, p. 44.

<sup>299</sup> MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 138.

<sup>300</sup> Idem, p. 49.

<sup>301</sup> Idem, p. 46.

<sup>302</sup> Idem, «Éléments raisonnés pour la reconstitution d’une forteresse», *GM*, p. 68.

muralha, como está representado na seguinte imagem (figura 14). Esta opção em construir as torres, que mais não são do que contrafortes adossados à muralha, ao mesmo nível que o muro, poderá ter uma explicação na própria forma como estas eram colocadas no pano de muralha. A construção das torres era independente do resto da estrutura, ou seja, estas eram edificadas à parte, garantindo assim uma maior resistência ao muro, já que se uma destas torres caísse nenhuma parte do muro desabaria com ela<sup>303</sup>. Este factor estrutural pode ser uma razão para as torres não ultrapassarem o limite imposto pela muralha, já que a instabilidade originada pela não agregação da torre à muralha devia ser maior se esta ultrapassasse a altura da estrutura. Este paradigma arquitectónico adoptado pelos egípcios para edificar as torres, ou os contrafortes fortificados, está presente em todas as fortalezas da XII dinastia<sup>304</sup>. Para manter as torres em contacto com os muros, os egípcios utilizaram a mesma técnica, já



**Figura 15** – Vista noroeste das defesas da fortaleza de Buhen. [Extraído de SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 20].

propriamente ditas. Também possuíam uma armação em madeira. Em Buhen, por exemplo, cada torre tinha dezoito troncos dispostos em seis filas feitas a partir do centro da mesma<sup>305</sup>.

Por fim, referimo-nos às torres bastonadas que estão presentes de uma forma clara em Buhen e Uronarti, pertencendo ambas a tipologias diferentes. Estas torres estão edificadas nos quatro lados do forte, são mais largas e profundas e as suas faces não apresentam nenhum desnível (figura 15). A importância destas torres era grande, já que estas permitiam aos soldados em serviço ter uma perspectiva total sobre o fosso, podendo assim atingir o inimigo com maior eficácia a partir de múltiplos ângulos. No caso de Uronarti e das fortalezas de Batn el-Hagar é verificável uma nova tipologia de torres bastonadas, muito devido à própria morfologia do terreno em que foram edificadas, onde devido à inclinação da escarpa não

<sup>303</sup> MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, pp. 46-47.

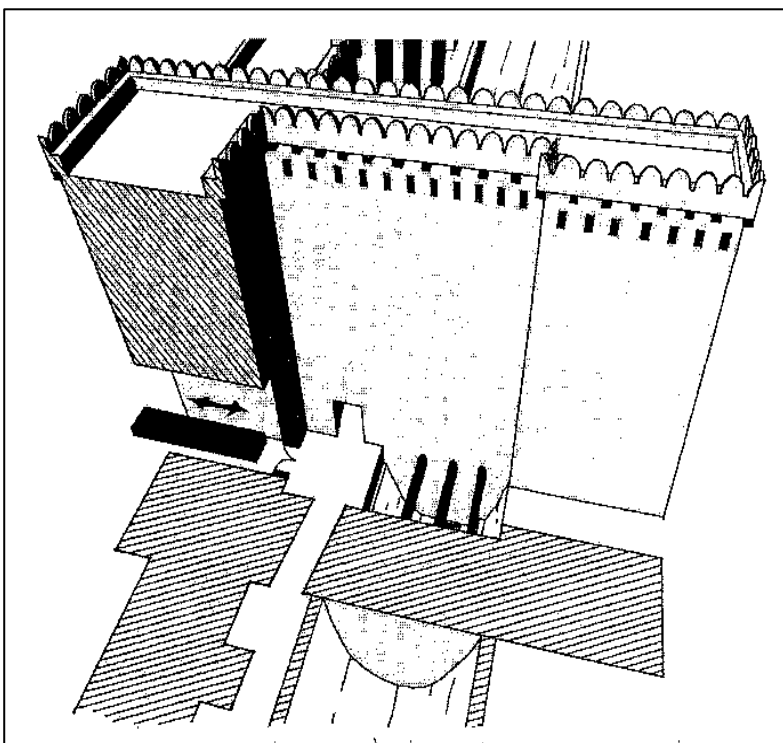
<sup>304</sup> Idem, pp. 143-155.

<sup>305</sup> Idem, p. 48.

houve a necessidade de escavar fossos para proteger as estruturas<sup>306</sup>. A morfologia irregular da região alterou também as formas destas mesmas torres bastonadas.

## 5. AS PORTAS FORTIFICADAS E OUTROS ACESSOS

A necessidade de fortificar uma porta deve-se essencialmente à fragilidade desta num contexto de cerco. Sendo esta o ponto de contacto entre o interior e exterior da fortaleza, os arquitectos egípcios tinham de ter em conta dois factores: em primeiro lugar, que a entrada devia ser acessível para a própria população, tanto militar como civil; o outro aspecto a ter em conta era que o acesso devia ser dificultado ao máximo para os inimigos, situações que nem sempre podiam coexistir em condições ideais, levando a que um dos factores fosse negligenciado, como foi o caso das fortalezas egípcias na Baixa Núbia. Principalmente no reinado de Senuseret III, quando as fortificações sofreram algumas alterações, as portas adquiriram características que as tornaram de difícil acesso, não só para os invasores, mas também para a própria população. A grande maioria destas, em especial as que estavam em contacto com o deserto, eram acedidas por uma encosta com o declive considerável, e mesmo já no interior da passagem o solo desta era inclinado. No caso concreto do Antigo Egipto, encontram-se dois tipos de portas, as portas grandes e altamente fortificadas



**Figura 16** – Ponte móvel da porta fortificada oeste em Buhen. [Extraído de MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 52].

orientadas para o deserto e as menores e menos reforçadas que davam acesso ao rio. O nível de reforço que uma porta recebe torna-a em muitos casos o ponto mais difícil de tomar num complexo fortificado, sendo um possível reduto em caso de tudo o resto ter caído<sup>307</sup>.

<sup>306</sup> MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, pp. 49-53.

No caso concreto do primeiro tipo de porta, estas eram normalmente constituídas por dois bastiões semicirculares ou por um par de torres rectangulares que nasciam do pano de muralha. Este tipo de porta fortificada é verificada principalmente nas fortalezas a norte da segunda catarata, como é o caso de Kubban, Buhen e Mirguissa. O exemplo mais flagrante está situado em Buhen, intitulada por W. Emery como «grande barbacã» (figura 17), com uma entrada orientada a oeste, na segunda muralha defensiva de Buhen, com 47 m de comprimento e 30 m de largura, que era feita de tijolo e estava directamente ligada ao fosso que envolvia quase toda a fortaleza. Duas grandes torres penetravam para o exterior, enquanto no interior duas portas de madeira maciça davam acesso a um pátio que por sua vez era precedido por outro pátio<sup>308</sup>. Estas praças serviam de armadilhas para quem tentasse tomar a fortificação, pelo que os invasores se veriam presos nesses pátios, tornando-se alvos para os arqueiros egípcios, destacados nas plataformas superiores das torres<sup>309</sup>. A entrada no pano de muralha original era feita por outra porta, sendo esta fortificada por duas torres excisas que se estendiam bastante para lá da muralha. Esta entrada tinha igualmente duas portas de madeira, que davam acesso a uma ponte levadiça sustida por três grandes vigas de madeira dispostas transversalmente sobre um fosso<sup>310</sup> (figura 16). As diferenças verificadas entre as fortalezas que ficam a norte da segunda catarata e as que estão situadas a sul não estão patentes nas tipologias das portas. Neste aspecto as entradas são bastante idênticas entre todas<sup>311</sup>. A única diferença está na fortificação de Semna Oeste, apresentando esta duas portas orientadas para o deserto, na muralha norte e sul, estas eram o escoamento da rua principal da fortaleza, que servia de artéria basilar para o dia-a-dia dos habitantes militares e civis da fortificação<sup>312</sup>. Ambas as entradas apresentavam características idênticas, um grande complexo fortificado que saía do perímetro muralhado, tendo uma entre 15 m e 16 m de comprimento. Possuíam duas portas de madeira e o espaço entre estas estava descoberto, permitindo assim aos soldados egípcios atingirem os invasores com as mais variadas tipologias de projecteis<sup>313</sup>. Existe também a possibilidade de estas portas terem tido mais defesas, como as «bocas de

---

<sup>307</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, pp. 22-23.

<sup>308</sup> MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, pp. 50-52.

<sup>309</sup> *Idem*, p. 52.

<sup>310</sup> Esta ponte quando removida impedia a entrada de qualquer assaltante na fortaleza. A ponte construída em Buhen é também o primórdio das pontes que mais tarde se irão tornar um clássico nos castelos medievais europeus; cf. *Ibidem*.

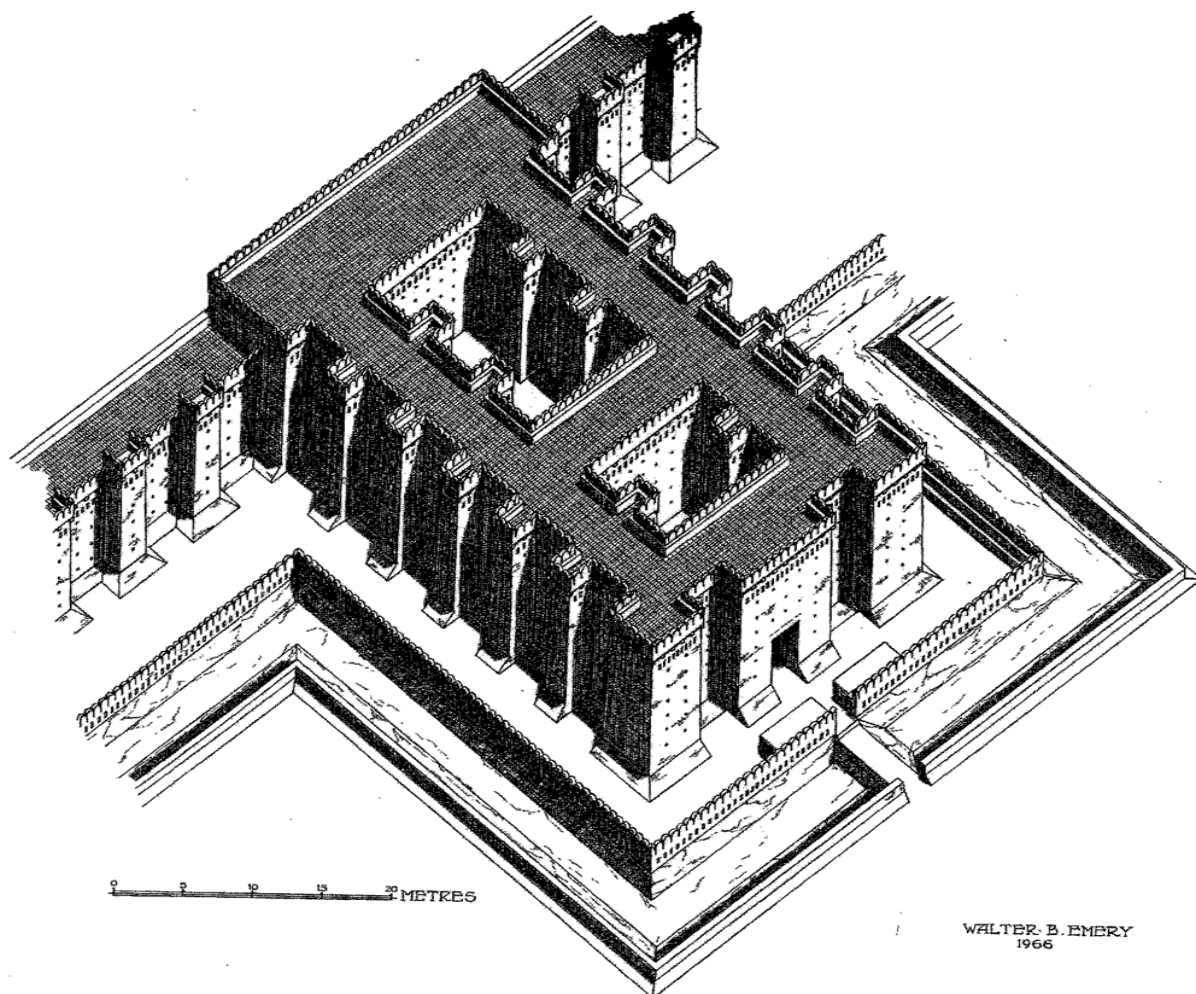
<sup>311</sup> O acesso a Uronarti estava restrito a apenas uma porta, orientada para sul e antecidida por uma encosta íngreme, que dificultava o acesso. À imagem da porta de Buhen, em Uronarti a entrada era flanqueada por duas torres com 6 m de largura e 23 m de comprimento; cf. VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, pp. 32-34.

<sup>312</sup> REISNER, «Ancient Egyptian Forts at Semna and Uronarti», *BMFA*, pp. 69-71.

<sup>313</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 38.



lobo» ou «balcões matakões». Infelizmente o nível de preservação das superestruturas das muralhas não permitiu identificar tais defesas<sup>314</sup>.



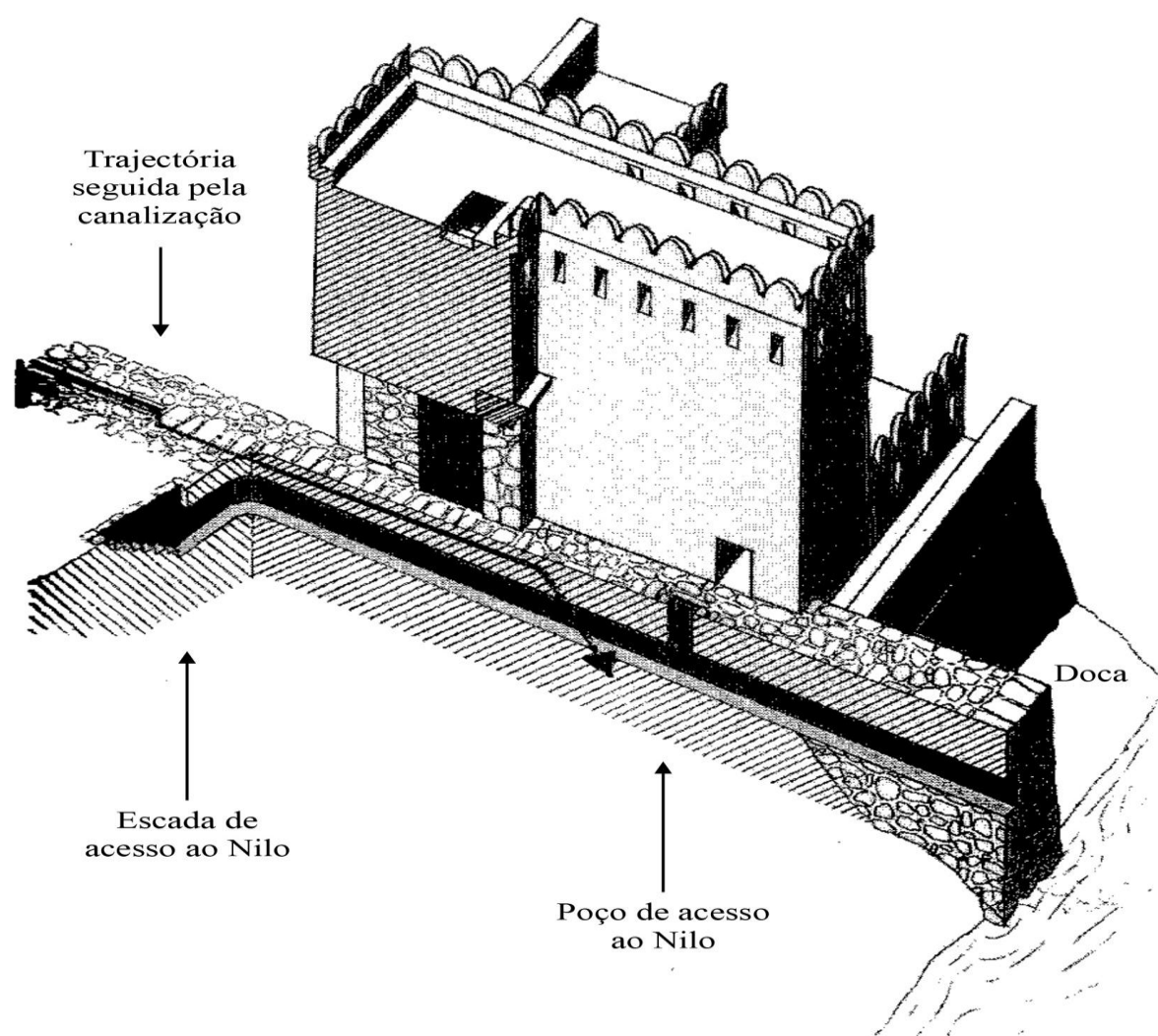
**Figura 17** – Reconstituição idealizada por Walter Emery da «grande barbacã» em Buhen. [Extraído de MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 48].

Uma outra forma de aceder a uma fortaleza egípcia, talvez a mais significativa<sup>315</sup>, para além das estradas do deserto, são os portos nilóticos (figura 18), as vias de acesso mais importantes deste tipo de fortificações. Na realidade apenas na fortaleza de Buhen é possível afirmar que os portos fazem parte do complexo fortificado, em todos os outros casos desde Mirguissa a Semna Sul, principalmente por razões topográficas, razões essas que não permitiram unir o porto à fortaleza, já que as fortificações foram construídas em escarpas íngremes que não permitiam a edificação da infraestrutura. Desta forma o porto fluvial teria

<sup>314</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 25.

<sup>315</sup> Embora o uso de rotas terrestres, que conectavam não só as fortalezas, mas também as explorações e povoados indígenas, fossem uma evidência no contexto da rede de fortificações egípcias na Baixa Núbia, é o rio Nilo a mais importante via de transporte e movimentação de pessoas e mercadorias, factor que atribui às portas fluviais um destaque extra.

de ficar na zona mais plana e de melhor acesso, características paradoxais que iam contra as intenções procuradas pelos arquitectos egípcios no momento de decidir onde fortificar<sup>316</sup>. As escavações arqueológicas na fortaleza de Buhen revelaram dois portos feitos de pedra onde podiam atracar embarcações egípcias e núbias, ambos orientados para oriente, e defendidos por duas portas fortificadas com duas torres excisas em cada uma. Cada um destes portos albergava o sistema de abastecimento de água para a fortaleza e um complexo sistema de escoamento de águas nilóticas.



**Figura 18** – Sistema semiautomático de água na porta este de Buhen. [Adaptado de MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 53].

As escadas que permitiam o acesso ao Nilo são comuns em todas as fortalezas egípcias da Baixa Núbia estas escadas, servindo principalmente para abastecer o forte com

<sup>316</sup> Apesar de não haver referências a estruturas defensivas conectadas com estes portos, parece provável que pudesse haver algum tipo de defesas, como é o caso de torres ou fossos. Mesmo a não existirem, certamente que o porto seria dos locais mais bem guardados militarmente.

água, tanto na guerra como na ausência desta<sup>317</sup>. Eram também parcialmente cobertas por uma laje de granito que partia do pano de muralha, terminando na margem do rio<sup>318</sup>. A presença deste bloco de pedra deve-se à fragilidade que esta escada dava à fortificação, assim quanto mais escondida estivesse melhor. Certamente que o inimigo núbio sabia da existência deste acesso, já que o fluxo comercial com estes era bastante intenso, implicando pois que este estivesse de estar bem defendido em momentos de cerco. A presença destas escadas só é explicada pela fulcral importância do abastecimento de água, algo que apenas podia ser possível com um acesso ao rio, já que as fortificações estavam construídas em pleno deserto, bem como em escarpas rochosas, não havendo acesso a poços interiores<sup>319</sup>. Segundo George Reisner, a mais bem preservada escada de acesso ao rio Nilo está em Semna Oeste, onde, a escada nasce directamente da muralha exterior da fortificação, sendo envolvida por um corredor de granito que desce até ao rio por 95 degraus. Segundo o mesmo autor, as subidas e descidas do caudal do rio não ponham em causa o acesso à água potável por parte de militares e civis<sup>320</sup>. Em Uronarti, o acesso à escada em questão era feito pela porta setentrional que dava acesso a uma passagem com cerca de 8 m de comprimento e 2,6 m de largura. A descoberta de barras de madeira evidencia a presença de duas portas separadas por 4 m. A escada era pavimentada por lajes de pedra e a água passava pelas portas, sendo preciso percorrer cerca de 250 m para norte até se atingir o Nilo<sup>321</sup>.

É curioso observar que as portas menos fortificadas eram as que davam acesso ao Nilo, a via de comunicação mais utilizada não só nesta região mas em todo o Egipto. Este aspecto aparenta ser um paradoxo, tendo em conta que seria pelo rio que o maior perigo chegaria a estas estruturas defensivas. Como foi referido anteriormente<sup>322</sup>, era forte a possibilidade de haver um ataque inimigo por via fluvial, já que havia embarcações com tal capacidade do lado kuchita, logo a defesa dos acessos à fortaleza nesse sector deveria ser optimizada, algo que não se verifica. Assim, qual a razão que levou os arquitectos egípcios a terem uma maior preocupação com as entradas orientadas para o deserto? Não chegou aos nossos dias nenhuma descrição de um cerco núbio a qualquer uma destas fortificações, logo todas as possibilidades terão uma base especulativa, não sendo possível provar nenhuma

---

<sup>317</sup> MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 52; VOGEL, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 428.

<sup>318</sup> REISNER, «Ancient Egyptian Forts at Semna and Uronarti», *BMFA*, p. 69.

<sup>319</sup> Para além da inexistência de poços, a ausência de referências na bibliografia a aquíferos ou cisternas nos complexos fortificados egípcios na Baixa Núbia, evidencia a inexistência destes igualmente. A carência de tais fontes de água é explicada essencialmente pela falta de pluviosidade e pelas características desérticas da região.

<sup>320</sup> REISNER, «Ancient Egyptian Forts at Semna and Uronarti», *BMFA*, pp. 70-71.

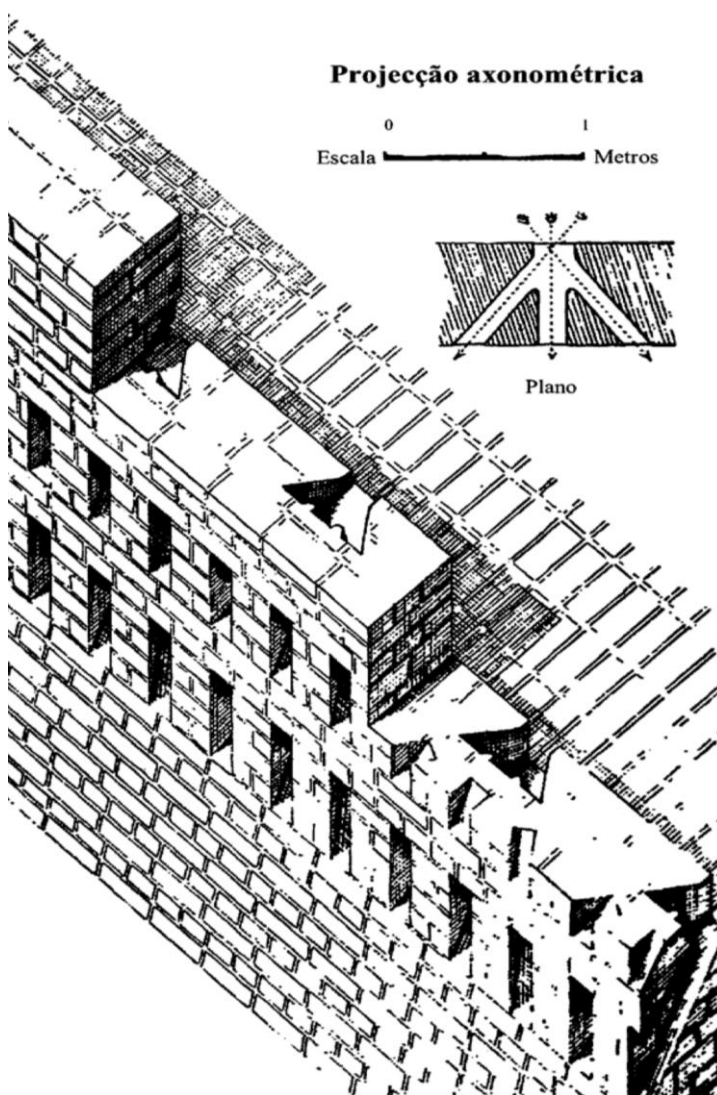
<sup>321</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 34.

<sup>322</sup> Ver capítulo I, pp. 17-35.

delas. Em primeiro lugar a hipótese de o grupo armado núbio não ter de todo a capacidade para invadir a fortaleza por via dos portos que nela existiam, ou por falta de tecnologia, ou por a fortificação estar bastante bem defendida, caso que se verifica na realidade. Por outro lado, este tipo de portos defendidos por portas menores, apenas existe nas fortalezas a norte da segunda catarata, nas restantes os portos estão fora do complexo. Até que ponto estas fortalezas estiveram em contacto com um inimigo capaz de as pôr em risco? Numa primeira fase, ainda datável dos inícios da XII dinastia, provavelmente sim, mas com o avançar da fronteira para sul este contacto bélico deve-se ter desvanecido.

## 6. OUTRAS TIPOLOGIAS DEFENSIVAS

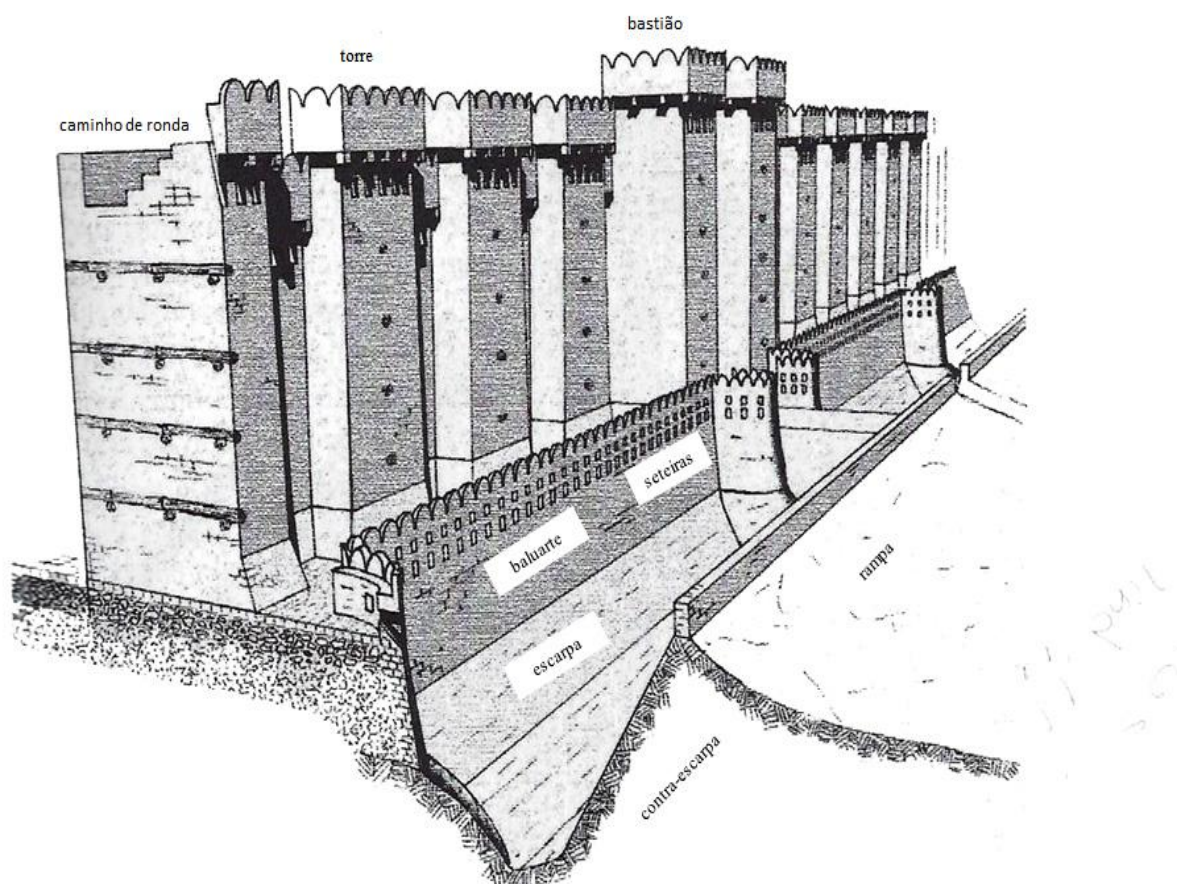
O maior obstáculo para uma hoste que tivesse a intenção de tomar uma fortaleza seria sem dúvida as muralhas desta e as guarnições que a defendiam, mas por vezes estes muros não eram suficientes para impedir um assédio, levando os detentores da estrutura a construir torres, bastiões e portas fortificadas, com a intenção de fortalecer o complexo (figura 20). Mas em certos casos, e devido à topografia do terreno, ou por causa do nível tecnológico do inimigo, os arquitectos e altas patentes militares sentiram a necessidade de adicionar ainda mais obstáculos a possíveis sitiadores, como é o caso das rampas ou declives, fossos e, por vezes, minas. Para o caso concreto do Antigo Egipto, as fortalezas edificadas na Baixa Núbia apenas



**Figura 19** – Modelo de seteira, em Buhen, com diversos ângulos de tiro com arco e flecha. [Adaptado de MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 50].

apresentam os dois primeiros exemplos.

A presença de rampas em fortalezas egípcias da segunda catarata está atestada em Buhen, Mirguissa, Semna Oeste e Semna Sul<sup>323</sup>. Em ambos os casos, a rampa termina abruptamente num pequeno muro, dando de seguida para um fosso, a junção das rampas com o muro tornava impossível ao agressor ter a percepção da existência do fosso, fazendo com que os sitiadores caíssem no interior deste, onde iriam estar ao alcance dos arqueiros egípcios localizados no topo das muralhas, bem como por detrás de pequenos orifícios colocados na muralha de menores dimensões antecedendo o pano de muralha principal<sup>324</sup>. Estas seteiras (figura 19) tinham a peculiaridade de se abrir em três ou seis orifícios, com direcções e inclinações diferentes, para dar aos arqueiros uma visão mais ampla, apesar de esta ser angular e apenas cobrir um ponto restrito<sup>325</sup>.



**Figura 20** – Vista de perfil das estruturas defensivas da fortaleza de Buhen. [Adaptado de MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 47].

<sup>323</sup> MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, pp. 135-158.

<sup>324</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 22.

<sup>325</sup> MONNIER, «Éléments raisonnés pour la reconstitution d'une forteresse», *GM*, p. 71.

No caso dos fossos, como foi referido, estes são anteceditos por uma rampa, variando os fossos em largura e em profundidade dependendo da fortaleza. Em Buhen, o fosso apresenta 6 m de largura e 3 m de profundura, circundando todos os lados da fortaleza, com a excepção da vertente virada para o rio<sup>326</sup>. Devido à descoberta de um sistema de evacuação de águas, pensa-se que o fosso de Buhen seria seco ou então parcialmente enchido de água que não ultrapassaria os 70 cm. O fosso era também delimitado por duas escarpas lisas e íngremes que impediam a escalada<sup>327</sup>.

A necessidade que as fortalezas a norte da segunda catarata tiveram em criar obstáculos para dificultar e impedir o avanço inimigo para as muralhas não é verificado nas fortalezas a sul de Askut, com a excepção das já referidas Semna Oeste e Semna Sul, que apresentam fossos e rampas ao longo de quase todo o pano de muralha. Devido ao local onde estavam edificadas, estas tiveram a possibilidade de prescindir dos tipos de defesas acima descritas, já que a própria geografia fornecia aos egípcios os obstáculos necessários que em outras latitudes não se verificava<sup>328</sup>.

## 7. O QUARTEL-GENERAL

Todas as fortalezas egípcias em Uauat tinham um quartel-general? Uma observação feita sobre as plantas, mostra que todas tinham um edifício com o potencial para desempenhar essa função. As características de seguida apresentadas e defendidas por Carola Vogel são as mais usadas para identificar um possível quartel-general<sup>329</sup>:

- Ser maior que as casernas;
- Destacar-se das outras estruturas;
- Ter um piso superior;
- Ser imponente;
- Ter um acesso rápido às muralhas;
- Ter uma posição estratégica<sup>330</sup>.

---

<sup>326</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, pp. 22-30.

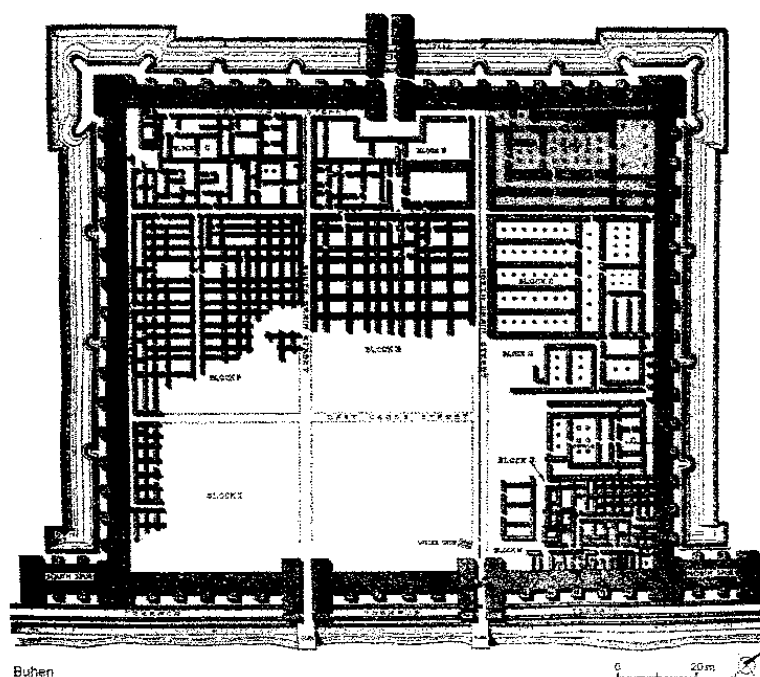
<sup>327</sup> MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, pp. 49-50.

<sup>328</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 26.

<sup>329</sup> Idem, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 423.

<sup>330</sup> De uma forma geral, um quartel-general de uma fortificação egípcia apresenta-se sempre relativamente próximo da porta principal, como se pode ver na planta apresentada (planta 4); cf. BADAWY, «Festunganlage», in *Lexikon der Ägyptologie*, II, col. 198.

Nem todas as fortificações apresentam uma estrutura que reúna em si todas estas características, o que não impossibilita a existência de um quartel-general nas mesmas. Por exemplo, a fortificação de Semna Oeste (fortaleza com grande relevância na rede<sup>331</sup>) não apresenta um edifício com todas aquelas características, mas tendo em conta a sua importância no contexto, seria difícil de explicar e defender uma não existência de quartel-general nesta fortificação<sup>332</sup>. Nas fortalezas de Buhen, Askut, Chalfak e Uronarti existe realmente um edifício que reúne as seis características. Em Buhen o bloco A, edifício de grandes dimensões situado no canto noroeste da cidadela, apresenta duas escadas, uma que dava acesso directo à muralha, outra a um piso superior. O acesso a estas escadas era feito a partir da entrada principal. Na fortaleza de Askut a presença de um quartel-general parece ser evidente. O



**Planta 4** – Representação do quartel-general de Buhen (bloco A, edifício no canto noroeste da fortificação). [Extraído de VOGEL, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 423].

edifício de grandes dimensões (274 m<sup>2</sup>), principalmente devido ao reduzido tamanho da fortificação, situado também no canto noroeste da fortaleza possui, também, duas escadas com acessos idênticos à de Buhen, bem como grandes divisões providas de colunas e pequenas salas que deveriam ter servido de armazéns ou arsenais. Quanto a Chalfak, o possível quartel-general (225 m<sup>2</sup>) situado na zona sul da fortificação à

imagem dos dois anteriores, possui duas escadas que dão

<sup>331</sup> Como o tamanho, posição estratégica e literatura provam.

<sup>332</sup> O elevado nível de destruição verificado em Semna Oeste, bem como em Mirguissa, não permitiu uma aquisição de informações concretas, e apesar de apresentarem estruturas com potencial para serem quartéis-generais não é possível dizer com certeza se tinham realmente esse propósito: cf. VOGEL, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 425.

<sup>333</sup> Um deles podia pertencer à elite administrativa, já que Uronarti tinha uma forte componente administrativa; cf. BADAWY, «Festunganlage», in *Lexikon der Ägyptologie*, II, col. 198.

de qual seria o quartel-general<sup>334</sup>, mas ao observar a planta da fortificação, aparentemente o bloco VII partilha mais características com os outros quartéis-generais do que o bloco II.

A atribuição do termo «quartel-general» no sentido de local onde habita o comandante militar, muito à imagem do *praetorium* ou *principia* romano, para as fortificações egípcias pode ser um erro. Não há provas de que os egípcios fizessem uma distinção entre a residência do militar com maior patente e as casernas dos restantes soldados. Mas, mesmo não sabendo qual era o estatuto do comandante dentro da fortaleza, é de prever que houvesse uma separação hierárquica das habitações. O edifício que recebe a nomenclatura de quartel-general é normalmente o maior e com melhores condições entre todas as estruturas da fortificação, o que contradiz a ideia de racionalização do espaço existente<sup>335</sup>. Mas, por outro lado, a existência de edifícios com estas características, e aceitando que serviam de quartéis-generais, é uma prova da importância do militar com maior patente.

Que grau dentro da hierarquia militar definia o comando de uma fortificação egípcia na Baixa Núbia? Tendo em conta a permanente instabilidade e importância da região para a manutenção de um Egipto imperial e expansionista, parece claro que a patente teria de ser alta. Por outro lado, como era possível convencer um militar de carreira a mudar-se para uma região inóspita e longínqua do centro do poder em Iti-taui no Médio Egipto? Certamente que este iria usufruir de benefícios, desde logo a sua habitação na fortaleza, bem como o acesso às movimentações de ouro e de outros materiais preciosos, que usavam as fortalezas como entrepostos<sup>336</sup>.

## 8. AS CASERNAS

Apesar do número de guarnições egípcias destacadas para as fortalezas em Uauat não ser, aparentemente numeroso<sup>337</sup>, a forma de como melhor as alojar dentro da fortificação deverá ter sido um problema tido em conta pelos arquitectos egípcios do Império Médio<sup>338</sup>. Estes soldados deveriam ter boas condições de alojamento, já que era fulcral mantê-los com a

---

<sup>334</sup> VOGEL, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, pp. 423-424.

<sup>335</sup> *Idem*, p. 423.

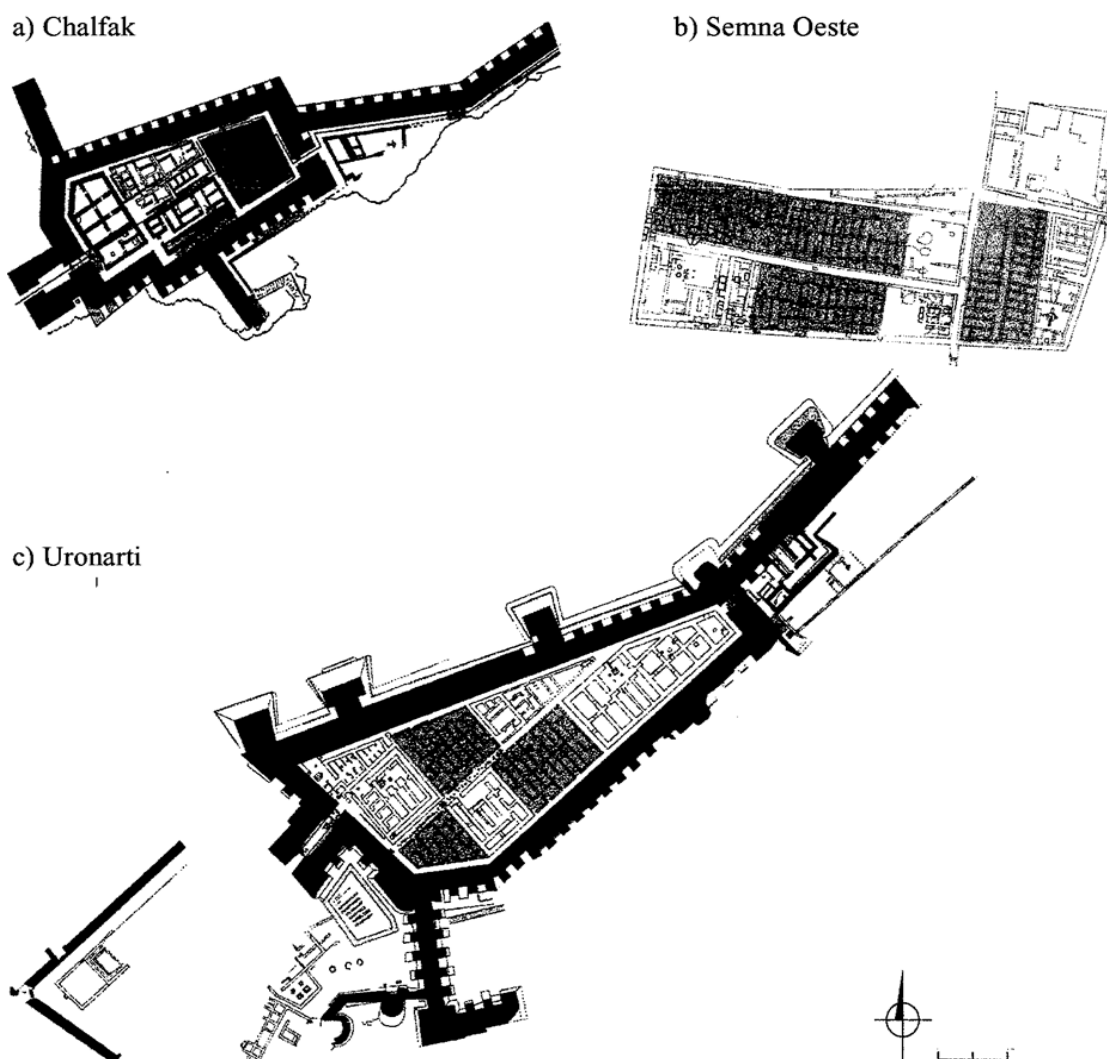
<sup>336</sup> A distância entre estas micro-administrações e o poder central também poderia ser propícia à corrupção, em especial de quem tem o poder. Logo, o faraó e a sua máquina administrativa deverão ter criado contramedidas de forma a evitar tais fenómenos, entre os quais a atribuição de «prémios» derivados do comércio do ouro, além de outros; cf. *Ibidem*. Iti-taui, situada no Faium, era a capital do Egipto na XII dinastia.

<sup>337</sup> Ver subcapítulo 4.1, pp. 107-118.

<sup>338</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 39.



moral alta numa região hostil. Do seu estado dependia a boa defesa da fortaleza e o controlo da região.



**Planta 5** – Representações das casernas em Chalfak (bloco VII), Semna Oeste (três complexos a cinzento) e Uronarti (bloco I, VIII e X). [Adaptado de VOGEL, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 422].

A problemática, supracitada, sobre a racionalização do espaço, no caso concreto das casernas<sup>339</sup> (planta 5) é extremamente importante. Os arquitectos egípcios, como forma de aproveitar melhor a área correspondente, optaram, como em outras épocas da história, por estruturas regulares e uniformizadas. As casernas de uma fortaleza egípcia da segunda catarata, ou Batn el-Hagar, tinham uma dimensão que podia ir dos 32 a 44 m<sup>2</sup>, divididos em

<sup>339</sup> A uniformidade arquitectural, amplamente repetida, das casernas, tornou estas estruturas bastante bem identificadas nos contextos respectivos; cf. VOGEL, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 421.

três divisões. A primeira era, normalmente, rectangular e dava acesso aos outros dois compartimentos. Esta divisão seria uma sala de convívio, onde eram preparadas as refeições, mas também seriam aqui os armazéns, bem como o local de manutenção do equipamento militar. As outras duas divisões eram os aposentos privados de um ou mais soldados, onde dormiam principalmente<sup>340</sup>.

Enquanto havia um padrão na arquitectura das casernas, não é possível identificar o mesmo no que diz respeito à distribuição destas pela fortificação. Como é possível ver nas plantas apresentadas, em Chalfak, as casernas estão divididas em oito sectores (bloco VII), ou seja, cada sector corresponde a uma caserna com as suas três divisões. Na fortaleza de Uronarti, as casernas estão divididas em três complexos (bloco I, VIII e X), mantendo em todas elas a uniformidade, onde a primeira divisão tinha 4,5x2,5 m e os outros dois quartos tinham 5x2 m, a largura da parede era de 50 cm. Por fim, em Semna Oeste, as casernas estão igualmente divididas em três complexos, sendo o que está situado na vertente ocidental o maior entre todas as fortalezas egípcias na Baixa Núbia<sup>341</sup>.

Depois de exposta a arquitectura, as funções e o posicionamento na fortaleza, uma pergunta deve ser feita. Quantos soldados podia albergar uma caserna? Se contabilizarmos o número de quartos de cada complexo de casernas, nas fortalezas de Chalfak, Uronarti e Semna Oeste, cada divisão parece ser ocupada por um único militar. Os resultados fornecidos são bastante reduzidos, mesmo para fortalezas com esta dimensão. Por exemplo, em Chalfak, com este paradigma, apenas havia capacidade para 16 soldados, em Uronarti cerca de 45 soldados e em Semna Oeste cerca de 100 soldados. Com estas guarnições seria difícil defender qualquer uma destas fortalezas, mesmo tendo em conta a vantagem que estas estruturas tinham sobre os seus inimigos núbios. Se cada quarto albergasse não um, mas dois soldados, os números duplicariam e a quantificação das guarnições seria mais plausível. Assim, Chalfak teria uma guarnição de 32 soldados, Uronarti tinha 90 e por fim Semna Oeste teria cerca de 200 soldados. É pouco provável que em todos os quartos de cada caserna estivessem dois soldados, sendo necessário ter em conta outros factores, como por exemplo a proximidade da fronteira e dos inimigos, a capacidade agrícola, a falta de efectivos e a administração local. Assim uma divisão poderia ter entre um a quatro soldados, tendo em

---

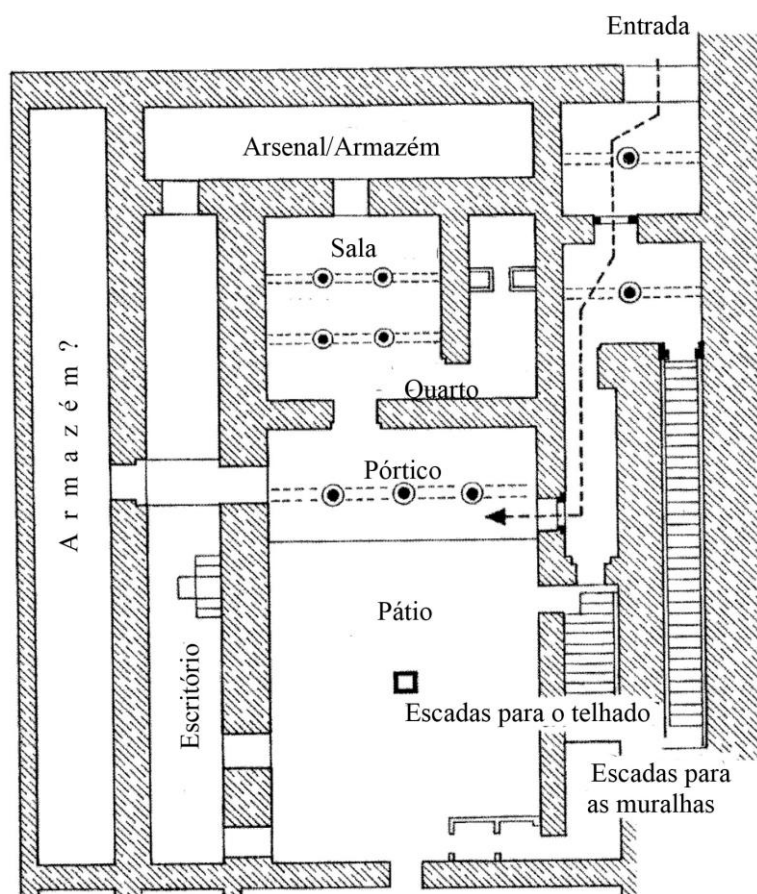
<sup>340</sup> É possível identificar paralelismos em termos do paradigma arquitectural e das funções destas estruturas, entre as casernas de uma fortificação egípcia e as casas dos trabalhadores da pedreira de basalto em Kasr el-Saga a norte do lago Faium. Aqui as casas possuem as mesmas características anteriormente descritas. As escavações arqueológicas realizadas nesta aldeia mostraram que na primeira divisão havia vestígios de fornos e restos de comida; cf. VOGEL, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 421; *Ibidem*.

<sup>341</sup> Idem, pp. 421-422.

conta que mais que quatro indivíduos devia tornar desconfortável ou até mesmo impossível a vivência num espaço relativamente pequeno.

## 9. O ARSENAL

Um dos aspectos mais importantes que deve ser levado em conta na planificação de uma fortaleza, ou até mesmo de um exército em marcha, é a forma como o armamento irá ser armazenado e reparado. No caso das fortificações egípcias da Baixa Núbia, existem dois termos que podem referir-se ao arsenal: *uedja* (depósito)<sup>342</sup> e *per-ahau* (casa das armas). Embora estes termos sejam muito referidos textualmente, no que diz respeito à arqueologia, esta teve muita dificuldade em identificar tais estruturas no contexto local, havendo no canto noroeste de Mirguissa um complexo que podia ser identificado como arsenal<sup>343</sup>, já que aí foram escavados centenas de pontas de sílex para serem utilizadas em lanças e flechas, arcos, bem como peles e alças para os escudos<sup>344</sup>. O Papiro de Reisner dá algumas informações para o que podia servir os



**Planta 6** – Quartel-general de Buhen onde se pode identificar o arsenal. [Adaptado de VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 45].

<sup>342</sup> Expressão presente em Mirguissa, Askut, Chalfak e Semna-Sul; cf. VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 45.

<sup>343</sup> As escavações neste suposto arsenal em Mirguissa permitiu estabelecer uma quantificação do número de soldados destacados para esta fortaleza: 70 homens no total, sendo que 35 eram lanceiros e os restantes eram arqueiros; cf. VALBELLE, *A vida no Antigo Egito*, p. 29.

<sup>344</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 45.

depósitos, distanciando este termo da função que um arsenal tem, este papiro diz-nos que estes depósitos eram utilizados essencialmente para armazenar pedra, tijolos e madeira<sup>345</sup>, bens essenciais para a construção das infraestruturas das fortalezas.

A dificuldade que a arqueologia teve em identificar estes espaços de armazenamento de armas, deve-se especialmente a duas razões: à característica perecível da pele e da madeira, composto maioritário da lança e do escudo, e devido ao valor do armamento feito em metal (bronze e cobre) que era constantemente reaproveitado, tornando-se assim impossível de ser identificado pelas escavações arqueológicas.

Existe também a possibilidade de o arsenal estar anexado ao próprio quartel-general, como se pode ver na planta (planta 6) retirada da obra de Carola Vogel<sup>346</sup>. Aqui podemos ver que o arsenal é uma divisão do próprio quartel, possibilidade que faz algum sentido, tendo em conta que para além de ser neste edifício que estava a chefia militar, era também aqui havia um rápido acesso ao topo das muralhas, permitindo assim uma melhor resposta no caso de ataque inimigo. Parece inevitável que todas as fortalezas tivessem um edifício ou divisão que tivesse a função de arsenal, mas as próprias idiossincrasias que estão relacionadas com a identificação de armamento em contexto arqueológico, não permitiram uma identificação concreta de tal infraestrutura.

## 10. O TESOURO

O tesouro será provavelmente o tipo de estrutura mais difícil de identificar como tal, devido à importância dos bens materiais que ali eram guardados. Bens como os metais preciosos (ouro e prata) ou até mesmo documentos importantes são objectos que, devido ao seu valor, nunca são deixados ao abandono<sup>347</sup>. Assim, a arqueologia para identificar tal edifício tem de relacionar outros objectos, como os selos, para poder mapear a estrutura dentro da fortaleza. O tesouro em egípcio diz-se *per-hedj* que traduzido quer dizer «a casa da prata», nome identificado em inúmeros selos encontrados em divisões que viriam a ser

---

<sup>345</sup> SMITH, «Administration at the Egyptian Middle Kingdom Frontier», in *Aegean Seals*, p. 203.

<sup>346</sup> *Ibidem*.

<sup>347</sup> São raros os casos onde objectos feitos em metal preciosos são escavados em contexto do quotidiano, a grande maioria é sempre descoberto em contexto votivo.

consideradas tesouros. Em Uronarti, por exemplo, foram encontrados 113 selos com este nome, o mesmo acontece em Askut, Semna Sul e Mirguissa<sup>348</sup>.

Normalmente, o tesouro está sempre próximo do celeiro, e tem um formato rectangular, com um pátio que dá acesso a três longas e estreitas divisões<sup>349</sup>. Seriam estes quartos o espaço onde eram guardadas as riquezas, enquanto o pátio seria usado como local onde eram contabilizados e administrados os bens que circulavam pelo tesouro? O espaço seria certamente bem guardado. Este terá sido, certamente, um factor a ter em conta, quando do destacamento das guarnições para uma fortificação egípcia, já que mesmo em caso de cerco o tesouro não podia ser deixado sem guarda. O tesouro está normalmente agregado ao celeiro. Fariam ambos parte do mesmo complexo? Esta possibilidade não pode ser descartada. Os dois edifícios, na sua base, possuem a mesma função, a de guardar bens, logo podiam formar, ambos, um único complexo, embora com possíveis administrações diferentes, já que a importância dos materiais era certamente distinta. Contudo, em nenhum dos casos acima apresentados, a arqueologia conseguiu identificar, com certeza, que se tratava de edifícios que tinham como função guardar os bens materiais mais valiosos existentes nas fortalezas.

## 11. O TEMPLO

Para uma sociedade como a egípcia, extremamente religiosa, a presença de um ou mais templos no quotidiano social e religioso de uma comunidade local deveria ser essencial para o bom desenrolar da vida diária. Curiosamente, no caso concreto das fortificações egípcias, a presença de templos só é confirmada já no Império Novo<sup>350</sup>, não havendo quaisquer suportes arqueológicos, entre os quais os relatórios estratigráficos, que provem a existência de templo em períodos anteriores, com a excepção da fortaleza de Buhen, onde está comprovado a existência de um templo datado da XII dinastia<sup>351</sup>. Também as estruturas que tinham sido identificadas como templo, mais tarde provaram ser quartéis-generais<sup>352</sup>.

Por que razão apenas foram construídos templos no Império Novo? Talvez a menor demografia que as fortalezas possuíam durante o Império Médio não exigisse tal estrutura, ou provavelmente não fosse de todo relevante a construção de templo numa época onde o

---

<sup>348</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 42.

<sup>349</sup> Idem, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 427.

<sup>350</sup> Templos em honra de divindades egípcias, como é o caso de Hórus e Hathor, mas também para deuses locais como Satet, Anukis, Khnum e Deduen; cf. Idem, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 50.

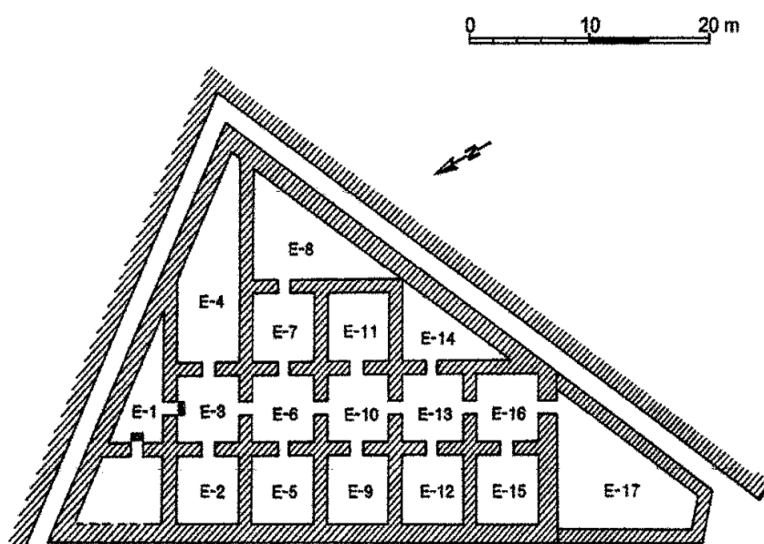
<sup>351</sup> Idem, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 427.

<sup>352</sup> Idem, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 50.

aspecto mais importante era manter, e se possível expandir, o território para sul, e o espaço disponível dentro das fortalezas não era abundante, como se verifica em Uronarti onde o espaço de culto foi construído fora do recinto muralhado, o que não deixa de ser curioso<sup>353</sup>. A resposta para a falta de templo durante o Império Médio nestas estruturas defensivas poderá estar no culto pessoal que cada soldado fazia, este tipo de culto terá nas primeiras fases sido suficiente para colmatar a falta de um templo<sup>354</sup>.

## 12. O CELEIRO

Apesar de apresentarem formas diferenciadas devido às idiossincrasias morfológicas de cada fortaleza. Os celeiros possuem uma bastante elevada uniformidade em termos de organização do espaço interior. Compostos por células com formato rectangular regular, que seriam enchidas muito provavelmente pelo tecto<sup>355</sup> que estava a cerca de 2,80 a 3,40 m de altura<sup>356</sup>, teria assim de haver um acesso a este por meio de uma ou mais escadas<sup>357</sup>. É claro que devido à necessidade de racionalizar o espaço e de por outro lado não poder



**Planta 7** – Celeiro de Askut. [Extraído de VOGEL, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 426].

<sup>353</sup> A colocação do templo de Uronarti no exterior das muralhas coloca um problema relacionado com a salvaguarda das oferendas que seriam certamente feitas por parte dos egípcios ao deus que era adorado no templo.

<sup>354</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, pp. 50-51.

<sup>355</sup> Tendo em conta que o celeiro era enchido pelo tecto, a relação entre a altura e a largura da estrutura é extremamente importante. Já que pode haver um celeiro com muita largura, o que pode criar a ilusão de ter bastante capacidade de armazenamento, mas se a altura for reduzida, essa capacidade esvanece-se. Assim, a altura do celeiro é mais importante que a área que ocupa, factor reforçado pela constante preocupação dos arquitectos egípcios em racionar o espaço.

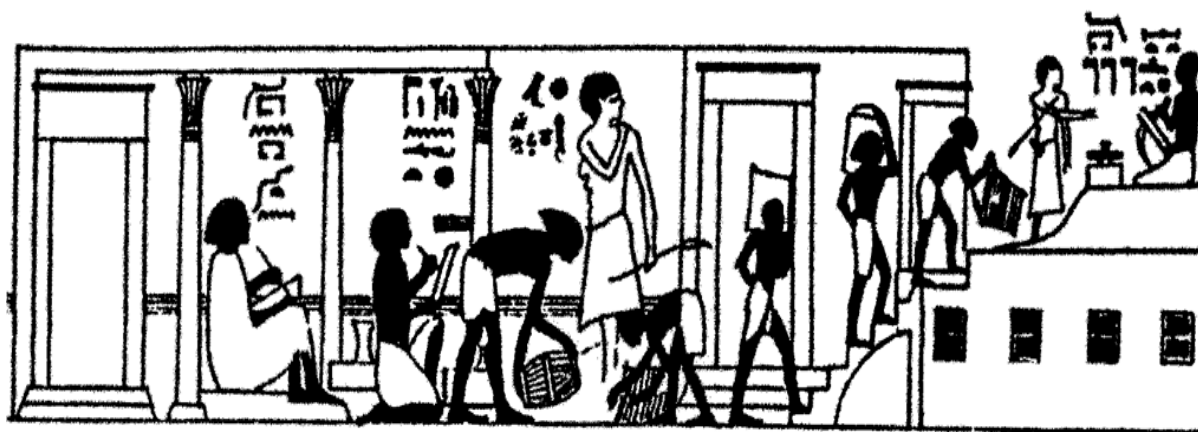
<sup>356</sup> O celeiro de Mirguissa tinha uma altura de 3,40 m de altura, medida que Barry Kemp não sabia se podia ser considerada o padrão de todos os celeiros; cf. VOGEL, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 425.

<sup>357</sup> O uso das escadas como via de acesso ao topo dos celeiros é defendido por Josef Wegner que escavou dez células pertencentes a um celeiro numa casa em Wah-Sut na zona de Abidos; cf. *Ibidem*.

prescindir do máximo de capacidade possível para guardar os alimentos, havia situações onde não era possível fazer um traçado regular em todas as divisões, o complexo de Askut é um caso evidente, como é possível observar na planta apresentada<sup>358</sup> (planta 7).

A principal função de um celeiro, neste caso concreto o de uma fortaleza egípcia, é naturalmente o armazenamento de alimentos que iram ser consumidos ao longo de um ou mais anos, em especial nos meses onde as colheitas são escassas e o rio é intransitável. No túmulo de Khnumhetep (figura 21) em Beni Hassan, datado da XII dinastia, há um mural que representa um celeiro e a forma como ele funciona. A pintura mostra uma divisão onde funcionários do faraó medem, contam e taxam os produtos recém-chegados, depois de esta tarefa estar completa, os produtos são levados aos ombros por uma escada que leva até ao topo do celeiro, onde irão ser despejados sobre o olhar atento de um funcionário<sup>359</sup>.

Na maioria dos casos as fortalezas apresentam celeiros que são relativamente proporcionais à demografia militar e civil que aí está fixada, é claro que a relatividade é grande, já que é difícil saber quantas pessoas viviam dentro de uma fortificação egípcia, este tipo de quantificação apenas pode ser feito como estimativa, algo que irá ser tratado no próximo capítulo. Askut é a exceção à regra, pois esta fortaleza apresenta um celeiro com capacidade que em muito ultrapassava as necessidades de quem aí vivia, logo o celeiro desta



**Figura 21** – Representação de um celeiro e da forma como funcionava no túmulo de Khnumhotep em Beni Hassan. [Extraído de VOGEL, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 425].

fortaleza para além de suportar os locais, e talvez as fortalezas que ficavam a sul, também servia de base de mantimentos para campanhas militares levadas a cabo pela casa real<sup>360</sup>. Um outro factor a ter em conta são os animais domésticos que precisam de ser alimentados, logo

<sup>358</sup> VOGEL, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, pp. 425-427.

<sup>359</sup> Idem, p. 425.

<sup>360</sup> MORKOT, «Supplies», in *The A to Z of Ancient Egyptian Warfare*, pp. 226-227.

era necessário criar um espaço para guardar o alimento destes<sup>361</sup>. Seria o mesmo celeiro utilizado para armazenar alimentos para ambos? Se sim, é necessário ter em conta estes animais na quantificação da distribuição dos mantimentos pela população, humana ou não. Outra questão pertinente é: que tipo de alimentos eram armazenados nestes celeiros? Certamente que os cereais (cevada) deveriam ser a maioria, bem como as leguminosas, em especial as lentilhas<sup>362</sup>, frutos (tâmaras) e legumes<sup>363</sup>.

### 13 ESTRUTURAS SANITÁRIAS

É difícil saber se as fortalezas egípcias possuíam aquilo que podemos chamar de casas de banho. O único vestígio ao qual poderá ser atribuído tal função é o quarto nº12 da fortaleza de Buhen, situado debaixo de um lanço de escadas que davam acesso ao segundo andar<sup>364</sup>. A existirem tais infraestruturas, estas estariam certamente confinadas às habitações mais relevantes, como é o caso do quartel-general, já que os problemas de espaço não terão permitido aos arquitectos egípcios desenvolver estas estruturas nas casernas dos soldados, por exemplo<sup>365</sup>.

Assim, de que forma os egípcios resolveram os problemas de higiene? Partindo do pressuposto que só o quartel-general possuía casa de banho, estes problemas, caso não houvesse outra solução, seriam insustentáveis, pelo que a propagação de doenças seria frequente<sup>366</sup>, o que requeria uma solução. No caso dos soldados, estes possivelmente deveriam utilizar bacias cheias de areia, colocadas em cadeiras de madeira preparadas para tal. No caso das casas de banho dos quartéis-generais, não se sabe de forma eram depositados os dejectos. Sabe-se que o método não era igual às latrinas romanas, logo existe a possibilidade de o sistema ser próximo ao existente na época medieval, mas como os muros das habitações presentes no interior das fortalezas não se preservaram a uma altura considerável, nunca se saberá<sup>367</sup>.

---

<sup>361</sup> VOGEL, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 425.

<sup>362</sup> *Ibidem*.

<sup>363</sup> VALBELLE, *A vida no Antigo Egipto*, pp. 109-112.

<sup>364</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 49.

<sup>365</sup> Idem, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 427.

<sup>366</sup> Tendo em conta que o número de guarnições que eram destacadas para as fortalezas da segunda catarata era relativamente reduzido. Os oficiais egípcios não podiam permitir que as baixas fora de combate fossem muito reduzidas.

<sup>367</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 49.



## 14. MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Apesar de serem as construções em pedra as que em melhores condições chegaram aos dias de hoje, em todos os períodos do Antigo Egito, até `s Época Greco-romana, construção em tijolo de barro era a mais comum<sup>368</sup>. Esta foi a que perdurou, sendo o uso da pedra considerado luxuoso e de uso restrito para edifícios construídos para sobreviver aos desígnios do tempo. O Império Médio não foi exceção à regra, predominando o uso de arenito e quartzito nos templos e obras de arte<sup>369</sup>. Obviamente as fortificações na Baixa Núbia não estavam inseridas na classe religiosa e simbólica que necessitava de pedra, logo estas estruturas defensivas foram construídas essencialmente em tijolo de barro<sup>370</sup>. Este material de construção era feito a partir da areia e do lodo do Nilo de coloração castanha ou cinzenta escura, fortalecido por palha e pequenos fragmentos de madeira e pedra. Os tijolos eram moldados e secos dentro de uma caixa de madeira, sendo embalados em intervalos regulares com esteiras de cana como forma de prevenir que se quebrassem durante a secagem e aplicação na construção. Em média cada um destes tijolos pesava cerca de 1,2 kg a 1,6 kg, mas há relatos de alguns que atingiram os 5 kg (figura 22). Como forma de protecção contra as condições climáticas, por vezes as muralhas de tijolo das fortalezas eram também revestidas por gesso e pintadas de branco<sup>371</sup>, como foi o caso de Buhen e outras fortalezas<sup>372</sup>.

---

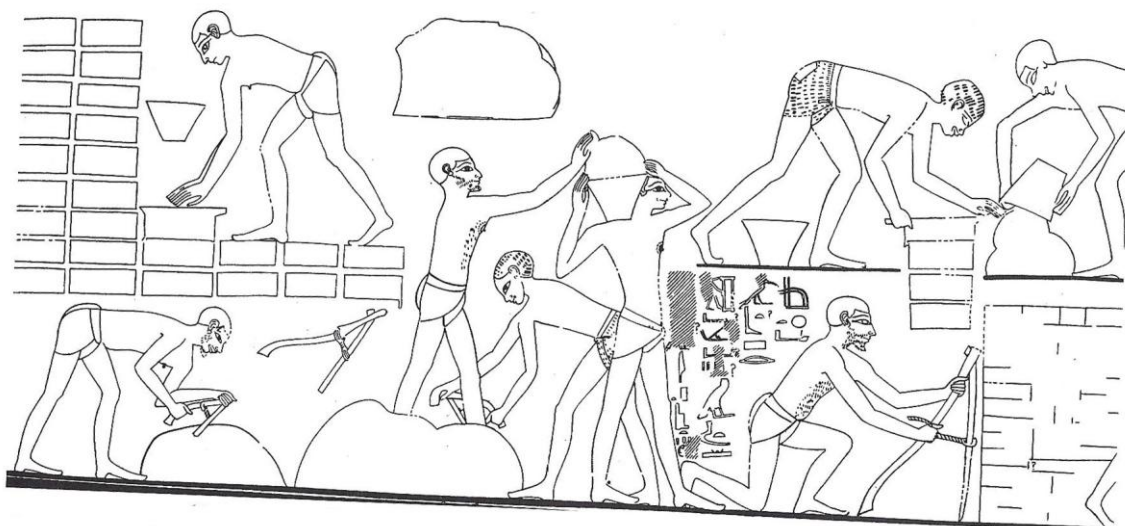
<sup>368</sup> O uso de tijolo de barro na construção no Egito remonta à Pré-história. A tradição do uso de tal material é explicada pela facilidade que os egípcios tinham em aceder a este tipo de construção. Os componentes do tijolo eram encontrados praticamente por todas as margens do Nilo, sendo usado para quase tudo, este tijolo era utilizado nas fortalezas, habitações, palácios reais, celeiros e em certas partes de templos, inclusive as pirâmides dos faraós da XII dinastia tinha como revestimento tijolo de barro, sendo o interior feito de pedra aparelhada; cf. ARNOLD, *Ancient Egyptian Architecture*, pp. 34-35.

<sup>369</sup> Idem, pp. 229-230.

<sup>370</sup> MORKOT, «Fortress, Architecture», in *The A to Z of Ancient Egyptian Warfare*, p. 90. SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 18. TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, p. 69.

<sup>371</sup> ARNOLD, *Ancient Egyptian Architecture*, pp. 34-35.

<sup>372</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 18.



**Figura 22** – Processo de fabrico de tijolo, cena representada no túmulo de Rekhmiré. [Extraído de ARNOLD, *Ancient Egyptian Architecture*, p. 34].

Segundo Carola Vogel, a mistura do lodo com a palha torna o tijolo de barro um excelente material de construção, com uma boa capacidade de aguentar pressão. Estas características permitiram construções em altura, tanto as defesas das fortificações como também os edifícios<sup>373</sup> que no interior dela se encontravam<sup>374</sup>. No caso concreto das muralhas dos fortes egípcios na Baixa Núbia, estas, devido à sua largura (8 m) e à altura (14 m) necessitaram de algumas medidas para poder dispersar a tensão originada pela sua morfologia. Assim, os arquitectos egípcios optaram por inserir camadas de esteiras em intervalos regulares entre fileiras de seis ou sete tijolos, bem como vigas de madeira<sup>375</sup> na transversal<sup>376</sup>. O tijolo, para além de garantir uma considerável estabilidade de construção à muralha, também era mais fácil de transportar, não exigindo uma mão-de-obra muito numerosa, para além de tornar-se bastante mais barato que a pedra.

Apesar de não ser a matéria-prima mais utilizada na construção das fortificações egípcias da Baixa Núbia, materiais líticos<sup>377</sup> como o granito eram em alguns casos utilizados nos níveis inferiores da muralha para reforçar a estabilidade desta e para impedir o uso de

<sup>373</sup> Pensa-se que a relação limite entre a altura e espessura de um muro, com este tipo de material de construção, seria de 10 m para 30 cm; cf. VOGEL, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 422.

<sup>374</sup> *Ibidem*.

<sup>375</sup> A madeira foi naturalmente também um dos materiais usados para construir as fortalezas egípcias, não só como alicerce para as muralhas, mas também como matéria-prima primordial para as portas que serviam de conexão entre o interior e o exterior da fortaleza; cf. SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 22.

<sup>376</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, pp. 18-19.

<sup>377</sup> Está atestada a extracção e exploração de rochas nos subsolos plutónicas, muito duras, redondas ou de morfologia irregular (granito, diorito, basalto e obsidiana), líticos sedimentares (calcário, arenito, alabastro e xisto). Os egípcios referiam-se às pedras duras como *rudet* e as pedras macias como *iner*; cf. SALES, «Pedra», in *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 666.

minas por partes dos inimigos. Embora o uso de tijolo de barro seja generalizado por todo o Egipto, existem algumas excepções como é o caso das fortalezas circulares situadas em Ras Budran no Sinai, construídas em pedra calcária<sup>378</sup>, oriunda das encostas da região a cerca de 4 a 6 km para norte<sup>379</sup>. No que diz respeito às pedras de construção extraídas no Alto Egipto, há o granito rosa e o granito cinzento explorado na zona de Assuão, o grés, calcário e arenito em Guebel Silsila. Em Uauat, na zona de Kertassi, os egípcios extraíram diorito, obsidiana e também grés<sup>380</sup>.

Apesar de as fortificações egípcias da segunda catarata e as de Batn el-Hagar aparentarem possuir em si uma evoluída técnica de construção, desenvolvida pelos arquitectos egípcios do Primeiro Período Intermediário e do Império Médio, em certos casos houve falhas no planeamento da fortaleza, principalmente devido à falta de nivelamento do solo. Em Mirguissa, por exemplo, os tijolos foram aplicados paralelamente sobre a rocha-mãe, o que originou grandes e dispendiosas fissuras que tinham de ser reparadas com alguma frequência. Em Uronarti, apesar de os arquitectos egípcios terem optado por seguir os mesmos princípios, a construção dos contrafortes permitiu garantir a estabilidade do complexo defensivo<sup>381</sup>.

---

<sup>378</sup> A pedra calcária é uma das matérias-primas mais utilizadas no Antigo Egipto, desde a I dinastia. Era usada principalmente em mastabas e pirâmides; cf. ARNOLD, *Ancient Egyptian Architecture*, p. 134.

<sup>379</sup> VOGEL, *The Fortifications of the Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 19.

<sup>380</sup> ARAÚJO, «Pedreiras», in *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 669.

<sup>381</sup> MONNIER, *Les Forteresses Égyptiennes*, p. 54.

# CAPÍTULO IV

## GUARNIÇÕES E ARMAMENTO

### 1. OFICIAIS E SOLDADOS

A problemática sobre a existência ou não de quartéis-generais em todas as fortalezas egípcias na Baixa Núbia, anteriormente discutida, aplica-se agora aos oficiais que eram destacados para estas mesmas estruturas defensivas. Sabe-se que em Buhen, no Império Novo, por exemplo, os primeiros vice-reis de Kuch eram também comandantes desta fortaleza, mostrando, assim, a importância que Buhen tinha no contexto militar egípcio na Baixa e Alta Núbia<sup>382</sup>. No Império Médio o título de vice-rei não existia, mas tendo em conta a importância que este forte possuía para a defesa do território conquistado, certamente que algum tipo de chefia militar deveria estar sediada neste. Estes comandantes poderiam estar distribuídos pela maior parte das fortalezas egípcias no Sul, como seria o caso de Mirguissa, devido à sua importância ao nível do comércio<sup>383</sup>. Também Askut, por causa da administração dos seus enormes celeiros<sup>384</sup>, bem como Uronarti<sup>385</sup> e Semna Oeste, seriam dirigidas por oficiais competentes, pois estas duas estavam próximas da fronteira. A própria distância que as separava exigia que assim fosse. Ficará entretanto em suspenso a ideia da existência de um comando coordenador das forças estacionadas na Núbia, que podia estar sediado na maior fortificação desta vasta região, Buhen.

Que oficiais eram destacados para as fortalezas da Baixa Núbia? Esta região não era certamente o local mais desejado, em condições normais, para um oficial do exército. A longa distância, a duração da comissão de serviço e as dificuldades várias daquele inóspito espaço, suscitavam que o serviço ali prestado recebesse incentivos específicos por parte da monarquia egípcia. Uma das fontes que mais informações nos fornecem sobre a tipologia de oficiais destacados para as fortificações da segunda catarata e de Batn el-Hagar são as inscrições biográficas que descrevem os títulos e cargos dos soldados presentes na Baixa Núbia. Entre

---

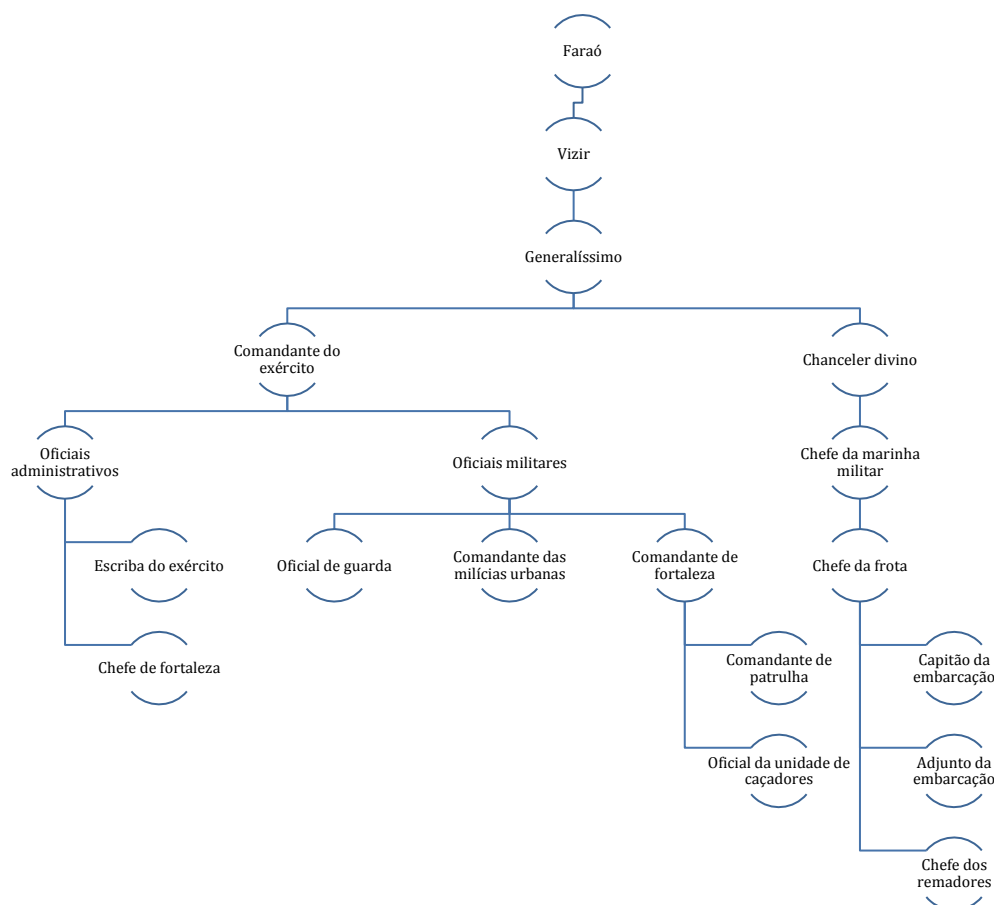
<sup>382</sup> MORKOT, «Viceroy of Kush», in *The A to Z of Ancient Egyptian Warfare*, p. 248.

<sup>383</sup> Como a estela de Senuseret III em Semna Oeste prova; cf. SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 18. O título de vice-rei é uma adaptação da forma egípcia, *sa-nesu en Kuch*, isto é, o «filho real de Kuch».

<sup>384</sup> VOGEL, «Master Architects of Ancient Nubia», in *Between Cataracts*, p. 425.

<sup>385</sup> BADAWY, «Festunganlage», in *Lexikon der Ägyptologie*, II, col. 198.

estes estavam o generalíssimo<sup>386</sup>, os generais<sup>387</sup>, comandantes do exército<sup>388</sup>, oficiais de guarda, escribas do exército, comandantes das milícias urbanas, oficiais das unidades de caçadores, chefes de fortaleza, comandantes de fortaleza, comandantes de patrulhas e outros cargos de cariz naval que irão ser tratados mais adiante<sup>389</sup>.



**Esquema 2** – A hierarquia militar durante o Império Médio.

Dentro dos cargos apresentados (esquema 2) existem alguns onde é evidente a sua ligação para com as fortalezas, e no caso dos oficiais das unidades de caçadores e dos

<sup>386</sup> Cargo mais alto na hierarquia militar egípcia, coordenava diversas forças e o seu cargo deveria ser mais administrativo que combativo, onde deveria enviar relatórios frequentes para o faraó e seu vizir; cf. MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 109.

<sup>387</sup> Oficiais de alta patente que comandavam um elevado número de soldados pertencentes apenas a uma cidade ou a uma província; cf. Idem, p. 113.

<sup>388</sup> Oficiais dentro do campo de batalha, os comandantes do exército seriam o equivalente ao centurião em Roma. Cada comandante liderava uma unidade que era composta por soldados. Dentro desta categoria existia outros cargos como o comandante das forças de choque, comandante das milícias, comandantes dos auxiliares estrangeiros e comandantes dos recrutas; cf. Idem, p. 111.

<sup>389</sup> Idem, p. 113.

comandantes de patrulhas estes teriam a função de organizar e coordenar o patrulhamento do deserto núbio à procura de situações anômalas<sup>390</sup>, ou seja, as suas funções eram focadas nas atividades extramuros, enquanto os chefes e comandantes de fortalezas estariam mais próximos da estrutura fortificada em si e dos efectivos que as guarneciam. Existem poucas informações sobre quais seriam as funções destes dois cargos, mas ao observar a nomenclatura de cada uma das funções parece-nos que o comandante de fortaleza seria um cargo de cariz militar, enquanto o chefe de fortaleza teria funções mais orientadas para a administração e coordenação do quotidiano da estrutura. Logo estaria o comandante a controlar a parte militar da fortificação enquanto o chefe tratava das questões administrativas? Qual dos dois seria o cargo mais elevado? Estavam presentes em todas as fortificações? Tendo em conta a óbvia apetência militar dos fortes egípcios em Uauat, pelo menos o comandante, isto admitindo que este era o cargo que tinha adjacente todo o processo de coordenação defensiva, estaria presente em todas as fortificações.

Outros cargos, como o generalíssimo devido à sua provável preponderância em todos os empreendimentos militares externos egípcios, não estaria presente na Núbia, pois não está comprovada a existência de tão alto cargo nessa região.

O esquema apresentado anteriormente sobre a cadeia de comando durante o Império Médio, onde foi seguido o modelo de cargos de Javier Martínez Babón<sup>391</sup>, evidencia uma organização bastante subdividida e estratificada, onde o faraó está obviamente acima de todos os outros oficiais, tendo abaixo de si o vizir que, por sua vez, dava ordens ao primeiro cargo de cariz essencialmente militar, o generalíssimo. A partir deste, a hierarquia divide-se em dois sectores, o exército e a marinha.

Durante o Império Médio era usual que o filho herdeiro do trono, nos últimos anos de cada reinado, governasse ao lado do seu pai, o faraó no poder<sup>392</sup>. No momento da corregência possuiria este herdeiro uma posição na hierarquia militar? Antes de ser possível responder a esta questão é necessário abordar a problemática das corregências no Império Médio. Num texto datável dos inícios da XII dinastia, chamado de *A instrução de Amenemhat I ao seu filho*

---

<sup>390</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 110.

<sup>391</sup> Idem, pp. 109-113.

<sup>392</sup> ARAÚJO, *Grandes Faraós*, p. 109.

Senuseret<sup>393</sup>, o falecido faraó Amenemhat I fala ao seu filho aconselhando-o sobre a melhor forma de governar. Nos seguintes excertos é possível verificar a acuidade destes conselhos<sup>394</sup>:

«[...] Ele diz aparecendo como um deus:  
«Ouve o que te vou dizer,  
e quando tu reinares no país,  
quando tu governares os Bancos de Areia,  
tu poderás agir (como) eu com excesso em perfeição.  
Sê prudente em relação aos dependentes que não se manifestam:  
Todos os homens põem o seu coração às costas sobre o seu medo.  
Não te aproximes deles sozinho.  
Não confies num irmão. Não reconheças amigos.  
Não cries intimidades porque elas não totalizam uma garantia de posição.  
Tu deves dormir com o teu próprio coração a guardar-te,  
Porque para um homem não há servidores no dia do seu infortúnio.  
[...] Olha, a traição aconteceu quando eu estava sem ti. [...]»

Os versos aqui apresentados mostram que as corregências, neste caso concreto a de Amenemhat I e Senuseret I, eram acima de tudo um processo de aprendizagem e de garantia de uma sucessão pacífica. O pai ensina ao filho que este deveria ser perfeito durante a sua governação do Egito, e também ser cauteloso em relação aos seus súbditos, não confiando em ninguém, inclusive irmãos seus. O último verso aqui apresentado mostra que aquando do assassinato do faraó o seu filho não estava presente, já que se encontrava a realizar uma campanha militar na Líbia, perto de Uadi Natrun, onde na altura comandava o exército<sup>395</sup>. Admite-se que era este o cargo em permanência de um regente do faraó no poder. Seria este um comandante normal do exército? Possuiria ele os mesmos direitos e deveres de um outro comandante? Sendo este o príncipe real e herdeiro do trono egípcio parece pouco provável que assim fosse, mas infelizmente não há informações sobre esta problemática, tendo a questão assim de ficar em aberto, havendo apenas a certeza que o regente possuía o cargo de comandante do exército.

O esquema da cadeia de comando anteriormente abordado, quando comparado com um referente ao Império Novo<sup>396</sup> (esquema 3), permite sublinhar, em primeiro lugar, as semelhanças. Estas são, como seria de esperar, que o faraó está em ambos os esquemas no topo de toda a organização militar do Egito e que existe uma divisão da organização entre os

---

<sup>393</sup> Também chamado de «Testamento de Amenemhat», este poema chegou aos nossos dias pela via de quatro papiros, três tabuinhas de madeira, um rolo de couro e por alguns óstracos. cf. CANHÃO, *Textos da literatura egípcia*, p. 781.

<sup>394</sup> Idem, pp. 793-806.

<sup>395</sup> ARAÚJO, *Grandes Faraós*, p. 109.

<sup>396</sup> SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 27.

cargos administrativos<sup>397</sup> e os militares. Enquanto que no caso dos oficiais administrativos as semelhanças entre os dois períodos são evidentes, para a vertente militar é possível identificar diferenças entre as duas organizações. Em primeiro lugar, no Império Novo surgem cargos como os dos líderes de divisão, inexistentes no Império Médio, evidenciando assim o quão embrionário estava o processo de profissionalização do exército egípcio, onde durante este período as forças militares ainda eram, na sua maioria, propriedade de senhores locais<sup>398</sup>, que só com o decorrer da XII dinastia estes nobres foram perdendo poder<sup>399</sup>, facilitando assim, posteriormente, a progressiva profissionalização deste. Em segundo lugar, durante o Império Médio os cargos referentes às fortificações egípcias são muito mais abundantes, mostrando assim que este tipo de estrutura tinham uma grande preponderância durante o período.

No Império Novo o cargo que pode ser considerado como equivalente ao vizir, o comandante supremo, era normalmente ocupado pelo filho herdeiro do faraó. Como foi referido anteriormente o coregente do rei possuía funções de comandante do exército. Será esta uma diferença entre os dois períodos ou durante o Império Médio o herdeiro também podia exercer a função de vizir? No caso do Império Novo, depois deste cargo, a hierarquia militar divide-se em duas funções que não estão presentes no período anterior referido, o vice-chefe da divisão do Norte e o vice-chefe da divisão do Sul. Outra função inexistente, pelo menos na bibliografia consultada, para o Império Médio é o chamado de porta-estandarte. Não existiria ou não possuía importância suficiente para ser referido? Não havendo mais informações, esta questão e outras já referidas terão de ficar em aberto.

A marinha e a frota fluvial sempre possuíram no Egipto uma enorme importância, especialmente ao nível geoestratégico, sendo esta usada como transporte de tropas, armas e abastecimentos para regiões onde seria muito mais difícil e dispendioso movimentar um exército em marcha<sup>400</sup>. Certamente que durante o Império Antigo, especialmente uma frota fluvial de cariz militar, a existir, deveria ter sido relevante nas expedições punitivas levadas a cabo na Núbia. Numa observação estritamente militar<sup>401</sup> é principalmente a partir do Primeiro Período Intermediário que a frota de rio começa a adquirir uma considerável preponderância

---

<sup>397</sup> Nesta divisão administrativa estão em ambos os casos presentes os escribas do exército.

<sup>398</sup> Ver subcapítulo 4.4, pp. 128-132.

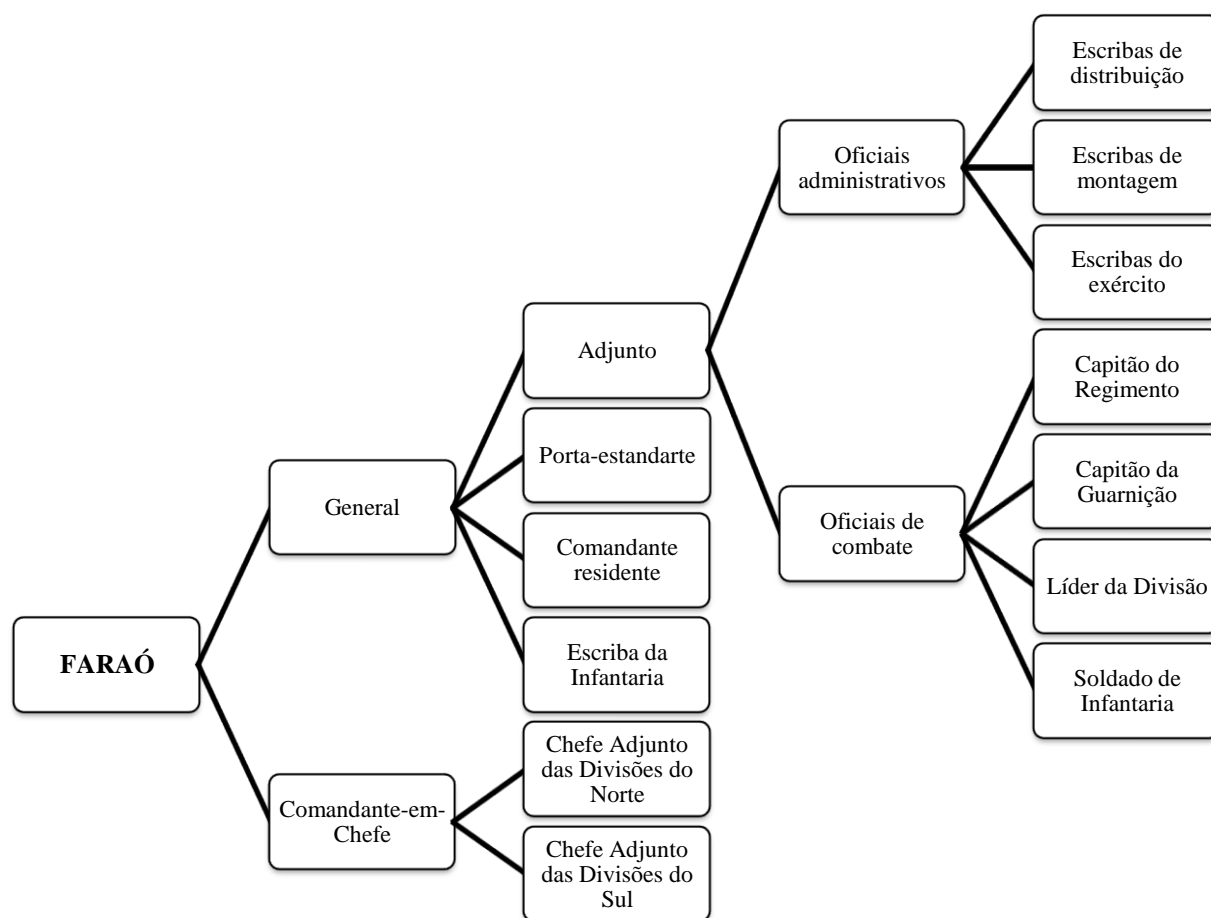
<sup>399</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 105.

<sup>400</sup> Idem, p. 111.

<sup>401</sup> Segundo Luís Manuel de Araújo, no Império Médio as embarcações utilizadas em expedições comerciais, como é o caso da que foi levada a cabo até ao Punt, não eram navios de guerra; cf. ARAÚJO, «Navegação», in *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 604.



no contexto militar faraônico, como é atestado em algumas biografias e representações<sup>402</sup>, importância esta depois transferida para os períodos seguintes<sup>403</sup>.



**Esquema 3** – Hierarquia militar do Egito durante o Império Novo. [Adaptado de SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 27].

O Nilo é inevitavelmente a fonte que tornou a vertente fluvial um fator tão essencial na mobilidade do exército egípcio. Era a via de acesso mais utilizada e é nele que as fortalezas egípcias na Baixa Núbia se inserem. É, pois, imperativo fazer uma referência à forma como a marinha e as frotas fluviais se organizavam. À imagem do que se verificava no exército, os meios navais tinham uma grande variedade de oficiais, dos quais em alguns casos, devido ao nível de destruição de alguns documentos, não é possível distinguir se eram exclusivamente civis, militares ou mistos. Destacam-se na ampla hierarquia os seguintes oficiais: o chanceler

<sup>402</sup> Dentro das biografias que fazem referência à frota fluvial há a destacar a de Ankhtifi em Moalla; cf. MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 111.

<sup>403</sup> *Ibidem*.

divino<sup>404</sup>, chefe da frota<sup>405</sup>, capitão da embarcação<sup>406</sup>, adjunto da embarcação<sup>407</sup>, chefe da marinha militar<sup>408</sup> e o chefe dos remadores<sup>409</sup>.

O estudo das guarnições que defendiam as fortalezas egípcias na Núbia radica em trabalhos apoiados em estimativas. Inicialmente Walter Emery, a partir do número de «janelas de tiro» que a fortificação de Buhen apresentava, e com o pressuposto de que cada uma alojava um arqueiro, chegou à conclusão de que a fortaleza tinha cerca de 1005 soldados, onde 25% dos efectivos eram oficiais e tropas auxiliares<sup>410</sup>. A insegurança em dar uma resposta concreta sobre estes dados fez com que normalmente os números possuíssem intervalos amplos. É o caso da teoria defendida por Dows Dunham, que atribui à fortaleza de Mirguissa uma guarnição entre 600 a 1500 soldados, a Uronarti cerca de 112 a 280 efectivos, a Kumma 40 a 100 e, por fim, Semna Oeste com 216 a 540 soldados<sup>411</sup>. Para além desta teoria, existem outros autores que devido à imponentia das fortificações sugerem números consideravelmente mais baixos. Bruce Trigger é um deles, apresentando um limite de 300 soldados, mais as suas famílias, para as maiores fortalezas<sup>412</sup>. Próximo destes números posiciona-se Sève-Söderbergh que apresenta números entre os 50 a 300 militares para guarnecer as estruturas<sup>413</sup>, ou Bruce Williams, com um intervalo mais abrangente entre 4000 e 5000 soldados distribuídos por todas as fortificações<sup>414</sup>. Dieter Arnold aproxima-se do intervalo de 300 a 3000 soldados, ficando assim mais próximo da teoria de Dunham<sup>415</sup>. Por

---

<sup>404</sup> Categoria que nos dias de hoje poderia significar almirante. Este era o cargo mais alto conhecido dentro da hierarquia naval egípcia; cf. MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 111.

<sup>405</sup> Posição atribuída a um oficial que comandasse uma frota de pequenas ou grandes dimensões; cf. *Ibidem*. Conhece-se na Época Baixa o cargo de *imirá nesu uhau* (comandante da frota real).

<sup>406</sup> Estes capitães eram oficiais que estavam sob as ordens do chanceler divino e o chefe da frota, tendo responsabilidades sobre uma embarcação e a sua tripulação; cf. MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 111.

<sup>407</sup> Como o próprio nome indica este oficial era essencialmente um adjunto do capitão da frota; cf. *Ibidem*.

<sup>408</sup> A esta categoria tinha como função a formação de um corpo de soldados que depois iria embarcar nas embarcações da frota; cf. *Idem*, pp. 111-112.

<sup>409</sup> Ao chefe dos remadores cabia controlar e administrar os homens que eram utilizados nas tarefas relacionadas com a embarcação; cf. *Idem*, p. 112.

<sup>410</sup> VOGEL, *The Fortifications of Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 47. A presença de auxiliares núbios nos exércitos egípcios do Império Médio está amplamente divulgada na arte deste período, nomeadamente no túmulo de Khnumhotep em Beni Hassan. Estes auxiliares deveriam utilizar as suas próprias armas, pois eram nestas que estes soldados estavam treinados e seria a sua destreza que os deveria tornar atrativos para os oficiais egípcios. Os núbios presentes como forças militares no Egipto deveriam utilizar como arma principal o arco e a flecha, tendo como armas secundárias os punhais e os dardos. Quanto ao uso do escudo não está comprovado, mas se usassem deveria ser bastante primitivo, feito em madeira e de formato oval; FIELDS, *Soldiers of the Pharaoh*, p. 23.

<sup>411</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 113.

<sup>412</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, p. 71.

<sup>413</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 113.

<sup>414</sup> WILLIAMS, «Serra East and the mission of Middle Kingdom» in *Gold of Praise: Studies of Ancient Egypt*, p. 436.

<sup>415</sup> ARNOLD, *Ancient Egyptian Architecture*, p. 91.

fim, George Reisner atribui à fortaleza de Kumma uma guarnição de 50 a 100 soldados, para Semna Oeste entre 150 a 300, e à de Uronarti de 100 a 200<sup>416</sup>. Ao observar estas seis hipóteses, chega-se à conclusão que há ainda muito por saber sobre os efectivos do exército egípcio nestas fortalezas na Baixa Núbia. Quantos seriam? E como eram mantidas as guarnições? Como estavam organizadas? Estas são algumas das perguntas a que se tentará responder. É necessário referir, contudo, que o modelo de George Reisner nos parece ser o mais viável<sup>417</sup>.

A Núbia está localizada numa das regiões mais áridas e quentes do planeta, onde a água, fornecida maioritariamente pelo rio Nilo, condiciona a fauna, a flora e toda a vida humana da região. As fortalezas egípcias foram construídas numa zona especialmente difícil já que a região compreendida entre a segunda catarata e as quedas de água de Dal se caracteriza por ter poucas porções de terra fértil nas margens do rio. É, também, entre estes dois acidentes geográficos que estão os relevos montanhosos de Batn el-Hagar, os quais durante a estação seca tornam o rio inavegável<sup>418</sup>. Era assim difícil aos soldados e às suas famílias serem autossuficientes no contexto das fortificações da segunda catarata.

De onde provinham os mantimentos que suportavam os destacamentos nas fortalezas egípcias da Baixa Núbia? Como lá chegavam? Para ser possível chegar a um verosímil número de guarnições é necessário problematizar sobre a forma como estas comunidades militares adquiriam os alimentos necessários para a sua sobrevivência. Tendo em conta todas as características geográficas que anteriormente foram apresentadas, a «fonte dos alimentos» teria de ser exterior, ou seja, os abastecimentos para os militares e civis egípcios em Uauat deveriam ser oriundos do Norte, do Egipto. Mas não só a geografia fortalece esta ideia: a construção de um canal em Mirguissa<sup>419</sup> para o trânsito de embarcações quando o rio estava

---

<sup>416</sup> KEMP, *Ancient Egypt, Anatomy of a Civilization*, p. 177.

<sup>417</sup> William Adams concorda ao dizer que no caso de guarnições compreendidas entre 300 a 3000 soldados em condições normais de ocupação, onde a região já estava relativamente pacificada, a quantificação menor é a mais plausível; cf. ADAMS, *Nubia, Corridor to Africa*, p. 182.

<sup>418</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, p. 14.

<sup>419</sup> A pequena estela de Semna Oeste, do reinado de Senuseret III (Berlim 14753), mostra a importância que Mirguissa tinha no contexto regional. No texto da estela ficou o aviso: «[...] para prevenir que nenhum preto passe a fronteira, por água ou por terra, com barco, ou com rebanhos; excepto os pretos que venham fazer comércio com Iken [Mirguissa] [...]». Este excerto mostra que Mirguissa recebia todo o tipo de comércio que vinha de Kuch, sendo assim um ponto de distribuição desses mesmos bens por todas as regiões controladas pelo poder faraónico. Se Mirguissa era o entreposto dos comerciantes núbios, por que razão não seria dos egípcios igualmente?

demasiado baixo<sup>420</sup>, demonstra a importância e a necessidade de haver movimentações tanto para norte como para sul, bem como de trocas comerciais com regiões próximas<sup>421</sup>.

A proeminência de Mirguissa no contexto comercial podia fazer crer que estaria nesta o maior centro de armazenagem de toda a rede de fortificações egípcias na Baixa Núbia, algo que na realidade não se verifica, já que em Askut<sup>422</sup> a capacidade dos armazéns era de 1,632,18 m<sup>3</sup>, enquanto em Mirguissa seria de 1,063,69 m<sup>3</sup><sup>423</sup>. Assim, é nesta pequena fortaleza, equidistante entre Mirguissa e Chalfak, que existe o maior espaço para armazenar os bens materiais necessários à sobrevivência de todos os interesses egípcios na região. Askut faz parte do grupo de fortalezas construídas durante o reinado de Senuseret III para proteger a fronteira sul do Egipto contra a chefatura de Kerma<sup>424</sup>, apesar de certamente terem sido poucas as vezes em que esta esteve em contacto directo com o inimigo, já que Askut era das fortificações de Batn el-Hagar a que mais afastada da fronteira estava e por isso a mais segura, situação que ajuda a compreender o porquê de ter sido esta fortaleza a escolhida para albergar tal celeiro. Esta ilha fortificada, com capacidade para alimentar 5628 indivíduos, era o «combustível» de todos os movimentos ofensivos e defensivos do exército egípcio na Baixa e Alta Núbia. Integrava um modelo militar geoestratégico que envolvia as campanhas militares egípcias em Kuch, onde Askut iria fornecer os mantimentos necessários para o sucesso destas<sup>425</sup>.

SÍTIO	CAPACIDADE DO CELEIRO (em metros cúbicos)	MÁXIMO ANUAL DE MANTIMENTOS POR UNIDADE	MÍNIMO ANUAL DE MANTIMENTOS POR UNIDADE
Chalfak	389,28	1,342	779
Uronarti (bloco VI apenas)	444,34	1,532	889
Uronarti (bloco VI mais IV)	770,37	2,656	1,541
Mirguissa	1,063,69	3,668	2,127
Kumma	574,31	1,980	1,149

<sup>420</sup> VOGEL, *The Fortifications of Ancient Egypt 3000-1780 BC*, p. 54.

<sup>421</sup> Conhecemos as trocas comerciais onde os egípcios dispensavam pão e cerveja a quem quisesse pagar; cf. KEMP, *Ancient Egypt, Anatomy of a Civilization*, p. 177.

<sup>422</sup> O celeiro de Askut ocupa tanto espaço no interior desta fortificação que alguns investigadores intitularam este forte como um «celeiro fortificado»; cf. Idem, p. 178.

<sup>423</sup> Idem, p. 177.

<sup>424</sup> Ver subcapítulo 2.3, pp. 52-70.

<sup>425</sup> KEMP, *Ancient Egypt, Anatomy of a Civilization*, pp. 177-178.

Askut	1,632,18	5,628	3,264
Semna	(1,000?)	(3,448?)	(2,000?)

**Tabela 3** – Quantificação da capacidade de cada celeiro em termos de mantimentos anuais por unidade. [Adaptado de KEMP, *Ancient Egypt, Anatomy of a Civilization*, p. 177].

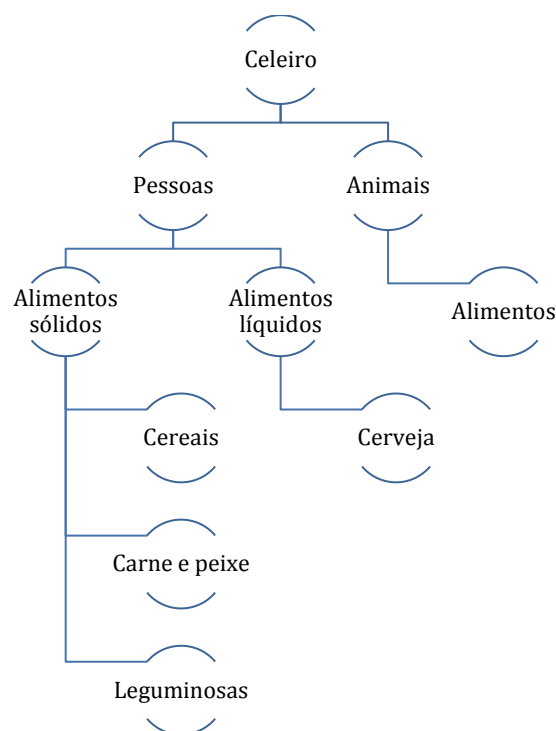
Se uma campanha militar para ser viável necessitava do celeiro (tabela 3) de Askut, porque razão não pensar que as fortalezas de Batn el-Hagar não teriam também esta componente fundamental de armazenamento? Askut, sendo uma ilha, sem terras férteis na sua zona circundante, certamente necessitava de um abastecimento regular. A existir tal aprovisionamento este seria proveniente do Egipto, que como foi referido iria até Mirguissa (entrepósito comercial), para depois ser transportado até Askut, sendo posteriormente distribuído pelas restantes fortalezas a sul desta. Se seguirmos este raciocínio, deduz-se que Askut apenas fornecia mantimentos a Chalfak, Uronarti, Semna Oeste, Kumma e Semna Sul, fortalezas que não deviam ter mais de 100 a 200 soldados mais as suas famílias<sup>426</sup> (algumas inclusive menos, como é o caso de Kumma com 50 soldados<sup>427</sup>). A capacidade do celeiro de Askut aparenta ser perfeitamente suficiente para manter estes cinco fortes, mais as campanhas militares que eram regularmente empreendidas. Como se pode constatar no esquema abaixo, o celeiro certamente que não tinha apenas um tipo de alimento, a estrutura estaria dividida em sectores onde as matérias-primas eram separadas e quantificadas<sup>428</sup>. Outro factor a ter em conta é a necessidade dos militares serem bem alimentados. A comida disponível deveria incluir nutrientes variados e, eventualmente, diferente da disponível para os civis, sobretudo em períodos de conflito mais prolongado. Por fim, o celeiro teria de fornecer alimento não só a seres humanos, mas também a animais, como era o caso do burro, um importante meio de transporte<sup>429</sup>, aquando da não utilização do rio.

<sup>426</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, p. 71.

<sup>427</sup> REISNER, «Ancient Egyptian Forts at Semna and Uronarti», *BMFA*, p. 72.

<sup>428</sup> KEMP, *Ancient Egypt, Anatomy of a Civilization*, p. 178.

<sup>429</sup> Idem, p. 177.



**Esquema 4** – Divisão dos mantimentos necessários a um celeiro, para a manutenção das fortalezas e campanhas militares.

Existem vários factores a ter em conta no que diz respeito à problemática da quantificação do número de soldados que guarneciam uma fortaleza egípcia na Baixa Núbia. Por exemplo, Kemp optou por usar os celeiros para chegar a um número verosímil de militares, enquanto que Emery usou as defesas exteriores, Valbelle, a partir da descoberta do arsenal de Mirguissa, sugeriu que pudessem ser 70 homens, 35 dos quais eram lanceiros (*ankhu nu niut*, «os que vivem na cidade»)<sup>430</sup> e os restantes eram arqueiros (*iriu-pedjet*, «os do arco»)<sup>431</sup>. Já Reisner baseou-se nas casernas e nos cemitérios escavados na região<sup>432</sup>. Em termos quantitativos, uma fortaleza da Baixa Núbia não deveria ter mais que 200 soldados, pois, como irá ser analisado, não apenas estes viviam nestas estruturas. A descoberta de um cemitério datável do Império Médio na zona de Semna, onde estavam sepultados soldados que tinham pertencido à guarnição destas duas fortificações da região (Semna Oeste e Kumma), forneceu informações que evidenciam: em primeiro lugar, os soldados destacados para a Núbia levavam consigo as suas famílias, já que no cemitério em questão foram também escavadas sepulturas que pertenciam a mulheres e crianças, sendo algumas delas de origem núbia. Reisner defende inclusive que este era um factor revelador de permanências nestes

<sup>430</sup> SALES, «Exército», in *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 351.

<sup>431</sup> Segundo Valbelle, números idênticos foram atribuídos para outros fortes, guarnições entre 50 a 100 homens; cf. VALBELLE, *A Vida no Antigo Egipto*, p. 29; SALES, «Exército», in *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 351.

<sup>432</sup> REISNER, «Ancient Egyptian Forts at Semna and Uronarti», *BMFA*, p. 72.

fortes por largos períodos de tempo<sup>433</sup>. Assim, para cada soldado, no mínimo, os oficiais administrativos egípcios tinham de fornecer pelo menos habitação e alimento para mais duas pessoas (mulher e filho), levando assim a uma extraordinária flexibilidade em termos de distribuição do espaço e dos mantimentos. Como já foi referido no capítulo III, os arquitectos egípcios tiveram no momento da idealização do forte a preocupação de racionalizar o espaço, pois em muitos dos casos as fortificações tinham de ser edificadas em locais onde a geografia não permitia grandes estruturas. Então, se forem contabilizadas as famílias, segundo Reisner as fortalezas da Baixa Núbia como Semna Oeste, Kumma ou Uronarti tinham entre 50 a 150 soldados<sup>434</sup>. A possibilidade de trazer as famílias terá servido como uma forma de incentivar os soldados a guarnecerem as fortificações egípcias do Sul? Certamente, à imagem do que acontecia com os oficiais, os soldados egípcios não deveriam ver com bons olhos mudarem-se para a Baixa Núbia, pois esta ficava bastante longe de muitas regiões do Egipto, de onde estes poderiam provir, para além do perigo que era estar numa fronteira ainda não totalmente pacificada.

O reduzido número de guarnições que estavam presentes nas fortificações egípcias era resultado da capacidade própria da fortaleza para intimidar possíveis agressores ou uma evidência da falta de contingentes destacáveis para estas estruturas defensivas na Núbia? Certamente que estes fortes, no contexto em que estavam inseridos, deviriam ter tido um impacto considerável no inimigo kuchita, logo este factor levava a uma menor necessidade de enviar grande número de homens armados para estas regiões. Assim, esta realidade podia mostrar que o faraó e os seus oficiais tinham pouca massa humana dispensável para estas fortificações<sup>435</sup>. Logo à partida, a construção destes fortes, com as características referidas no capítulo III, foi uma necessidade, pois os oficiais e arquitectos sabiam bem que o número de guarnições na Baixa Núbia não podia ser muito elevada. Os destacamentos militares que defendiam as fortificações são variáveis ao longo do tempo, podendo ser alterados por várias razões: modificações da morfologia da estrutura, problemas demográficos, maus anos agrícolas, movimentos bélicos noutras regiões e, por fim, o grau da ameaça a que a fortaleza estava exposta. Um exemplo da modificação de fortalezas vem-nos do reinado de Senuseret

---

<sup>433</sup> REISNER, «Ancient Egyptian Forts at Semna and Uronarti», *BMFA*, p. 72.

<sup>434</sup> O comandante da fortaleza de Semna Oeste terá tido o controlo de toda a região, abarcando as fortalezas de Semna Oeste, respectivamente, Kumma e Uronarti, o que daria a este uma força militar para fazer incursões punitivas, ou invasivas, de 150 a 200 homens o que deverá ter sido suficiente para o controlo da zona. Em caso de um problema de maiores dimensões, nomeadamente se os inimigos possuísem mais efectivos, os soldados egípcios teriam de se abrigar por detrás das muralhas das fortificações que protegiam, esperando que os mantimentos e a água fossem suficientes até à ajuda vinda do Egipto chegar; cf. *Ibidem*.

<sup>435</sup> Podia ser por razões demográficas ou então devido aos soldados egípcios não verem com bons olhos o destacamento na Baixa Núbia.

III, que melhorou e aumentou as estruturas construídas no reinado de Senuseret I. Estas mudanças muito provavelmente alteraram a quantidade de soldados presentes nos fortes<sup>436</sup>, tornando estes estruturalmente mais capazes de sustentar a pressão que poderia vir da chefatura situada a sul. Poderiam estas alterações implicar uma redução no número de soldados? Como já foi mencionado anteriormente, devido a vários factores o número de guarnições presentes nos fortes egípcios não podia ser muito elevado, mas parece pouco provável que durante o reinado do faraó que mais ênfase colocou na conquista e manutenção da Núbia o contingente militar destacado para as fortificações estivesse ficado menor, até porque grande parte do esforço de guerra estava orientado para a Núbia.

## 2. RECRUTAMENTO E TREINO

No início do Império Médio<sup>437</sup> a base do recrutamento para o exército faraónico era essencialmente suportada pelos nobres provinciais do Médio e do Alto Egipto, que adquiriram muitas terras, formando exércitos pessoais, onde estavam incluídos os soldados profissionais, guarda pessoal e milícias. Estas regalias tinham sido oferecidas pelo faraó Mentuhotep II como forma de agradecimento pela ajuda que estes senhores ofereceram durante a guerra civil do Primeiro Período Intermediário. Com a subida ao poder dos faraós da XII dinastia esta preponderância foi desaparecendo, culminado com a perda de todos os poderes durante o reinado de Senuseret III, que decidiu retirar todos os direitos militares a estes governadores provinciais, ficando o exército exclusivamente sob as ordens da casa real egípcia. Este poder era agora exercido pelo vizir, que por sua vez, transmitia as ordens para os escribas militares e aos oficiais reais destacados nas capitais provinciais<sup>438</sup>. Deveria ser igualmente este o processo burocrático e hierárquico utilizado nas fortificações egípcias na Baixa Núbia, havendo assim em cada forte um oficial responsável por receber e colocar em prática as ordens do vizir ou do próprio faraó. Esta transmissão definitiva do controlo do exército tornou-o organizado da seguinte forma:

- Guarda real<sup>439</sup>;

---

<sup>436</sup> TRIGGER, *Nubia, Under the Pharaohs*, pp. 68-69.

<sup>437</sup> Período compreendido entre a ascensão de Mentuhotep II como faraó e unificador do Egipto até ao início do reinado de Amenemhat I. Este último, como forma de retirar influência a estes nobres, mudou a capital do Egipto para Iti-taui, tornando as sedes do poder dos nomarcas periféricas em relação ao poder real; cf. MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 105.

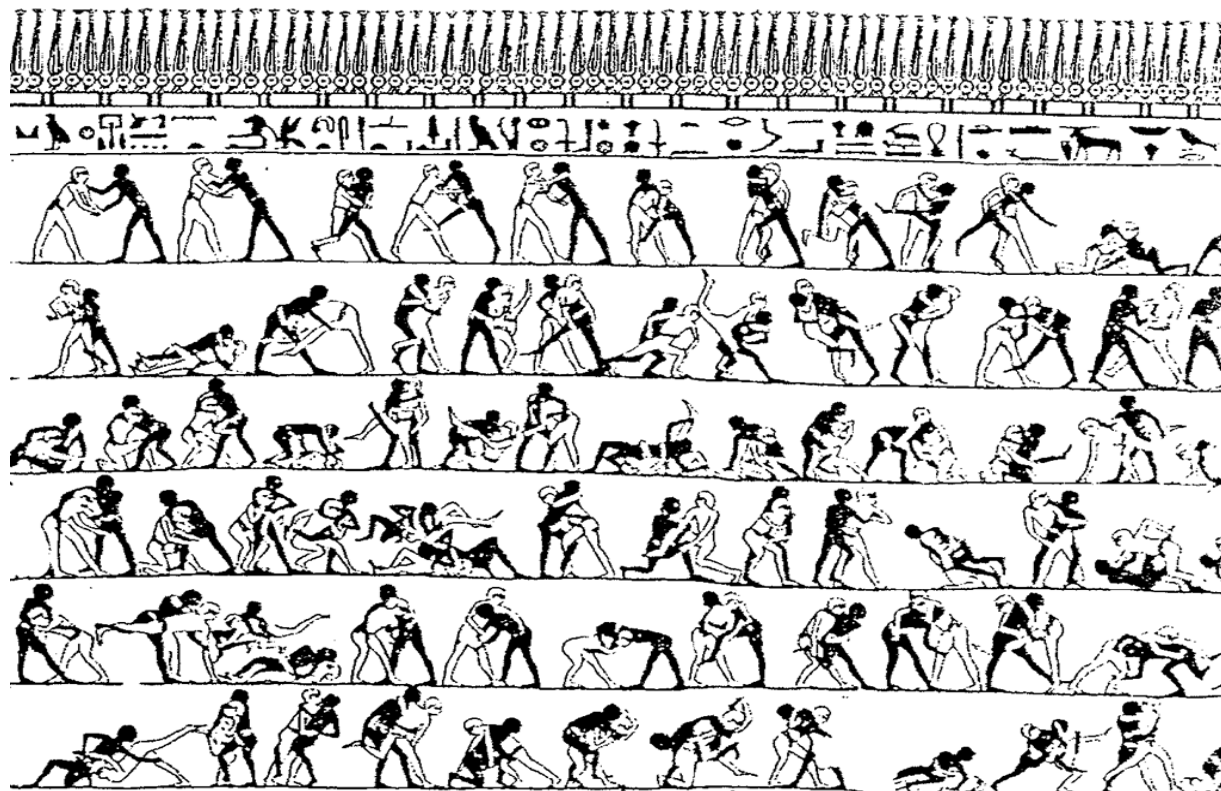
<sup>438</sup> *Ibidem*.

<sup>439</sup> Formado por militares de altas patentes e de total confiança; cf. *Ibidem*.



- Exército profissional<sup>440</sup>;
- Unidades de recrutas ou milícias<sup>441</sup>.

Enquanto as duas primeiras divisões eram formadas por militares de carreira, que tiravam partido da prática da guerra para sobreviverem, sendo o seu recrutamento muitas vezes hereditário, a última divisão é muito mais interessante, dado que aqui os recrutas foram, de certa forma, obrigados a entrarem para a vida militar, deixando as suas casas e famílias.



**Figura 30** – Representação de um treino, onde os soldados egípcios lutam entre si. [Adaptado de MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 115].

Existem algumas inscrições que fornecem pistas de como era feito o recrutamento no Antigo Egipto, tendo uma delas sido escrita durante o reinado de Amenemhat III. Fala de um escriba militar que se deslocou para a cidade de Abido para recrutar jovens para o exército egípcio, além de uma outra escrita por um príncipe real desconhecido. Em ambos os casos o recrutamento consistia na eleição de um jovem dentro de um grupo de 100. Dependendo da dimensão demográfica do local, mais recrutas o escriba trazia para o exército. Estes jovens iriam mais tarde ser juntos num grupo de recrutas, resultando assim uma companhia

<sup>440</sup> Núcleo formado por soldados egípcios profissionais e por auxiliares núbios e líbios; cf. MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 105.

<sup>441</sup> Unidades formadas por soldados de substituição recrutados nas populações civis; cf. Idem, p. 106.

específica daquela cidade, onde estes iriam exercer funções de policiamento, como era o caso das vigilâncias a necrópoles, além da escolta a transportes de mercadorias<sup>442</sup>. Pensa-se que este sistema de milícias era obrigatório para os jovens egípcios e seria realizado por cada um num período de um a dois anos. Durante esta fase estes milicianos serviam de apoio ao exército profissional do faraó<sup>443</sup> caso este necessitasse deles para uma campanha militar. Seriam estas primeiras atividades uma parte já integrante do treino militar? Se sim, o policiamento da vida civil permitia a estes «soldados» manterem-se ocupados e ao mesmo tempo treinar e adquirir a capacidade de acatar ordens. Estes recrutas utilizados como milícias eram chamados de *heuen-neferu*, que traduzido significa «jovem recruta»<sup>444</sup>.

No que diz respeito aos futuros soldados profissionais, chamados de *ahautiu*, estes adquiriam o seu estatuto através de um processo hereditário, ou seja, quando o jovem egípcio atingisse a maioridade substituí o seu pai na vida militar<sup>445</sup>. Em termos pragmáticos este método podia criar alguns problemas no âmbito da eficiência do exército. Imaginemos que o pai (soldado veterano) ainda estava em perfeitas condições para combater e trazia consigo uma enorme experiência de inúmeros anos a guerrear, mas o seu filho tinha atingido a maioridade. Seria este soldado substituído? Perderia assim o exército um ativo experiente, substituído por um soldado ainda com pouco conhecimento?

Chegados os novos recrutas aos campos de treinos, o seu nome era listado e a sua cabeça rapada. Teria de haver também provavelmente um juramento perante um oficial do faraó (tal como acontece nos dias de hoje), ou até mesmo um ritual comum entre todos os recrutas. O treino destes jovens era orientado por um responsável chamado «superintendente dos recrutas», em egípcio, *imirá heuen-neferu*. Seria, em primeiro lugar, desenvolvido um processo de treino físico (aeróbico e anaeróbico) onde os recrutas praticavam a corrida, a luta e técnicas de autodefesa<sup>446</sup>, onde iriam desenvolver a sua resistência e força física, para além de praticarem e optimizarem o corpo de forma a estarem melhor preparados para as dificuldades que uma batalha podia trazer.

Os recrutas egípcios também utilizavam o armamento egípcio regulamentar, aprendendo assim a tirar o melhor partido das armas que possuíam, como se pode ver em

---

<sup>442</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 110.

<sup>443</sup> FIELDS, *Soldiers of the Pharaoh*, p. 11.

<sup>444</sup> Idem, p. 10.

<sup>445</sup> Idem, p. 11.

<sup>446</sup> Estas cenas de treino estão presentes em três murais da região de Beni Hassan (representações nos túmulos de Kheti, Baket III e Amenemhat).

algumas pinturas murais presentes em Beni Hassan (figura 30) onde se observam grupos de soldados a atirarem facas contra placas de madeira. O desenvolvimento das capacidades físicas era muito importante, principalmente para os longos e duros períodos de marcha onde teriam de transportar os mantimentos e o armamento pessoal (machado, arco e flecha, escudo e lança)<sup>447</sup>. A coluna de marcha de um exército é por natureza lenta<sup>448</sup>, ou seja, a sua progressão era feita devagar, situação que a colocava em perigo, pois estava à mercê de possíveis emboscadas. Os soldados egípcios em marcha não são uma exceção, logo todos os esforços para aumentar a velocidade da coluna seriam importantes e tidas em conta pelos oficiais sob a égide do faraó. No caso concreto do Egito, os militares para contornar a fragilidade da coluna de marcha, muitas vezes optavam por utilizar as embarcações nilóticas como meio de transporte, contornando assim o problema da lentidão. Estas embarcações transportavam os soldados e os mantimentos necessários para estes sobreviverem<sup>449</sup>. Apesar do uso do rio ser muito frequente, certamente que em casos extremos, ou onde o rio não era seguro, o exército egípcio optava por fazer uma marcha terrestre.

Suponhamos que uma ou mais divisões egípcias chegavam ao campo de batalha, tinham à sua frente um outro exército. Por que tipo de estratégias optariam? Depois da chegada o exército era dividido em três partes, duas nas alas e uma no centro, podendo estas por sua vez ainda estar subdivididas em vanguarda e reserva. A divisão posicionada no centro deveria ser constituída por soldados de infantaria, armados com lanças, escudos e machados, enquanto que os flancos deveriam ser formados por arqueiros egípcios e núbios, que suportavam a infantaria situada no centro. Não há evidências relacionadas com a utilização por parte dos oficiais egípcios de formações mistas, e isto deve-se muito provavelmente ao facto de eles pensarem que este tipo de tácticas em nada iria beneficiar a infantaria, nem os arqueiros, e pelo contrário apenas poderia enfraquecê-los<sup>450</sup>. O comandante estaria numa posição estratégica (ponto geograficamente alto) onde tinha uma ampla visão do campo de batalha, podendo assim dirigir da melhor forma as tropas sob o seu comando.

---

<sup>447</sup> FIELDS, *Soldiers of the Pharaoh*, pp. 11-13.

<sup>448</sup> Idem, p. 31.

<sup>449</sup> *Ibidem*.

<sup>450</sup> Idem, pp. 31-32.

### 3. PATRULHAMENTO

A conquista da Baixa Núbia por parte dos exércitos ao serviço dos faraós da XII dinastia obrigou à criação apropriada de destacamentos que tinham como principal função o patrulhamento da recém-criada fronteira com Kuch. Estas patrulhas estavam sediadas nas fortificações egípcias da Baixa Núbia, de onde saíam grupos organizados que percorriam a orla do deserto com o fim de vigiar e controlar possíveis rotas comerciais clandestinas, bem como evitar incursões inimigas<sup>451</sup>, que com alguma facilidade podiam contornar o perímetro da fortaleza. A criação de torres de vigia e patrulhas constantes eram factores de segurança fundamentais. Estas unidades batedoras do deserto nas zonas fronteiriças e urbanas eram chamadas de «caçadores»<sup>452</sup>.

Os despachos de Semna são uma das fontes que mais informação fornece sobre quem fazia as patrulhas e de que forma estas decorriam<sup>453</sup>:

[...]É uma comunicação para ti. Com efeito os dois guerreiros e setenta indivíduos medjai que partiram e seguiram aquele caminho [...], o caminho que eu, seu humilde servo, viajei(?) no [ano 13, quarto mês da segunda estação dia] 7, [ao] fim do dia. Depois [...] informei-o. [Eles] relataram [a mim seu humilde servo], dizendo, «Nós encontramos [um certo número de mulheres] núbias [que saíram] com dois burros [...]» 79. P. BM 10752, rt. 1.

[...] No [...] do] quarto mês da segunda estação, [dia...] veio para reportar [a...]. Ele disse sobre [...], «Eu viajei pelo [caminho...] explicando (?) [...] o [...] trouxe-o [...] da patrulha fronteiriça. Então eu voltei [...]», então eu disse: «Eu enviei informações sobre eles às fortalezas a norte». 80 P. BM 10752, rt. 2-3.

[...] É uma comunicação para o senhor, [...], com efeito o guerreiro da cidade de Hieracômpolis, [...], e o guerreiro da cidade de Tjebu, [...], trouxeram-me um relatório, seu humilde servo, no ano 3, quarto mês da segunda estação, dia 2, na altura do pequeno almoço do soldado Khusobek [...], que estava como substituto da marinha real no destacamento em Meha, disse: «A patrulha fronteiriça que saiu para a margem do deserto chegou perto da fortaleza de Serra Este» no ano 3, terceiro mês da segunda estação, último dia, voltou para me informar dizendo, «Nós encontramos o rasto de 32 homens e 3 burros» [...] 81. P. BM 10752, rt. 3-4.

Os excertos aqui apresentados, extraídos dos Despachos de Semna, destacam que as patrulhas eram feitas principalmente por auxiliares núbios e soldados do exército egípcio<sup>454</sup>.

<sup>451</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 113.

<sup>452</sup> Idem, p. 110.

<sup>453</sup> SMITHER, «The Semna Dispatches», *JEA*, pp. 3-10.

As duas forças eram utilizadas em conjunto, e por vezes a discrepância de números entre uma e outra parte era elevada, como se pode verificar no caso apresentado de seguida. No que diz respeito ao segundo exemplo, poucas informações fornece, é retratada uma simples patrulha. Já no primeiro excerto observa-se como seria organizada uma patrulha no deserto. O texto diz-nos que dois soldados egípcios e mais setenta auxiliares núbios de etnia medjai<sup>455</sup> saíram da fortaleza e seguiram por «aquele caminho». É evidente a discrepância entre os dois lados. Esta diferença sugere que estes militares de origem egípcia podiam ser indivíduos com alguma preponderância na hierarquia militar e que se encontravam a liderar a patrulha em questão. O uso de nativos no patrulhamento da Baixa Núbia é explicado principalmente pelo conhecimento que estes deveriam ter sobre o terreno, bem como sobre possíveis rotas desconhecidas pelos egípcios onde podiam passar mercadorias clandestinas, pessoas e, acima de tudo, grupos armados pertencentes à chefatura de Kerma. Apesar de apenas estarem referenciados em quatro passagens nos Despachos de Semna, o ato de fazer patrulhas deveria ser realizado com alguma frequência na linha de fronteira que o Egipto mantinha com a Alta Núbia, região extensa e instável. Tendo em conta a posição das fortalezas egípcias, construídas ao longo da segunda catarata e de Batn el-Hagar, a permeabilidade do resto da fronteira deveria ser elevada, necessitando assim que se organizassem patrulhas frequentes de vigia territorial. Certamente que não era apenas a partir da fortaleza de Semna Oeste que o sistema de patrulhas actuava, apesar de o último excerto apresentado sugerir que a patrulha apenas demorou um mês a percorrer o caminho que leva Semna Oeste até Serra Este (fortificações muito distantes entre si). Parece evidente que fortalezas como Buhen, Mirguissa ou Uronarti, devido à sua importância na rede de fortes egípcios, deveriam albergar também um núcleo de soldados destinados a esse fim. As patrulhas eram também usadas como rede de comunicações entre as fortalezas, como se pode concluir nesta passagem: «[...] Eu enviei informações sobre eles às fortalezas a norte [...]». Estas deveriam ser utilizadas como complemento à principal via de comunicação do Antigo Egipto, o rio Nilo.

Para além do patrulhamento que era realizado no deserto, ou intramuros, dentro da fortaleza ou da cidade, os oficiais egípcios contavam com «policias» ou vigilantes que percorriam as ruas controlando o trabalho dos funcionários ao serviço do faraó, mantendo a ordem nos mercados públicos, ou um outro grupo de forças de segurança, chamados de *saper*, que estava destinado a acompanhar os colectores de impostos. É curioso observar que o

---

<sup>454</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 113.

<sup>455</sup> Pensa-se que o pagamento destes auxiliares núbios era feito em cereais; cf. KEMP, *Ancient Egypt, Anatomy of a Civilization*, p. 177.

instrumento que servia para intimidar os possíveis dissidentes era um babuíno preso por uma trela, como se de um cão se tratasse que acompanhavam o funcionário da cobrança<sup>456</sup>.

#### 4. O ARMAMENTO

As variadas fontes disponíveis indicam, de uma forma geral, que os soldados do exército egípcio durante o Império Médio utilizavam o mesmo tipo de armamento defensivo e ofensivo que os seus antepassados<sup>457</sup>. Esta realidade é explicada pela conjuntura e pela mentalidade que os egípcios evidenciaram até ao Império Médio: um contexto de guerras internas e de pequenos conflitos fronteiriços contra inimigos exteriores pouco desenvolvidos tecnologicamente que poucos estímulos davam à evolução do armamento egípcio, além da tardia e lenta profissionalização do exército. A mentalidade das forças armadas egípcias era muitas das vezes defensiva (com a excepção das campanhas inauguradas durante a XII dinastia), criando um exército que não exigia uma clara inovação no armamento, já que este era suficiente para cumprir os objectivos desejados pela realeza<sup>458</sup>. A panóplia de armas, segundo alguns textos em sarcófagos do Primeiro Período Intermediário, estava dividida em três categorias: as armas de longo alcance, o armamento de impacto e as armas de lâmina, inserindo-se dentro destes três grupos as lanças, arcos e flechas, maças, machados e punhais, fincando o escudo na categoria do armamento defensivo<sup>459</sup>. Durante grande parte da história do Antigo Egipto as armas foram feitas de cobre, metal que está presente nos artefactos desde o V milénio a. C. Esta acentuada utilização do cobre deve-se essencialmente à presença de minas no território compreendido entre o Nilo e o mar Vermelho, que, apesar de não serem abundantes, chegavam para as necessidades egípcias<sup>460</sup>, bem como do conhecimento dos egípcios sobre os meios de extrair este metal. A própria procura deverá ter sido um bom pretexto para fazer a guerra noutros locais, como é o caso da Baixa Núbia, de onde extraíam cobre, e já no Império Médio importavam estanho do Norte, fundamental para a produção de bronze. Inicialmente, e com a excepção da maça, que desde muito cedo adquiriu uma forte ligação à realeza egípcia, todas as outras armas tiveram origem em utensílios com funções

---

<sup>456</sup> PARRA, «Los policías del antiguo Egipto», *Historia National Geographic*, pp. 18-19.

<sup>457</sup> Para além de ser idêntico aos períodos anteriores, o armamento egípcio até ao fim do Império Médio era tipologicamente similar aos dos povos vizinhos, tanto de África como do Médio Oriente; cf. SALES, «Arco», in *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 87.

<sup>458</sup> VARANDAS, «O armamento egípcio», *Hapi*, 2, pp. 168-169.

<sup>459</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 161; SPRAGUE, *Sickle Sword and Battle Axe*, p. 36.

<sup>460</sup> Certamente que a fonte de acesso ao cobre não se restringia às minas do deserto oriental, deveria haver também trocas comerciais com outras regiões; cf. Idem, p. 21.

relacionadas com o quotidiano<sup>461</sup>, e que, com o evoluir para sua sociedade mais complexa, rapidamente adquiriram outras funções, como a de fazer a guerra<sup>462</sup>.

Como e onde era produzido o armamento egípcio? Onde era armazenado? Existem poucas informações sobre estas problemáticas (figura 23). Mas, por exemplo, em Mênfis, que era uma importante base naval e um centro de produção de armas, vários trabalhadores, especialistas na sua área (carpinteiros, metalurgistas e curtidores de peles) contribuíam para o fabrico do armamento que mais tarde iria ser utilizado pelo exército<sup>463</sup>. Assim, a produção de armas era uma atividade que movimentava vários sectores do processo produtivo da sociedade egípcia, tornando-se um produto nuclear nas diferenciações sociais e económicas. A produção de armas seguia um padrão, ou seja, tinha de haver medidas e materiais pré-



**Figura 23** - Cena que mostra uma oficina militar, onde o funcionário verifica o condição do armamento do arsenal. [Extraído de SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 36].

definidos para que no final da linha de produção não houvesse falhas. Assentava num processo económico de escala, desde a produção até ao armazenamento e transporte. As armas manufacturadas eram guardadas em arsenais<sup>464</sup>. Em Mirguissa, por exemplo, a escavação do arsenal desta fortificação revelou 310 pontas de lança, 88 punhais e cerca de 2700 pontas de seta, curiosamente todas feitas em sílex<sup>465</sup>, mostrando que o uso do cobre e do bronze, apesar de estar difundido, ainda não abrangia todas as regiões. Uma outra possível explicação para aquelas armas em sílex terem sido encontradas numa fortaleza como a de Mirguissa deve-se ao valor intrínseco que uma arma de metal deveria ter na altura, tornando imperioso que estas não fossem deixadas para trás. No caso concreto de um soldado destacado numa fortaleza na Baixa Núbia, o armamento não devia divergir em demasia daquele que estava presente nos exércitos que se apresentavam nos campos de batalha, já que as guarnições eram assumidamente constituídas por «regulares».

<sup>461</sup> Idem, pp. 17-21.

<sup>462</sup> VARANDAS, «O armamento egípcio», *Hapi*, 2, p. 173.

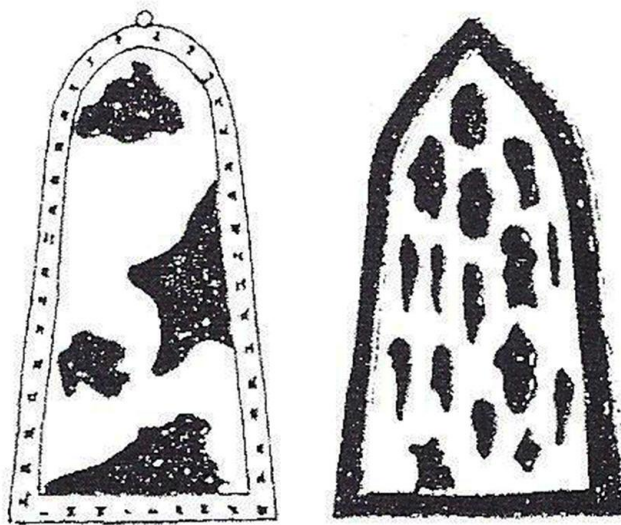
<sup>463</sup> SPRAGUE, *Sickle Sword and Battle Axe*, p. 30.

<sup>464</sup> Ver subcapítulo 3.9, pp. 98-100.

<sup>465</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 163.

## 5. ESCUDOS

Os soldados egípcios, até ao início do Império Novo<sup>466</sup>, apenas usavam como armamento defensivo o escudo (figura 24), não havendo a presença de couraças ou elmos<sup>467</sup>. Os militares, desde o Império Antigo até ao Império Médio, apenas são representados com um cinto e uma tanga de formato triangular com cerca de 50 cm<sup>468</sup>. As tangas eram feitas em fibras de linho, espécie vegetal muito abundante nas margens do Nilo. A base do triângulo era posta na retaguarda do indivíduo e as três arestas eram presas na vanguarda e entre as pernas do soldado<sup>469</sup>. Esta falta de defesas corporais é explicada essencialmente tanto pelo clima do Egito como pelo nível tecnológico que, aparentemente, era suficiente para os inimigos da época, bem



**Figura 24** – Escudos representados num mural num túmulo do Império Médio. [Extraído de MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 167].

como da primazia que o exército egípcio dava à agilidade em detrimento do peso, algo que mais

tarde se verifica, também, nos carros de guerra do Império Novo, os quais primavam pelo aspecto aparentemente frágil, mas que cumpriam os requisitos esperados em termos de mobilidade.

O principal armamento de tipo defensivo de um militar do Império Médio era, sem dúvida, o escudo. Era de grandes dimensões com 1 a 1,5 m de altura, feito de madeira<sup>470</sup>, com forma rectangular mas com a parte superior triangular ou semicircular. Na parte frontal era

<sup>466</sup> Apenas no Império Novo é introduzido na panóplia de armamento do exército uma couraça de couro coberta com malha de bronze, resultado da intensificação dos contactos com os povos do corredor sírio-palestiniano; cf. SALES, «Armamento», in *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 89.

<sup>467</sup> FIELDS, *Soldiers of the Pharaoh*, p. 13; SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 32; VARANDAS, «O armamento egípcio», *Hapi*, 2, pp. 181-182.

<sup>468</sup> *Ibidem*. Os arqueiros núbios usavam tangas feitas de pele de cor verde e vermelha; cf. SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 34.

<sup>469</sup> FIELDS, *Soldiers of the Pharaoh*, pp. 13-14.

<sup>470</sup> SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 34.

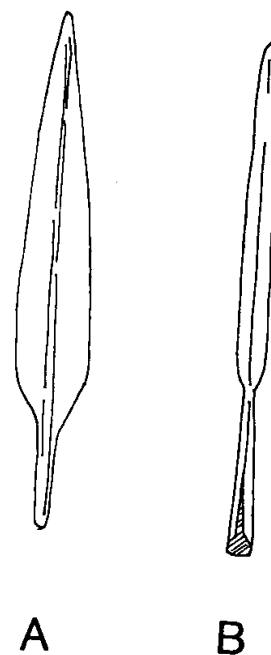


coberto por pele de bovino e no interior possuía uma pega de madeira colocada na vertical que servia para o militar segurar e fixar o escudo ao seu corpo<sup>471</sup>. Sabemos que alguns casos os escudos apresentavam cintas em pele que serviam para manter o escudo junto ao ombro, deixando assim as mãos livres caso fosse necessário. Sendo o militar egípcio um soldado de infantaria, o escudo é para este uma arma essencial para garantir a sua protecção e dos seus companheiros. A dimensão e solidez do escudo egípcio aparentemente era suficiente para prevenir ferimentos e mortes tanto contra ataques a longa distância (flechas e dardos), como combates no corpo-a-corpo. Pensa-se que estes escudos eram pintados de preto ou castanho num fundo branco<sup>472</sup>.

## 6. LANÇAS

A lança egípcia (figura 25) consistia numa ponta de metal em formato de folha o que facilitava a remoção desta aquando da penetração no corpo do inimigo<sup>473</sup>. No caso concreto do Império Médio essa ponta era feita normalmente de cobre ou sílex, ligada a um longo cabo de madeira por um esporão. Segundo Ian Shaw, tradicionalmente a lança egípcia era usada para arremessar contra o inimigo e não para ser usada no combate corpo-a-corpo, tornando-se assim num dardo. No combate de proximidade era usada uma lança tipo alabarda que, basicamente, era uma lâmina de machado junta a um cabo de lança<sup>474</sup>. O tamanho das lanças era variável, sendo o cabo feito de madeira ou cana, e podiam atingir um tamanho entre 130 a 150 cm<sup>475</sup>, intervalo confirmado pelas representações do Primeiro Período Intermediário que mostram que esta arma podia atingir a altura de um soldado<sup>476</sup>.

Tal como o escudo, a lança é uma arma da infantaria simétrica, estando presente num elevado número de exércitos por



**Figura 25** – Evolução das pontas de lança: figura A datável do Império Antigo e Império Médio e figura B do Império Novo. [Adaptado de SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 36].

<sup>471</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 165.

<sup>472</sup> FIELDS, *Soldiers of the Pharaoh*, p. 22.

<sup>473</sup> Idem, p. 19.

<sup>474</sup> SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 37.

<sup>475</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 164.

<sup>476</sup> FIELDS, *Soldiers of the Pharaoh*, p. 19.

toda a Antiguidade, desde os exércitos egípcios à falange grega e às legiões de Roma. Sabe-se que no caso destas duas últimas os soldados lutavam em blocos organizados em inúmeras fileiras, mas no caso egípcio este tipo de combate não é tão evidente, ou pelo menos a quantidade de informações não é tão abundante<sup>477</sup>. Sabe-se que a estrutura militar egípcia era dividida por unidades de infantaria<sup>478</sup> e de arqueiros<sup>479</sup>, a primeira composta essencialmente por lanceiros distribuídos simetricamente pelas unidades<sup>480</sup>. Pensa-se que a quantificação de cada unidade seria igualitária, ou seja, 50% para cada divisão<sup>481</sup>. Em termos arqueológicos as escavações colocaram a descoberto uma tipologia de armamento muito bem definida por períodos e igualmente muito idêntica entre si<sup>482</sup>, algo que evidencia fortemente uma simetria entre os vários corpos do exército, sugerindo que estes combatiam em blocos de igual forma. Por outro lado a iconografia, especialmente a do Primeiro Período Intermediário, nos túmulos anteriormente referidos de Beni Hassan, apresenta, também, uma sólida organização do exército egípcio. Segundo José das Candeias Sales, os exércitos egípcios do Primeiro Período Intermediário e do Império Médio já apresentam algum nível de disciplina e de organização militar. Marchavam em duas unidades táticas de arqueiros e de lanceiros com quarenta homens cada<sup>483</sup>.

A lança como arma de combate corpo a corpo permitia ao soldado combater a alguma distância do oponente, tendo o escudo, de grandes dimensões, normalmente na mão esquerda para proteger o seu próprio corpo e o do camarada que estava ao seu lado. Nenhuma das informações supracitadas permite dizer com certeza que o soldado de infantaria egípcio combatia da mesma forma que os exércitos mais tardios da Grécia e da Roma clássicas, mas a simetria com que se apresentava em combate já insinuava o que as formações de Alexandre Magno ou as de Júlio César iriam apresentar nos futuros campos de batalha.

---

<sup>477</sup> VARANDAS, «O armamento egípcio», *Hapi*, 2, pp. 167-168.

<sup>478</sup> Infantaria pesada armada com lanças, machados, punhais e escudos de grande dimensão; cf. MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 109.

<sup>479</sup> Infantaria ligeira armada com arco e flecha e dardos; cf. Idem, p. 109.

<sup>480</sup> Estas unidades eram compostas por cerca de 40 a 100 soldados, que por sua vez estavam divididos em fileiras de 6 a 10 indivíduos; cf. Idem, pp. 108-109.

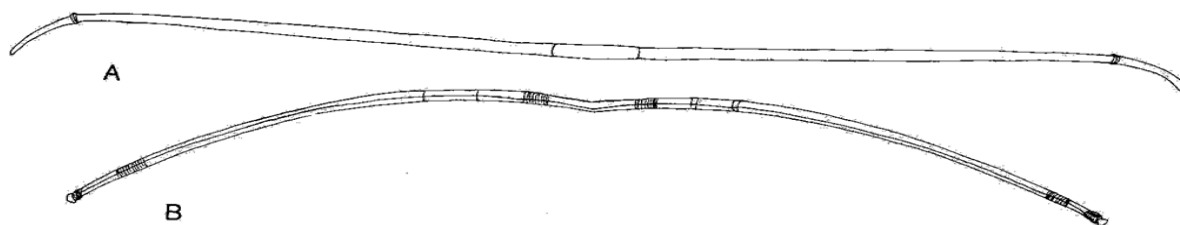
<sup>481</sup> VARANDAS, «O armamento egípcio», *Hapi*, 2, p.164.

<sup>482</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, pp. 161-165.

<sup>483</sup> Esta organização é baseada nos modelos de madeira oriundos do túmulo do nomarca de Assiut, onde estão representados arqueiros núbios e soldados de infantaria egípcios; cf. SALES, «Exército», in *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 351.

## 7. ARCO E FLECHA

A presença do arco e flecha (figura 26) está atestada em diversas culturas em distintos períodos da Pré-história e da História. É uma arma aparentemente simples que se vai complexificando ao longo do tempo. No caso concreto do Antigo Egipto, o arco e flecha são um elemento essencial na panóplia de armamento ofensivo, factor que é comprovado pela relevância dada a esta arma em contextos funerários<sup>484</sup>. O arco foi adquirindo uma extraordinária importância táctica e estratégica dentro do exército egípcio, havendo, como foi referido, unidades compostas apenas por arqueiros ou divisões mistas onde, em caso de batalha, estes estavam colocados nos flancos. Quando estavam em marcha iam na retaguarda ou na vanguarda.



**Figura 26** – Os principais arcos usadas no Antigo Egipto: em A o arco simples e na figura B o arco composto. [Extraído de SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 36].

Os arcos utilizados pelas forças militares egípcias estavam divididos em arcos de curva simples (*pedjet*) e arcos de curva dupla (*iunet*)<sup>485</sup>. Enquanto os primeiros eram de produção egípcia, os últimos tinham uma origem núbica<sup>486</sup>. O chamado arco de chifre, composto por um par de chifres de antílope ligados por um pedaço de madeira está amplamente presente nos grupos de guerreiros da época Pré-dinástica. Nos períodos posteriores a esta, é o arco simples<sup>487</sup> o mais frequente entre os militares sob comando do faraó. Este arco tinha cerca de 1 a 2 m de comprimento<sup>488</sup>, feito em madeira de acácia, e apresentava um corpo transversal circular ou semicircular e uma ligeira curvatura nas pontas, característica que facilitava a colocação da corda, que por sua vez era composta por pele e intestinos de animais. Estes arcos simples disparavam flechas de cana com 80 a 100 cm de comprimento com pontas de seta que podiam variar entre o sílex, osso, madeira endurecida pelo fogo ou por pontas de bronze, sendo esta última numa fase mais tardia e muito pouco

<sup>484</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 164.

<sup>485</sup> SALES, «Arco», in *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 88.

<sup>486</sup> VARANDAS, «O armamento egípcio», *Hapi*, 2, p. 177.

<sup>487</sup> Pensa-se que no Império Médio o alcance do tiro do arco simples era de 50 a 60 m; cf. FIELDS, *Soldiers of the Pharaoh*, p. 15.

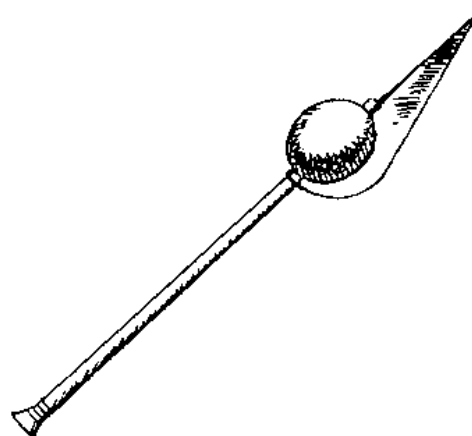
<sup>488</sup> SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 37; MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, pp. 164-165.

frequente. Na retaguarda da flecha havia um nódulo que facilitava a colocação desta na corda do arco. Debaixo deste nódulo eram feitos alguns cortes verticais onde eram adicionadas três penas que davam à flecha a estabilidade necessária para atingir o alvo pretendido<sup>489</sup>.

## 8. MAÇAS DE ARMAS

As maças de combate (figura 27) foram das armas mais utilizadas no Antigo Egito. Presente em todas as épocas, este simples tipo de armamento ofensivo e de fácil fabrico<sup>490</sup>, consistia numa maça talhada em pedra ligada a um cabo de madeira. Numa primeira fase, datável das primeiras dinastias do Egito, a cabeça da arma adquiriu um formato de disco, sendo progressivamente substituída pela maça piriforme<sup>491</sup>, com origem no Baixo Egito e pela maça de formato discóide ou troncónica oriunda do Alto Egito<sup>492</sup>.

A maça era utilizada principalmente de cima para baixo, ou seja, era usada com a finalidade de esmagar o opositor, tornando-o incapaz para o combate. Era uma arma fulcral nas primeiras épocas do Egito faraónico, nomeadamente no momento da unificação. Adquiriu uma forte ligação à realeza, sendo utilizada como objecto de adorno para os faraós durante toda a civilização egípcia<sup>493</sup>. Foi representada inúmeras vezes na mão do monarca



**Figura 27** – Maça piriforme com lâmina adjacente. [Adaptado de SALES, «Armamento», in *Dicionário do Antigo Egito*, p. 89].

enquanto este subjugava os inimigos, como é o caso da Paleta de Narmer, onde se observa o faraó a dominar cativos usando a sua maça<sup>494</sup>. Enquanto a maça piriforme continuou a possuir o seu valor em termos simbólicos, no campo de batalha a sua preponderância foi desaparecendo progressivamente em detrimento do machado, arma mais ligeira e com igual eficiência. Por fim, durante a XII dinastia surge uma variante da maça piriforme que adquire

<sup>489</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 164.

<sup>490</sup> Idem, p. 161.

<sup>491</sup> SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 31.

<sup>492</sup> SALES, «Armamento», in *Dicionário do Antigo Egito*, p. 88.

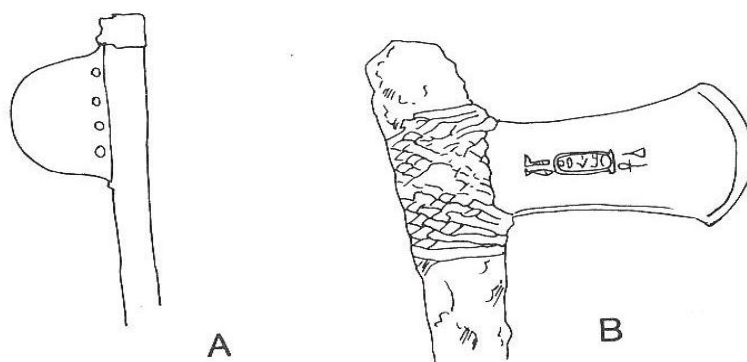
<sup>493</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 161.

<sup>494</sup> SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 31.

uma lâmina lateral<sup>495</sup>, tornando-a não só numa arma com o intuito de esmagar o inimigo, mas também de lhe produzir cortes.

## 9. MACHADOS

Outra arma usada essencialmente no combate corpo-a-corpo é o machado<sup>496</sup> (figura 28). Durante a XII dinastia, o machado apresenta formas arcaizantes evidenciadas principalmente pela lâmina de bronze<sup>497</sup> de formato semicircular e ligeiramente alongada horizontalmente, amarrada a um cabo de madeira por fitas de couro cru introduzidas em perfurações feitas na própria folha de metal. Nos finais do Império Médio, este tipo de machado foi substituído por um ligeiramente diferente que possuía uma lâmina vertical, com as extremidades laterais côncavas e as bordas convexas<sup>498</sup>. As lâminas destes machados seriam facilmente



**Figura 28** – A evolução do machado de guerra egípcio. Em A: o machado semicircular (Império Antigo e Império Médio. Em B: o machado longo (Império Novo). [Extraído de SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 35].

removidas pelo soldado que a estivesse a usar, caso estas ficassem danificadas durante a batalha<sup>499</sup>. O machado de guerra foi especialmente criado para cortar num movimento vertical, ou seja, de cima para baixo, muito à imagem da maça, com a diferença que esta última foi criada para esmagar e não para cortar o oponente. O machado permitia ao soldado egípcio manter uma relativa distância em relação ao inimigo, factor possível devido ao

<sup>495</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 162.

<sup>496</sup> Os machados de guerra eram inicialmente feitos em pedra e possuíam praticamente as mesmas características dos que eram usados no quotidiano; cf. SALES, «Armamento», in *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 88.

<sup>496</sup> É durante o Império Médio que o uso de bronze se generaliza no Egipto, como é comprovado pelos dados que a arqueologia fornece. A maior parte deste é importado da Síria-palestina. Apesar do aumento da utilização do bronze, o cobre continuou a ser amplamente utilizado pelas fábricas de armamento egípcias; cf. FIELDS, *Soldiers of the Pharaoh*, p. 19.

<sup>497</sup> É durante o Império Médio que o uso de bronze se generaliza no Egipto, como é comprovado pelos dados que a arqueologia fornece. A maior parte deste é importado da Síria-palestina. Apesar do aumento da utilização do bronze, o cobre continuou a ser amplamente utilizado pelas fábricas de armamento egípcias; cf. *Ibidem*.

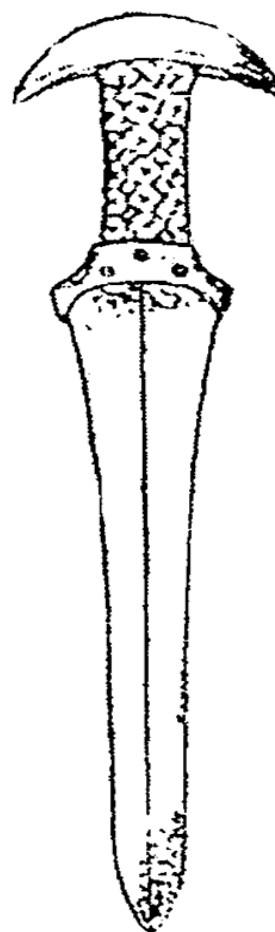
<sup>498</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, pp. 162-163; SHAW, *Egyptian Warfare and Weapons*, p. 36.

<sup>499</sup> FIELDS, *Soldiers of the Pharaoh*, p. 18.

perímetro de alcance que a arma fornecia, esta distância favorecia as hipóteses de sobrevivência do militar<sup>500</sup>.

## 10. PUNHAIS E ESPADAS

O punhal (figura 29), tal como o machado, foi uma das armas de eleição dos soldados no Antigo Egipto no combate a curta distância. Os primeiros punhais de cobre eram feitos com apenas uma folha de metal<sup>501</sup>, enquanto os posteriores adquiriram uma lâmina com nervura central de bronze ou cobre. Na extremidade inferior era composto por vários buracos onde, usando pregos, era posicionado o punho relativamente curto em madeira, marfim ou osso na arma. As bainhas eram feitas normalmente de couro ou de madeira<sup>502</sup>. Nas escavações realizadas no túmulo da princesa Ita, em Dahchur, datável da XII dinastia, foi descoberto um punhal que reunia estas características, media cerca de 26 cm de altura e possuía uma pega de ouro com apliques decorativos em lápis-lazúli, malaquite e cornalina<sup>503</sup>. É evidente que esta não foi uma arma criada com o intuito de servir o soldado em combate, mas sim para ajudar a princesa em questão na sua vida depois da morte. Sendo esta uma arma com fins mágico-religiosos será que em termos morfológicos era fiel ao que era usado pelo exército egípcio? Tendo em conta a presença de outras peças votivas em outros túmulos, como é o caso do punhal de ferro no túmulo de Tutanhkamon<sup>504</sup>, parece provável que sim. No caso



**Figura 29** – Punhal com cerca de 26cm de comprimento. Peça actualmente no Museu Egípcio do Cairo. [Extraído de MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 164].

<sup>500</sup> SPRAGUE, *Sickle Sword and Battle Axe*, p. 22.

<sup>501</sup> Idem, p. 20.

<sup>502</sup> A pega do punhal de origem egípcia normalmente terminava com um adorno em forma de crescente; cf. MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 163; FIELDS, *Soldiers of the Pharaoh*, p. 20.

<sup>503</sup> *Ibidem*.

<sup>504</sup> WILLIAMS, *Ancient Egypt, War and Weapons*, pp. 22-23.

da arma de ferro encontrada no túmulo do jovem monarca, julga-se que ela terá sido uma oferta do rei do Hatti, procurando boas relações com o Egito.

Uma outra tipologia de punhais existente no Egito do Império Médio apresenta uma lâmina idêntica ao anteriormente descrito, mas o que os realmente diferencia é a pega que apresenta extremidades amplas com dois ou três apêndices onde iria ser colocado um adorno lenticular, geralmente de marfim. Segundo Javier Martínez Babón, este tipo de punhal, devido à falta de proporcionalidade e solidez, deverá ter sido utilizado apenas em situações de paradas militares<sup>505</sup>.

A principal função do punhal seria a de perfurar o corpo do oponente, criando um ferimento profundo e curto. Apesar de o punhal ser uma arma muito utilizada pelo exército egípcio, em termos de danos no oponente não atingia o nível do machado e da maça de armas. Só o evoluir do tempo permitiu que o punhal se transformasse numa arma mais eficaz, a espada. No Império Médio o uso de espadas<sup>506</sup> é praticamente inexistente devido principalmente à carência do conhecimento de como trabalhar metais como o ferro. Como o cobre era demasiado maleável não criava lâminas utilizáveis nos campos de batalha. Apesar de o uso deste metal ser predominante durante a XII dinastia, existem exemplares de espadas feitas em bronze datáveis desta cronologia<sup>507</sup>. É, provavelmente, com a invasão hicsa do Segundo Período Intermediário que os arsenais egípcios passaram a ter um lugar para as espadas no seu interior<sup>508</sup>.

---

<sup>505</sup> MARTÍNEZ BABÓN, *Historia Militar de Egipto*, p. 163.

<sup>506</sup> Espadas como o *khopech*, por exemplo, apenas surgem no Antigo Egito no princípio do Império Novo oriundas da Síria-Palestina. Este tipo concreto de arma adquiriu uma enorme preponderância no contexto regional do corredor sírio-palestiniano e mesopotâmico, devido não só ao seu valor no campo de batalha mas também devido ao seu simbolismo e ligação à realeza; cf. VARANDAS, «O armamento egípcio», *Hapi*, 2, p. 179; SPRAGUE, *Sickle Sword and Battle Axe*, pp. 23-24.

<sup>507</sup> Idem, pp. 18-28.

<sup>508</sup> VARANDAS, «O armamento egípcio», *Hapi*, 2, p. 179.

## CONCLUSÃO

Depois do final conturbado do Império Antigo que acabou na guerra civil do Primeiro Período Intermediário, o Egito mergulhou numa crise dinástica, onde certos governadores provinciais, tirando partido da instabilidade e da falta de força do poder central, adquiriram significativo poder, tornando-se assim detentores de muitas terras e de forças militares. Estes senhores acabaram por acumular mais poderes do que os efémeros faraós da época. Estes «nobres» vieram a ter um papel preponderante na formação de uma das épocas mais estáveis e florescentes do Antigo Egito, o Império Médio. Mentuhotep II, faraó vitorioso na longa guerra civil, com a ajuda dos governadores provinciais do Alto Egito, levou a XI dinastia ao trono egípcio, iniciando o Império Médio. Progressivamente, as Duas Terras foram-se estabilizando em todos os aspectos, criando as bases para a emergência da XII dinastia, o auge deste período.

Com a subida ao poder do rei Amenemhat I, primeiro faraó da XII dinastia, a máquina militar e administrava egípcia virou as suas atenções para a Terra do Arco. Começaram a considerar esta região como uma proveitosa fonte de bens, que eram necessários para colmatar as necessidades de uma sociedade complexa, com especial realce para o novo funcionalismo da capital e da administração provincial. Os faraós do Império Médio não foram em nada pioneiros no que diz respeito ao interesse efectivo sobre a Núbia, a forma como abordaram a sua exploração é que realmente os diferenciou do que acontecera no Império Antigo. Enquanto neste último período as relações com a Núbia eram feitas à base de trocas comerciais, com a presença de ocasionais expedições punitivas feitas principalmente contra tribos nómadas que atacavam as caravanas e embarcações egípcias, no Império Médio as forças militares são usadas para subjugar e expandir a esfera de influência egípcia para sul, na Baixa Núbia (Uauat), criando uma tradição expansionista, traduzida por alguns autores como «imperialismo», e que vai atingir o seu apogeu durante o Império Novo.

Foi o faraó Senuseret III quem mais ênfase colocou na conquista e preservação das possessões egípcias na Baixa Núbia, realizando um total de cinco campanhas militares contra Kerma que fixaram a linha defensiva egípcia no limite territorial com a Alta Núbia (Kuch). Conforme a fronteira foi evoluindo e os pontos de exploração se foram multiplicando, o Egito sentiu a necessidade de criar estruturas que garantissem uma longa e segura presença



no território recém tomado. É neste contexto que a edificação das imponentes fortalezas da segunda catarata e de Batn el-Hagar se inserem. A primeira e mais importante fortaleza da zona é a fortaleza de Buhen, ponto de extração nuclear de cobre e principal base de operações para as campanhas militares feitas contra a chefatura kuchita de Kerma. Depois desta foram construídas mais sete fortificações: Mirguissa, Askut, Chalfak, Uronarti, Semna Oeste, Kumma e Semna Sul. Todas elas tinham características próprias, tanto no que diz respeito à sua morfologia bem como às suas funções no ambiente hostil em que estavam situadas. Foi durante o reinado de Senuseret III que muitos destes fortes foram construídos enquanto que outros sofreram algumas modificações.

Qual foi a razão que levou os Egípcios a construírem estas fortalezas na Baixa Núbia? Dentro das muitas razões possíveis (ver capítulo II), uma delas foi a defesa da recém criada fronteira contra Kerma, o inimigo a sul que punha em causa a presença egípcia, tanto militar como civil, em Uauat. Esta ameaça não era originada necessariamente pelo poder militar, mas sim devido à permeabilidade que este novo limite apresentava. Era extenso e as fortificações da segunda catarata e de Batn el-Hagar apenas podiam estancar directamente os fluxos bélicos se estes usassem como via de transporte o rio Nilo. Se estes (tanto grupos armados como caravanas comerciais clandestinas) optassem por utilizar o deserto para transpor a fronteira, os fortes egípcios pouca margem de acção possuíam, tendo sido assim criada uma solução que consistia em construir torres de vigia, edificadas tanto ao longo do rio como para o interior desértico. Estas estruturas eram suportadas por patrulhas frequentes onde tanto os nativos como os militares egípcios cooperavam entre si. As patrulhas tinham como base de operações as fortalezas egípcias em Uauat e encontram-se amplamente referidas nos Despachos de Semna, emitidos precisamente a partir de uma dessas fortificações, Semna Oeste.

Depois da conquista e da relativa pacificação da Baixa Núbia por meio de muitas campanhas militares, os faraós viraram as suas atenções para as tribos de Kerma. Foram realizadas diversas expedições que, devido à distância que tinham de percorrer, criavam problemas logísticos, onde o abastecimento do exército era muito difícil. Problema que na anterior conquista de Uauat não era tão evidente, pois a proximidade em relação à tradicional fronteira sul do Egipto, Elefantina, era consideravelmente menor. Naturalmente, conforme as conquistas iam descendo territorialmente, maior era a necessidade em criar novos pontos estratégicos que pudessem auxiliar e abastecer os soldados egípcios. Assim, sobre estes locais foram edificadas fortificações que ajudavam ao sucesso dos empreendimentos militares na Alta Núbia, por exemplo: a fortaleza de Askut possuía um enorme celeiro que deveria

abastecer não só as fortalezas que estavam a sul, mas também fornecer alimentos aos exércitos egípcios que por lá passavam; escavações realizadas em Mirguissa puseram a descoberto arsenais com capacidade para guardar um elevado número de armamento que certamente também seria utilizado para as campanhas. Por fim, devido ao longo caminho que as unidades militares tinham de percorrer, em algumas fortificações os arquitectos e administradores egípcios tomaram em conta a necessidade dos soldados em trânsito terem um local para descansar. Fortes como Buhen e Semna Oeste possuíam o potencial para albergar todo um contingente militar presente numa determinada campanha.

Para além da vertente militar que os fortes naturalmente possuíam, o controlo aduaneiro dos fluxos comerciais que subiam e desciam o Nilo e a exploração dos recursos que a região podia potencialmente fornecer eram também uma das principais razões para a edificação destas cruciais estruturas. Embora em moldes de ocupação distintos, o ímpeto expansionista exercido sobre a Baixa Núbia durante o Império Médio teve como base os mesmos interesses comerciais e económicos que levaram os Egípcios do Império Antigo a estabelecer igualmente uma presença na Baixa Núbia. Eram muitos os produtos extraídos desta região e depois levados para o Egipto, desde minerais a recursos animais e humanos.

Um claro exemplo da preponderância de uma fortificação neste tipo de atividade é Buhen, que já desde o Império Antigo era um importante centro de extracção do cobre. De que forma as fortalezas egípcias exerciam o controlo sobre o comércio local? Apesar da escassez de informações, sabe-se, através de uma estela encontrada em Semna, que em Semna Oeste era realizada uma forma de triagem, onde as embarcações e as caravanas comerciais eram avaliadas por funcionários que decidiam qual era o destino do comerciante em questão. Era, assim, neste forte que se decidia quem podia comerciar em território egípcio. Segundo a mesma estela, era para o forte de Mirguissa (Iken) que se dirigia todo o fluxo comercial vindo da Alta Núbia (Kuch).

Embora a funcionalidade das fortalezas da segunda catarata e de Batn el-Hagar em termos militares e económicos seja bem clara, são porém discutíveis os impactos que ao nível social elas tiveram sobre as populações nativas da Baixa Núbia. Estas estruturas físicas impunham-se sobre as populações do Grupo C, e delas saíam regularmente patrulhas que, em certos casos, acompanhadas por funcionários (tesoureiros), tinham a função de recolher os tributos devidos pelos chefes tribais de Uauat.

O grupo das fortalezas da segunda catarata e de Batn el-Hagar é constituído por oito fortes, distribuídos de norte para sul da seguinte forma: Buhen, Mirguissa, Askut, Chalfak, Uronarti, Semna Oeste, Kumma e Semna Sul. Com a excepção de Buhen e Mirguissa, que foram construídas em zonas relativamente planas, onde os arquitectos egípcios não tiveram problemas de espaço, as fortalezas da região de Batn el-Hagar foram construídas sobre terrenos mais acidentados, onde os arquitectos idealizaram fortes com formas irregulares, morfologia que por vezes resultou na redução do próprio tamanho destes. Por outro lado, devido ao difícil acesso que estas fortificações apresentavam, os egípcios tiveram a possibilidade de abdicar de certas defesas, como era o caso dos fossos e das rampas. O menor tamanho destas estruturas obrigou à opção por uma estratégia de racionalização do espaço. De uma forma geral, as fortalezas egípcias tinham no seu interior as infraestruturas essenciais para o seu normal funcionamento: o quartel-general, o arsenal, as casernas, os celeiros, as habitações, os templos e as instalações sanitárias.

No que diz respeito às defesas que estes fortes possuíam, resumem-se a imponentes muralhas feitas em tijolo (por vezes precedidas por outras de menor dimensão, como é o exemplo de Buhen), com ameias e merlões no topo e com seteiras onde cada uma possuía três aberturas que permitiam obter diferentes ângulos de tiro para os arqueiros egípcios. Alguma iconografia tumular presente em Beni Hassan representa alguns fortes com hurdícios em madeira, com a capacidade para alojar um soldado. As muralhas eram reforçadas por torres e por bastiões semicirculares que percorriam o forte em todas as suas faces, tendo por vezes como única excepção a face orientada para o rio. O acesso a estes fortes era feito através de portas fortificadas e por ancoradouros que ligavam a estrutura defensiva ao rio.

Como era feito o abastecimento destes fortes?

Para ambos os grupos (na segunda catarata e Batn el-Hagar), o fornecimento de mantimentos era oriundo do Egipto, pois na região onde estas estruturas foram edificadas poucas eram as hipóteses de implantar explorações agrícolas que produzissem produtos suficientes para alimentar a população nativa submetida ao Egipto e as forças egípcias (militares e civis). Assim, o que realmente diferencia os dois grupos é a forma como a logística era planeada e desenvolvida. Enquanto as fortalezas da segunda catarata, devido à maior proximidade em relação ao Egipto, recebiam directamente os mantimentos, as fortalezas do grupo de Batn el-Hagar, mais a sul que as anteriores, logo mais distanciadas do centro fornecedor, eram abastecidas a partir da fortaleza de Mirguissa que, por sua vez, se

apoiava em Askut, que com os seus enormes celeiros armazenava os alimentos. A intenção era, quando houvesse necessidade, que estes fossem distribuídos pelas fortificações que ficavam mais a sul (Chalfak, Uronarti, Semna Oeste, Kumma e Semna Sul). Fica em aberto a pergunta sobre qual seria a regularidade deste abastecimento.

O esforço para construir estruturas fortificadas de grandes e médias dimensões, feito pelos engenheiros e arquitectos egípcios, pode parecer inicialmente exagerado, pois o inimigo não tinha, aparentemente, capacidade para os tomar. Mas, se observarmos os números disponíveis para as guarnições de cada uma destas fortalezas, percebe-se a necessidade do tamanho aplicado àquelas estruturas, fundamental para a defesa e manutenção de um território tão vasto. Era necessário que as fortalezas pudessem ser impressionantes e, acima de tudo, que intimidassem o inimigo. Alguns investigadores apresentam hipóteses sobre quantos soldados guarneciam cada fortaleza na Baixa Núbia. George Reisner e Walter Emery são quem mais se aproxima de uma quantificação razoável: em Kumma, por exemplo, estavam destacados 50 a 100 soldados, em Semna Oeste cerca de 150 a 300, para Uronarti um intervalo entre 100 e 200, em Mirguissa cerca de 600 a 1500 soldados.

Mas qual era a origem destas guarnições? Seriam estas guarnições de origem egípcia ou recrutadas localmente?

A maior parte destas deveria ser egípcia, enquanto as de origem núbia talvez servissem apenas de auxílio a patrulhas.

E que tipo de soldado era destacado para estes fortes?

Tendo em conta que existia um cargo chamado de «comandante de fortaleza», alguns oficiais teriam de ser destacados para algumas destas fortificações. Logo, em termos de hierarquia militar, nos fortes egípcios deveria existir um oficial com posto elevado e toda a restante hierarquia de comando. Certamente que ir para um território hostil e longe da zona de origem deveria ser visto com alguma relutância pelos militares egípcios, mas a possibilidade de poderem levar consigo as famílias indicia que uma colocação tão longe do território egípcio poderia apresentar novas oportunidades de promoção e enriquecimento.

As fortalezas egípcias construídas em Uauat são, acima de tudo, bases essenciais, estrategicamente posicionadas, que permitiram ao Egipto controlar um território hostil, bem como estancar uma ameaça que soprava nas suas fronteiras núbias, onde a hostilidade das tribos de Kerma se fazia sentir. O sistema de fortes controlava o território em todas as

vertentes, e como bem diz Bruce Williams: «The fortresses in Nubia represent a commitment of resources that trade cannot explain».

## BIBLIOGRAFIA

ADAMS, William Y., *Nubia, Corridor to Africa*, Princeton: Princeton University Press, 1977.

ADAMS, William Y., «The First Colonial Empire: Egypt in Nubia, 3200-1200 BC», in *Comparative Studies in Society and History*, vol. 26, nº 1, Cambridge: Cambridge University Press, Janeiro 1984, pp. 36-71.

ARAÚJO, Luís Manuel de, *Arte Egípcia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

ARAÚJO, Luís Manuel de (dir.), *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

ARAÚJO, Luís Manuel de, «Maet», in *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 524-536.

ARAÚJO, Luís Manuel de, «Navegação», in *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 603-605.

ARAÚJO, Luís Manuel de, *Os Grandes Faraós do Antigo Egipto*, Lisboa: A Esfera dos Livros, 2011.

ARAÚJO, Luís Manuel de, «Pedreiras», in *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, p. 669.

ARNOLD, Dieter, *The Encyclopedia of Ancient Egyptian Architecture*, London: I. B. Tauris, 2003.

BADAWY, Alexander, «Festunganlage», in Wolfgang Helck e Wolfhart Westendorf (eds.), *Lexikon der Ägyptologie*, II, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1977, cols. 194-203.

BAINES, John; MÁLEK, Jaromir, *Atlas of Ancient Egypt*, 2ª ed., Oxford: Phaidon Press, 1996, p. 186.

BREASTED, James Henry, *Ancient Records of Egypt, I, The First through the Seventeenth Dynasties*, Chicago: University of Chicago Press, 2001.

BRISAUD, Jean Marc, *A civilização núbica das origens à conquista árabe*, Lisboa: Amigos do Livro, sem data.

CANHÃO, Telo Ferreira, *Doze Textos Egípcios do Império Médio. Traduções integrais*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

CANHÃO, Telo Ferreira, *Textos da literatura egípcia do Império Médio. Textos hieroglíficos, transliterações e traduções comentadas*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2014.

CORREIA, Cristina Chautard, «Núbia», in *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 629-630.

CORREIA, Cristina Chautard, «Núbios», in *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, p. 631.

FIELDS, Nic, *Ancient Greek Fortifications 500-300 BC*, Oxford: Osprey Publishing, 2006.

FIELDS, Nic, *Soldiers of the Pharaoh, Middle Kingdom Egypt 2055-1650 BC*, Oxford: Osprey Publishing, 2007.

FLAMMINI, Roxana, «Ancient core-periphery interactions: Lower Nubia during Middle Kingdom Egypt (ca 2050-1640 BC)», in *Journal of World-Systems Research*, XIV, 1, 2008, pp. 50-74.

GOENAGA, J. M., CHILDS, John, «Citadels», in André Corvisier (ed.), *A Dictionary of Military History*, Oxford: Blackwell Publishers, 1994, pp. 139-142.

GRATIEN, Brigitte, «L'Égypte à la conquête de la Nubie», in Jeanne Faton (dir.), *Dossiers d'Archéologie*, Dijon: Éditions Faton, 2014, pp. 26-31.

HABACHI, Labib, «Buhen», in Wolfgang Helck e Wolfhart Westendorf (eds.), *Lexikon de Ägyptologie*, I, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1977, cols. 880-882.

KEEGAN, John, *Uma História da Guerra*, Lisboa: Tinta-da-china, 2006.

KEMP, Barry J., *Ancient Egypt, Anatomy of a civilization*, London: Routledge, 1989.

KEMP, Barry J., «Old Kingdom, Middle Kingdom and Second Intermediate Period c. 2686-1552 BC», in Bruce Trigger, Barry Kemp, David O'Connor, Alan B. Lloyd (eds.), *Ancient Egypt, A Social History*, Cambridge: Cambridge University Press, 1983, pp.71-174.

LISZKA, Kate, «We have come from the well of Ibhet: Ethnogenesis of the Medjay», in *Journal of Egyptian History*, 4, Leiden: Brill, 2011, pp. 149-171.

MARTÍNEZ BABÓN, Javier, *Historia Militar de Egipto durante la Dinastía XVIII*, Barcelona: Museo Egipci de Barcelona, Fundació Arqueològica Clos, 2003.

MARTINS, Daniela, «Até aos Pilares do Céu». *Estratégias de domínio político-administrativo na Síria-Palestina no reinado de Tutmés III*, dissertação de mestrado em História Antiga, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013.

MCDERMOTT, Bridget, *Warfare in Ancient Egypt*, Gloucestershire: Sutton Publishing, 2004.

MONNIER, Franck, «Éléments raisonnés pour la reconstitution d'une forteresse à redans du Moyen Empire», in Heike Sternberg El-Hotabi (ed.), *Göttinger Miszellen*, 239, Göttingen: Kulturwissenschaftliches Zentrum Heinrich-Düker-Weg, 2013.

MONNIER, Franck, *Les Forteresses Égyptiennes. Du Prédynastique au Nouvel Empire*, Bruxelles: Éditions Safran, 2010.

MORKOT, Robert G., «Bastion», in *The A to Z of Ancient Egyptian Warfare*, Plymouth: Scarecrow Press, 2003, p. 44.

MORKOT, Robert G., «Fortress, Architecture», in *The A to Z of Ancient Egyptian Warfare*, Plymouth: Scarecrow Press, 2003, pp. 90-91.

MORKOT, Robert G., «Supplies», in *The A to Z of Ancient Egyptian Warfare*, Plymouth: Scarecrow Press, 2003, pp. 226-227.

MORKOT, Robert G., «Uronarti», in *The A to Z of Ancient Egyptian Warfare*, Plymouth: Scarecrow Press, 2003, pp. 247-248.

MORKOT, Robert G., «Viceroy of Kush», in *The A to Z of Ancient Egyptian Warfare*, Plymouth: Scarecrow Press, 2003, p. 248.

NOSSOV, Konstantin S., *The Hittite Fortifications, c. 1650-700 BC*, Oxford: Osprey Publishing, 2008.

O'CONNOR, David, *Ancient Nubia, Egypt's Rival in Africa*, Philadelphia: The University Museum, 1993.



PARRA, José Miguel, «Los policías del antiguo Egipto: duros y corruptos», in Josep Maria Casals (dir.), *Historia National Geographic*, 128, Madrid: RBA Publiventas, 2014, pp. 18-21.

RANDALL-MACIVER, David; WOOLLEY, Leonard, *Buhen*, 1, Philadelphia: University Museum, 1911.

REISNER, George A., «Ancient Egyptian Forts at Semna and Uronarti», in *Bulletin of the Museum of Fine Arts*, Boston: Museum of Fine Arts, 1929, pp. 64-75.

RODRIGUES, Nuno Simões, «Estrabão», in *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 347-348.

SALES, José das Candeias, «Arco», in *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 87-88.

SALES, José das Candeias, «Armamento», in *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 88-89.

SALES, José das Candeias, *As Divindades Egípcias. Uma chave para a compreensão do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Estampa, 1999.

SALES, José das Candeias, «Exército», in *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 351-354.

SALES, José das Candeias, «Pedra», in *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 666-667.

SHAW, Ian, *Egyptian Warfare and Weapons*, Buckinghamshire: Shire Publications, 1991.

SHAW, Ian (ed.), *The Oxford History of Ancient Egypt*, Oxford: Oxford University Press, 2000.

SIMÕES, Isabel Fernandes, «Pré-história», in *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 709-710.

SMITH, Stuart Tyson, «Administration at the Egyptian Middle Kingdom frontier: Sealings from Uronarti and Askut», in Thomas G. Palaima (ed.), *Aegean Seals, Sealings and Administration*, Liège: Université de Liège, 1990, pp. 197-216.

SMITH, Stuart Tyson, «Askut and the Role of the Second Cataract Forts» in *Journal of American Research Center in Egypt*, 28, San Antonio, Texas: American Research Center in Egypt, 1991, pp. 107-132.

SMITH, Stuart Tyson, *Askut in Nubia: The Economics and Ideology of Egyptian Imperialism in the Second Millennium BC*, London: Kegan Paul International, 1995.

SMITH, Stuart Tyson, «Pharaohs, Feasts, and Foreigners, Cooking, Foodways, and Agency on Ancient Egypt's Southern Frontier», in Tamara L. Bray (ed.), *The Archaeology and Politics of Food and Feasting in Early States and Empires*, Em falta: Springer US, 2003, pp. 39-64.

SMITH, Stuart Tyson, «State and Empire in the Middle and New Kingdoms», in Judy Lustig (ed.), *Anthropology and Egyptology. A Developing Dialogue*, Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997, 66-89.

SMITH, Stuart Tyson, «To the Support of Heaven, Political and Ideological Conceptions of Frontiers in Ancient Egypt», in Bradley J. Parker, Lars Rodseth (eds.), *Untaming the Frontier, in Anthropology, Archaeology, and History*, Arizona: The University of Arizona Press, 2005, pp. 207-237.

SMITH, Stuart Tyson, *Wretched Kush, Ethnic identities and boundaries in Egypt's Nubian Empire*, New York: Taylor & Francis Group, 2003.

SMITHER, Paul C., «The Semna Dispatches», in *Journal of Egyptian Archaeology*, London: The Egyptian Exploration Society, 1945, pp. 3-10.

SPRAGUE, Martina, *Sickle Sword and Battle Axe, Edge Weapons of Ancient Egypt*, Leipzig: Amazon Distribution, 2013.

STRABO, *The Geography*, VIII, transcrito por H. L. Jones, London: Harvard University Press, 1982.

TREMOCEIRO, Rui Pedro, «Assuão», in *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 117-118.

TREMOCEIRO, Rui Pedro, «Elefantina», in *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, p. 316.

- TRIGGER, Bruce, *Nubia, Under the Pharaohs*, London: Thames and Hudson, 1976.
- VALBELLE, Dominique, *A Vida no Antigo Egipto*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1990.
- VARANDAS, José, «O armamento egípcio», in *Hapi*, Lisboa: Associação Cultural de Amizade Portugal-Egipto, 2014, pp. 161-184.
- VARANDAS, José, «O punho dos Deuses. Maquinaria de cerco greco-romana (séc. IV a. C.-IV d. C.)», in António Ramos dos Santos, José Varandas (coords.), *Guerra na Antiguidade*, Lisboa: Caleidoscópio, Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006, pp. 130-157.
- VOGEL, Carola, *The fortifications of Ancient Egypt 3000-1780 BC*, Oxford: Osprey Publishing, 2010.
- VOGEL, Carola, «Master Architects of Ancient Nubia: Space-saving solutions in the Middle Kingdom Fortresses», in Włodzimierz Godlewski, Adam Lajtar (eds.), *Between Cataracts, Proceedings of the 11<sup>th</sup> International Conference for Nubian Studies*, Warsaw: Warsaw University, 2006, pp. 421-430.
- WILLIAMS, Brenda, *Ancient Egypt, War and Weapons*, Oxford: Harcourt Educations, 2002.
- WILLIAMS, Bruce, «New Light on the Relations between Early Egypt and Sudan» in *Cahiers Caribéens d’Egyptologie, n°1*, Fort de France: Société d’Anthropologie, 2000, pp. 5-21.
- WILLIAMS, Bruce, «Serra East and the mission of Middle Kingdom fortresses in Nubia», in *Gold of Praise: Studies on Ancient Egypt in honor of Edward F. Wente*, Chicago: Oriental Institute, 1999, pp. 435-453.